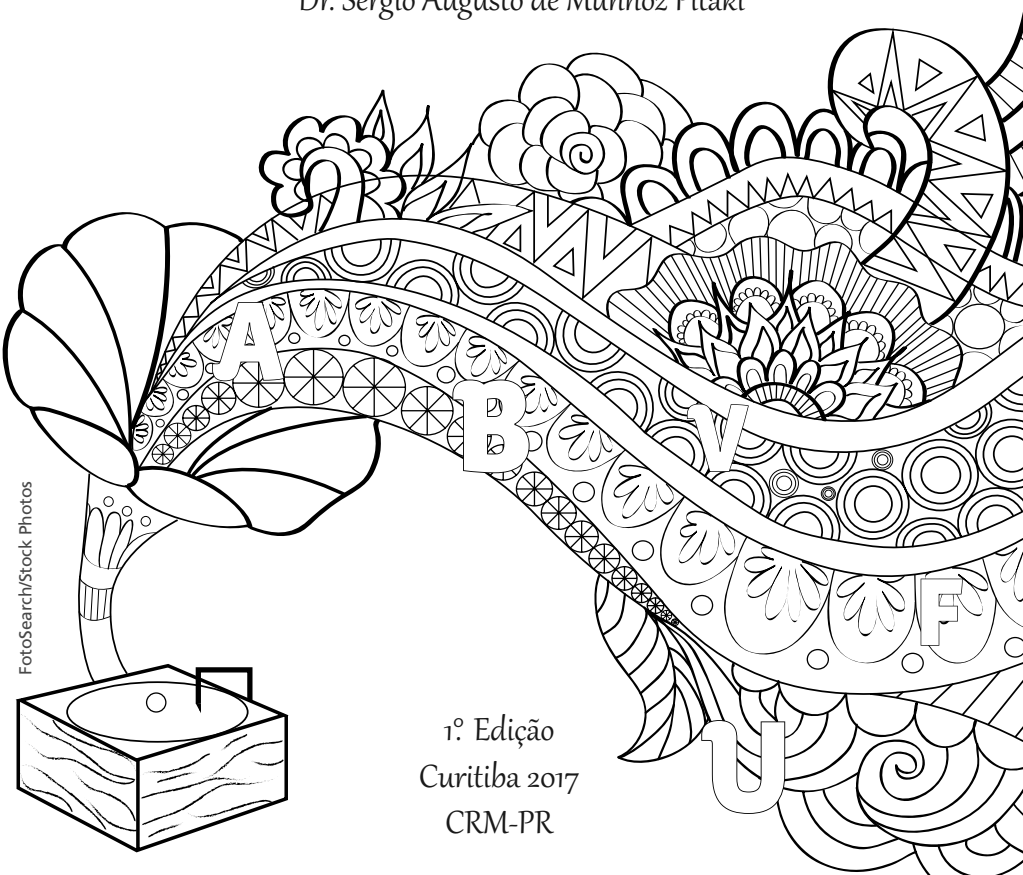
Concurso literário médicos do Paraná 2017

Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Concurso literário médicos do Paraná 2017

Associação Médica do Paraná
Conselho Regional de Medicina do Paraná
Academia Paranaense de Medicina
SOBRAMES -PR

Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki



FotoSearch/Stock Photos

1º Edição
Curitiba 2017
CRM-PR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pitaki, Sérgio Augusto de Munhoz
Concurso Literário Médico do Paraná / Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki. - Curitiba : 2017.
336 p.

ISBN 978-85-92804-05-3

1. Poesia
2. Contos

Coordenação e Edição
Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Diagramação
Letícia Ferreira/Vicente Design

Capa
Letícia Ferreira/Vicente Design

Gráfica
Capital

Revisão
Caibar Pereira Magalhães Júnior

Realizadores

Juliasnegireva/Freepik.com | Bluelela/Freepik.com

Prefácio

Mensagem da Associação Médica do Paraná

É uma alegria apresentar aos queridos leitores o trabalho zeloso dos médicos escritores através do Concurso Literário Prosa e Poesia promovido pela Associação Médica do Paraná, Conselho Regional de Medicina do Paraná e Academia Paranaense de Medicina.

Imaginação, criatividade e sensibilidade traduzidas em palavras e textos.

Medicina e arte, arte e medicina.

Medicina e escrita, escrita é a medicina.

Neste ano, a esmerada publicação foi direcionada como um sonho e permite que cada um de vocês, meus amigos, acrescente um toque pessoal à obra de cada autor sem descaracterizar o texto através da cor. A vida, assim como as cores, pode ser mais ou menos intensa, depende de como vivemos ou como passamos por este mundo. A escolha é nossa.

Esta obra é para colorir, afinal não existe MANDALA sem cor.

Sem dúvida:

Medicina e arte, arte e medicina.

Medicina e escrita, escrita é a medicina.

Boa leitura.

Dr. Nerlan T. G. de Carvalho
Presidente em exercício.

Mensagem do Conselho Regional de Medicina do Paraná

Médicos com uma criação culta
É o mister do certame literário
Dedicação que em poesia resulta
Idem à prosa, quanto imaginário
Clama por atenção e sua consulta
Olhar muito atento é necessário
Sendo assim a sua cultura avulta

E o esforço, longe de ser solitário,
São centenas com mente astuta
Com talento constroem o cenário
Retratam a vida de forma arguta
Invocam o amor como prioritário
Tendo sensibilidade como batuta
O seu sorriso como único salário
Recomendo leitura dessa disputa
Em que serás o maior beneficiário
Sinceramente sei disso, não reluta.

O Concurso Literário Médicos do Paraná ajuda-nos a fortalecer os laços de nossas entidades representativas, tendo a inspiração literária e a linguagem poética de nossos médicos e estudantes como instrumentos propulsores da

arte da Medicina em sua plenitude.
Tive a honra de participar como integrante da comissão julgadora da primeira edição, que tanto repercutiu positivamente. A qualidade dos contos e poesias realça a envergadura do potencial – digamos - adormecido entre nossos pares. É preciso um despertar contínuo, propiciando estímulo para que essa corrente artístico-cultural continue a enraizar-se e germine com vigor e entusiasmo, exibindo suas vergônteas.
A boa semente foi lançada, como nos mostra a multiplicação de participantes da segunda etapa do certame que, na leitura de sentimentos, experiências e imaginação fértil, oferecem-nos o rico conteúdo deste livro. São pétalas de diferentes linhagens que se harmonizam para oferecer beleza, entretenimento e reflexão, sobretudo. Ou seriam cores a nos oferecer o arco-íris e o imaginário da descoberta do "pote de ouro" e a sua boa partilha?
Na composição do acróstico de abertura há de ser sinalizado que, muito mais que médicos escritores, enxergamos médicos inspiradores e semeadores de uma obra maior, vislumbrando um horizonte capaz de estreitar conhecimento e técnica com ética, beneficência, dignidade, honestidade, justiça e outros predicados de conduta inerentes aos princípios hipocráticos. Que o sabor e o saber literário sirvam de condutores neste processo.

Dr. Wilmar Mendonça Guimarães
Presidente do CRM-PR

Mensagem da Academia Paranaense de Medicina

Palavra do Presidente da Academia Paranaense de Medicina

Fundada há 38 anos, a Academia Paranaense de Medicina teve, em suas várias diretorias, luminares da Medicina do nosso Estado, os quais muito zelaram e muito fizeram pelo engrandecimento de nossa entidade.

Conferências, palestras, cursos, intercâmbios, participação em congressos e conclaves, reuniões culturais e científicas, viagens sociocientíficas, etc. sempre foram foco da Academia, mas até o presente não tínhamos nenhum concurso de poesias e contos. Isto levou nosso brilhantíssimo confrade Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki, Diretor de Publicações da Academia Paranaense de Medicina, a idealizar concurso estadual de contos e poesias, dando assim oportunidade a todos os médicos paranaenses de mostrarem os seus escritos.

Este concurso insere nossa Academia no rol daquelas sociedades que divulgam a cultura nacional, iniciativa esta que por certo se manterá por incontáveis anos.

Dr. Aristides de Athayde Neto
Presidente da Academia Paranaense de Medicina

Queridos amigos,

Esta nova edição do Concurso Médico Literário 2017 soa como uma "mandala", um círculo de energia positiva entre nós – médicos e futuros médicos. Essa força criadora que emerge de cada prosa e de cada poema confirma o que todos sabem: o médico tem alma.

Carl Jung foi quem estudou e traduziu para nós, ocidentais, o conhecimento dessas formas arredondadas, que permearam por séculos o Oriente e muitas civilizações antigas, nas áreas da cura, da magia e do conhecimento.

Creio que é nessa vibração – diferentemente dos martelos de Buck, de Taylor e de Babinski–, que percebemos o diapasão literário que nos complementa em torno da arte, expondo toda uma sensibilidade que se mostra magnânima quando lemos o conteúdo deste pequeno compêndio, cuja extensão dos temas abrange a vida, o amor, o trabalho, a sociedade e o sofrimento humano que nos acompanha no dia a dia.

Faço uma homenagem a todos os médicos escritores que participaram deste Concurso, no qual todos somos vencedores. Também, e não poderia ser diferente, gostaria de parabenizar a equipe que desenvolveu a forma em "mandala" desta coletânea, que a valorizou sobremaneira e a tornou inesquecível para todos nós, em especial aos amigos professor Reinaldo Martinazzo e Bruna Caetano (da Associação Médica), Bruna Bertoli Diegoli e Hernani Vieira (do Conselho Regional de Medicina do Paraná) e Hilda Hintz (da Academia Paranaense de Medicina).

Os esforços envidados pela Comissão Julgadora, composta por, Dr. Roberto Antônio Carneiro, Dra. **Marília Cristina Milano Campos de Camargo** e Dr. Marcelo Salomão, talvez tenham sido os mais árduos para, entre tantas obras de arte, selecionarem os que representaram toda a gama de prosa e poesia neste ano de 2017.

Meu agradecimento em particular e com ênfase aos presidentes das três entidades médicas, Dr. Nerlan Carvalho, Dr. Gilmar Guimarães e Dr. Aristides de Athayde Neto, que não mediram esforços para que esse evento literário, disponível a todos os médicos do Estado do Paraná, sem quaisquer exceções, pudesse existir e tornar-se um sucesso.

MANDALAS

Mandalas de sal prontas são desmanchadas.
Tudo à nossa volta soa intemporalidade!
As nossas são de sal, vividas e suadas,
Vivemos apenas como prova de nossa humanidade!

Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki
Coordenador do Concurso Médico Literário do Paraná 2017
Presidente SOBRAMES Regional Paraná

Sumário

Corais.....18
Carlos Eduardo Mers
Pseudônimo: **Oakriver**

Vazio.....19
Edson Luciano Rudey.....19
Pseudônimo: **Qorpo Santo**

O dia em que Osório sorriu.....20
O malabarista do tempo.....22
Diogo Traub Kormann
Pseudônimo: **Carlos Alberto Carneiro**

Laços.....23
Medicina da alma.....23
Juliana Corrêa Dallagnol
Pseudônimo: **Luz**

O pecado é antigo.....25
As mãos de Renata.....28
Reginaldo Werneck Lopes
Pseudônimo: **Juca Esculápio**

Urgências.....29
Post-mortem.....32
Laércio Lopes de Araújo
Pseudônimo: **Filipe de Guimarães**

Dr., pelo amor de Deus, salve a minha filha! 35
E daí, japonês, seu patrício está ganhando? 39
Jorge Yasufide Uesu
Pseudônimo: **Hide**

Eu preciso respirar um poema.....44
Ana Luiza Gomes de Morais Wiemann.....44
Pseudônimo: **Amaya Bidane**

Declaração de amor sagrado.....45
Esperando-me.....45
Jordan Zanetti Silva
Pseudônimo: **Lorde**

Eu francês.....46
Maria Luisa Domingues Jacinto
Pseudônimo: **Mar de Madalena**

Segundos.....47
Jorge Luis Ribeiro Machado
Pseudônimo: **Chronos**

Na alegria contagiante.....48
O encanto das coisas.....49
Jacemar Cristina Rocha da Costa
Pseudônimo: **Flor de Liz**

Por partes.....50
Uma história quase real.....51
João Bosco Strozzi
Pseudônimo: **Trétis**

Os esquisitos.....53
Devagar e sempre.....54
Adriana Rodrigues da Silva Utida
Pseudônimo: **Camomila**

A vida é mesmo efêmera.....55
O tempo.....56
Ana Carolina Azevedo Salem
Pseudônimo: **Coisas de Ana**

Ele.....58
O último ato.....61
Úrsula Bueno do Prado Guirro
Pseudônimo: **Miss "U"**

Soneto científico 62
Soneto do AVC 63
Valéria Cristina Scavasine
Pseudônimo: VCS

Contradição 64
Mundo líquido 65
Carlos Homero Giacomini
Pseudônimo: **Antônio Prado**

Filosofia curumim 68
Afrânio Melo
Pseudônimo: **Curumim**

Lili 69
Carlota 71
Marilene Madsen
Pseudônimo: **Toty**

O velho médico 73
João Carlos Simões
Pseudônimo: **Leonardo Da Vinci**

Do meu filho 75
Primavera no parque 75
Carlos Frederico de Almeida Rodrigues
Pseudônimo: Frederico Rodrigues

Sobre escolhas e organização 79
Alexandra Pires Grossi
Pseudônimo: **Ale**

Transparecer 81
Ana Flávia Filus Tinós
Pseudônimo: **Les**

Penicilina G benzatina 84
Ronaldo Paiva
Pseudônimo: **Teófilo Silva**

Materna 87
Mariana Monclaro Puppi Cardoso
Pseudônimo: **Sarah Hakim**

O fauno e a ninfa 89
Canção 92
Valdir De Paula Furtado
Pseudônimo: Eufrásio

Siroco 93
Invenção 94
Ligia Calina Renuncio
Pseudônimo: **Lilah**

Felicidade é algo que se aprende no caminho.. 95
José Jacyr Leal Junior
Pseudônimo: **Mário**

Devaneios 98
Anna Maldonado
Pseudônimo: **Anna Well**

Histórias de rancharia: o lamaçal 99
Antônio Verenhitach
Pseudônimo: **Antonio Verenchitach**

O outro lado da janela 101
O sorriso da tartaruga 102
Rafael Rizzetto Duarte Gomes Araújo
Pseudônimo: Andrômeda

O último pássaro 104
Neide Calixto
Pseudônimo: **Nerfetari**

Flechada 105
Ballet do coração 106
Jeanine Berbel
Pseudônimo: **Nina**

Carta para Ângela 107
Manhã 109
Eduardo Giacomini
Pseudônimo: Benjamin Hoo

Abstratos 110
Distância 111

Tania Marisa Borba Hegler
Pseudônimo: **Marisa**

Julgo 112
O pássaro 113
Bruna Castro
Pseudônimo: **Fernanda Nerissa**

É proibido açúcar 115
A tragédia de Dona Cassilda 115
Sarah Almeida Amaral Alves
Pseudônimo: **Marilú dos Anjos**

Médica de alma 117
Fernanda Sgarbi
Pseudônimo: **Verônica**

Refém 119
Meio amor 120
Deisy Brigid de Zorzi Dalke
Pseudônimo: **Joana Bishop**

A ilha 121
Bendito 121
Caio César Silva de Castro
Pseudônimo: **Lawrence da Arábia**

M de mulher 122
Mil em uma 123
Laura Lúcia Martins Teixeira
Pseudônimo: **La Luna**

Ablação 125
Aliana Regina Grimberg Kohane
Pseudônimo: **Mami**

Agradecimento 126
O retorno 129
Luiz Antonio de Sá
Pseudônimo: **Gigio**

Mortos que jantam 134
Para Freud com amor 136
Erick Leonardo Naiverth Antonechen
Pseudônimo: **Alex Lecter**

Saudades antecipadas 138
Somente um dia 140
Lorivaldo Minelli
Pseudônimo: **Luigi**

Maria, Maria 142
A beleza está nos olhos de quem vê 144
Gabriella Ueharo Pereira
Pseudônimo: **Flora Andrade**

Seu Affonso – uma estória de amor e solidariedade 146
Roberto Pirajá Moritz de Araújo
Pseudônimo: **João De Barro**

Acordou 149
Matheus Lourenço Mendes
Pseudônimo: **Manoel Pitanga**

Pátria amada, salve, salve!... 151
Gilmar Mereb Chueire Calixto
Pseudônimo: **Khalil**

Peteleco, o palhaço sem máscara 152
Paralaxes, conflitos e prazeres 155
Cláudio Luciano Franck
Pseudônimo: **Lara**

Eu morri ontem 158
Sutura 160
Gabriel Guandalini
Pseudônimo: **Saulo Guerra**

Do lado de lá 161
Renata Tortato Menegheti
Pseudônimo: **Re. T.m.**

Domingo de sempre 162
Álvaro Baptista Neto
Pseudônimo: **Bento Minalma**

A idade 164
Chang Yen-Li Chain
Pseudônimo: **Yan Correia**

O complô de Obama 165
Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt
Pseudônimo: **Efigênia Dantas**

Último encontro 168
Jorge Rufino Ribas Timi
Pseudônimo: **RST**

Triste 170
Sofrer por amor 170
Mauro Mendes Macedo
Pseudônimo: **Barãozinho**

Gentilmente como a vela que apagava 171
Thiago Henrique Rosa
Pseudônimo: **Doutor Jivago**

Antes e depois de um diagnóstico 173
Empédocles 175
José Luiz Pinto Pereira
Pseudônimo: **Temístocles**

Filhas 178
A teoria da formação da dor 180
Salete Márcia Brega
Pseudônimo: **Cacilda Pacheco**

Metamorfose 182
Fernando Geraldo Demário
Pseudônimo: **Guilhermino Santos**

Seus 185
André Pitaki Dufour
Pseudônimo: **Valentinus Valerius**

De que é feita a vida? É feita de carbono... 186
E pregou um cartaz na parede: "Procura-se o amor pra toda a vida" 187
Alice Celente dos Santos
Pseudônimo: Etenelec

Tônica esquecida 188
Véu da vida 189
Jaqueline Doring Rodrigues
Pseudônimo: **A Filha do Vento**

Expulsos do Paraíso 191
Vicente Basso Ribas
Pseudônimo: **Doutreval**

Trilhas de um iniciante 193
Decantar 195
Denner Sampaio Neri da Silva
Pseudônimo: Denner Sampaio

O médico e(h) o doente 196
Corticoide 199
Beatriz Vieira Roca
Pseudônimo: **Misty Newells6**

Crônica de uma visita não anunciada 200
Eduardo Nunes Marques 200
Pseudônimo: **Jades Miguel 200**

Elemento 203
Eduardo Mischiatti
Pseudônimo: **Agostinho Tomás**

Rimas do meu último outono 204
Gilberto Carlos Macedo
Pseudônimo: **Gil Macedo**

Beira-mar 207
Laços 208
Antônio Caetano de Paula
Pseudônimo: **Paracelso**

Ser médico 209
Ser oftalmologista 210
Renata Koslowski Bekin
Pseudônimo: **Pitchula**

Um teto por uma vida..... 212
Adriana Godoy
Pseudônimo: **Clara dos Anjos**

O espelho dos olhos..... 214
Úrsula Mary Zarpellon
Pseudônimo: **Borboleta**

Fora de moda..... 215
O sobrado e o piano..... 216
Deraldo Mancini
Pseudônimo: **Conde Marcello**

Docência..... 218
Eu nasci triste..... 219
Anderson Simonato
Pseudônimo: **Anderson Simonato**

Fausto inusitado..... 220
Leotil José Jardo
Pseudônimo: **Lezard J**

Meu silêncio..... 222
Milton Bocato
Pseudônimo: **Michola Otocab**

A vida..... 223
Amauri Nascimento Fernandes
Pseudônimo: **Amauri**

Nós dois em 4 atos..... 224
Um salto no escuro..... 226
Taísa Gotardo
Pseudônimo: **Taísa Gotardo**

O livro que ninguém lia...Memórias do livro rejeitado!..... 228
A vida é fumaça..... 231
José Fausto Toloi
Pseudônimo: **J. Fausto Toloy**

Mãos ao alto..... 232
Sérgio Luiz Schloegel de Azambuja
Pseudônimo: **Ana Quint**

Doença da alma..... 233
Seu Joaquim, Papai-Noel e eu..... 233
Peter A. Cruz
Pseudônimo: **Rodrigo Filho**

Poema da especialidade..... 236
In sky..... 237
Juliana de Andrade Fronchetti
Pseudônimo: Juliana

Dois..... 238
Amanda Hernandez Marques
Pseudônimo: **Rafaela Correa**

Pallium..... 240
Entropia..... 240
Paulo Fabrício Nogueira Paim
Pseudônimo: **Pixo**

Saber ouvir..... 241
O médico e o fazendeiro..... 242
Lórgio Cuellar Cuéllar
Pseudônimo: **Angel**

M x M..... 245
Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv
Pseudônimo: **Zupy**

O melhor presente..... 246
Aline Dranka
Pseudônimo: **Feliscitologista**

Solidão..... 248
Natural..... 248
Ademir Parmezan
Pseudônimo: **Tímido**

Graduações e treliças - a construção da vida..250
Há mar..... 250
Pedro Carneiro Brandão
Pseudônimo: **Riobaldo Pessoa Da Rosa**

O que você está fazendo? 251
Cristiane Crema da Rocha Schneckenberg
Pseudônimo: **Cristiane Schneckenberg**

Na calçada 253
Dezirrê 256
Tarcísio Fanha Dornelles
Pseudônimo: **Benjamin Zorriguieta**

Oh, Curitiba! 260
Sofia Simioni de Bittencourt
Pseudônimo: **Sofia**

O tempo 261
Eduardo Santoro Luiz
Pseudônimo: Eduardo Osler

Vidas importantes, vidas insignificantes ... 262
Leandro Donato Vicelli 262
Pseudônimo: **Leandro**

Duas rainhas 263
A cor do meu amor 264
Luiz Alberto Fischer Abramides (Iso Ficher)
Pseudônimo: **IF**

Vem cá, João 266
Julio Grott
Pseudônimo: **ZÉ**

Um tributo a ela: a poesia 268
Richard Duarte
Pseudônimo: **Drahcir**

Peito bandido 269
Médico de almas 269
Rogério Anthony Rogenski
Pseudônimo: **Gigante 1**

Infância 271
Juventude 272
Diogo von Gaevernitz Lima
Pseudônimo: **Tiago Venezia Oliveira 271**

Tum tá, tum tá, tum tá 274
Nova cara da medicina 276
Leonardo Peixoto Lopes Vilar
Pseudônimo: **Coracão Valente4**

A dor 279
Antônio Hirt
Pseudônimo: **ALAH**

Imperativo do destino 280
César Machado
Pseudônimo: **Étienne Dumont**

Pistas, estradas e perspectivas 283
Um ensaio sobre a não dor 285
Eugênio Mussak
Pseudônimo: **Ragnar Lothbrok**

Curry 288
Elton Luis Azuma
Pseudônimo: **Erto**

Cassis 291
Flávia Brito
Pseudônimo: **Sarah**

Redargo 292
Jéssica Pilonetto
Pseudônimo: **JE**

En passant de minha vida 293
João Batista Neiva
Pseudônimo: Mão De Faca

Efeito celular 296
Luiz Carlos Busnardo
Pseudônimo: **Visconde**

Desejo de verdade 298
Escolho servir 298
Laoane Martins
Pseudônimo: **L. Marie**

Tudo e nada 300
Pingo e chuva 300
Márcio Fabiano Bastos
Pseudônimo: **Bakunin**

Coração vagabundo 301
Odenir Nadalin Junior
Pseudônimo: **CAÊ**

4200 304
A negociação 307
Ribamar Leonildo Maroneze
Pseudônimo: **Keyser Soze**

Fortaleza 310
Juliana Santos
Pseudônimo: **Maria Rosa**

Uma vida de sonhos 313
Cláudia Carolina Ortiz Sanabria
Pseudônimo: **Cláudia**

O verso 314
O inseto 314
Junia Smal Staehler
Pseudônimo: **Marruá**

A semibreve nota de Alice 316
Naira Camila Fernandes
Pseudônimo: **Cattleya Nobilior**

Ode ao meu amor 319
Lupo 319
Lenina Maria Esmanhoto Facin
Pseudônimo: **Chiara Bonifácio**

Membro superior 321
Ana F. Zonato Tocchio
Pseudônimo: **Franz Othane**

Só faltou o abobrinha 323
Rafael de Sousa Freitas
Pseudônimo: Pandor

Amor perfeito 326
Ao meu anjo 326
Joyce Grimberg
Pseudônimo: LEAH

O Amor da Segunda Guerra 327
Juliano Emilio
Pseudônimo: **Juliano**

O futuro do mundo 329
Lislaine Cruz Batista Lis
Pseudônimo: **LIS**

Ladainha de nossa
senhora das causas perdidas 331
Se vejo as árvores altas 332
Rafael Gouveia
Pseudônimo: **Gouveia**

Índice remissivo 333

Comissão julgadora

Dr. Professor Roberto Antonio Carneiro, Md, Phd

Professor Livre Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fellow em Reumatologia da Cornel University -New York
Membro da Academia Brasileira de Medicos Escritores
Membro da Academia Paanaense de Medicina
Membro da Academia Nacional de Medicina
Membro da Academia Brasileira de Medicina De Reabilitação
Membro do Circulo de Bandeirantes da Pontificia Universidade Catolica de Curitiba
Membro Emerito da Academia Brasileira de Reumatologia
Cidadão Honorario da Cidade de Curitiba e da Cidade do Rio de Janeiro

Dr. Marcelo Salomão

Marcelo Lopes Salomão
Advogado com especialização na área da saúde – Direito Médico
Unicuritiba/ 2009 – 2011
Advogado da Associação Médica do Paraná
Membro da Comissão Organizadora do Concurso de Monografia do CRM/PR, de 2011 a 2016.

Dra. Marília Cristina Milano Campos (CRM-PR 6.204)

Formada pela PUCPR, é especialista em Clínica Médica. Conselheira do CRM-PR desde 1993, ocupou várias funções diretoras, incluindo a secretaria geral. Coordena atualmente as Câmaras Técnicas de Medicamentos e de Endocrinologia e Metabolismo.

Corais

Carlos Eduardo Mers
Pseudônimo: **Oakriver**
e-mail: merssmd@gmail.com

Quem me provoca é você. Que me causa delírios.
Que me faz querer mais, que me arranca suspiros.
Que me faz desejar ter dois quilos a menos, ou dançar sob o céu de luar.
Que me afaga em carinhos pequenos, como fazem as ondas do mar.
Que pela mão me levas, atravessando todas aquelas trevas das quais eu não conseguia sair. Até você chegar. E me fazer enxergar.

Hoje, nem mais quero dormir, pra que eu quereria sonhar?
Meus momentos contigo são os mais serenos.
Me carrega em teus braços morenos, me ensina a me apaixonar.
Com o doce mel de teus lábios, teus toques intensos e sábios, não me demoro a entregar.
Contigo, sublime, sou pleno.

Mas quando me queres obsceno, eu te imploro a me torturar.
Faz de nossa cama o terreno, deita meu corpo no feno e me ensina, com força, a te amar.

Depois de me dar por inteiro, fecho os olhos, concentro-me em teu cheiro.
Na calma e na paz me aprofundo, Morfeu vem e me leva a seu mundo.
Vou pro reino de ares helenos, contigo de novo me encontrar.
Tu me afagas em carinhos pequenos, como fazem as ondas do mar.

Visnezh/Freepik.com

Vazio

Edson Luciano Rudey
Pseudônimo: **Qorpo Santo**
e-mail: edsonrudey@hotmail.com

Aberto, mas num triste vazio,
Em passos largos, senti encher
Macia casa o amor ganhou
E num instante, não era mais só.

Sou dois na forma de um só ser
Farto de você, breve de mim
Meu brilho é tê-lo sempre aqui
Agora já sei, não sou mais eu.

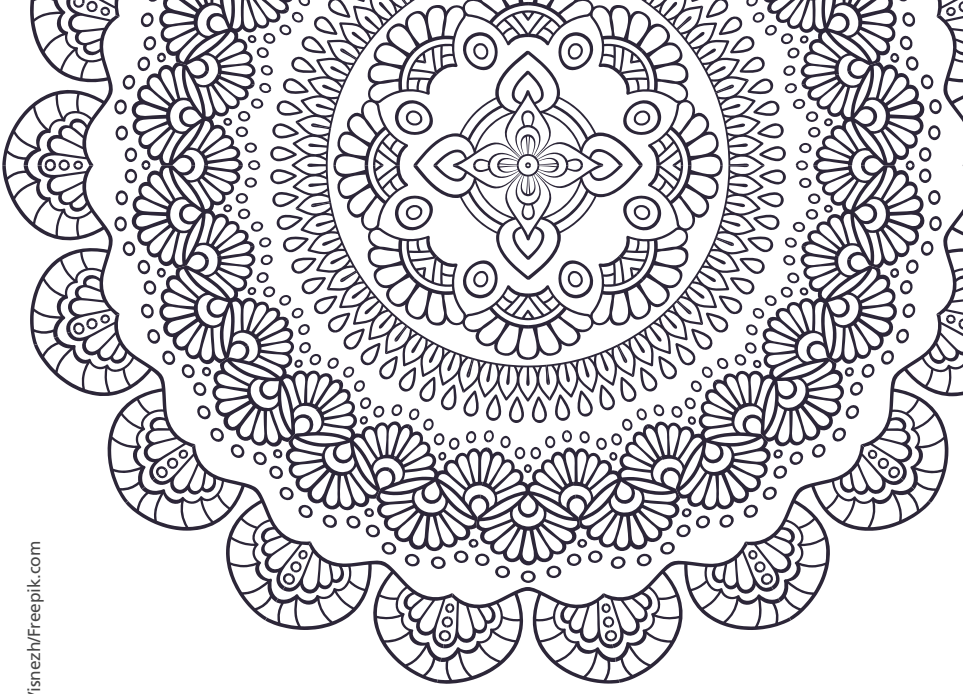
Mas em um ato... Ingrato Hoste!
Pesada dor, senti encurvar
Vejo-me enfermo e sombrio.

Egoísta amor: - Dê-me a posse!
Para, então, eu mesmo tirar.
Não quero cheio nem vazio.

O dia em que Osório sorriu

Diogo Traub Kormann
Pseudônimo: **Carlos Alberto Carneiro**
e-mail: gogokormann@hotmail.com

Numa noite dessas típicas curitibanas, sobre as também típicas calçadas alvinegras do centro, eu andava concentrado. Exausto, era atravessado pelo frio metálico que, em rajadas de vento, trazia o cheiro de pipoca típico dos finais de tarde da região. Eis que, pela minha frente, passa um pequeno ser, quase causando uma colisão. Não parecia carregar uma história maior do que três primaveras. E correu, num passo atrapalhado e desengonçado em direção ao carrinho verde de onde vinha o aroma que eu sentia. Parecia tentar falar, mas ficou claro que não possuía ainda essa habilidade e se limitou a apontar com seu dedo o monte de pipocas que descansava sob a luz amarelada atrás do vidro engordurado. Instintivamente parei para olhar. E percebi também um senhor, nitidamente preocupado, desconcertado, envergonhado e estranhamente nervoso. Chamava pelo menino energicamente. Confesso que não lembro o nome que chamava, mas por julgar mais importante o milagre ao nome do santo, não me penitencio. Quando alcançou seu objetivo, o pequeno olhou para a dona daquelas pequenas partículas de felicidade, com o olhar brilhoso de admiração e desejo. O senhor, que antes gritava, agora estava quieto. Por frações de segundos pude sentir seu desespero. Era profunda a tristeza do seu olhar. Deduzi, pelas roupas que trazia e pelo modo como se comportou, que não teria como comprar a felicidade de



Visnezh/Freepik.com

seu filho e, como falhara em segurar o menino, abaixou os olhos de vergonha e frustração. Nesse momento, senhores, por reflexo, levei a mão ao bolso em busca de algumas notas que salvassem a situação, mas antes da minha intervenção, a dona do carrinho, com o mais belo sorriso que poderia dar, pegou o maior pacote, colocou dentro da maior sacola e com quatro ou cinco canecas encheu de felicidade as mãos do menino, que mal conseguia segurar seu tesouro. O pai, num gesto de alívio sorriu e agradeceu. E foi como se de súbito o frio já não mais estivesse ali. Senti a felicidade pura e inocente da bondade. Um fim agradável para todas as testemunhas. Menos para as pombas, que assistiram tudo e sabiam que não teriam a mesma sorte.

O malabarista do tempo

Soube uma vez de um homem cujo dom era administrar seu tempo. Era mestre nisso. Não precisava escolher entre um compromisso ou outro. Um "malabarista do tempo", como era conhecido. Dom não muito comum. Ninguém sabe administrar o tempo que tem nos dias de hoje. Sempre falta para a família, para os amigos, para o estudo, para o trabalho... O malabarista era exceção. Não lhe faltava tempo algum para absolutamente nada. É lógico que um talento como esse não passaria despercebido. Com o passar dos anos, o rumor de sua existência chegou aos ouvidos da Morte, que ficou enfurecida. Até mesmo o mais inocente dos homens que se pegue pensando na regência do universo nota a íntima relação entre ela e o Tempo, e não é de hoje. A cumplicidade dos dois vem de longa data. Como poderia então alguém driblar dessa forma seu fiel aliado, escapando-lhe entre os dedos a cada compromisso cumprido? Decidida, a Morte entrou sorrateiramente no quarto do jovem rapaz e, com um estalar de dedos, o despertou. Ao ver a indesejável face do algoz, o malabarista empalideceu. Ela, arquiteta de planos inequívocos, propôs ao homem um desafio. Tirou de suas vestes três copos, acomodando-os invertidos no chão de madeira fria e sob um deles colocou seu acinzentado olho direito. O combinado era simples: se o homem não acertasse em uma tentativa sob qual copo estava o globo, seria ceifado. Caso acertasse, teria o tempo que desejasse sobre a terra. O desafio foi aceito. A Morte tinha mãos ágeis, e mexeu os copos com convicção ante o olhar atento de seu desafiado até que parou, sorrindo com satisfação. Não mais se ouviu falar do homem após aquela noite. Ele não era bom em fazer escolhas, o tempo nunca o ensinou.

Laços

Juliana Corrêa Dallagnol
Pseudônimo: **Luz**
e-mail: jcdallagnol@globo.com

Na sinuosidade das incertezas, o futuro só é reta quando bem amparado.
Na individualidade de cada caminhar, o passo ao lado reforça a marcha e não deixa fadigar.
Na eterna busca, a procura só existe no olhar compartilhado.
Na luta diária, a batalha está em viver e não em vencer.
O ombro amigo, o passo ao lado, a mão estendida, o olhar que acolhe.
Há quem carregue o coração nas mãos e a alma nos olhos.
Presença sentida, certeza pacífica, força serena; amigos e amores são o respirar do espírito!

Medicina da alma

Dentro das muralhas de nossos palácios buscamos incessantemente nos proteger da dor. Almas que somos, nos vemos dolorosamente restritos, aprisionados a um corpo que padece pela incompreensão de que seus limites físicos não limitam o potencial do espírito. Vestidos na própria pele,

escondemos do mundo nossas emoções, transformando o corpo em barreira da alma que o habita. Em busca de um espaço em que podemos nos pertencer, limitamos a troca e o contato com o outro e, assim, vamos construindo o próprio claustro. Na solidão de nossas mazelas padece, silenciosamente, corpo e alma. Incompreendidos e incompreensíveis, vamos moldando o próprio corpo de modo a abafar o grito, engolir o choro e cegar a visão de que há em nós a mesma dor que aflige o outro. Há, em cada dor, cada ferida, cada cicatriz, uma parte de nosso pesar, de nosso sofrer. Marcados pelas dores da alma, mas sem poder reconhecê-la, expomos nossas fragilidades em órgãos, vísceras, ossos, músculos, sangue e pele, como se o corpo gritasse o socorro do espírito. Incapazes de curar almas, mecanicizamos o conhecimento do corpo e o tratamos feito máquina que pode ser consertada. Ignorando a beleza da essência, essa que nos faz únicos no universo, desprezamos as emoções como agentes de nosso bem ou mal-estar e, assim, negamos que somos bem mais que matéria bruta. Apenas porque não cabe em nosso cartesiano método científico, recusamo-nos a entender que o ser vai além do corpo e que a existência não pode ser dissecada. Olhar para cada indivíduo como único em suas emoções e suas dores, também nos torna frágeis e vulneráveis e nos mostra que cabe respeitar e reverenciar cada existência pois vamos muito além dos limites de nossos corpos. Ao aceitar a condição de nossa humanidade, mais que curar corpos que padecem, podemos amenizar o sofrimento do mundo. A verdadeira cura é aquela que se dá através do corpo e para além dele, aquela que permite renascer a vitalidade do espírito e aliviar todo tipo de dor. A verdadeira cura é acolhida, vem da partilha e não do poder, traz harmonia e equilíbrio de corpo e de alma. A dor do outro é a minha dor e essa dor também é sua!

Lovelymandalaworld/Freepik.com

O pecado é antigo

Reginaldo Werneck Lopes
Pseudônimo: **Juca Esculápio**
e-mail: reginaldowlopes@gmail.com

Seu Eleodoro, musicista da flauta, não alcançava com os parcos proventos de funcionário público equilibrar o orçamento que se evaporava no sustento de sua prole numerosa. Assim, complementava a receita integrando um grupo de músicos que animava o cinema-mudo e cabarés do Teatro Hauer e Coliseu, na Curitiba da segunda década do século vinte. Já nos primórdios do século XX, o advento do cinema falado (no dizer de Chaplin, um invento que aniquilaria a beleza do silêncio dos filmes mudos), extinguiu também a salvadora fonte de renda complementar de tio Dodó, apelido carinhoso que seus sobrinhos usavam para se referirem a seu Eleodoro. Homem severo, de gênio forte, era, contudo, bem-humorado, atencioso e cavalheiro no trato social. Autodidata, sozinho aprendeu música dedicando-se à flauta e, da mesma forma, estudou francês, que dominava para leitura,

além de possuir regular conhecimento da língua inglesa obtido pelo estudo do *Inglês sem mestre,* de Jacob Bensabat.

Hábil nos cálculos, viria descobrir na década de trinta outro complemento para equilibrar o déficit que inevitavelmente persistia em rondar seu orçamento doméstico. Coletores Fiscais precisariam apresentar à Receita Federal, antes do exercício findo, provas de seus recolhimentos a mais do que era devido, para pleitearem a justa restituição. Assim, o musicista passou a se ocupar dos cálculos que constatavam o montante dos haveres de uma dezena de coletorias, cujos coletores careciam de conhecimentos para montar seus processos de restituição junto à Receita Federal. Essa tomada de contas era um trabalho árduo realizado nos fins de semana, mas compensador pela comissão que era paga, garantindo um Natal menos pobre.

Lembro do orgulho de seus familiares pela capacidade e rapidez com que seu Eleodoro somava centenas de valores dispostos em colunas, registrados à tinta, usando canetas nas quais se embutiam pena de aço marca Malat, importada da Europa, sobre as páginas de grandes livros que chamavam de "balancetes" Um balancete media cerca de 1,20 por 0,90 e pesava mais de 15 quilos, e eram trazidos da Delegacia Fiscal por um servente forçudo, seu Leocádio, que, aliás, era afeiçoado a um bom trago de vinho. Certa vez sua chegada na casa de Seu Eleodoro coincidiu com a de um desajeitado mensageiro vindo da então distante Colombo, portando um garrafão de vinho, que era um presente de seu cunhado João Werneck. Ao ser colocado no assoalho, trincou-se o garrafão e, pela frincha esverdeada do vidro, já escapava o vinho como sangue rutilante a toldar o brilho do impecável assoalho de Dona Luíza, que, prestimosa, acudiu com material de limpeza. Ao voltar, estupefata, flagrou seu Leocádio, balancete abandonado e encostado na parede, agachado como um sapo a sorver o vinho tinto que já lhe manchava

Visnezh/Freepik.com

os bigodes, em regozijoso resmungo como uma ode a Baco. Das aprontações de Leocádio, seu Eleodoro tinha muitas para contar!

Todavia, o protagonista desta história foi o Sr. Vidal, coletor de Campo Largo, que procurou seu Eleodoro para a elaboração de sua tomada de contas. Antes de permitir a entrada do coletor, seu Eleodoro pediu que sua mulher cobrisse com um pano preto a gaiola do sabiá, canoro de muita estima que com ele duetava quando se exercitava na flauta, porque fora informado por um colega que seu Vidal tinha o poder de decretar a morte do animal, com um simples olhar.

Acordados, "no fio de bigode", seu Vidal providenciaria o envio dos balancetes para a tomada de contas; os primeiros cálculos já antecipavam restituição bem polpuda, para o gáudio dos contratantes. Era meados do outono e se esperava que até fins de novembro a restituição estivesse disponível. Os meses correram, novembro chegou e Seu Vidal informou seu Eleodoro que o processo continuava emperrado, sem a tão almejada liberação. Aconselhado ir pessoalmente ao Ministério, seu Vidal informou que já fora três vezes ao Rio, em cansativas viagens de trem e que o funcionário que o atendia se comunicava, a viva voz, com os colegas da repartição e estes, também a viva voz, gritavam:

"Nononanete, Nononanete".

Seu Eleodoro veio descobrir que "nononanete" era a palavra significativa da falta de "graxa" que deveria ser apresentada com o protocolo.

A magia de uma cédula de cinco mil reis lubrificou as emperradas engrenagens da tomada de contas do coletor.

Estávamos nos anos trinta do século XX.

As mãos de Renata

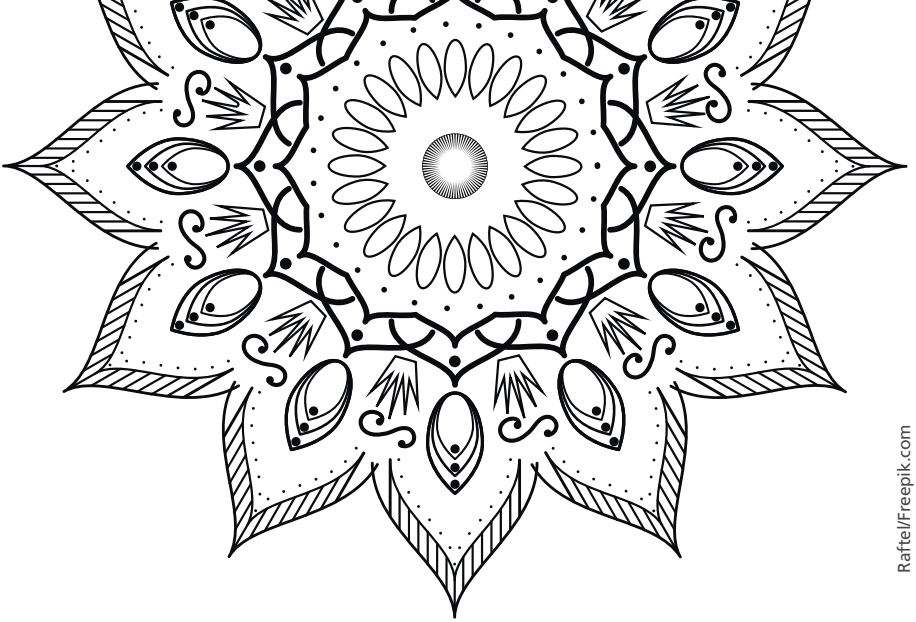
(Juca Esculápio dedica à sua fisioterapeuta)

Mãos que tocam corrigindo vícios,
transmitindo enlevos que provêm da alma,
arte santa a sustar suplícios,
tuas mãos confortam, restituem a calma.

Precisos gestos com poder de cura;
falanges operam com vigor ingente.
De teus lábios flui paz, amor, doçura.
Visando o bem-estar de seu paciente.

Fazendo jus às bênçãos da magia,
buscou palavras o vate incipiente,
mas, da busca imensa, triste o resultado:

não encontrou palavra condizente
para expressar como devia,
eterna gratidão pelo alcançado.



Raftel/Freepik.com

Urgências

Laércio Lopes de Araújo
Pseudônimo: **Filipe de Guimarães**
e-mail: llaraujo62@gmail.com

Nunca tivera medo da morte. Para ele, esta era uma etapa necessária de um fenômeno natural e contingente que era estar vivo.

Passaram os anos sem que o dia de amanhã fosse uma certeza, porque mera probabilidade. Ouvira muitas coisas, lera muitas outras, todas tentando glamourizar o inafastável declínio que sobrevém ao passar dos anos.

Percebia o quanto tais construções tinham como fundamento erros de percepção e, mais que isso, uma busca tresloucada de fazer com que a decadência física fosse superada por discursos superficiais e de autoajuda, tentando convencer-nos do inconfessável.

No entanto, permanecia absolutamente sem medo da morte. Como Epicuro, acreditava que, enquanto estamos vivos, a morte não existe; quando mortos, então já não estaremos vivos para percebê-la ou senti-la.

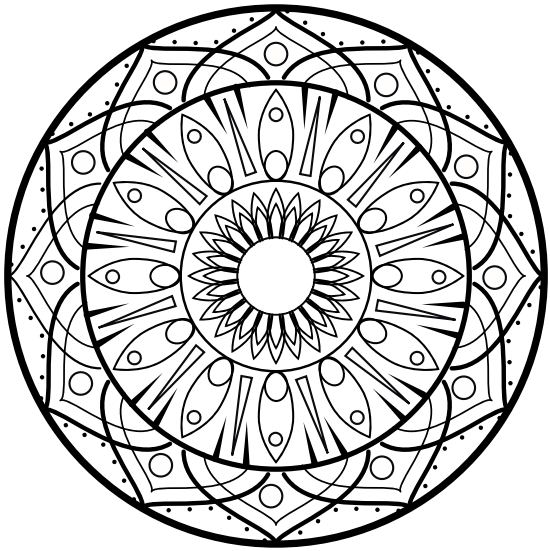
Mas com o passar do tempo e o estreitamento do horizonte, foi-lhe surgindo uma urgência. Cada dia mais aguda, cada dia mais premente. Seus desejos continuavam tão intensos e determinantes como sempre o tinham sido, mas agora, parecia-lhe que o dia de amanhã se mostrava uma probabilidade cada dia mais penosa.

A medicina, cada dia mais desumana, enxergava o humano como o destinatário de uma ciência de prolongação da vida a qualquer custo. Os medicamentos se amontoavam sobre a mesa de cabeceira. O celular mais parecia um relógio cuco, anunciando a cada passo um "remedinho" que deveria ser tomado para cada um dos achaques que lhe toldavam o corpo, pelo simples motivo de estar vivo para além do tempo.

Cada vez que encontrava um médico, este não o enxergava mais como um inteiro, um humano, um animal assustado com sua própria decadência, percebendo o esgotamento de suas possibilidades, mas animado de um vivo espírito de desejo e conquista.

Cada um deles descrevia um novo problema, alguns deles que houvera desde o nascimento, mas que só agora apresentava suas nefastas consequências. Dormir restou-lhe quase impossível, então, hipnóticos. As dores na coluna moldavam-lhe o ânimo, então, anti-inflamatórios e miorrelaxantes. Suas células tornaram-se resistentes à glicose, então, hipoglicemiantes.

Apenas não lhes ocorria que ali estava um homem que tinha urgências, que todas se relacionavam com o existir. Não o quanto existir, mas o como existir. Queria apenas ser ouvido, que fosse digno de um tempo para ser escutado, que suas angústias pudessem ser sentidas, compartilhadas, como se a humanidade de ambos fosse percebida e sentida.



Raftel/Freepik.com

Assim, o tempo foi passando, sua decadência física funcionando como uma lupa que fazia perceber e amplificar a decadência moral da sociedade de consumo. Foi-lhe tornando claro que a tecnologia não estava mais a serviço do homem, mas a serviço de si mesma. Que seus desejos já não mais eram importantes. Se o eram, apenas na medida da reprodução da ensandecida ciranda de consumo.

Estava agora na frente da tela de seu computador. O *prompt* piscando na tela branca anunciava o desejo, a premência de dizer o que sentia. Da angústia do tempo.

Não importava o quanto ainda havia por acontecer, seus desejos persistiam, entre os quais, o de realizar plenamente sua humanidade, que se encontrara subitamente na leveza do poeta.

Na poesia que descrevia sua dor e sua angústia, no medo que sentia das agulhas, nascia a possibilidade de, para além do corpo, dos anos, dos sofrimentos, precisar apenas de sua memória e de sua vontade, para viver em cada humano que sentisse a incerteza do amanhã.

A poesia que, tantas vezes lida, muitas vezes incompreendi-

da, adornava cada canto de sua existência, que curava sua alma, e que para tanto precisava apenas de papel e impressora.

Compreendera então que os médicos de sua alma, tinham sido os poetas que lhe aplicaram bálsamos para enfrentar a precariedade e a tibieza, para vencer esta tão curta existência.

Houvesse encontrado tantos médicos poetas desde seu nascimento talvez não sentisse tantas dores, ou talvez estas já o tivessem feito sucumbir, mas com certeza, ter-se-ia realizado em versos, permaneceria infenso ao medo da morte e teria vivido suas urgências como preâmbulo da eternidade dos versos que intuíra.

Aplacara-se a ansiedade. Pôs-se a escrever, nem que fosse apenas um verso.

Post-mortem

Estava sentado na poltrona a um canto da biblioteca. Não era vasta, muito menos rica, mas era a sua biblioteca. Naquele espaço sentia-se soberano do tempo, senhor de seus cachorros.

Encontrara um amigo de longa data, que seduzido pelas doutrinas espíritas, chegara-lhe entusiasmado para falar de experiências de quase morte. Este acreditava que essas de fato tratavam de pessoas revividas.

Trouxera-lhe há muito um livro, que ele se forçara a ler, sobre um médico americano que, após uma experiência desta natureza, passara a defender "cientificamente" a existência da vida após a morte. O encontro fizera relembrar a leitura e meditar sobre a necessidade de acreditar que assalta com violência proporcional à idade cada humano que conhecera.

Ficou meditando. Olhou para a sua cachorrinha e lembrou o

Freepik

quanto lhe apavorava a simples ideia de que ela deixaria de existir, provavelmente muito antes dele. Apertou-lhe o peito a dor indizível da lembrança dos que amou e tinham partido, eufemismo para aqueles que apenas morreram.

De onde vinha a necessidade que constrangia o humano a acreditar numa vida futura? Para muitos, qualquer explicação para fundamentar a moral exige necessariamente a existência futura, onde cada um deveria ser julgado de acordo com os seus méritos.

Neste sentido, ponderou que então teríamos de crer necessariamente num Deus pessoal que tivesse um conjunto de valores com os quais cada um de nós pudesse ser confrontado e então discernir os que mereciam o paraíso ou o inferno.

No entanto, tanto o agnosticismo, quanto o ateísmo faziam cada vez mais adeptos, sem que se arrefecera as expectativas de vida futura.

Ora, sempre concebera que de fato não há uma separação entre carne e espírito, e no cristianismo tal dicotomia não existe, apesar de Agostinho e seu neoplatonismo. Para o Messias da Galileia ressuscitamos em carne e osso e com certeza, ele estava coberto de razão, porque reviver em qualquer outro corpo ou condição, redundaria que nossa identidade já não seria a mesma.

Faria sentido pensar numa vida após a morte com as experiências de quase morte apresentadas pelos estudiosos do tema? O absurdo, compreendeu, estava em que os homens e mulheres quanto mais velhos, mais ansiosos pela existência de uma vida após a morte. Mas proporcionalmente mais desesperados por qualquer migalha de vida que se

lhes possa dar.

Era uma corrida insensata. Querem crer que sobreviverão, mas querem permanecer o tempo mais longo possível, mesmo carregando tantas dores, limitações e desapegos.

Suspirou. Fechou os olhos. Uma certeza inundou-lhe. Apenas os que temem morrer precisam de provas de que há vida após a morte.

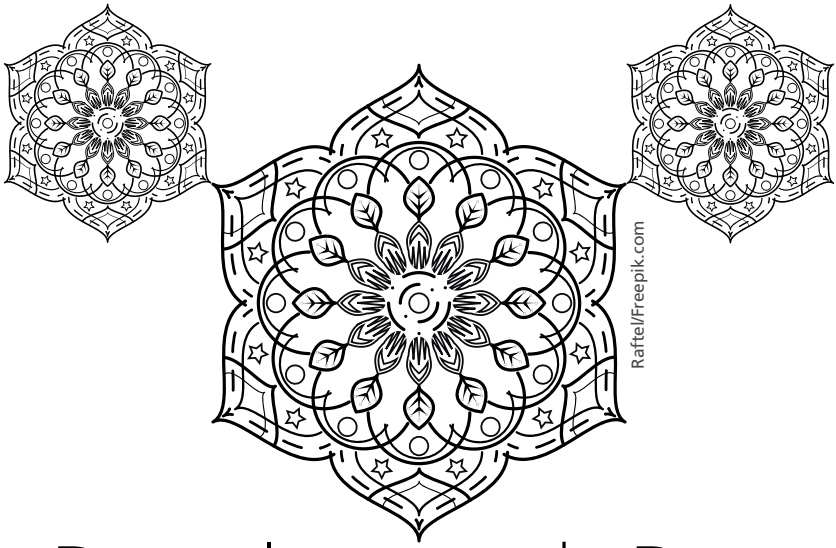
A vida realmente não se importa com o vivo. Com o que façamos ou deixamos de fazer enquanto vivos. O que nos torna reféns da morte não é nossa condição de estarmos vivos, mas a de termos consciência de nossa contingência e precariedade.

Refletiu que a consciência que se dá a cada vez que somos lambidos pelo cachorro, que beijamos o amado, que sorrimos com a gravidez de uma filha, que nos preocupamos com o destino de cada outro que existe é que nos faz sabedores da morte.

Que persistir, para além da morte, é memória reescrita na história de cada um que guarda com carinho, com zelo e com constância a existência de um outro que já se extinguiu, mas que permanece no mundo como um feito, como um realizado, que mudou tudo a partir do momento em que viveu.

Estava certo de que cada vida é como uma poesia. Algumas mais belas, outras muito ruins, todas elas merecedoras de serem preservadas para sempre. Não por suas qualidades intrínsecas, não por sua beleza literária, mas porque para alguém, em algum lugar e num dado momento, aquela poesia poderá fazer e dizer tudo que fará diferença. Então, teremos sobrevivido para além da morte.

Levantou-se e agarrou sua pequena cachorrinha, deixou-a beijá-lo ou, se preferirem, lambê-lo, olhou bem no fundo de seus olhos, e então encontrou a eternidade. Uma eternidade de devoção, que pode durar apenas o tempo de um olhar, que pode durar o tempo que persistir uma lambida. Que perdurará enquanto faça sentido para um outro que tiver a disposição de ler e sentir aquilo que lhe ia no peito.



Raftel/Freepik.com

Dr., pelo amor de Deus, salve a minha filha!

Jorge Yasufide Uesu
Pseudônimo: **Hide**
e-mail: jy.uesu@hotmail.com

Francisco Alves, década de 70. O Hospital Ibrahim Abudi Neto ocupava um casarão de madeira cedido pelo fazendeiro que emprestava o nome ao hospital. Devido à situação precária desse prédio, resolvemos construir em outro local, dessa vez em alvenaria. Único na cidade, era muito procurado, até que a ocorrência da geada negra fez com que a população que beirava os 20 mil habitantes caísse para 6 mil, diminuindo a sobrecarga do hospital.

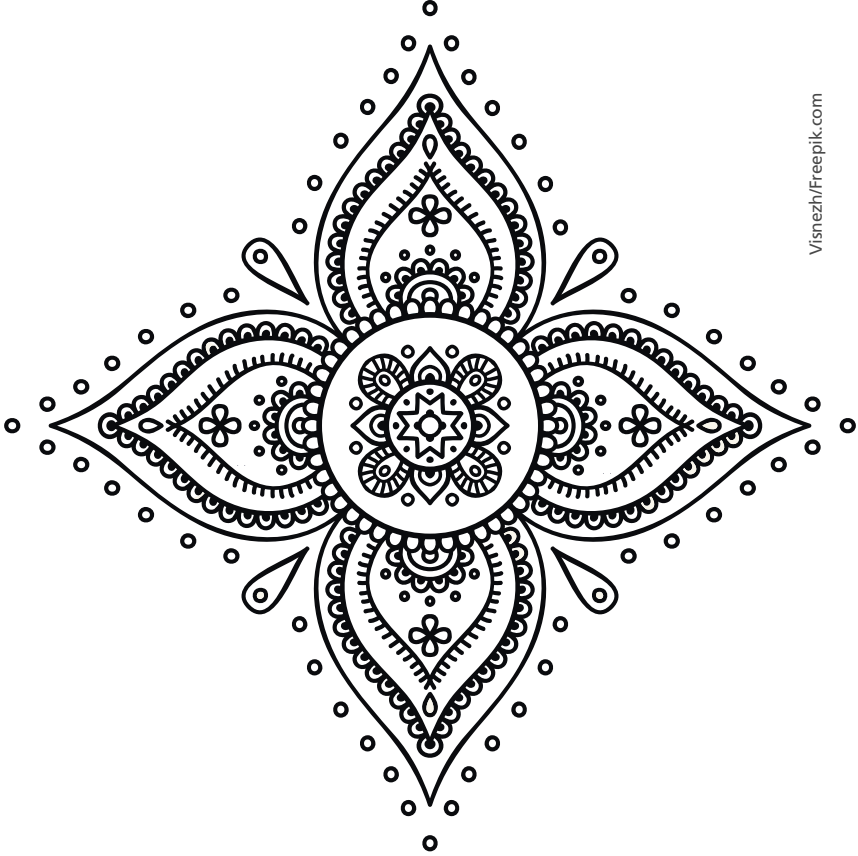
Os habitantes desta cidade tinham um hábito muito peculiar. Talvez para tentar levar

algum conforto ou por mera curiosidade, lotavam o hospital para fazer visitas aos pacientes internados, conhecidos ou não. Em dia especial como na Missa do Galo, a impressão era que parte da população convergia para o hospital, antes da missa da meia-noite. Mas insistir em medidas restritivas era na certa comprar a antipatia da população. Num desses dias, naquela azáfama costumeira houve uma movimentação que soava algo de anormal, quando fui alertado de que havia chegado uma criança em estado crítico.

No corredor do hospital, de imediato veio ao meu encontro uma senhora de aparência humilde com uma criança inerte entre 4 a 5 anos no seu colo. Com aquele olhar de desespero, pediu "Dr., pelo amor de Deus, salve a minha filha!" Após questionamentos, soube que a criança começara com um quadro febril, tosse, rouquidão, culminando com a parada respiratória ao chegar ao hospital. A criança estava com os lábios azulados, sinal de que a vida estava se esvaindo. Pedi para que se afastassem os curiosos, providenciasse uma maca e um bisturi da sala de emergência. Não havia tempo para nenhum preparo cirúrgico. Cada minuto ou segundo separa a vida da morte ou de sequelas. Assim, diante da mãe desesperada, fui obrigado a tomar uma decisão solitária e fazer um procedimento antes visto apenas em teoria.

Curitiba, 1969. Terceiro ano de Medicina. Numa das salas do Hospital de Clínicas, um professor grisalho, atarracado, nos passava a sua experiência quando clinicou no interior. A aula era sobre difteria, ou crupe. A difteria, numa fase mais avançada, forma uma membrana tóxica que vai cobrindo as amígdalas, glote e epiglote, obstruindo no final as vias respiratórias.

O professor, muito eloquente, com muitos gestos, até de forma teatral, contou que certa vez fora chamado para atender uma criança na zona rural. Chegou a tempo de presenciar os últimos esforços respiratórios da pequena paciente. O que ele fez?

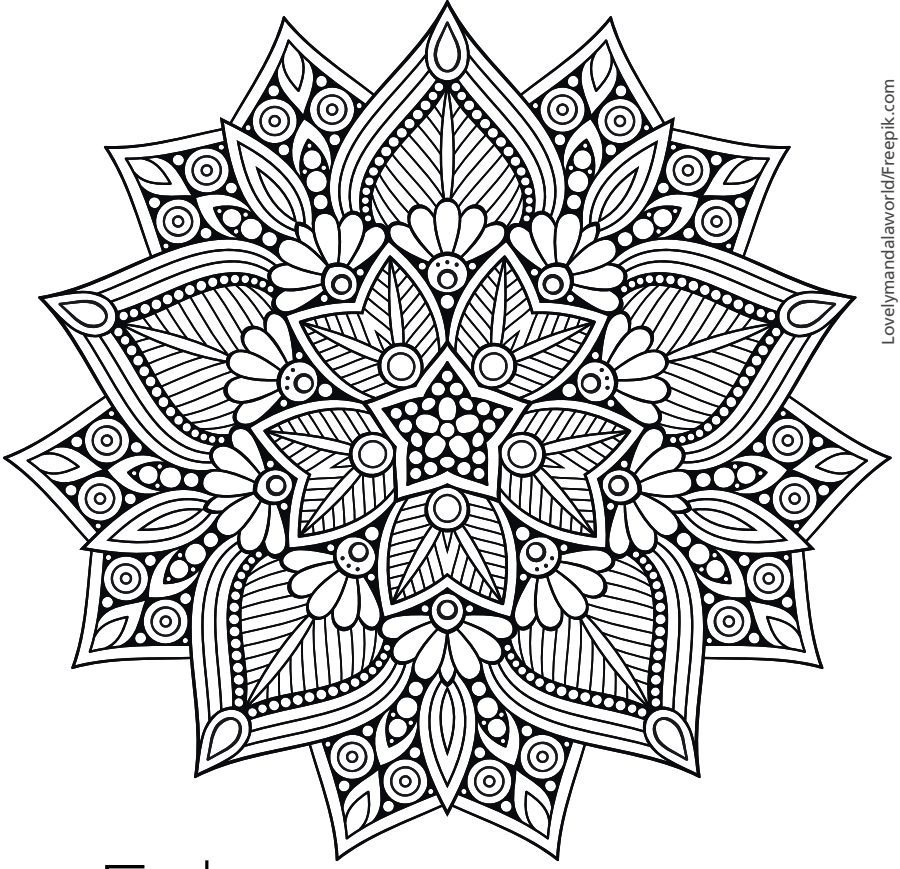


Visnezh/Freepik.com

Pediu uma faca de cozinha para a mãe assombrada e, em seguida, de forma cruenta, introduziu a lâmina logo acima do osso esterno, atingindo a traqueia. Em seguida, desmontou uma caneta BIC e inseriu o invólucro da caneta pela abertura. Após alguns momentos, a caixa torácica começara a expandir até o restabelecimento total da respiração. Ficamos impressionados com essa explanação, principalmente quando ele acrescentou que se podia improvisar qualquer objeto que tenha um orifício no seu comprimento como uma haste da folha de mamona ou aquele pedaço de caninho de um guarda-chuva após a retirada

das hastes. Foi uma aula magistral, mas, com certeza, pairou uma dúvida entre os estudantes: será que um dia seriam postos à prova frente a uma situação similar que beirava o heroísmo? Francisco Alves. De bisturi em punho, levantei o pescoço da criança de modo que a cabeça pendesse para trás e mirei a fúrcula do esterno. O silêncio era absoluto. Até opressor. O bisturi atravessou as partes moles quando o sangue jorrou, atrapalhando a visibilidade, mas não havia tempo para estancar a hemorragia. A lâmina seguiu seu curso até ranger ao cortar a traqueia. Passo seguinte, introduzi de improviso, na traqueia, um pedaço de cânula de borracha, que normalmente se usa em anestesia geral.

Momentos de tensão. Massageei levemente a caixa torácica. Passaram-se segundos que pareciam uma eternidade. Até que, de forma imperceptível mas contínua, os pulmões iniciaram movimentos voluntários. A mãe, antes paralisada, exclamou: "Minha filha, ela está viva! Ela está viva!" Desanuviou-se o ambiente. Os lábios da pequena lentamente adquiriram a cor rosada, a fácies adquiriu um ar sereno e a menina recobrou lentamente a consciência. Após este caso, mais dois pacientes necessitaram desse procedimento, só que dessa vez estávamos preparados, com cânulas traqueais infantis, adquiridos com urgência de Curitiba. Todos esses casos evoluíram bem após tratamento específico, sem deixar sequelas. Nessa mesma época, um homem entrou carregado, desfalecido. Após averiguação, soube que o paciente estava em tratamento de câncer da laringe em Curitiba. O tumor avançara e subitamente havia obstruído as vias respiratórias. Fizemos a traqueostomia já com certa desenvoltura, graças à experiência adquirida. Apenas um detalhe: não tínhamos cânula traqueal para adulto, de modo que, após a cirurgia, podia-se ver o paciente passeando pelos corredores com a cânula pequena, de criança, mas era o elo que o ligava à vida.



Lovelymandalaworld/Freepik.com

E daí, japonês, seu patrício está ganhando?

Outono de 1965. A atmosfera típica desta estação vai envolvendo Curitiba. As clássicas neblina, chuva e frio começam a fazer parte da paisagem. As árvores caducas, típicas de regiões frias, vão se desvencilhando de suas folhas com seus farfalhares e, espalhadas pelo vento, vão forrando ruas e praças, compon-

do um quadro tipicamente outonal. Durante os três anos em que frequentei o Colégio Estadual, no caminho que percorria desde a pensão na Rua Saldanha Marinho, passando pela praça Tiradentes, pelo homem Nu e pelo Passeio Público, acompanhei as mudanças e nuanças que ocorrem nesses tipos de árvores nas 4 estações do ano.

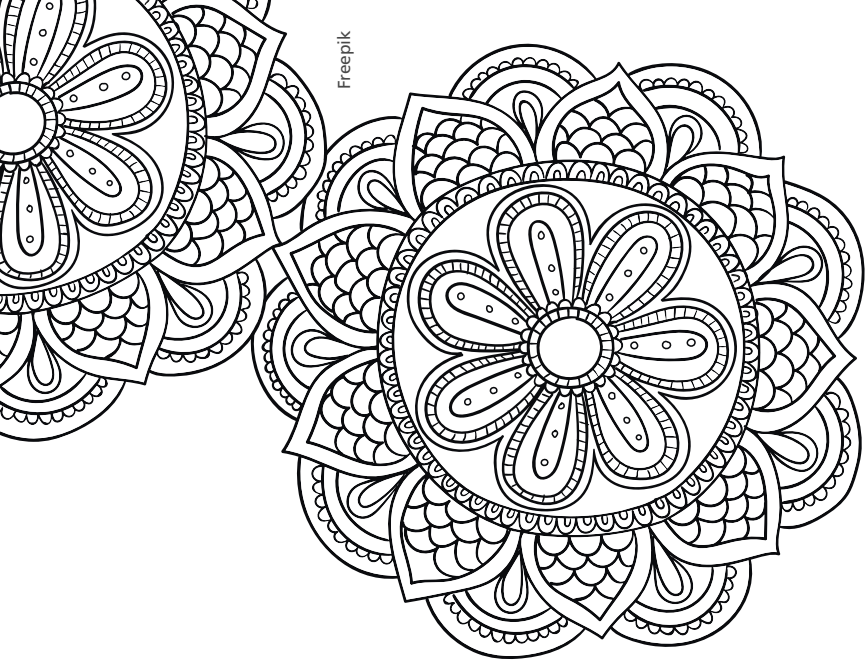
Certo dia desta época acordei animado e ansioso por conta de um grande acontecimento. Logo mais haveria um confronto internacional de boxe entre nosso galinho de ouro, campeão mundial categoria pesos-galo Eder Jofre e o desafiante japonês Masahiko Harada. Era impensável e inadmissível uma derrota e perder o título para um desconhecido do Oriente. Emprestei um radinho de um amigo e saí para a rua ainda escura. O radialista, entre otimista e ufanista, tecia loas sobre nosso campeão. Sobre sua técnica, sobre seu certeiro e demolidor punho de aço, sobre o poderoso gancho de esquerda, sobre os lutadores que se enfileiraram para serem nocauteados um a um, logo nos primeiros *rounds*.

Estava concentrado, caminhando com o radinho colado no ouvido, quando cheguei à praça Tiradentes. De repente, das profundezas das brumas que envolvia o local, ouço uma voz que só podia estar dirigida a mim, já que não se via outra vivalma nos arredores "E daí, japonês, o seu patrício está ganhando?" Foi quando vislumbrei um chofer de praça (hoje, táxi) encostado no seu carro. O sangue ferveu. Furibundo, dei a resposta que achei adequada para o que julgava ser pura provocação. "Sim, o japonês tá dando uma surra no brasileiro. Dei-lhe as costas sem esperar a tréplica, pois não iria sustentar uma discussão com um adulto. Pior, o nosso ídolo estava realmente perdendo por pontos a cada *round* e, no final da luta, veio o veredito dos jurados: M. Harada, novo campeão dos pesos-galo! Talvez não haja comparação com o desastre da copa de 50 quando o Brasil chorou, mas a perda

Freepik

do título foi um baque para o orgulho de nossos conterrâneos. Quando terminou a 2° Guerra, ainda havia resquícios de intolerâncias contra as etnias que compunham os países do Eixo pelos que se consideravam como legítimos brasileiros.

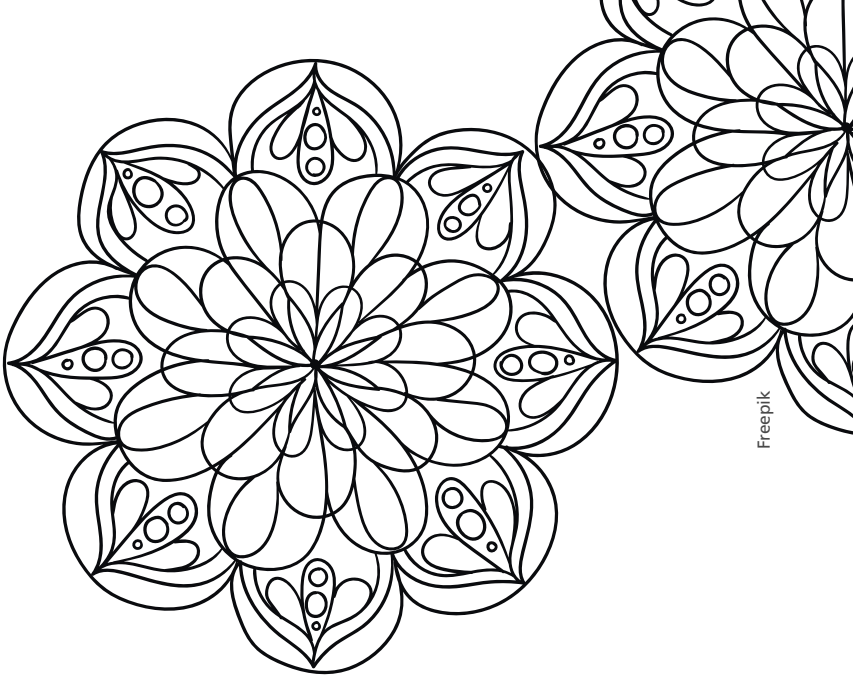
Os nisseis sofriam com a ambiguidade de seus sentimentos. Sentiam-se brasileiros, mas as diferenças culturais e também os traços fisionômicos não contribuíam para a sua integração


Freepik

na sociedade brasileira. Pertenciam a uma categoria social sem identificação definida, não sendo nem japonês e nem sendo aceitos como verdadeiros brasileiros.Assim, nas desavenças entre crianças brasileiras e japonesas era comum ouvirmos o refrão: "Japonês da cara chata, come queijo com barata". Ficávamos furiosos e ainda mais indignados quando tinham o incentivo dos pais.

Quando morava no internato, no interior, às vezes víamos passar na rua uma figura descabelada, de andrajos que, além de falar sozinha, faltava-lhe a dentadura. Era conhecida na cidade como Ana louca. Quando via que as crianças do internato riam de sua pessoa, a reação era imediata. Levantava os punhos e proferia palavras ininteligíveis e outros impropérios, finalizando com clareza: "Quinta coluna, quinta coluna!" Devido à boca murcha, não conseguia pronunciar *coluna*. O que significaria?

Essa expressão vem da época da Guerra Civil Espanhola quando um general vinha marchando com quatro colunas para Madri,



Freepik

contando com o apoio da 5° coluna que era uma força paramilitar que agia na clandestinidade. Hoje em dia é sinônimo de *espião*. O intrigante é como uma senhora. aparentemente fora de si conhecia um termo que jamais ouviria pela segunda vez até nos dias de hoje.

Esta crônica tem o propósito precípuo de trazer à luz o ambiente que cercava o Brasil no pós-guerra. São lembranças de cunho pessoal, porém, acredito, de valor histórico e sociológico, já que as hostilidades e humilhações também se estendiam a alemães e italianos. Essas condutas, se não contavam com o apoio oficial do governo, pelo menos não se viam medidas efetivas para combater esses abusos que aconteciam com a condescendência das autoridades.

Naturalmente, o tempo se incumbiria para que gradualmente os conflitos fossem superados e as etnias discriminadas aceitos e assimilados pela comunidade brasileira. Assim são páginas viradas da história.

Freepik

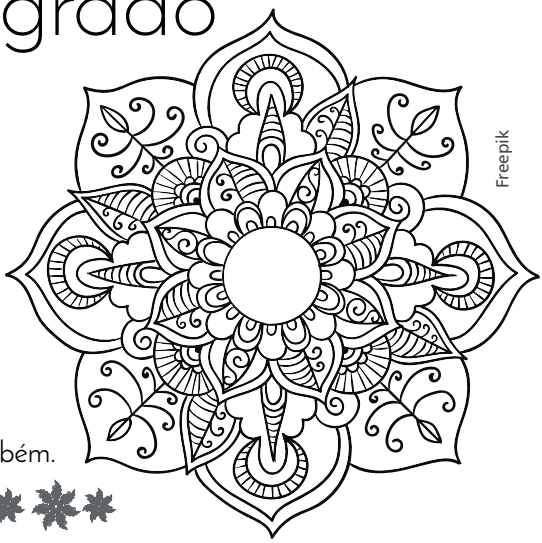
Eu preciso respirar um poema

Ana Luiza Gomes de Morais Wiemann
Pseudônimo: **Amaya Bidane**
e-mail: analgmw@gmail.com

Amanhece
E eu preciso respirar um poema
Tragar algumas palavras
Que se dirijam à minha emoção
Não quero esperar
Pelo próximo amanhecer
Preciso sentir agora o sol na minha pele
Secar as feridas
Que a noite muda deixou
Fecho meu bloco de notas
Mas o poema ainda está aqui
Ainda quer ser exalado e pousar no papel
As letras estão ansiosas e querem
Me dizer algo
Então leio a mensagem : VIVA!

Declaração de amor sagrado

Jordan Zanetti Silva
Pseudônimo: **Lorde**
e-mail: jzanetttio1@terra.com.br



Freepik

Ela:

- Reza...

Ele:

- Todos os dias. Você. Também.

Esperando-me

Quando sei que vais chegar,

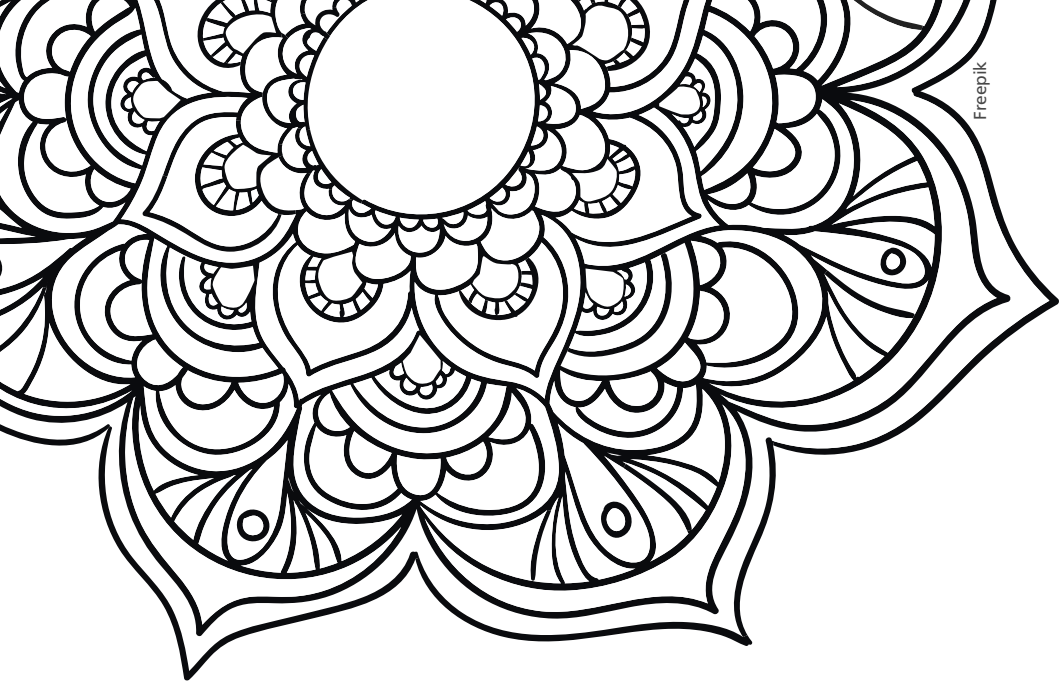
Me invade a alegria e o início da paz a alma me toma,

Aquela inquietude que a expectativa de tua boca me traz, quando sei que vais chegar

E se só isso já me bastasse, mesmo em partes já me chegas, teus passos, teu cheiro e tua alma minha que se aconchegam antes em meu peito

E só de saber de teu abraço e de teu dia,

Que me entra adentro a vida, que meu sorriso me volta e teu amor nasce e renasce, quando sei que vais chegar.



Freepik

Eu francês

Maria Luisa Domingues Jacinto
Pseudônimo: **Mar de Madalena**
e-mail: maalu@hotmail.com

Como
E
Durmo
Pouco

Vivo
E
Sinto Muito

Segundos

Jorge Luis Ribeiro Machado
Pseudônimo: **Chronos**
e-mail: jorgeluisbahia@hotmail.com

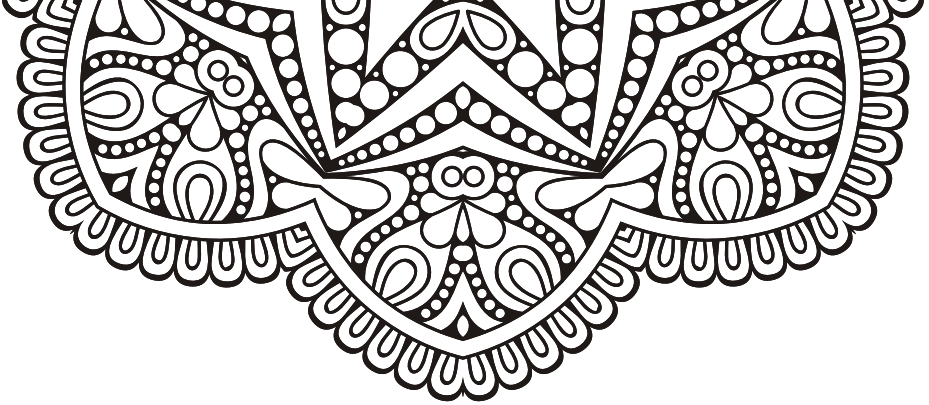
Ah, o tempo!
Pequena palavra de forte intensidade
Retrato de múltiplas faces
Ser improvável e fugaz

A cada segundo que procuro
Descubro que o tempo é veloz
Senhor implacável da vida
Força imponente e voraz

Tudo passa e transforma
Passado, presente e futuro
Protagonista da história
Mestre da incerteza inconsequente

Assim é o tempo
Eterno, abstrato e imortal
Segundos vividos, minutos perdidos
Que não voltam mais

Lovelymandalaworld/Freepik.com



Lovelymandalaworld/Freepik.com

Na alegria contagiante

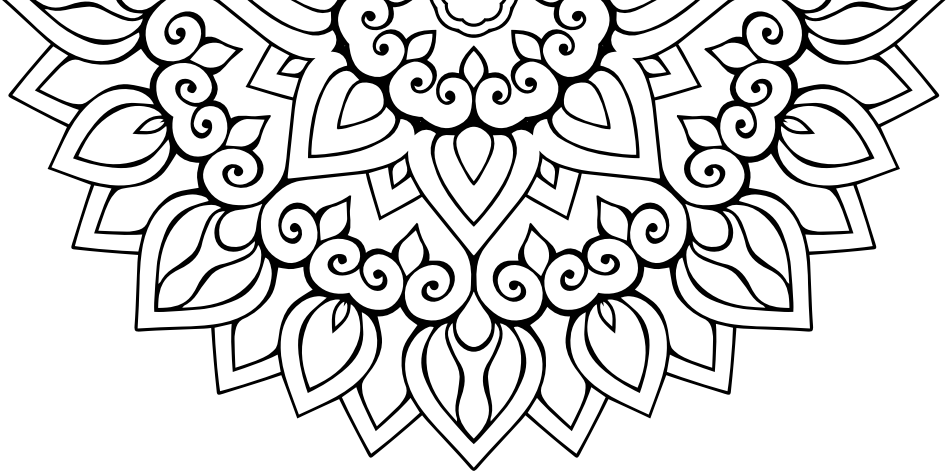
Jacemar Cristina Rocha da Costa
Pseudônimo: **Flor de Liz**
e-mail: jacemarcristina@gmail.com

Na alegria contagiante do momento,
Nos raios infinitos da luz bendita,
No trabalho edificante ao vento,
Na decisão sábia jamais dita.

Poder-se-ia mergulhar com o coração
Na suave compreensão do instante,
Na beleza de cada humilde compaixão
De uma vida sempre vibrante.

Pois a paciência está na natureza,
No Sol que nasce com toda sutileza
Esquecendo a noite que passou.

Na percepção dos detalhes preciosos,
Nos olhos lúcidos e luminosos
Com o eterno amor que ficou.



Lovelymandalaworld/Freepik.com

O encanto das coisas

O encanto das coisas conscientes
Na chuva que faz a imensidão do mar,
No vento e nas nuvens silentes
Onde tudo se apaga ao simples luar.

Naqueles que encontram a glória,
No perfume da misteriosa vida,
Na sua realidade tão transitória
Resta a beleza suave e comovida.

Que no cantar do pássaro amável,
Que no murmúrio do rio instável
Haja a névoa, sombra e espuma.

Haja flor que encanta a ciência,
Haja ritmo na adorável paciência
Na paz do espírito com a bruma!

Por partes

João Bosco Strozzi
Pseudônimo: **Trétis**
e-mail: bosco.s@hotmail.com

Eram aproximadamente 17 horas quando houve o capotamento. O motorista morreu no local, pois estava sem cinto e foi projetado para fora do veículo. No velório, uma choradeira só. Homem bom, casado há 10 anos, dois filhos pequenos, bem empregado, futuro pavimentado e esta morte precoce, absurda. Assim os presentes comentavam sobre o falecido.

À noite, uma preocupação surgiu no ar. Onde estaria a esposa? Os pais e os sogros confabulavam sobre a ausência dela. Vários telefonemas já haviam sido disparados para locais onde ela poderia estar ou ter estado. As crianças haviam sido apanhadas na escola, com atraso, pelos avós.

O tempo passava e a preocupação aumentava. Uma amiga

do casal chegou a dizer que soubera de uma desavença entre eles. Talvez ela o tivesse deixado. A viagem dele, pelo trajeto, não conferia com suas atividades profissionais nem sociais. O acidente ocorrera na Lapa, no sentido Curitiba. Portanto, ele estava voltando para casa. Mas para onde teria ido?

Uma semana depois, a polícia aguardou o final da missa de sétimo dia e comunicou à família que eles haviam encontrado um saco de lixo, preto, de 50 litros, dentro do carro acidentado, contendo um braço humano.

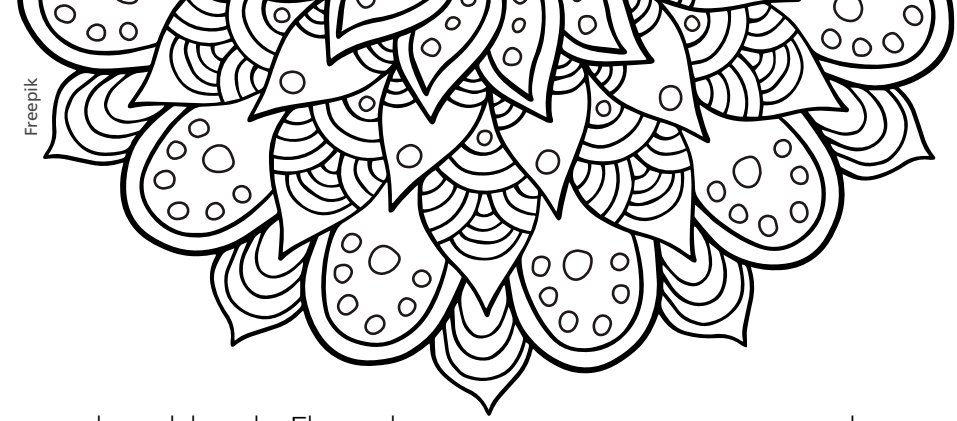
No dia seguinte, iniciou-se uma investigação minuciosa, cuja conclusão foi a de que ele havia matado a esposa, a esquartejado e lançado suas partes em diversos locais entre Curitiba e São Mateus do Sul, tanto na ida como na volta. O acidente acontecera durante o esforço para lançar o penúltimo saco.

Uma história quase real

Ele tinha 1,90m e 160Kg. Era filho único de um rico proprietário de imóveis, cujas rendas sobravam para ele também. Estava casado com uma bonita e ambiciosa mulher loura de unhas longas e sempre bem esmaltadas. Ainda não tinham filhos.

Sem saber, ele estava vestindo um par de chifres desde antes do casamento. A loura queria tudo e mais um pouco. O antigo namorado, na verdade, jamais fora antigo, pois se manteve na função o tempo todo. Ela tinha nojo do corpanzil do marido. Os raros momentos de sexo eram sempre feitos com cuidados para que ele não despejasse seu peso em cima dela.

Numa tarde de domingo em que ele passava na Arena da Baixada e ela com o namorado, uma ideia surgiu e foi logo mais


Freepik

bem elaborada. Eles resolveram eliminar o gordão e ficar com a grana dele. Planejaram uma morte simples e certeira.

Ela passou a dizer que queria uma chacrinha para ficar nos finais de semana. E começou a procurar nos jornais. Então, disse a ele que encontrara a chácara ideal e que o corretor da imobiliária iria passar na manhã seguinte e levá-los para visitar o local.

Na manhã, ela inventou uma desculpa para não ir. O namorado, passando-se por corretor, chegou no horário, dirigindo uma picape cabine dupla. No meio do caminho, pararam em uma esquina e pegaram o suposto chacareiro, que se sentou atrás do gordo. Chegando a um local ermo, o "chacareiro" descarregou seis tiros nas costas do obeso. Derrubaram-no para fora e foram embora com o carro.

O gordão foi encontrado horas depois, agonizando. Levado para o hospital, foi operado e entrou em coma. Foram 45 dias na UTI entre a vida e a morte. A alimentação parenteral minimalista e a energia usada para curar os ferimentos das balas fizeram com que ele perdesse 70kg neste período.

Quando ele acordou do coma, estava magro, rico e solteiro. Sua mulher já havia sido investigada e estava presa junto com o namorado e o matador. Hoje ele não sabe se culpa ou agradece à ex-mulher por tê-lo matado daquela vida e proporcionado este maravilhoso renascimento.

Os esquisitos

Adriana Rodrigues da Silva Utida
Pseudônimo: **Camomila**
e-mail: adrianautida@hotmail.com

Perguntaram-me por que eu não andava com pessoas normais,

por que só andava com os esquisitos ?

Respondi que os esquisitos, quando me perguntam como estou,

estão verdadeiramente preocupados com as possíveis inquietudes de minha alma

e anseiam por poder ajudar-me.

Os esquisitos, quando me beijam o rosto ou abraçam-me em um cumprimento,

dividem a energia do seu corpo com o meu generosamente.

Os esquisitos falam-me coisas da alma, sem pensar,

sem questionar se vou julgá-los,

apenas dividem-se comigo.

Cansei!

Cansei de compartilhar minha vida com pessoas normais,

cujos olhos olham para mim mas não desejam ver-me,

cujas mãos apertam as minhas mas não querem de fato tocar-me.

Normais que perguntam como estou

mas não anseiam em saber nem tampouco em ajudar.

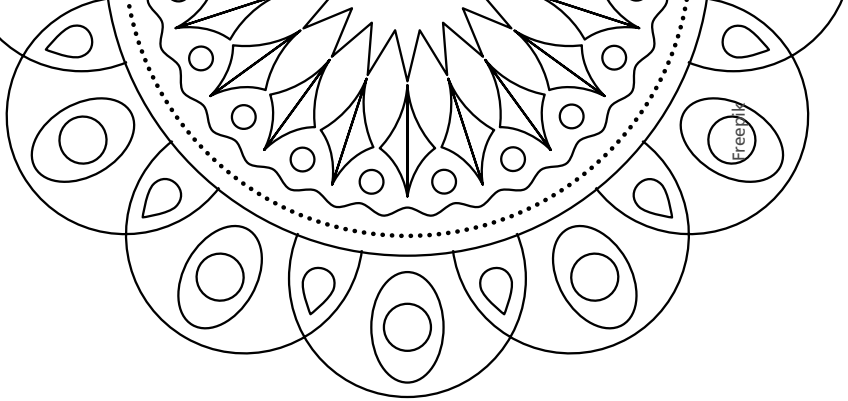
Eu quero os esquisitos,

os que se entregam e querem receber.

Os que vivem a vida sem filtros.

Os que que nem mesmo percebem-se esquisitos,

apenas sentem-se intensos e honestos.



Devagar e sempre

Foi sonhando chegar
que não perdi o rumo na caminhada
Foi aguardando a grama macia e perfumada
que os pés resistiram à dor das bolhas de sangue
Foi aguardando esta sombra fresca À beira do rio calmo
que foi possível suportar o torrão e o calor do sol sem trégua
Foi na esperança deste doce chá-mate gelado
que o corpo não sucumbiu à sede
Foi acreditando que o cobertor quente e cheiroso aguardava
que o frio não foi capaz de congelar
Foi teimando em sorrir sem motivos aparentes
que os motivos para não sorrir tornaram-se ausentes
Foi por tanto medo
que a coragem chegou
Foi por tanto futuro
que o passado passou
Foi por tanto eu
que a construção do nós foi possível
E foi por tudo que fui
que hoje sou quem sou ...

A vida é mesmo efêmera

Ana Carolina Azevedo Salem
Pseudônimo: **Coisas de Ana**
e-mail: ana_cas18@yahoo.com.br

Tem sempre algum caso que marca a gente: alguma situação, paciente, familiar.

No meu caso, foi essa semana...

Chegando ao plantão, já recebemos, de cara, uma paciente com "aneurisma roto de aorta".

Pra quem não sabe, é uma condição gravíssima, com prognóstico péssimo, devido à alta mortalidade (90%). Quando o paciente ainda consegue chegar ao hospital com vida, ou acaba morrendo na cirurgia ou no pós-operatório.

Era uma senhora de 65 anos, aparentemente bem, acompanhada da filha. Já estava estabilizada e consciente, aguardando ser chamada para a cirurgia de urgência.

Sabíamos da gravidade do caso, o segundo filho estava a caminho...

Quando ele chegou, a equipe chamou os dois filhos para conversar e explicar a gravidade do caso, sobre o prognóstico que era muito ruim e que ela poderia morrer.

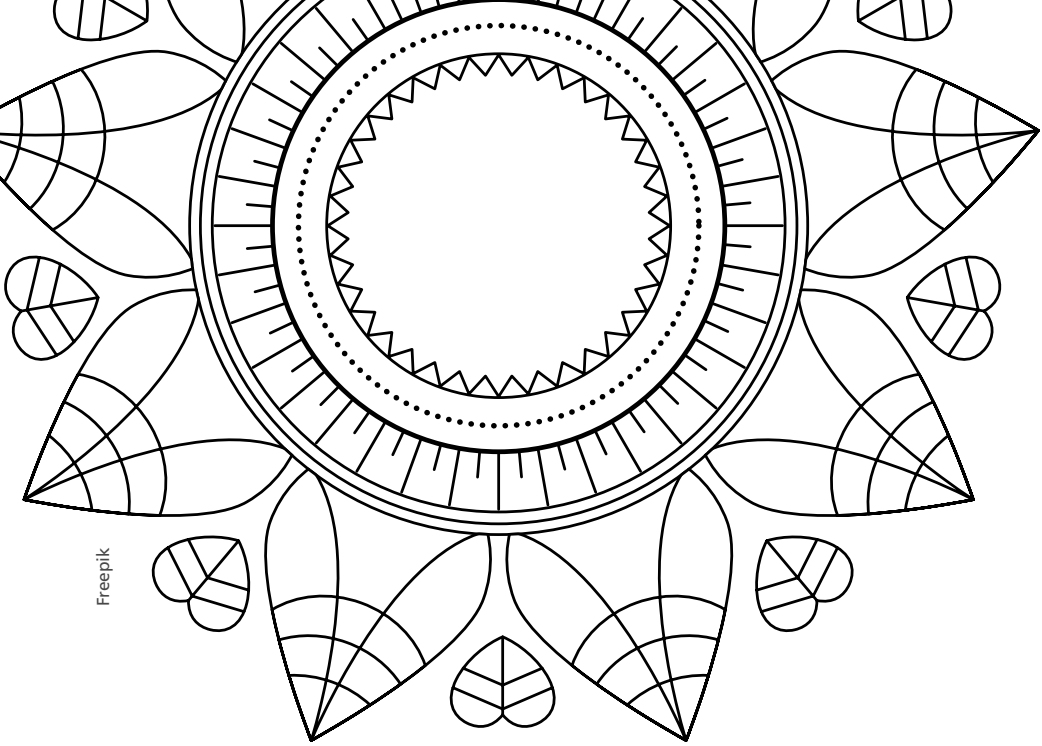
O centro cirúrgico chamou, demos um tempo para que os filhos se "despedissem"... Talvez aquela seria a última vez em que eles se veriam, poderiam falar o que gostariam, um "eu te amo", pedir perdão, ser perdoado... Aquele poderia ser o último momento... Um instante.

Chegou a hora de levá-la para o centro cirúrgico, os filhos a acompanharam; mais alguns segundos poderiam passar com a mãe.

A linha entre a vida e a morte é muito tênue... Num segundo estamos aqui, noutro podemos não estar mais...

Eu estava observando tudo do lado de fora do quarto...

Uma imagem que ficará marcada pra sempre na memória...



Freepik

O tempo

Quando somos crianças, não vemos a hora de nos tornarmos adultos, poder fazer o que quisermos, ter independência... O tempo parecia passar tão devagar que chegar aos 20, 25 anos parecia uma eternidade, parecia algo tão distante. Parecia que tudo seria tão diferente...

O tempo vai passando, nós vamos vivendo, vencendo cada etapa, cada conquista e não percebemos talvez, na rotina, o quanto as coisas vão mudando.

Hoje, com 25 anos, parece que o tempo passa tão rápido! Cada dia voa e, quando vemos, já passou uma semana, um mês,

um ano... Eu sinto como se a vida escorresse por entre os dedos e eu não tivesse tempo suficiente para viver tudo o que eu tanto sonhei.

Como estudante de medicina, principalmente no internato, a morte é algo que está tão presente no meu dia a dia, parece que está sempre à espreita, mostrando o quanto a vida é frágil e efêmera, inexoravelmente...

Hoje, o que eu queria era só que o tempo passasse mais devagar, que eu tivesse mais tempo para fazer as coisas que eu gosto, aproveitar e viver mais próximo das pessoas que eu amo.

Eu tinha pressa de me formar, trabalhar, casar, ter minha casa, viajar, ter filhos...

Hoje, eu vejo que tudo isso vai chegar, um dia...

Eu tinha pressa de viver tudo isso, mas percebi que a ansiedade de querer que chegasse logo, me impedia de aproveitar e viver o momento presente. E, principalmente, de ser feliz com as coisas que eu tenho agora: com cada simples conquista diária, cada amanhecer, cada bom dia, um sorriso sincero, um abraço, uma ajuda de uma amigo, um tempo para o almoço...

Eu vivo sonhando e desejando o futuro, e não aproveito o presente, acabo perdendo momentos que nunca mais voltarão...E quem sabe se eu estarei aqui amanhã?!

Hoje, eu li uma frase de Albert Clarke que me fez refletir ainda mais:

"Nas nossas vidas diárias, devemos ver que não é a felicidade que nos faz agradecidos, mas a gratidão é que nos faz felizes."

Nós vivemos esperando um momento, aquela grande conquista para ser feliz e, enquanto isso, a vida vai passando, escorrendo por entre os dedos, sem que a gente a "viva" plenamente...

A gratidão por cada gesto simples nos faz felizes.

Ele

Úrsula Bueno do Prado Guirro
Pseudônimo: **Miss "U"**
e-mail: ursulaguirro@gmail.com

As nossas mãos se cumprimentaram sem força. A conversa foi resumida a entender quem ele é e qual a história. O sentimento veio nas palavras delicadas, no olhar com afeto, no exame deixado com gentileza sobre a mesa.

Motivo da consulta: desespero.

O homem se achava jovem para estar tão doente. Até algumas semanas atrás tinha uma vida comum, planos que nunca se concretizaram e a percepção de que não teria tempo para fazer tudo acontecer com pouca vitalidade.

Diagnóstico 1: câncer avançado.

Diagnóstico 2: morte próxima.

Prescrevi remédios para a dor. Melhorou. Agradeceu, disse que estava cuidando do trabalho, das finanças, da burocracia, da vida.

Não me ligou no dia seguinte.

Eu, aflita.

O que aprendi é que, quando a dor física melhora, as outras dores aparecem. A dor universal da alma. A dor do existir hoje e não existir dali a pouco. A dor do que serei quando não for mais. A dor do medo, da solidão e do que vem depois.

Tem alguma coisa depois?

Um novo encontro aconteceu. Voltamos naquele momento do cumprimento das mãos. Hoje as mãos estavam firmes. O olhar, profundo, e logo descobri o motivo.

Voltar ao trabalho não era a mesma satisfação de outrora. Qual o sentido do trabalho se não encontrava satisfação ali? Cuidar das finanças e deixar para uma família que não conheceu, porque estava no traba-

lho. Não perguntei da burocracia porque imaginei a resposta.

Ele morrendo me ensinando a viver e eu, ora, eu podia prescrever remédios e praticar a escuta ativa. Conversamos por minutos. Eu queria uma tarde inteira ali, ouvindo aquele sábio. No final, agradeceu-me por tudo e se foi. Mas dessa vez deixou um encontro marcado para os próximos dias.

No dia marcado, recebi uma ligação dela, a esposa. Ele está mal, muito mal. E um convite para conhecer a casa deles. Fui sem medo de me entregar à realidade da vida e da morte.

Ele, querendo uma ajuda que eu podia oferecer. A esposa suspirou e se entregou a mim também.

Magro, fraco, doente. Ouvi medo de morrer. Escutei o que aquele sábio com medo tinha para falar. Eu, que ainda não morri, ensinando alguém a encontrar o caminho que estudei. Será que sei o caminho sem nunca tê-lo percorrido oficialmente?

Ele contou que nossos encontros são cheios de paz, que eu entregava a serenidade que ele não tinha. Deixamos algumas decisões registradas no prontuário. "Prefiro morrer em casa". Analgésico para a dor física e, para a dor existencial, prescrevi conexão humana, o cachorro e a natureza para devolver o sentido da vida. Apoiei o reencontro com a espiritualidade.

A visita terminou com um dia de sol.

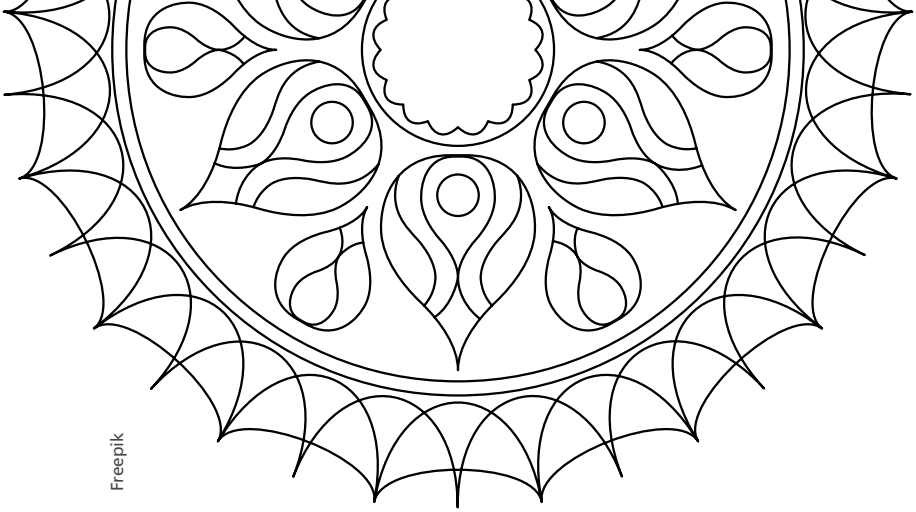
Mas o destino lembrou que não controlamos muita coisa.

À noite, um sangramento, retorno para o hospital e a visita sem agendamento prévio.

"Doutora, que bom que está aqui. Agora não tenho medo de morrer com você do meu lado. Estou bem. Preciso dos meus óculos e do relógio."

Eu, que sou míope, entendi perfeitamente a dignidade do que é ter os óculos na face. Mas o relógio? Pensei que ele não tinha tempo a perder, ou desejava controlar o tempo que resta, ou ainda, saber a hora da visita.

"Doutora, o relógio era do meu avô e foi meu pai que me



Freepik

deu antes de morrer. Quero morrer com o relógio, depois dê para a minha filha."

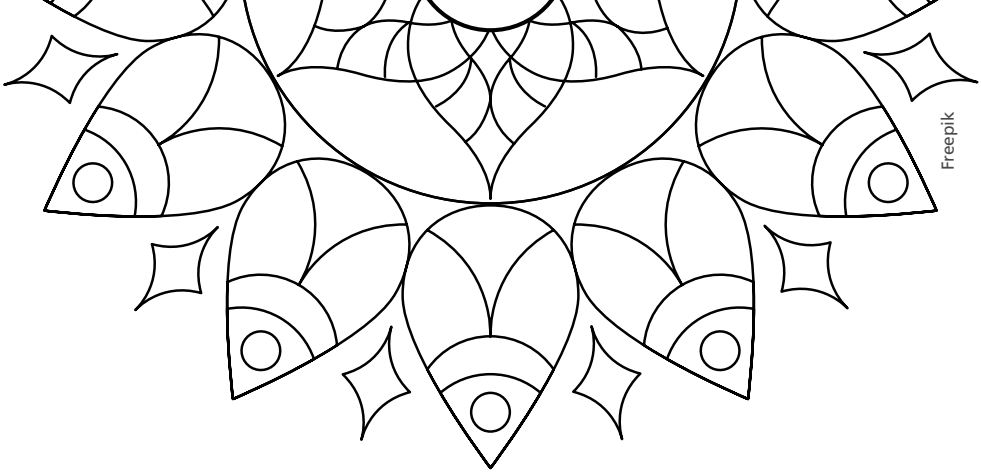
Conte comigo para essa missão! Como a morte pode ser mais simples do que os vivos pensam. Mas o processo do morrer é complexo e me parece depender da vida de cada um, das suas elaborações, sentimentos, conexões e afetos.

Ele viveu mais três dias. Foi paliado no quarto do hospital. Entendeu que ir para casa seria de grande sofrimento para a esposa e mudou de planos quando entendeu que morrer é uma experiência pessoal, mas também de quem fica por estas terras, geralmente a família e alguns poucos amigos.

Morreu sorrindo, disse que não tinha dor no corpo, mas a dor da alma, daquilo que não viveu, iria levar para onde fosse. Agradeceu com o sorriso.

Ele estava bem vestido, apesar de magro e me olhava profundamente no velório. Usava óculos e o relógio estava ao lado na sua última cama com flores.

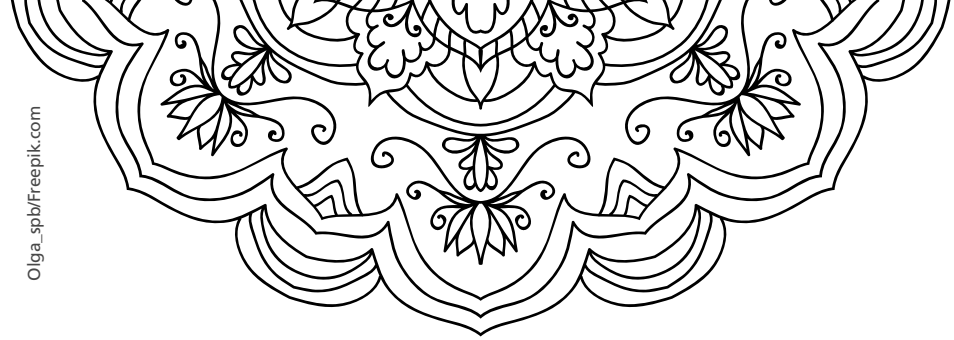
Imaginava que diante da morte diríamos coisas lindas como amor, o perdão ou o sentido da vida. Eu disse sorriso e uma lágrima discreta. Muda e cheia de palavras.



Freepik

O último ato

Quando o tempo é escasso
Quando a saúde ausente
Quando a força acaba
Qual é a palavra?
Olho com olho
Palavra com palavra
Sentimento com sentimento
O último ato na vida
A lágrima
O suspiro
A mensagem
O sono
Talvez o eterno
Sofre por si
Angústia pelo outro
Tristeza pela história que não será



Olga_spb/Freepik.com

Soneto científico

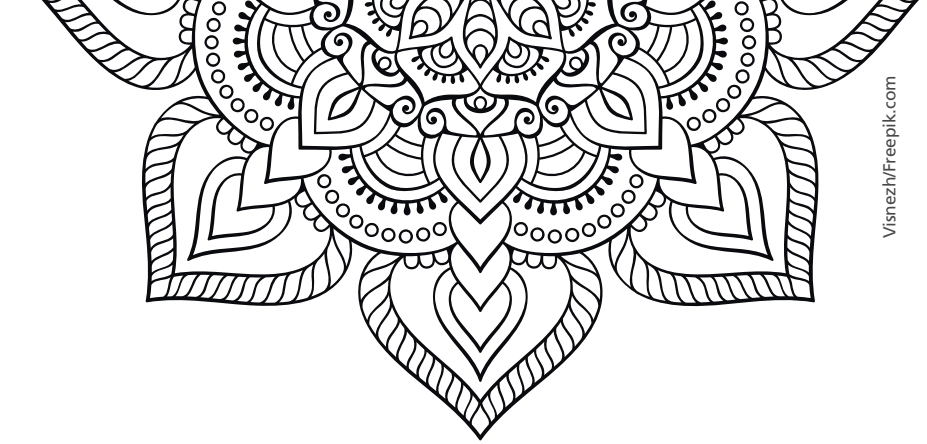
Valéria Cristina Scavasine
Pseudônimo: VCS
e-mail: valeriascavasine@hotmail.com

Você é meu conflito de interesse,
Que veio de um viés de seleção.
Meu único critério de inclusão
Era quem meu coração escolhesse.

Esse teu olhar questionador parece
Citar um artigo de revisão
Que reluta em virar publicação
Sem que antes minha paixão eu confesse.

Retrospectivamente analisando,
Minha amostra, sem você, foi ficando
Estatisticamente sem valor.

Se a vida é um grande banco de dados,
Fomos um para o outro randomizados,
Duplamente cegados pelo amor.



Visnezh/Freepik.com

Soneto do AVC

(paródia de Vinícius de Moraes)

De repente o sorriso fez-se torto,
Silencioso como a disfonia,
E da boca muda fez-se a afasia,
E o braço espalmado caiu morto.

De repente, da calma fez-se a agitação,
E o olhar ficou desconjugado.
E do coágulo fez-se a oclusão,
E o que o era móvel ficou paralisado.

De repente, não mais que de repente,
Fez-se de frágil o que se fez protetor,
E de fardo o que era independente.

Fez-se do filho caçula o cuidador,
Fez-se da vida *delirium* e dor,
De repente, não mais que de repente.

Freepik

Contradição

Carlos Homero Giacomini
Pseudônimo: **Antônio Prado**
e-mail: chgiacomini@uol.com.br

Fatos, fantasias, sonhos, mundo real.
Lições sentidas na pele, na mente, no coração...
Iguais, repetidas lições... De medo, repetições.
A muitos olhos o mundo é todo uma grande farsa.
E muitos olhos no mundo só enxergam ameaças.
Tudo é hostilidade. Contatos queimam, abrasam.
E há vital necessidade de estima, benevolência,
que mate esse medo tanto que mata a existência.

Juras de amor aos homens,
a toda espécie humana:
ilusão que desfeita revela
o dilema de quem espera,
sendo hostil, afeição.
Infeliz contradição:
a dor afogar no amor que existir,
mas qualquer amor sufoca
o ser mesmo que suporta
a dor que não quer sentir.

***

Mundo líquido

Quando uma coisa como a que se prenunciava teria acontecido?

As guerras, por mais sangrentas, deixaram intocada grande parte da humanidade; os genocídios não alcançaram a todos os povos. Quem sabe a peste bubônica? A gripe espanhola? A grande depressão? A todas, a humanidade tinha sobrevivido, mas e agora? Nada até então tinha sido vislumbrado como tão potencialmente destrutivo. Uma tragédia que se anunciava global, talvez cósmica. Mas não de todo imprevista. Houve sinais de que aconteceria. Muitos tinham intuído, para logo depois sentir e, por fim, dizer e repetir: alguma coisa estava errada. Uma bolha contaminante crescia a partir do umbigo do mundo e, certamente, mesmo as maiorias presas na indiferença não ousariam discordar, algum efeito produziria.

Os sinais não foram expressivos, mas, embora por longo tempo tenha permanecido como um vago mal-estar, a coisa se agudizava. Logo o mundo, carcaça combalida, gemeria agonizante. As estruturas da sociedade dos homens caqueleavam como canequinhas esmaltadas que ao caírem no chão começam a se estilhaçar e, mesmo depois de seguras nas mãos, assim prosseguem causando arrepios.

É verdade que as instituições tentaram reagir. Como em noitadas de forró com turista, tinham se posto a dançar: homem com homem, mulher com mulher, ao som de berimbaus e balalaicas, merengue e samba quadrado, com ou sem rebolado, na rua, na chuva, na fazenda. Foram tentados novos líderes, velhos discursos, juros pra lá e pra cá, poções, pacotes e que tais. Efeitos colaterais enregelavam empregos e espinhas, extinguiam consumo e consumidores, financiamentos, financiadores, e a vergonha na cara. O mundo dava os últimos passinhos

de dança louca ao som de tuba com gato, piruetava levemente, e... parava.

Genésio sabia. Poderiam sabê-lo todos os que tivessem usado as mortais antenas, mais um leve esgar do olho do centro do osso frontal do crânio, que nos últimos tempos brotara em Genésio. Ele até tentara alertar: tartamudeara emocionado, lancinara enfurecido, vagueara vociferante dislálico; desenhara, gesticulara e, reiteradamente ignorado, partira solitário para os preparativos.

Seu frenético ir e vir não chamou a atenção, uma vez que as pessoas eram onidesatentas. As sucessivas cargas do veículo, desembarcadas sob o acobertamento daquele guarda-sol, fizeram apenas com que os vizinhos dessem de ombros, pois as esquisitices de Genésio eram velhas conhecidas e o guarda-sol, velho também. A casa ficou atulhada, sótão e porão reservados para a água. Genésio estourou os cartões de crédito, e os credores que se lixassem, pois em breve, ele sabia, a ordem do mundo não faria sentido.

Em meio a movimentos com pinta de alucinações paranoides, mediante tremores furtivos descontinuados, lalações sussurradas incompreensíveis, só se podia esperar que a família mudasse. Sob juras de fé e esconjuramentos, um desolado Genésio viu a filha ir para a casa do namorado e o filho adolescente para uma república de estudantes. Ficou só ele e a velha.

Durante dias dedicou-se a esmiuçar suas providências, analisando riscos e traçando planos que o pusessem seguro da sua capacidade de resistir. Revisou os estoques de remédios, livrou-se de uma parte dos materiais de limpeza e baniu da cabeça a ideia recorrente de ficar muitos meses sem tomar banho: adquiriu todo o estoque de lenços higiênicos que encontrou.

Mas eis que as catecolaminas se exauriram e Genésio, contrariado e ansioso, viu-se a pensar que suas minuciosas providências, por mais que muitas vezes as renovasse, seriam sempre irrelevantes. Quanto tempo aguentaria? Veria outra vez rodarem as engrenagens do mundo? E se tal acontecesse, algum sentido novo lhe seria acrescentado? Deixaria da luta contra si próprio: Genésios divididos presos à mesma ilha infeliz?

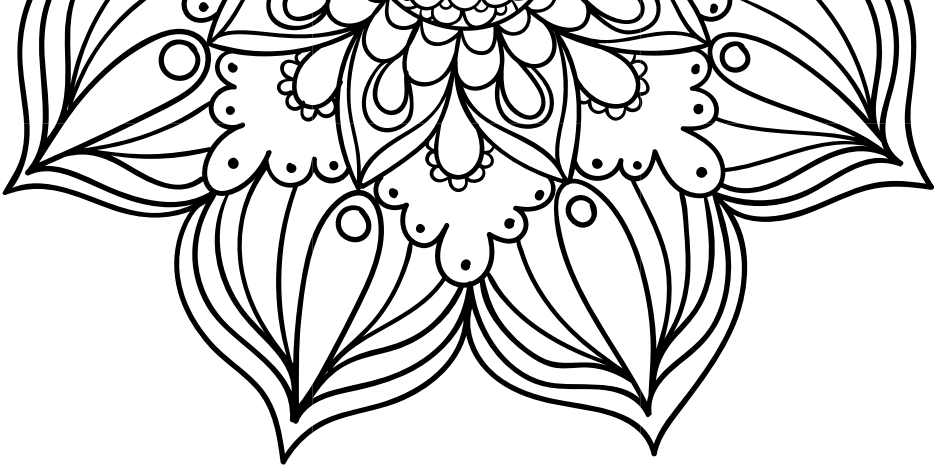
Sentiu-se mal mais uma vez, de um mal ainda não sentido vez nenhuma. Lúcido, pediu aos filhos que voltassem. Disse que de louco todo mundo tem um pouco e é o mundo o pai dos loucos; com um pouco de sorte, um dia eles entenderiam, não o mundo, mas o fato de serem um pouco loucos também. Queria que soubessem, lutara sem nenhuma originalidade, o que fazia da sua, a luta mais genuinamente humana. Resignara-se às opções a ele desde sempre oferecidas, exercendo os papéis de funcionário, escoteiro, rotariano, pessoa física e aeromodelista. Nos dias recentes, tinha abraçado aquela que, por um instante, pareceu ser a mais original de suas batalhas: acabar seus dias como a personalização da resistência à implosão da nave-mãe naufragada em sua sofreguidão, lançada aos destroços na praia solitária da alucinação de sobrevivência, com ele na liderança. Mas caíra em si. Caíra mais do que jamais caíra, num buraco bem ao fundo, onde era capaz de gozar o intenso gozo dos, enfim, sagazes gozadores.

Não se desculpava nem queria compreensões, não havia explicações a dar nem perdões a conceder. Simplesmente enxergava, e queria apenas juntar os cacos e aprisionar para sempre o que sentia. Sonhava tão somente com a possibilidade de que pudessem, ele, seus filhos e a velha, beberem, resignadamente, do mesmo cálice embaixo, naquelas fontes abissais.

Dito isso, que lhe soou como tudo, que mais haveria a dizer? Agora era agir, como sempre fora de seu caráter, meter mãos à obra, fazer o que importava: convidou a velha para jantar – e que não estranhasse seu apetite – e depois para o teatro, ou vice-versa.

E o mundo líquido que se louquefizesse.

Freepik



Filosofia curumim

Afrânio Melo
Pseudônimo: **Curumim**
e-mail: afraniomelo70@gmail.com

Navegando em tua seiva,
obedeço o trajeto do lenho,
levando esperança aos confins.

Vai, curumim,
rema aonde o *liber* jorrar,
seja na popa ou proa,
a vida trará,
com o afago da mata,
uma cunhatã para cuidar.

(Poesia que relata a filosofia de um serviço médico a ser desenvolvido no estado do Amazonas, minha terra natal, onde devo retornar ao término da residência médica).

Lili

Marilene Madsen
Pseudônimo: **Toty**
e-mail: marilenemadsen@gmail.com

Ela se chamava Lili. Tinha nascido nos confins do mundo, numa minúscula vila perto do barranco de um rio. Do outro lado do rio se falava outra língua, uma algaravia que Lili tentava entender. As pessoas eram diferentes, pareciam muito iguais entre si, todos tinham cabelos negros e olhos amendoados, caras largas de maxilares proeminentes. De quando em quando os pais de Lili cruzavam o rio para comprar quinquilharias, sedas para vestidos, panos coloridos, enfeites vistosos para serem usados nos trajes de festa da vila e vendidos no armazém da família. Lili gostava muito dos tecidos e daquelas coisas todas. Gostava de tocá-las, de cheirá-las, de esfregar nelas a pele e sentir as texturas.

A escola era só para aprender a ler, escrever um pouco e fazer contas. Já bastava, dizia o pai. Lili não se importava pois sua maior diversão era enrolar-se nos panos que a mãe costurava e brincar de inventar modelos, drapeados, laços, xales, decotes. E, sem querer, foi aprendendo a cortar, a cerzir, a emendar, a costurar suas invenções. Aos 17 anos obteve permissão para trabalhar na cidade vizinha, lá havia gente rica, de posses, tinha um cinema com um pianista que tocava as músicas parecidas com o que se via na tela embaçada. Também tinha uma sociedade que fazia bailes em ocasiões especiais, estes muito elegantes e proibitivos a Lili, a simples balconista do armarinho de seu Pedro. Mas ela sonhava que um dia iria lá dançar com um cavalheiro, usando um de seus vestidos esvoaçantes e vaporosos.

Lili trabalhava durante o dia no armazém e de noite em seu pequeno quarto inventava coi-

sas. E um dia no armarinho, apareceu o mancebo. Alto, olhos azuis, empertigado, boas maneiras, terno branco de linho bem cortado. O interesse foi mútuo, olharam-se, ele comprou a gravata que buscava, convidou-a para o baile da sociedade. Ela corou, nunca havia visto homem tão gentil e tão bonito, aceitou o convite e passou o resto da semana massacrando sua pequena máquina de costuras, imaginando o dia do encontro.

Ele foi buscá-la em um calhambeque lustroso, bem cuidado. Gentilmente abriu-lhe a porta e lhe deu a mão para que se acomodasse. Nada haviam conversado até então, ela ouvira meia dúzia de palavras apenas para constatar que a voz era máscula, bem posta. Entraram no salão como nobres: nariz em pé, sorriso nos lábios, a mão dela apoiada na dele, magnificamente trajados. Muitos se voltaram para olhá-los, medi-los, perguntavam-se de quem se tratava. Dançaram a noite toda, ele a conduzia com delicadeza e ela seguia seus movimentos como se dançasse desde que nascera.

Dois meses depois se casaram. Pouco haviam conversado e intimidade nenhuma havia acontecido, apenas beijinhos na bochecha, como era próprio às moças direitas da época. Lua de mel não havia, pois era luxo dispendioso. Foram da igreja para sua casinha, arranjada pelo mancebo e bastante humilde. Conversaram banalidades e então chegou o momento que Lili sonhara, esperara, imaginara e enchera de ilusões. Ele lhe deu espaço e privacidade para que se banhasse e colocasse sua camisola nupcial, esperou-a sentado na cama grande já despido e sem pudores. Ela saiu timidamente da casa de banho, envolta em sua *lingerie* branca, virgem

como ela. Ele a olhou, mediu-a de cima abaixo, levantou-se nu em pelo com sua masculinidade vibrante e ereta, aproximou-se lentamente, despiu-a sem cuidados, empurrou-a sobre a cama e penetrou-a sem dizer palavra, sem carinho, sem cuidados.

Lili gemeu de dor, encolheu-se como pôde e tentou escapar do abraço apertado que a sufocava. Rubra de vergonha e decepção, deixou as lágrimas banharem seus sonhos, levando-os embora na desilusão da brutalidade. Momentos depois, ele se jogou ao lado dela, sorriu-lhe docemente, acariciou-lhe a face e se retirou para a casa de banho. Lili permaneceu ardendo na alma e na genitália, sangrando sua virgindade e chorando seu mundo perdido.

Carlota

Carlota cresceu num buraco arenoso onde as gentes eram alegres, porém medíocres. A única diversão era o cinema do domingo, acompanhada pela tia mais velha. De manhã, a missa das dez. A lenga-lenga do padre era monótona, cheia de coisas que Carlota não entendia. Mas podia olhar de revés o lugar onde ficavam os homens, separados das mulheres por um largo corredor. De vez em quando havia uma cara interessante. Mas nenhum deles fazia seu coração de quinze anos disparar.

Um belo dia, aconteceu. O rapaz era espigado, cabelo caindo na cara maliciosa, olhar travesso de quem se achava o rei do pedaço. E Carlota se derreteu. Casou-se novinha, fez uma filho, colecionou as mentiras do mancebo, zangou-se...até que ele a deixou.

Mudou de cidade, grudou o pequeno na barra da saia, foi para a capital. Foi estudar.

Estudaram juntos, mãe e filho, cada qual em sua tarefa. E veio o diploma tão esperado, dinheiro curto, mal dava para um sorvete no final de semana. Mas Carlota estava feliz, havia penetrado em um mundo dantes proibido, agora desvendava segredos, descobria razões, mergulhava no poço do conhecimento mágico, até então desconhecido para ela. Estudava, lia, perguntava, queria mais. Seu pequeno seguia meio sozinho a seu lado, cobrava atenção, pedia carinho. Mas Carlota não tinha tempo. Mal o via.

Assim o tempo passou. Veio a formatura, a especialização, a carreira. Carlota se transformara em uma esplêndida profissional. E seu pequeno já era moço, carente sempre da mãe que não tivera e do pai que mal conhecia. Veio também seu diploma, seu futuro, seu caminho. Carlota chorava de vez em quando querendo ter de volta os olhinhos cheios de amor de seu pequeno, entendendo que a vida não dá segunda chance... basta uma oportunidade por vez. E ele se tornou um homem culto, bonito, elegante, educado, ético. E Carlota foi envelhecendo olhando agora de longe seu rebento, tão independente, tão...do mundo. E seguia chorando pelos cantos lamentando o que perdera ao longo do caminho.

Agora Carlota era a velhinha tentando não perder sua memória, exercitando-se como podia para não atrofiar seus músculos, mantendo-se ativa como podia. Não tinha ninguém...só seus livros, suas histórias fantásticas, suas lembranças recheadas de personagens reais. Seu menino tinha sua vida, seus amores, seus caminhos. E Carlota continuava chorando pelos cantos de seu apartamento vazio e frio...olhando o futuro com seus olhos embaçados e meio mortos. Entendendo que seu ciclo terminara...e querendo vender a alma para viver de novo alguns anos atrás.

O velho médico

João Carlos Simões
Pseudônimo: **Leonardo Da Vinci**
e-mail: drjcs@uol.com.br

"*La veritá sola fu figliola del tempo*"

Ele estava sentado junto à escrivaninha e colocou seus óculos para ler o Jornal: a corrupção endêmica dos políticos, o dólar subindo, vaidades incontidas, carros e mais carros invadindo as cidades e atropelando pedestres, a fome do mundo, crianças famintas e abandonadas, a suposta e pouco provável cura do câncer...

Ele retirou os óculos. Fechou os olhos. Quis que o mundo parasse para ele descer.

Fez uma reflexão saudosa do tempo que passou pela sua vida: "a vida é curta, a arte longa, o julgamento, difícil...."

Passou as mãos pelos cabelos brancos e escassos.

Olhou-se. Seus olhos com as pálpebras enrugadas e sua retina cansada refletida na janela e viu as rugas que vincavam sua face, a barba branca.

Apanhou uma foto à sua frente e se viu com a esposa, ambos ainda jovens e com as crianças.

Como o tempo passa rápido. As crianças, hoje, são todas adultas. Ele, sempre tão ocupado com os pacientes, nem percebeu como as crianças cresceram. Todos encaminhados na vida profissional. Alguns já casados e com filhos.

Ah! Os netos! Que alegria conviver com eles: era como se voltasse a ser pai novamente. Com mais experiência, com mais doçura e sem a pressa maligna...

Sua mão, de repente, se deteve no estetoscópio que estava sobre a escrivaninha. Aquele velho estetoscópio do velho médico...

Ganhou de presente do seu avô quando ainda era acadêmico do primeiro ano de medicina – foi o presente mais significativo que havia ganhado em toda a sua vida!

E repetiu aquele gesto de colocá-lo na orelha e sobre o seu pró-

prio peito escutando o seu coração que agora batia mais forte, recuperando uma emoção de quando era um médico novel e queria tratar e cuidar das pessoas com muito amor e dedicação.

A mesma emoção hipocrática e pura do relacionamento humano interpessoal com o doente que sofre. Que precisa ser cuidado. Que precisa das nossas mãos sobre as suas mãos – o gesto médico mais importante. Mãos que precisam examinar o seu corpo. Que, também, sentados escutemos o que o paciente tem para nos falar (a cadeira é a maior invenção da medicina)

Será que o velho médico, velho professor de medicina, ainda poderia, hoje em dia, ensinar alguma coisa para seus estudantes de medicina?

Será que aquele velho gesto de colocar o seu estetoscópio sobre o peito de um paciente ainda significaria alguma coisa para essa nova geração tão sufocada e aflita com o tecnicismo cada vez mais sofisticado?

Tudo passa na vida. A vida é breve e frágil. E para cuidar da fragilidade da vida é que existe o médico. Lembrou-se de alguns dos seus pacientes que morreram apesar de ter sido feito todo o possível. Lembrou-se de poucos professores, verdadeiros paradigmas para ele.

Lembrou-se de vários colegas, alguns vocacionais e de presença muito marcantes. Outros, nem tanto, se afastaram pelos conflitos de interesses e pelos caminhos da vida. Alguns ex-estudantes que foram profundamente desrespeitosos e desinteressados. Mas tudo passa. A medicina é a ciência das verdades transitórias como a própria vida.

O jovem médico repetirá o mesmo e sempre longo, árduo e áspero caminho da medicina. Porém, será deles a esperança de transformar, melhorar e dar alegria ao caminho tão corrompido pela estupidez das políticas delirantes dos governos e das ideologias que não combinam com a saúde.

E ali ficou, o velho médico, escutando o seu coração que batia acompanhando os segundos do tempo que passam, inexoravelmente, e não voltam mais...

Do meu filho

Carlos Frederico de Almeida Rodrigues
Pseudônimo: Frederico Rodrigues
e-mail: rodriguescfa@hotmail.com

Eu recebi...
A poesia de uma seca folha
A tristeza do pássaro que...
para longe voa.

A alegria de sentar ao lado.
O cansaço de um sapato molhado.
Ah! Essa incompletude...
Essa incompletude...
De uma vida por um fio...
de barbante.
Que linda.

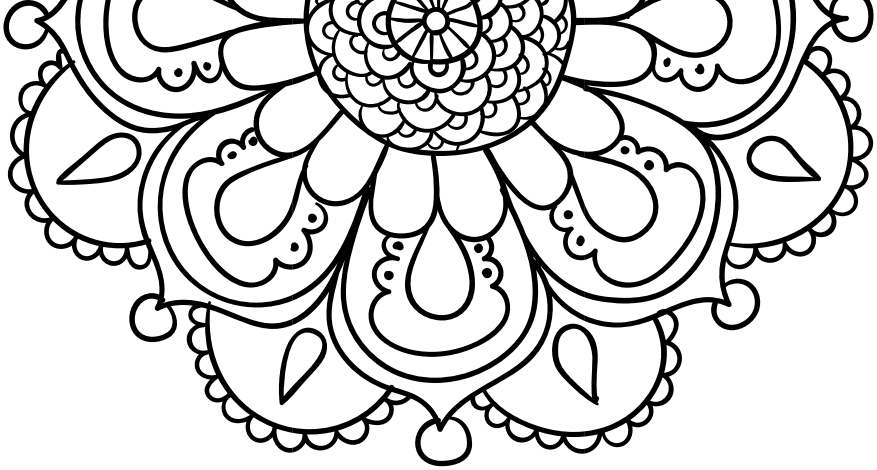
***

Primavera no parque

Nos encontrávamos uma ou no máximo duas vezes por semana. Os horários eram os mais variados, parecia que havia uma sintonia. Às vezes de manhã cedinho quando a névoa e o friozinho ainda não haviam se dissipado, outras durante uma modorrenta tarde calorosa e, de vez em quando, ao cair da noite fresca.

Nossos encontros duraram alguns meses, não me recordo quantos, hoje me parecem anos. Conversávamos sentados em um banco, ou caminhando por entre as flores e veredas do parque.

Freepik



Freepik

É preciso dizer que não era exatamente um parque, talvez estivesse mais para uma praça; porém, para uma criança, as quatro entradas que formavam como que uma cruz, um centro de quatro árvores frondosas agrupadas em meio ao concreto que do lado de fora engolia tudo. A estátua do caudilho de plantão ao centro da praça, majestosa e sombria. O movimento das pessoas apressadas, dos automóveis apressados pelas pessoas, e o improvável silêncio no interior da praça, davam a nítida sensação de que se tratava de um parque.

Ao fim de uma hora de conversa, não importava o momento do encontro, meu mestre (chamemos assim) levantava-se, sorria imóvel e despedia-se suavemente. Íamos, então, cada um para sua direção. Em minha cabeça, ao menos na época, prendia-se sua forma de vestir-se. Era uma maneira de vestir-se esquecida, tão sóbria que era impossível recordá-la.

Na grande maioria das vezes, ele não falava muito. Contava-me coisas, alcançava lembranças, esquecia tristezas e criava memórias. Enquanto conversávamos, não me falava apenas com as palavras; sua fala correspondia ao ritmo de seus olhos, na verdade, seu olhar parecia me convidar para outros mundos, marcando o tempo de nossa

conversa. Um tempo que vinha de onde eu não estava e que me levava para onde eu não desejava. Um tempo incontável de aberturas e descobertas.

Havia – mais do que tudo – os largos silêncios, que evocavam os sons de sua mente, libertados por seu olhar.

Eu saía de casa, tomava a rua que ladeava o parque, sabendo de antemão que iria encontrá-lo. Podia vê-lo de longe e sempre me parecia um pouco inquieto, não sei se por esperar por mim ou por outras esperas. O terminal de ônibus ao lado do parque sempre mostrava seu espetáculo humano, onde vendedores de loteria misturavam-se com vendedores de comida e mulheres da vida, além, é claro, daqueles que trabalhavam, sonhando em conseguir na loteria uma vitória para melhorar seu repasto e poderem deitar-se com uma mulher que cobrasse mais caro. O olhar do meu mestre sempre parecia depositado nesse ponto até que eu o interrompesse.

É incrível como hoje penso naquele ponto, na pequena loja de livros (não se pode chamar de livraria) e no armazém que ficava ao lado e que visitamos uma vez e me parecem *souvenires* de outra época.

– Nesta livraria – assim se referia o mestre –, viveu um grande escritor. Partiu do país e nunca mais voltou, nem seus livros voltaram.

– Você viveu por aqui também?

– Aqui e ali, sobrevivi em todos os lugares, por estas ruas e outras mais distintas. Muito distintas – disse, olhando-me nos olhos.

– E eram amigos, você e o escritor?

– Amigos durante o dia, companheiros ao anoitecer.

Conhecíamos o parque e o entorno, suas delícias e perigos.

Vivíamos errantes e errando.

Um dia o parque encheu-se de indígenas e camponeses sem terras. Unidos por um ideal comum: os primeiros, por terem suas terras usurpadas, os segundos, por nunca terem tido terras. O lugar mudou completamente. Essas pessoas viviam ali, cobrindo com suas misérias os aromas e textu-

ras do parque. Eram muitas e o parque parecia pequeno, pela primeira vez transmutando-se em praça. Homens, mulheres e crianças que ali viviam sua vida de violência, a violência da miséria e usura humana. Ele os olhava deslocar-se, detidamente, e em seus olhos pude ver a verdadeira piedade humana. Nos olhos vivos daquele senhor de estórias, em face ao espetáculo de dor que se fez presente frente a nós, vi a piedade humana. Durante esses dias, quase deixamos de nos encontrar; entretanto, enquanto durou aquela presença, nossas conversas tornaram-se sombrias como um romance inacabado.

– O ser humano é sempre o mesmo. Seu sofrimento é o mesmo, desde as neves de Boston até o calor de Havana.

– Mas é aqui nesta terra, que dói em mim – respondi sem pensar.

Encarou-me com certa surpresa, não creio que esperasse essa resposta de alguém tão jovem. Embora fosse a mais pura verdade.

– É assim mesmo, meu filho.

Fechou-se em si mesmo, seu silêncio embebido em recordações e memórias distantes.

– Triste terra, triste terra. Tu vais morrer.

– Como, senhor?

Voltou-se para mim: – Tu vais morrer. Um verdadeiro amigo é aquele que te alerta disso.

Com um sorriso curto, apertou-me o ombro e partiu em direção ao ponto de ônibus. Parou, creio que já não me via, observou um momento, tomou o coletivo e se foi.

Hoje toda aquela experiência humana desperta nas ruelas e parques, entrelinhas e páginas, da cidade que me escolheu como filho; bate desesperadamente em meu peito enquanto as horas se findam, as guerras continuam, a miséria se alastra, as marés sobem e sofrem sempre os mesmos.

Sobre escolhas e organização

Alexandra Pires Grossi
Pseudônimo: **Ale**
e-mail: allepires@yahoo.com.br

A gente chega ao mundo peladinho e sem um certificado de garantia! Assim mesmo e pronto. Chegamos.

Trazemos uma vasta carga genética, em sua maioria até hoje completamente desconhecida. Surpreendente, cheia de minuciosos detalhes, inacreditáveis; cheia de imperfeições também, inesperadas, ao acaso ou de acordo com a estatística da geração. E lá vamos nós, editados e editores dessa herança estabelecida, com resiliência e sabedoria para aceitar o que não muda e esculpir o que é argila do DNA.

O Universo continua aí, a despeito do que ocorra dentro das nossas paredes; a Força criadora, a divina e a cientificamente comprovada, com todas as suas intersecções e abduções, com a comunhão que devem ter. Continua nas transformações seculares, pairando acima de telejornais, alegrias e tristezas tão particulares...pairando soberana.

O que temos, peladinhos e sem certificado de garantia, é o agora. É este momento. Que não pode ser fantasiosamente irresponsável, mas em que, de modo semelhante a nossa herança, somos editados e editores. Em que podemos interferir de forma absoluta, onde mínimas modificações podem transformar de forma avassaladora.

Um amigo disse que a qualidade de vida depende de escolhas e de organização. Lampejo de sapiência. Sempre me lembro disso.

Posso optar por uma edição organizada, procurando sabedoria nas escolhas, usando o bom senso, a gratidão, a edu-

Freepik

cação, a hierarquia do meu coração. Não é nada fácil. O bom senso às vezes é fujão! A sabedoria pode ser prolixa. A gratidão tem que ser em grande escala, profunda, para não sucumbir a tanta vaidade. A educação hoje está em extinção. E a hierarquia do coração...ah, essa existe, está lá, mas nem sempre é reconhecida com lucidez e, quando o é, pode ter muitos algozes.

E voltamos para os peladinhos sem a tal da garantia. Que têm DNA, escolhas organizadas e edições a fazer.

As flores só têm sentido se as cores estiverem estampadas nos olhos e a beleza, nos lábios sorridentes e acolhedores.

O que temos é o momento presente, a dádiva de cada dia.

Transparecer

Ana Flávia Filus Tinós
Pseudônimo: **Les**
e-mail: anaflaviatinos@yahoo.com.br

Não sei por que ainda insisto em conviver
Junto de teu ser
Eu sou invisível para ti
transparente
Estranhamente me sinto bem
Pois seus olhos não me veem
Mas suas palavras me alcançam
E me dilaceram
Pelo simples fato de serem suas
As palavras
Me afundo nas letras de tua boca

Não reclamo
Isso me rende a mentira dos poemas
Verdadeira poética sobre você
Você não me vê
Mesmo com essa transparência
Que visto quando sei que há possibilidade de te ver
Suas palavras são bonitas
Eu creio nelas, você sabe
Porém sua transparência é opaca
Como vidro sujo
Cheio de sebo

Dedos
E palavras bonitas

Archjoe/Freepik.com

Você não me vê
Apesar de minha translucidez
Mas eu te vejo
E gosto dessa lente embaçada
Impossível de ser limpa
Combina contigo

AMARGOR

Sento na varanda lilás e branca
A esperá-lo
Havia posto mesa para dois
Duas xícaras de café
Sem açúcar
Nossas conversas seriam tão amargas
Quanto o gin que tomaríamos depois
Escondo o gin no meu quarto, você bem sabe
Só não sabe que me deleito toda vez que
Seus olhos me acompanham a curta caminhada
Da varanda até o quarto

Retorno
Minha boca ainda doce da maçã que comi há pouco enquanto o esperava
A mesa está posta para dois
Molhei meus lábios com o café seu
Encharquei meu peito com o gin seu
Deleitei-me só na varanda lilás e branca enquanto recordava
Suas palavras amargas
Penso em sua língua amarga
E meu corpo amargo unidos por termos
Deveras doces
Eufemismo
Nós cinismo
Avistei você na varanda lilás e branca
Acabou o café
Acabou o gin
Restaram as palavras deveras amargas

Penicilina G benzatina

Ronaldo Paiva
Pseudônimo: **Teófilo Silva**
e-mail: ronaldopaiva@sercomtel.com.br

Mais um dia puxado no pronto-socorro. De urgência e emergência não havia nada. O que ali havia de mais grave era a sua vontade de que o plantão terminasse logo.

Ela não aguentava mais atender aquelas queixas de "dor nas costas há seis meses", "tem uma bola na garganta que sobe e desce", "dor de cabeça que piora quando briga com o marido" e por aí vai...

Podia até suportar trabalhar fora da especialidade a que se dedicara por três anos na residência médica, a terapia intensiva; mas ficar atendendo a consultas de posto de saúde em serviço de urgência, isso ela não se conformava. O problema é que, no início da carreira, não dá ficar selecionando emprego. Quem sabe, com o tempo, poderia largar aquele plantão em hospital público de periferia.

Pior era, na segunda-feira, quando vinham aqueles marmanjos com sintomas vagos e pediam atestado médico pela falta no trabalho:

– O senhor está em perfeitas condições de trabalho. Eu vou lhe dar uma declaração de que o senhor esteve aqui, constando o horário de chegada e de saída do hospital. Não posso dispensá-lo do seu trabalho!

Já estava ficando imune às reclamações dos usuários.

Ali aparecia todo o tipo de paciente, desde aqueles com um nível cultural mais elevado, mas que não conseguiam pagar um plano de saúde ou uma consulta particular, até os mais miseráveis da região. Ela não era preconceituosa, mas já tivera alguns problemas com alguns indigentes alcoolizados.

Por isso, aquela consulta não lhe pareceu muito agradável quando viu na ficha de atendimento que, no lugar da assinatura, havia uma impressão digital: o paciente a ser atendido era tão excluído que, além de analfabeto, não sabia sequer assinar o próprio nome. Porém, quando entrou aquele senhor idoso sorridente, com um amável cumprimento de bom-dia, sua impressão inicial mudou.

Era um velhinho adorável, com uma conversa cativante. Apesar de muitos pacientes para atender, prolongou um pouco a conversa, chegando mesmo a desviar da história clínica para assuntos diversos. Como foi tranquila aquela conversa, como havia se entendido tão bem com aquele senhor: isso sim que é exemplo de uma boa relação médico-paciente! Ao fim da consulta, após o exame físico, o diagnóstico – faringoamidalite purulenta.

– Seu Antônio, o senhor precisa tomar antibiótico para esta infecção de garganta. O senhor já fez uso de penicilina intramuscular?

– Oh, minha *santinha*, já usei uma vez sim, faz muitos "ano".

– Então aguarde ali naquela sala, que a enfermeira vai preparar uma dose de penicilina benzatina e já vai aplicá-la no senhor.

Pensou consigo mesma que todos os pacientes podiam ser assim, amáveis e afetuosos, que o plantão naquele lugar seria um prazer.

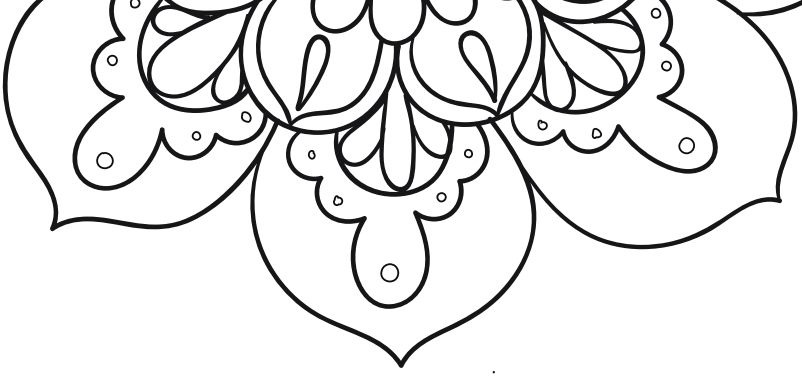
Continuou o atendimento dos outros pacientes, até que, em determinado momento, a enfermeira entra apavorada no consultório:

– Doutora, venha à sala de emergência, rápido!

Qual não foi a sua surpresa ao encontrar o seu carinhoso velhinho na emergência, pálido, com dificuldade respiratória, com lesões avermelhadas por todo o corpo.

– Poucos minutos após o uso da penicilina, ele ficou assim, disse a auxiliar de enfermagem que havia aplicado a medicação.

– Anafilaxia! Rápido, preciso que você administre oxigênio e que consiga um acesso venoso.



Freepik

Prepare logo a adrenalina, que ele está evoluindo para choque anafilático, gritou a médica, desesperada pela situação do *vozinho*.

E foi aquela correria, piorada pelo despreparo da equipe de enfermagem, não acostumada a casos graves. Felizmente, o paciente respondeu rápido às drogas utilizadas e estabilizou o seu quadro.

Tranquilizada a situação, a médica suspirou aliviada. Pudera. Como poderia ela saber que o paciente faria aquele tipo de reação alérgica grave. Quase que teve que encaminhar o paciente para outro hospital, para cuidados de terapia intensiva. Logo ela, intensivista, teria que transferir um paciente para UTI, para outro colega conduzir o caso.

Mas que caso interessante! Ela sabia que o fato de ter usado previamente determinado medicamento não afastava totalmente a possibilidade deste tipo de complicação em doses subsequentes, mas um anafilaxia naquela idade!

Foi conversar com o seu paciente, já no final do plantão:

– Olha, seu Antônio, quase que o senhor "foi embora". Eu fiquei surpresa do senhor fazer este tipo de complicação com a penicilina nesta idade.

– Pois é, minha fia, da outra vez que eu tomei esta injeção foi o mesmo sufoco que eu passei, quase morri também.

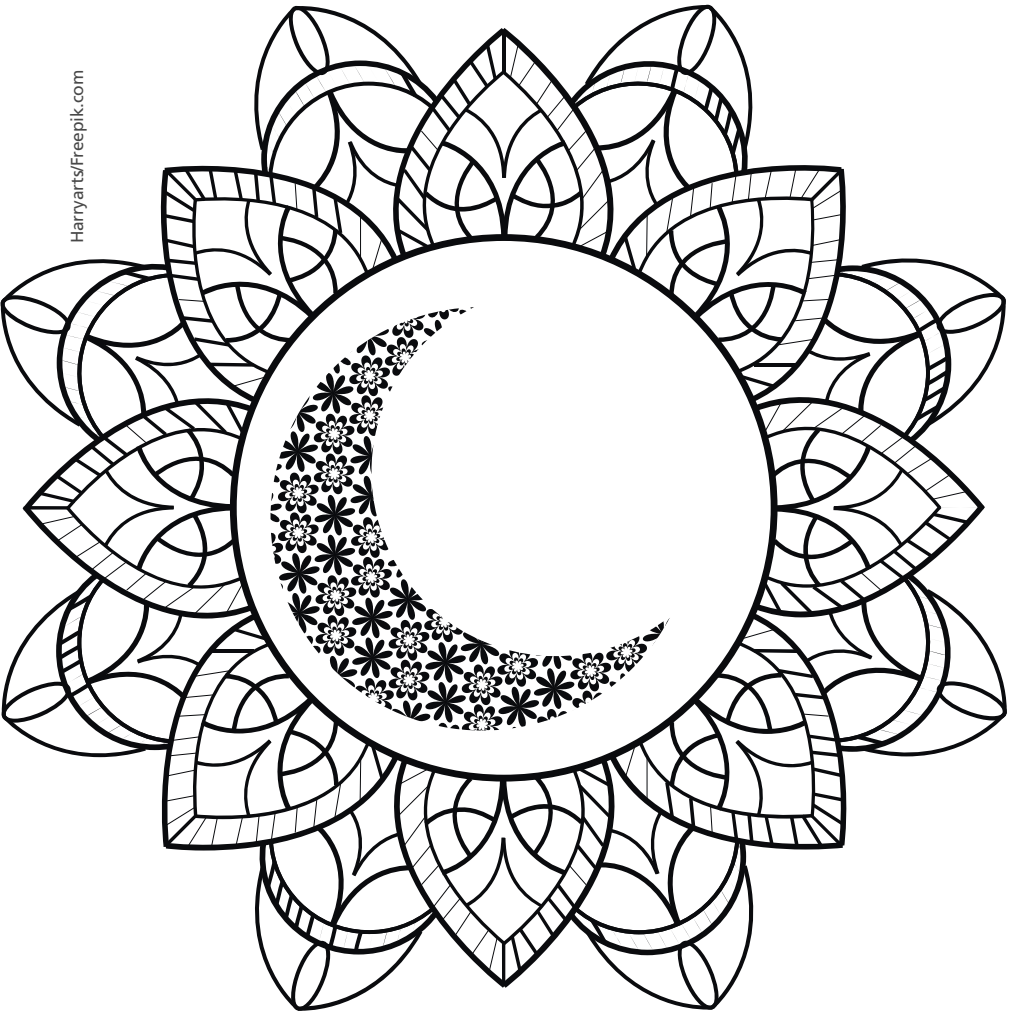
É, talvez a relação médico-paciente não tenha sido tão boa assim...

Materna

Mariana Monclaro Puppi Cardoso
Pseudônimo: **Sarah Hakim**
e-mail: marianapuppi@hotmail.com

Família querida que no meu ventre se fizeste
Brotaste do amor romântico entre dois
Sementes de doçura e ternura
Meu sangue os alimentou
Os fez crescer
E a força da vida os trouxe para fora,
Para o mundo frio e barulhento
Os acolhi em meu seio
Minha seiva os nutriu mais um pouco
Continuam a crescer
Agora os alimento de amor
Amor que pedem e por ele brigam entre si
Querubins mandados dos céus?
Pequenas mãos, olhos curiosos,
Puro coração
Transborda amor
Transborda fofura

Do amor se fez vida
Quanta força tem essa vida,
Que cresce sem parar
Só uma mãe sabe o que é
Ter no ventre o poder de brotar
E no seio o poder de nutrir
E por aquilo que em si se formou, saber zelar
Só uma mãe pode compreender
O amor de sua mãe, da mãe da mãe



E de mãe para qualquer mãe
Cumplicidade
Daquilo que se sabe sentir e viver
Na forma de amor e dor
Que dói sem doer
E cresce sem perceber

O fauno e a ninfa

Valdir de Paula Furtado
Pseudônimo: Eufrásio
e-mail: vpfur@terra.com.br

O fauno gostava de correr pelos campos, muitas vezes brincando com os cordeiros, irritando os cães que ajudavam no trabalho dos pastores, assustando-os com sua feiura. Um dia, chegou à beira de um lago e viu uma linda ninfa se banhando. Extasiado com tanta beleza na sua nudez divina, ficou a observá-la, e voltou à beira do lago por muitos dias para vê-la, já sentindo uma grande paixão. Olhou para seu próprio corpo, coberto de pelos grosseiros, pés de cabrito e, além das orelhas pontudas, sua cabeça que ostentava um par de chifres. Começou a chorar, amargurado pela sua feiura e nesta hora chegou a desejar morrer. Um dia, tomado de tristeza, empunhou sua flauta Pan e começou a soprar uma linda melodia, inspirado que estava pela beleza da ninfa. A melodia soou tão linda que chamou a atenção dela, e a fez procurar de onde vinha. Viu que era o horroroso fauno quem tocava e se enterneceu. "Como tu consegues uma

melodia tão maravilhosa?", perguntou. Ao que ele respondeu: foramtua beleza e o sonho impossível de um dia poder te amar, que me inspiraram. Continuou a tocar, as melodias soavam cada vez mais lindas e aos poucos a ninfa ficou totalmente fascinada. Ele se retirou, mas voltaram a se ver muitas vezes, até que ambos começaram a sentir o momento mágico que a música propiciava, e um beijo e o encontro dos seus corpos acabaram selando o amor que despertara.

Naquele idílio permaneceram por longo tempo, muitos beijos, as lindas mãos dela nas dele que mais pareciam patas e assim o feio fauno e a linda ninfa juraram um grande amor. Ela então convi-

dou-o para subir ao Olimpo, pois queria apresentá-lo aos deuses. Ele, a princípio, ficou emocionado com o convite, porém, pensando melhor, disse que não poderia aceitar, pois era um ser desprezível, indigno de se apresentar aos onipotentes senhores. Ela insistiu dizendo que o corpo podia ser feio, mas ele tinha uma alma cândida e pura, que por certo seria imediatamente reconhecida pelos deuses. Afinal ela conseguiu convencê-lo e um belo dia, antes do anoitecer, estavam subindo o Olimpo. Lá chegando, depararam com os deuses reunidos, em animada conversa, como sempre discutindo prêmios para os bons mortais e punição para os maus. Zeus, ao ver a ninfa exclamou:

"Oh, que deliciosa surpresa, minha doce criança! A que devo o prazer de mais uma vez deliciar meus olhos com tua beleza?". "Não venho só por mim, meus deus e senhor, mas para apresentar meu amor, que aqui está!" Zeus olhou para o fauno com visível desprezo e até repugnância e exclamou: "Oh, minha doce criatura, como podes sentir amor por tão desprezível ser?" A ninfa não se intimidou e respondeu: "Temos estado juntos por bastante tempo e ele tem uma alma bondosa, além de ser sábio e vos adorar!" Zeus então, já impaciente retrucou: "Sou o rei dos deuses e deus de todas as criaturas da terra, não permitirei que tu, uma nereida, linda como Tétis, nobre descendente de Dóris e Nereu, continues a cultivar este amor impossível." A ninfa pôs-se a chorar e o fauno já queria ir embora correndo, mas Ganimedes interveio e serviu a todos uma taça do delicioso néctar, a bebida predileta dos deuses. Com este sábio gesto de Ganimedes, o ambiente se desanuviou um pouco e então a deusa Artemísia interveio: "Permitis, meu pai e meu senhor, que eu participe desta conversa?" Zeus olhou-a com surpresa e até com ar de reprovação, mas ele tinha verdadeira adoração por ela e então aquiesceu: "Está bem, minha amada filha, que tens a me dizer?" Artemísia então falou: "Vós sabeis que eu, nas minhas caçadas, percorro todos os campos, florestas e vales, cruzo todos os rios e lagos, conheço todos os

reinos, tenho amizade com muitos mortais, desde poderosos reis até humildes servos. Conheci há muito tempo o príncipe Jacinto de Tebas, um jovem dotado de grande e máscula beleza, além de ser um valoroso guerreiro e um justo herdeiro do trono. Aconteceu que a ninfa Aretusa apaixonou-se pelo jovem e belo príncipe, que a rejeitou, pois estava tomado de amor pela jovem e bela pastora Mirtes, que apascentava ovelhas nos seus domínios. Mirtes, uma doce jovem, era realmente linda, com seus belos cabelos dourados, seus olhos e seu rosto de uma beleza indescritível e seu corpo maravilhoso que a fazia parecer uma deusa. Aretusa, tomada de ciúme e sentindo-se ofendida e rejeitada, queixou-se à vossa esposa Hera, que transformou o jovem príncipe nesta horrível criatura e a pobre Mirtes em uma ovelha. Neste momento, Zeus dirigiu um olhar de ódio e reprovação para Hera, que ouvia a conversa visivelmente irritada; ela então fez um gesto de impaciência e retirou-se para o gineceu. Enquanto Artemísia contava a triste estória do príncipe Jacinto, os deuses notaram que o fauno começava a se transformar, perdendo os pelos e os chifres, os pés se transformando em humanos e desenhando-se o rosto de um belo mancebo, acabando assim a maldição que Hera lhe infringira. A ninfa então suplicou: "Grande Zeus, nosso deus e senhor, permitireis pois que consolidemos nossa união e vivamos nosso amor?" Zeus estava dominado por grande indecisão: a estória de Jacinto o enternecera, mas não queria desagradar Hera, cujo temperamento ele conhecia bem e era extremamente irascível. Hera neste momento voltou e com seu característico mau humor e desprezo pelos humanos e até pelos semideuses, disse: "Esta donzela inocente nada fez de mal, e portanto concordo em retirar a maldição sobre este jovem, mas a insolente Mirtes não poderá voltar à vida, uma vez que já foi sacrificada e servida em um festim para aplacar minha ira." Todos os deuses ficaram extremamente tristes pela maldade de Hera, porém felizes pela aprovação do rei dos deuses para o amor de Jacinto e a

ninfa. E assim, no correr dos séculos, muitas ninfas, náiades e nereidas se apaixonaram por mortais. Quantos, ainda hoje, têm genes destas lindas criaturas?

Canção

Linda é a aurora, meu bem
Quando o sol que já vem,
Estica seus raios possantes
E deixa seu leito da noite

A manhã então encantada
Para agradar o amado
De ouro e carmim é pintada
E o céu de azul é vestido

Lindo é o sol que há milênios
Brilha no céu sempre igual
Seu calor é vida, é luz, alegria
Mas ninguém o olhar lhe dirige

É generoso mas forte e inclemente
Seus raios afagam mas queimam
São espada e carícia a um só tempo
Por seu poder salvam ou matam

Linda é a chuva bondosa
Que molha a terra sedenta
Que salva a planta que morre
Por falta da água divina

A água que no corpo da flor
Faz pequenas gotas delgadas
Que com o sol vem brilhar
Qual gemas de grande valor

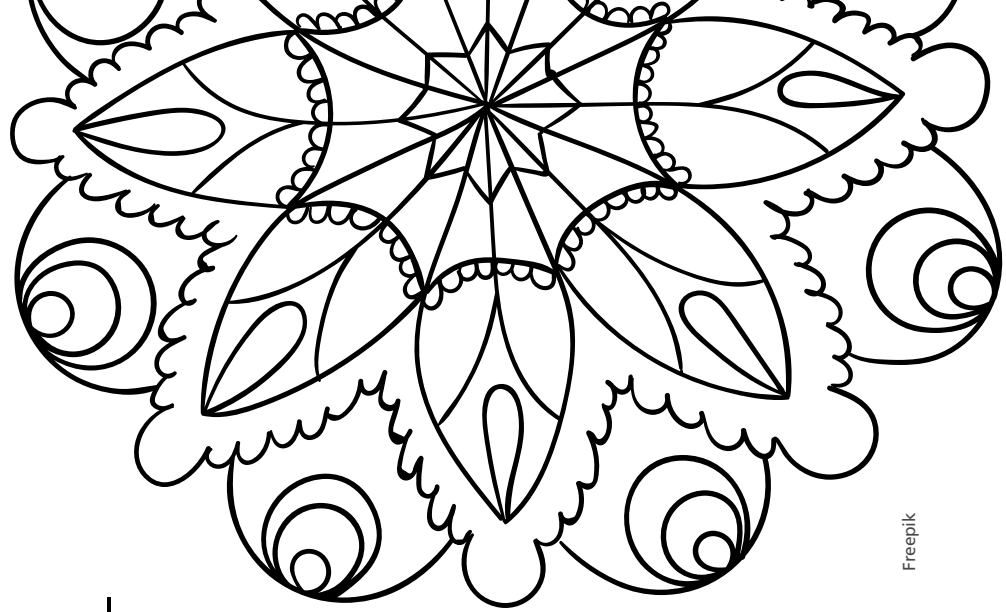
Linda és tu, meu amor
Com teus olhos que encantam
Teus cabelos lindos sedosos
Teus lábios que ao beijar enfeitiçam

Tua pele suave macia
Teu corpo que é todo delícia
E teus pezinhos formosos
Que sempre te trazem pra mim

Siroco

Ligia Calina Renuncio
Pseudônimo: **Lilah**
e-mail: ligia.renuncio@gmail.com

Porque você me leva à Inglaterra
eu te levo a Gibraltar...
esse sangue cigano
queima nas veias como o Siroco
o vento que faz dançar meus cabelos
livres
livre
como só o que é selvagem e puro
a pele arde
sol nos olhos
ferve.
Ferve nas veias
a gana de ser mulher.
Virtuosa e sacana
Santa clara cigana
Aquilo que tu não és.
Em paz com o animal que sou
Em paz com meus anjos e demônios
um paradigma em mim mesma.
Fogo e farol.
Estrada e campina,
para o vento é tudo a mesma coisa.
E eu sou a mesma coisa
veia da terra
velha como ela
bruxa, fada, curandeira, médica.
Como ela...
Eu te levo a Gibraltar
eu te levo...
aonde o vento me levar.
Meu sangue há de sangrar
sobre a terra
Ande o vento me levar...
Gana de vida, insaciável, carnívora
meus dentes na carne da terra
devorando a vida
como animal selvagem
instinto
como animal selvagem devolvo
meu sangue à terra.
E toda essa tua falsa calma
essa paz mesquinha
dorme mal à noite, vazio, oco.
Eu durmo com o Siroco
Animal da terra.



Freepik

Invenção

O dia passo sonhando, a noite passo contando
as estrelas que vão sumindo conforme o dia vai surgindo
aos primeiros albores do sol

E devagar vai o tempo passando e longe me vai levando
por caminhos que não atento conforme o guiar do vento
na minha vela-lençol

E das trilhas eu faço casa, dos sonhos eu faço asa
e já não existe mais muro que torne um lugar seguro
contra minha invenção

Invento o dia de outono, a coroa e o rei e o trono
e invento a vida que sigo, e te invento comigo
nas linhas da palma da mão.

Felicidade é algo que se aprende no caminho

José Jacyr Leal Junior
Pseudônimo: **Mário**
E-Mail: Caf@Jacyrleal.com.br

Nós, médicos, nos distanciamos muitas vezes das nossas relações de amor, tornamo-nos vítimas de nossa pressa, compromissos..., medos, e não poucas vezes, negligenciamos o que mais importa, o amor. Urge aprendermos, mesmo que seja ao longo do caminho. Aqui, um episódio 'do meu caminho' que relato agora para você.

No amor não existem pessoas certas e sim pessoas que lutam para dar certo.

Por pensar em algo que "se aprende no caminho", boas lembranças do passado ajudam muito um processo de resgate do amor, amor de hoje, lembrado pelo amor lá de trás. Principalmente porque ao longo da vida esquecemos coisas importantes, que trouxeram bem-estar. Por isso, e porque o cérebro primitivo é atemporal, podemos resgatar belas histórias guardadas na memória. Retorna a sensação de bem-estar e segurança, logo que olhamos algumas boas lembranças.

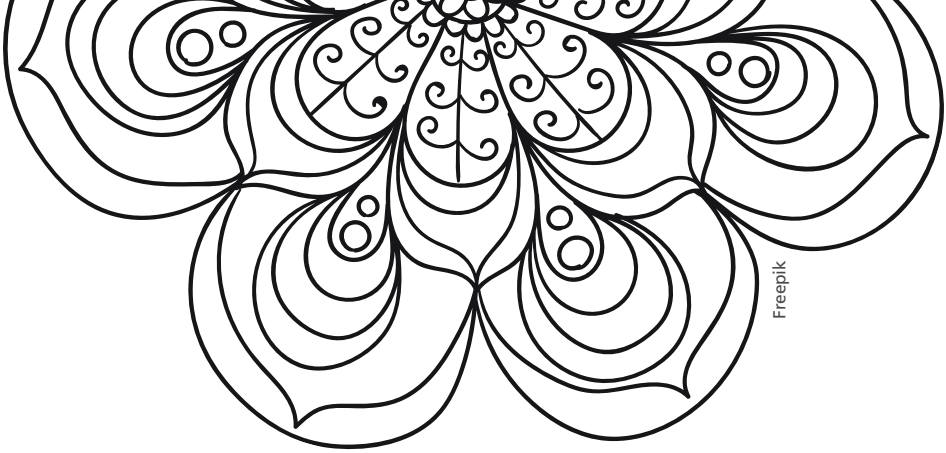
Por exemplo, quando sentimos cheiro de grama molhada, ativa imediatamente em algumas pessoas memórias da infância, deliciosas tardes que passavam na casa dos avós, observando-os serenos cuidar do jardim. Isso traz Paz, uma maravilhosa emoção ressurge no coração.

Então..., vamos lá.

Como reacender boas emoções do passado na relação de amor?

– Posso contar o que aconteceu comigo e com minha esposa?

Há alguns anos, num encontro de casais, o preletor, logo que



Freepik

terminou a apresentação, pediu que cada um, pegasse papel em branco e uma caneta. Teríamos, ali mesmo, alguns minutos para listar 12 qualidades que admirássemos em nosso(a) companheiro(a). Depois do susto por tão difícil tarefa, ele deu uma dica, que fôssemos buscar tais informações no passado, quando conhecemos um ao outro, o que lá atrás pensamos um do outro e contamos para amigos, família..., elogios e afirmações.

"12 qualidades?. – Pensei imediatamente (reação primitiva de medo). Impossível!"

– Hummm..., olhei minha esposa e percebi nela, a mesma cara de surpresa que eu ostentava. Rimos e dissemos juntos:

– 12? – kkkk. Podem ser defeitos?

– É mais fácil, pensei..., pensamos!

Interessante contar que, exatamente naquele momento, eu e minha esposa não estávamos passando por uma fase muito boa no casamento. Os sentimentos estavam um pouco confusos, alguma tristeza, cansaço, talvez. Escrever uma lista com 12 qualidades hoje seria um pouco difícil, não impossível. Contudo, a dica de pensar como foi no passado, o que lembrava, do que vivi..., talvez?

Fato. Olhei para aquele papel em branco e pensei..., Jezuizinho..., Help us!

Logo, a memória ajudou e escrevi a primeira palavra que me veio à cabeça. Depois outra e, assim, todas. Em pouco tempo lá estavam escritas 12 qualidades de minha esposa. Foi até fácil. Prestei atenção enquanto relia. Queria verificar se não apenas me iludia para simplesmente "cumprir tarefa".

Depois li mais uma vez e vi quanto eram verdadeiras. Eu estava de fato contando a meu cérebro primitivo que estava tudo bem. Não precisava mais me defender. Realmente pensava, acreditava – com meu cérebro novo, racional – tudo aquilo, sobre minha esposa.

À tarde, a segunda parte da tarefa: sentar um diante do outro e ler as 12 qualidades. Foi o que fizemos. Estávamos no quarto do hotel, fomos até a sacada, sentamos – os dois com cara de bobos - um de frente para o outro. Paisagem maravilhosa, o mar..., e..., QUEM COMEÇA?

Para contar a verdade, não lembro quem começou a ler a lista, no entanto foi muito bom. Pude expressar o que sentia (estava tudo ali, escrito – mais fácil, menos medo). Lembro bem da sensação prazerosa ao ouvir a relação de minhas doze qualidades que a mulher que amo descrevia.

Não é questão de massagem no ego, mas reconhecimento do outro, verdade maravilhosa vivida, naquele momento, revivida. Uma realidade que não se pode perder em brigas tolas, inúteis, como as que normalmente, todos 'permitimos' acontecer.

Sim, fazemos isso, colocamos nosso futuro em risco porque não administramos bem o presente e esquecemos fácil do passado.

No resto da tarde conversamos sobre nós, a vida, desejos, esperanças para aquele momento, para futuro, acreditando firmemente que estávamos, sim, mais uma vez, em processo de crescimento e união, no amor.

Agora é com você. Vai lá, papel, caneta..., LISTA.

Freepik

Devaneios

Anna Maldonado
Pseudônimo: **Anna Well**
e-mail: anna.mal.donado@hotmail.com

E se fosse fácil, que graça teria?
Quem se importaria se a vida sem cor
E sem dor, e sem lágrimas e sem sorrisos
E sem expectativas, sem esperança e amor?

E se fosse mais difícil, quem se arriscaria?
Ou trocaria?
O mundo ensolarado e bonito por um quarto
Frio, branco, aluado?

Por ser assim, eu me doo, me entrego
Em busca do profundo, do cego
Procurando o intocável
O que não é palpável

Sem arrependimentos passo cada hora
Penso, repenso
E chego a pandora do final do dia
Que me traz o imenso prazer de uma alma sadia

Histórias de rancharia: o lamaçal

Antônio Verenhitach
Pseudônimo: **Antonio Verenchitach**
e-mail: vereni@brturbo.com.br

janeiro de 2016

Era domingo. O trabalho no posto de gasolina não cessava. Após um dia estafante, Alexandre, o arrendatário, preparava-se para ir ao cinema com a esposa Iracema. Moravam num aposento nos fundos. Já vestido, após um banho, imaginava as cenas do filme a que iria assistir: *Os Irmãos Karamazov*, estrelado por Yul Brynner, ator conterrâneo seu, pois Alexandre era russo.

Surge o inesperado: o guarda noturno vem e anuncia que uma pessoa precisava falar com "o dono do posto". Era o motorista de um caminhão de mudanças, com placas de São João do Caiuá, enguiçado. Num lampejo, desfilaram pela cabeça de Alexandre parentes que tinha lá, entre eles Vítor Tarniovi e Ludovico Pauka. Mas o momento não era de reminiscências, era de ação. O caminhão transportava uma família, com todo o mobiliário de uma casa, gaiola com passarinhos, crianças chorando, os pais acabrunhados.

– Falaram que o senhor é um bom mecânico. Meu caminhão está enguiçado e essa família não tem onde dormir

Alexandre tirou a roupa domingueira, colocou um macacão e, munido de lanterna e uma caixa de ferramentas, abriu o capô, retirou e examinou alguns componentes, mexeu em vários fios, e após alguns minutos declara:

– Pronto. Está consertado. Pode seguir viagem.

– Quanto lhe devo?

– Nada. Foi muito simples resolver. Não foi necessário trocar peças.

– Mas o senhor perdeu o filme que iria assistir, trocou de roupa, trabalhou!

E assim o motorista prosseguiu a viagem, agradecido, aliviado, pensando naquele russo estranho que lhe prestou um serviço e não cobrou.

Passaram-se alguns anos. Alexandre planejou um final de semana em São João. A distância era de duzentos quilômetros, a maior parte de terra. Saiu no final da tarde. Escurecia rapidamente, com nuvens negras e um vento forte anunciando uma tempestade. Choveu pesadamente na maior parte do percurso, mas aos poucos a chuva transformou-se num chuvisco e logo cessou. Próximo a São João, a estrada transformou-se num lamaçal e a camionete encalhou. Passar a noite dormindo sentado, com a mulher e filhos, sem água ou comida, não iria ser fácil. Um carroceiro, vindo do acaso, passando por ali verificou a situação. Combinou que, chegando à cidade, tentaria providenciar socorro.

Uma hora depois, chega um caminhão e, após uma rápida troca de palavras, passaram cordas no eixo dianteiro da camionete que finalmente foi desatolada.

– Quanto lhe devo? perguntou Alexandre.

– Nada.

– Como assim, nada? O senhor saiu de casa, enfrentou a lama, livrou-me desse atoleiro e não vai cobrar nada?

– Lembra-se de um caminhão de mudanças que enguiçou em Rancharia há três anos? O senhor consertou e não cobrou. O carroceiro falou-me que havia um polaco encalhado aqui, e pela descrição desconfiei que era o senhor, do contrário não viria, pois nesse lamaçal até caminhão fica atolado.

Esse é o final feliz de algo acontecido há muitos anos, envolvendo pessoas pouco providas de recursos financeiros, mas ricas de coração.

O outro lado da janela

Rafael Rizzetto Duarte Gomes Araújo
Pseudônimo: Andrômeda
e-mail: rafael.rizeto@gmail.com

Os trovões apunhalam o céu, fazendo-o urrar de dor. Suas lágrimas tecem salpicadas teias na janela, reflexos de um caso de amor entre aleatoriedade e caos. Lá fora, o vento sibila como um enfermo que geme. A nebulosidade contamina a trama celeste.

Da janela, o espectador atenta: neste drama de intempéries, há um casal. Não há guarda-chuvas nem sorrisos. As gesticulações são as de quem busca no lixo as providências. Em meio à carroça enlameada e à indiferença dos que passam, seu herdeiro se protege com papelão. Sua sublime tristeza condiz com o clima dali. Sua estrutura esguia e seu olhar desoladoramente penetrante fitam a realidade com o cólera daqueles que viram o que não deveriam ter visto. A inocência é um broto que não se encontra mais lá.

O observador compreende. Ah sim, ele entende. Seu subconsciente se despiu de maneira violenta, e não há mais voltas. Não há como entender que tamanhas discrepâncias passam tão incógnitas frente àqueles que as veem. As tentativas de justificar tal sofrimento são demasiadas, mas culminam numa simples e dura inferência: a natureza maligna da humanidade encharca o vulgo. Seus valores torpes permeiam o leito. Não há sonhos bons para aqueles que estão do outro lado da janela.

Freepik

O sorriso da tartaruga

"Não importa o quão devagar você vá,
contanto que você não pare."
– Confucius
"O mar é a religião da natureza."
– Fernando Pessoa

Uma doce fria brisa vai de encontro ao céu marmorizado: a promessa de chuva está em toda a parte. A tartaruga entende que a jura é amistosa, e em nenhum momento seu andar lento e pendulante titubeia. À fronte, seu passado e presente se encontram como amantes há muito separados, como as brumas, lá nos céus, também o fazem, em caloroso abraço amoroso. De pouco em pouco, as gotas começam a despencar. Seu tintilar contra o solo entoa uma melodia. Cada gotícula é, em sua essência, uma molhada nota na frondosa partitura da vida. A canção despe a secura, cria cachoeiras, rios, la-

gos, mas, por ora, pôs-se a compor uma poça.

Algumas gotas escorrem em direção às margens da poça, outras se esbofeteiam contra sua superfície, criando pequenas ondulações mecânicas. A poça está no caminho. A tartaruga para e encara seu reflexo no recém-criado espelho. O que ela vê não faz jus a Narciso: ela enxerga o agora, mas sua memória evoca seu passado, seu primeiro dia. Por que, como gotas, as recém-nascidas tartarugas escorrem em direção ao mar? Em direção às ondas? Com muito esforço e lentidão, elas vão ao encontro da música da vida... Com muito esforço e lentidão, elas são batizadas no seu primevo úmido enlaço marítimo... Ela se lembra da sensação. O sal em seu paladar, o corpo encharcado, tal era a nobre sensação de se sentir unida, parte de algo maior, como uma gota num oceano. Submersa em devaneio onírico, tão negligente quanto a molhada tatuagem que a chuva talha em seu rosto, ela sorri: o banguela sorriso da tartaruga.

Tum-tum, tum-tum, tum-tum: seu peito também reage às candentes memórias. O sangue arterial e o sangue venoso se misturam em seu moroso coração reptiliano. Seria essa uma tendência? Os líquidos devem fluir? Os líquidos fluem, a vida flui, a tartaruga sabe disso. A tartaruga entende que, mesmo em sua lentidão característica, a música da vida não pode parar. O vaivém do mar hipnotiza. Ele chama, e os neonatos não recusam o convite.

Nossa mãe Terra é, em sua amplidão, 71% água. Seu retumbante pulsar geológico é direcionado por poderosas e salutares correntes hidráulicas. Mas, naquele momento, aquele imenso momento de alguns efêmeros segundos, a diminuta poça era tão preciosa, tão fragilmente única, tão saborosa de boas memórias... Naquele momento, a poça era, ao mesmo tempo, tudo o que ela tinha e tudo o que ela não tinha. A tartaruga ri... Ah, mas que belo momento para se sorrir.

O último pássaro

Neide Calixto
Pseudônimo: **Nerfetari**
e-mail: draneidecosta@hotmail.com

No alto de uma colina
Coberta de verdes pastagens
Um lindo pássaro voa
Deixando lindas mensagens

Suas penas leves e soltas
Seu canto com ecos floridos
Exala no céu azul
Belos tons coloridos

No silêncio dos verdes campos
Somente o som do ruído
Do pássaro que posou
Em seu ninho escondido

O medo apaga o perfume
Que o pássaro deixou
Ficam as cifras da canção
Que no coração desenhou

No lago do infinito azul
Restarm aromas dos lírios
O Pássaro canta ao vento
Como se fosse um delírio

Cadê o canto do pássaro?
Cadê suas asas brilhantes?
Cadê o perfume do lírio?
Cadê os sonhos constantes?

Adeus, pássaro querido
Que no sonho se escondeu
É um verdadeiro delírio
O que tudo aconteceu

Flechada

Jeanine Berbel
Pseudônimo: **Nina**
e-mail: jeanineberbel@hotmail.com

Nada, ninguém me tirará
O que me destes
Por palavras, olhares, sorrisos,
Sons, silêncios, moveres...
De amar.

Nada, ninguém me tirará
O que me tenha atingido o peito
Profundamente,
Penetrado o coração
Tal flecha de ponta afiada,
Contaminada...
De afeto.

Que o tempo voe,
Que as coisas evaporem,
Que os corpos passem,
Sigam viagem, seus destinos...

Nada, ninguém me tirará
Os tesouros impalpáveis, a fartura, a ventura
De bem-querer vivido.

O que meu coração tenha sentido,
Do que meus sentidos tenham provado,
Do que esta mente tenha se nutrido,

Alliesinteractive/Freepik.com

Do que este ser tenha se enlevado...
Por um momento que tenha sido
Intenso,
Ficará.

Uma vez flechada, atingida,
Levo você para a vida.

Ballet do coração

O Coração coreografa os movimentos
Com preciosos batimentos...
Marcações exatas de um brilhante diretor.

Em perfeito sincronismo,
Nutridas por lirismo,
Contraem-se e relaxam-se
Quatro câmaras de amor...

Solistas do Corpo de Baile
Que, minuto após minuto,
Desempenham seu papel.

... E o sangue flui,
baila suavemente.

Sob a regência do mestre,
Corre o bedel,
Por todos os órgãos,
Todos os tecidos...

Fisiologia da vida,
Bioquímica dos sentidos.

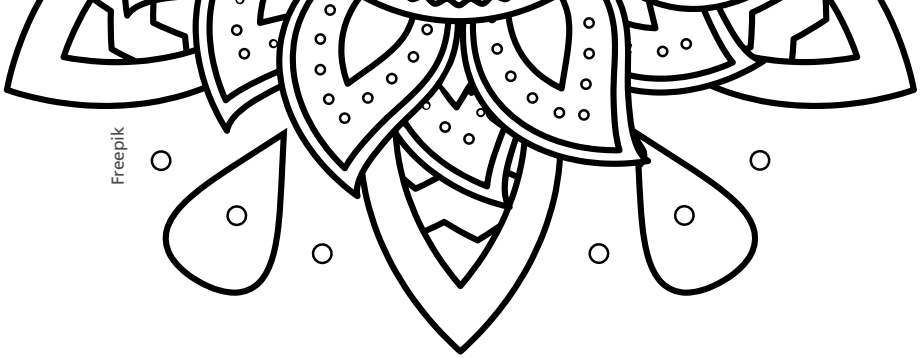
... E se passa e repassa a sequência
em impecável cadência,
em ritmo sinusal...

Espetáculo da biodança cardíaca,
Em cartaz, todos os dias,
No peito de cada mortal...

Carta para Ângela

Eduardo Giacomini
Pseudônimo: Benjamin Hoo
e-mail: edugiacomini@gmail.com

Ângela, há tanto tempo. Você mudou inteira ou foram meus olhos? Como é possível não reconhecê-la comprando revistas ou na mesa do café alemão? Pode ser tudo um grande defeito de olhar, amnésia ou outra coisa sem nome e possivelmente mais grave. Era você? Você que naquele verão dançava como uma Brigitte Bardot, repetindo todo o clichê de uísque na mão e atirar-se no sofá, transpassando nos dedos o cigarro com desprezo maior do que o imaginável por Godard? Sugestionando radares, dissolvendo rotas, colidindo pardais contra os vidros, exercendo sua natureza sísmica? Em tantas noites você foi outras, outras você, arrisco: todas. A vida era um universo em expansão, eu também há tanto tempo. Esforço-me para tatear no escuro a linha que nos liga, e é em concentração mais do que plena que o faço. Quase desisto, mas um milésimo de segundo antes de desviar os olhos, levanta-se diante de mim a lona de sombras e, entre mudez, cinzas e flutuação, veem-se os movimentos, silhuetas que se entrelaçam e se fundem apenas para perderem-se individuais depois, a ilusão óptica do amor. Sob visão turva e coração latejante, tento enxergá-la dançando, resgatar a geometria dos seus gestos – não do seu rosto, como hoje os tolos e mínimos fazem – os círculos no ar, as evoluções triangulares dos braços, a linha analítica das pernas, uma entre outros espectros. Mas você me exige fixação ao ponto da dor, e não suporto. Por fim, à exaustão da córnea seca, tudo some em palco deserto, obscuro à exatidão do silêncio, nem mais claro, nem mais negro, o duro espetáculo do vazio. Ângela, nesses anos foram tantos bilhetes nas gavetas, no chão, nos lixões, frases mudadas



Freepik

em poluição, papéis velhos apodrecendo sentidos. Uma palavra sempre diz menos, nasce amalgamada a uma natureza negativa, é representação menor e imprecisa do que a fecunda. De mãos dadas com o fracasso existencial do verbo, segui falhando, procurando (sem encontrar) o sentido denotativo, formas de dizer "às 19, na praça central", mas havia em cada letra minha um simbolismo impenetrável, incompreensível, e assim eu seguia para o norte enquanto você girava no sul, a vida é distâncias, o amor é desrumo, amor come no prato da ausência, eu acho. *Ângela* é só um nome, uma palavra escrita a carvão, à espera da chuva.

Mas há o antes do antes, *my little sunshine*, os tempos de ouvir Caetano. Eu posso lembrar sem olhar dorido todos os nossos dias de sim - a viagem ao Rio de Janeiro, as bromélias escancarando seu interior úmido em plena calçada, a tempestade ao final da trilha, as estradas de estar contigo, a substância do mundo percorrendo seu corpo e minhas mãos seguindo-a, cachoeiras, nascentes, geiseres - era líquida a matéria do que sentia. Era? Você me olhando como se eu fosse Marlon Brando e eu ali, Brigitte, dizendo sim, sim, porque vínhamos do início dos tempos e seguíamos para o dia da colisão das galáxias, porque sim era a única palavra que conhecíamos, a única forma de responder e de perguntar, não havia ainda esse milimétrico, preciso não, essa navalha de diamante que corta o amanhã, que cria picadas para abismos e pontes quebradas.

Ângela, há tanto tempo. As árvores do quintal estão secas e

a rede desperdiçada sobre o solo árido, talvez por isso o constante gosto de areia na boca, o irremovível desconforto nos dentes. Mais fácil seria a saudade. Mais fácil fosse já outro milênio. Imprevisível, pela manhã e contra todo o deserto, armou-se um tempo grosso de chuva, na loja de revistas limpei um pouco mais os olhos para tentar enxergar melhor. Não pude, não pude reconhecer. Era você? Mas consegui ler a capa que dizia sobre terremotos no Japão. Ângela, o tempo abriu, voltei para casa com a certeza dos pardais.

Manhã

Não o amor tático dos bailarinos
construído em graus
sobre marcas de giz.

Nada que se divulgue numa cena toda brilhante,
neônica,
nessa Paris absurda no meio de Las Vegas -
essa cidade absurda.

Mas seus olhos entreabertos de manhã
ainda com uma gota de sonho.
Uma nota que entra pela janela,
pousa no seu cílio e,
se você deixar,
a acorda entre lavanda e Chopin.

Enquanto espero,
desde as seis,
do outro lado da sala.

Freepik

Abstratos

Tania Marisa Borba Hegler
Pseudônimo: **Marisa**
e-mail: taniahegler5@gmail.com

Afofe bem o travesseiro ao seu lado e ponha o AMOR para dormir com você. Observe por um tempo, como ele pode ser calmo, respirar compassadamente e despertar em você um estado de perfeita harmonia.

Quando acordar, num lindo dia de sol, leve a SAUDADE até o mar. Deixe-a na primeira onda que encobrir seu corpo. Veja como ela vai e volta. Ela está sempre em movimento e, quando voltar, não se apegue a ela. Devolva-a ao mar. Caminhe na areia e nem olhe para trás. Vai encontrá-la de novo num lugar inesperado à espreita de uma negligência pessoal.

Carregado de uma energia infinita, siga. Dance, como um dervixe rodopiante, porque em qualquer parte do caminho levará um susto ao conhecer a EMOÇÃO. Não adie. Entre em contato com ela. Irá sentir seu coração bater forte e rápido, mas haverá um contraste. Não se alvoroce.

Você descarregará lágrimas que, por vezes, pesam na ALMA, que vive invisível, por ser um lugar de ambiguidades, contradições e paradoxos. Ela é invisível, plácida ou não, mas nunca está vazia, acredite. Estará atabafada no INCONSCIENTE ou enlaçada com outras muito parecidas com ela.

E lá, no inconsciente, ah, você nem pode imaginar! Tudo que somos ou poderíamos ser, está lá. Um depósito de toda experiência vivida, um baú de sucatas que cada um sabe o esforço que faz para tentar abri-lo. E quando o fazemos, a transformação é deslumbradora.

Distância

Queres saber sobre a distância?
Experimenta colocá-la entre qualquer um dos teus amores.
Sem rumar num caminho escolhido
Ou navegar em mares distantes.

Ela ceifará momentos
Podará iniciativas,
Impedindo-te de estar em lugares certos,
Em lugares teus.

A distância tem esquinas escondidas
Numa geografia que não tem paredes.
Tê-la...mesmo por escolha, dói.

Julgo

Bruna Castro
Pseudônimo: **Fernanda Nerissa**
e-mail: bruna.fer.castro@hotmail.com

Julgo necessário
Julgo desnecessário
Julgo que devo falar
Julgo que devo achar

Julgo que devo opinar
Julgo que devo ser assim
Julgo que não devo ser de outro jeito

Julga-me pelo que sou
Julga-me pelo que não sou
O julgamento está matando-me
Sufocando-me, afogando-me

Julgo você
Julgo eu próprio
Julgo tudo
E isso torna-se meu opróbrio

Grilhões podem não ser visíveis
Mas os sinto apertando meus punhos
Quando penso que eu poderia ser
Que eu poderia fazer e não fiz
Que eu poderia, poderia, poderia
E não sou.

Chega de julgamentos
Chega dessa farsa
Desse aprisionamento

Preciso ser simplesmente por ser
Deixar de fazer de mim um projeto filosófico
Um projeto de perfeição

Deixe-me ser livre
Ser eu por mim mesmo
Sem prisão
Sem grilhões
Sem multidões

Quero apenas
Cem amores
Cem cores
Cem flores.

O pássaro

O lindo pássaro que,
obviamente, tão somente,
com seu canto melancólico
observava com cautela a cascata de ar eufórico

Já sem vontade de voar
Sentimentalmente sentia o ar
Tudo era um grande silêncio

que se consumia com gotas melancólicas no
auge do amor impossível
do que aquece tudo

Como se tivesse voltado e não aprendido a
voar
A correnteza de águas já passadas o levan-
do junto, como já a sonhar
Com um súbito decaimento,
torna a si o sentido de poder voar e,
em suas asas, o vento o levantar

Como já não mais o mesmo
Agora está a pairar em rodeios e encantos
Avista aquilo que jamais tornaria a imaginar
em seus prantos

Já no sono profundo
Acorda e treme
Quase cai
Ao ver que é necessário sonhar
Descobre que é possível amar

À sua volta já não mais a escuridão
Está disposto a ouvir seu coração
Já havia dado ouvido com emoção

Sempre com cor e jamais igual
Porém, da mesma forma e leal
Mas, esquecido, vive sonhando
por amar alguém desconhecido.

É proibido açúcar

Sarah Almeida Amaral Alves
Pseudônimo: **Marilú dos Anjos**
e-mail: sarahdoamral@hotmail.com

1,65 pesando 125kg e IMC 45,9
É tudo o que você consegue ver se não tiver o olho treinado
Não o olho clínico, tô falando do olho da empatia
O olho que olha uma vida sofrida, solitária
O olho que enxerga uma mulher que sumiu
Uma mulher que se perdeu ao olhar pra balança
Uma mulher que fica trancada em casa sem família e amigos
Uma mulher que come pra se livrar da solidão
Mas o olho clínico só enxerga números
Ele enxerga uma glicose muito alta e um IMC alarmante
"Mas a senhora continua comendo pão? Não sabe que pode morrer?"
Que morte pode ser pior do que a que já existiu?
Que vida restou pra se morrer?
O olho clínico nunca vai alcançar resultados sozinho
O açúcar não é o problema dela, o buraco é bem mais embaixo

A tragédia de Dona Cassilda

"Ai, dotô, eu tenho problema em tudo!"
O medo toma conta da gente,
Como cuidar de alguém que tem tudo?

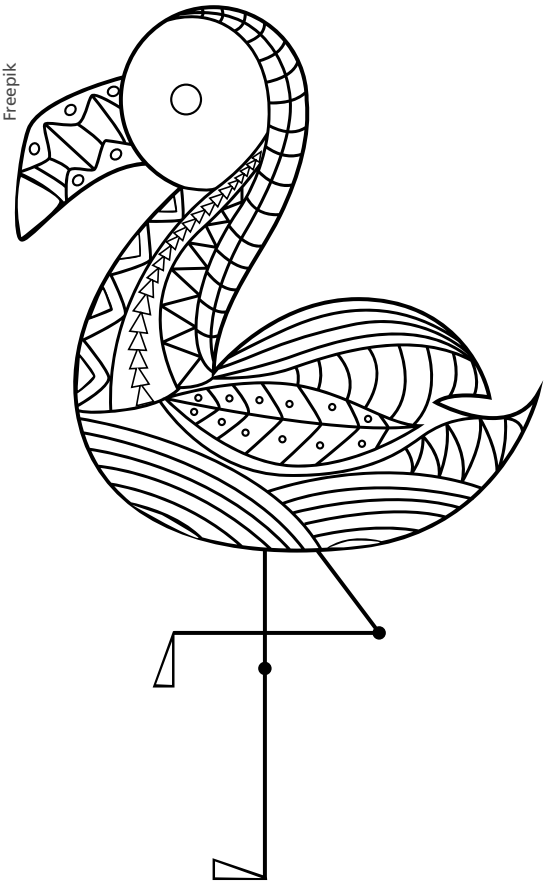
Freepik

"Dói aqui no pé, o coração palpita de noite
A cabeça tá ruim das coisas e os problemas não param nunca
Na verdade é por causa da filha, grávida e viúva
Na verdade é por causa do marido, depressão é coisa séria minha filha
Na verdade é por causa do emprego, ficar de pé o dia todo acaba comigo
Na verdade eu nem lembro mais onde táva ruim, acho que era tudo mesmo"
E agora? Que remédio cura o "tudo"?
O que fazer se ao causa não é corpo?
O que fazer se o problema não está na dor?
Um anti-inflamatório, um antidepressivo e um raio X
Mas na verdade, o melhor remédio que demos foram os ouvidos para ouvir.

Médica de alma

Fernanda Sgarbi
Pseudônimo: **Verônica**
e-mail: fesgarbimed@hotmail.com

Reze o senhor por essa minha alma. Guimarães Rosa já dizia.
Uma alma que sente e chora. Que clama e aclama.
Que sofre junto com aqueles de quem deveria cuidar. E cuida!
Que sabe bem onde está e por quê.
Que recebe e abraça. Faz graça!
Que examina e se contamina, de fé. Deus te abençoe, minha filha! Escuto sempre.
Que toca o outro, com a ponta dos dedos ou do bisturi.
Que vê por dentro, e quer entrar. Como sair da vida dos que me aparecem? Que peca, por excesso de preocupação e falta de tempo. Tempo pra si! Que sente saudade, mas sabe que enche de orgulho os olhos dos pais.
Uma alma que tem o peito aberto e as mãos firmes.
Que segura uma vida e se despede de outra. Insegura de que é assim que tem que ser.
Tão difícil encontrar com a morte!
Que é digna de compaixão e reconhecimento.
Que implora por humildade e hombridade política. O sistema carece, em prece!
Que é corajosa, por enfrentar esse mundo doente todos os dias. Que tem medo, mas não perde a esperança. Como viver sem? Que é nobre, e se sente pequena perto de quem dela precisa.
Que leva para casa dores que não são suas. Como dói!
Que carrega um jaleco cansado, e com cheiro de dever cumprido.
Que é humana, mas não aprendeu isso com os livros.
Que escolhe persistir, sempre e mais um pouco.



Que é abençoada, e demasiado grata. Em cada dedicação, uma oração!

Uma alma que veste apenas ela mesma, quase sempre. Que divide com as palavras o que não cabe dentro de si.

Que escolheu a medicina. Ou será que foi escolhida por ela?

Reze o senhor por essa minha alma.

Porque lá no sertão já diziam que 'amor é a gente querendo achar o que é da gente'.

Eu achei o que é meu, sô! Essa coisa de ser médica de alma.

Porque só de corpo, sei não.

Refém

Deisy Brigid de Zorzi Dalke
Pseudônimo: **Joana Bishop**
e-mail: deisydezorzi@hotmail.com

Queria ter vivido mais, ter vivido melhor, ter sido mais verdadeiro, obedecido meu coração.

Não ter sido refém...

Foi feliz o dia em que nasci. Feliz para aqueles que me aguardavam. Não para mim.

Eu fui arrancado do ventre de minha mãe. O processo foi difícil... Um ambiente novo, cheio de seres, luzes e ares. Pequenino, desprotegido me encontrei. Frio, claridade, barulho!

Refém da vida...

O dia em que morri foi triste. Mas não para mim e sim para aqueles que me guardaram.

Morrer não foi difícil. As luzes se apagaram, houve uma quietude plena e o último suspiro se esvaneceu.

Deixei de existir, tolo assim pensei. Mas não, pois continuei existindo para os outros...

Sendo refém...

Culpado por prantos que não cessaram, ou por alegrias... a depender do caso. Recriaram memórias sobre mim e, embora eu não esteja presente, eu estou... A diferença é que não sei, não posso mais nada alterar.

Mais uma vez sou refém...

Refém do que os outros querem. Do que os outros acham. Do que os outros recriaram. E eu?

Eu não sou nem tampouco estou...

Poderia ter sido diferente, não de tudo, pois nosso princípio e nosso fim são concepções alheias.

Eu não deveria ter sido tão refém. O meio cabia a mim.

Deixei os outros ditarem meus passos. Mandarem nos meus amores. Avaliarem meus posicionamentos, mesmo quando a nota não importava.

Não me dei conta de que tudo o que importava na vida

era o meio. Foi o único momento em que eu podia ter dito algo, amado alguém, enfim alterado alguma coisa. O princípio e o fim não cabiam a mim. Estavam ou foram traçados, apesar de mim.

Meio amor

Gosto de ti, mas não o suficiente.
É mais do que eu desejo,
É menos do que devo

Parece que não posso parar,
Como um veneno na minha mente
Eu quero te amar,
mas não exatamente

Nosso amor é medíocre
É como água morna
Mas teu olhar se faz míope,
E nos deixa em boa forma

Sinto aquela paixão parca
A êmese do enfermo
Tipo roupa sem marca
O tal do meio termo

Queria te dizer muito além do que já disse
Mas isso não importa
Seria melhor se eu mentisse
Vamos levar essa vida morta

A ilha

Caio César Silva de Castro
Pseudônimo: **Lawrence da Arábia**
e-mail: caio.castro@pucpr.br

A água em volta decreta:
a ilha é apenas um seixo
que sem ser convidada
brota do fundo do mar
Acariciada por ondas capilares
que se dispersam no ar
Açoitada pelas vagas que insistem
que ali não é o seu lugar

Bendito

Revelem
Antes que me levem
Da posição esdrúxula que fiquei
quando eu morri

Valham
Antes que me lavem
E me embrulhem em cueiro que
usarei
Igual ao que eu nasci

Aviltem
Antes que me lavrem
Façanhas que não realizei
e malfeitos que encobri

Relevem
Antes que me velem
Para os santos que não rezei
E me cobrem os salás que eu não
cumpri

M de mulher

Laura Lúcia Martins Teixeira
Pseudônimo: **La Luna**
e-mail: laura.lucia@hotmail.com

Minha missão no mês de março, mês das MULHERES,
É mostrar as mais de mil maneiras de mensurá-las
Entre a menina e a mulher,
Entre o mini e o maxi,
Entre o mal e o mel.

Musas maravilhosas,
Mães malabaristas,
Mágicas, mestres
Médicas, matracas,
Mistas, mesmas, muitas...

Malvadas na medida,
Desde a mordida na maçã,
Máquinas que metem a mão na massa e
Magicamente moldam um mundo melhor.

Mistério magnífico, milagre da mão de Deus,
Modelo de menos músculos, que move montanhas,
da manhã à madrugada
Misturando a mansidão com a maestria de
Minimizar o medo na marcha e na mudança.

Morada da magia que magnetiza,
Monalisa na moldura,
Mama que é maná,

Manipuladora das mágoas em motivação com
Manobras e macetes
Merecedora de um manancial.

Mulher, que das mantas da maternidade até a morte,
É o menos e o mais,
É o mantra e a música melodiosa,
É o micro e o macro,
É o mar e o amar.

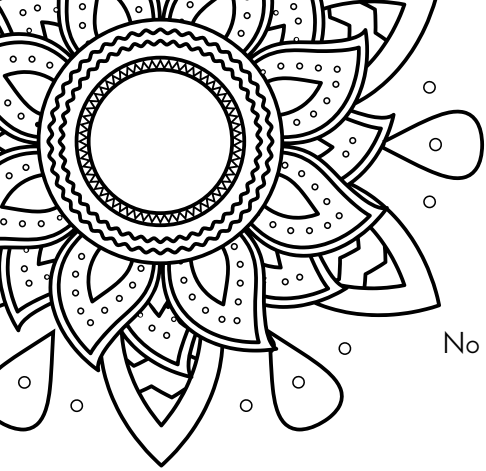
Temos apenas um ponto G e muitos pontos M!
Ser mulher é, no mínimo, o máximo!

Para todas as "Mulheres-Maravilhas", uma homenagem da médica, mineira, metida a manuscritos, também mãe e mulher.

Mil em uma

Mulher é ventre infinito
Um enigma fascinante
Traz o universo consigo
Numa barriga gigante

É contrair, dilatar
É força e expulsar
É choro de vida
E dom de gerar



Às vezes sofre na lágrima contida
No peito calada, a palavra reprimida
Mas, coloca a saia rodada
E determinada, sai destemida

Sexo frágil, Erasmo_ já disse
Que é absurda mentira!
Quem bem a conhece concorda,
Ela é o ar que a família respira
Mãos mágicas,
Colo analgésico,
Beijo terapêutico
Habilidade telepática
Sexto sentido profilático
Tudo em alta concentração plasmática

É abraço de laço
E botão de emergência
A chave-mestra
Para qualquer intercorrência

Mulher é pimenta, é mel
Deusa, louca e feiticeira
Recatada, do lar ou qualquer papel
Que ninguém mais venha a se importar
Que a mulher seja o que queira!

Freepik

Ablação

Aliana Regina Grimberg Kohane
Pseudônimo: **Mami**
e-mail: aliana_kohane@yahoo.com.br

Te arranquei de mim
Ontem eras o mais importante
Não durou mais que um instante
Te arranquei de mim
Escondendo o amor
Sem ao menos me opor
Te arranquei de mim
Com uma frieza aparente
Deixando minh'alma ardente
Te arranquei de mim
Sem sequer olhar pra trás
Bem como adulto faz
Te arranquei de mim
Mas o peito ainda clama
A saudade em minha cama
Te arranquei de mim
Mesmo dentro destroçado
Enterrando meu passado
Te arranquei de mim

Agradecimento

Luiz Antonio de Sá
Pseudônimo: **Gigio**
e-mail: luizantoniosa@gmail.com

Tenho muito orgulho em dizer que fui o único médico de Arabutã, um dos cinco distritos de Concórdia, cidade com mais de 80.000 habitantes, no Estado de Santa Catarina, durante 17 anos. Foram tempos de valiosos aprendizados que levo tanto na vida médica, quanto na vida pessoal. Por ser sozinho, tinha de ser polivalente e atender a todas as especialidades médicas, com todas as carências que havia na localidade.

Como médico da pequena cidade, sempre tive o desejo de fazer algo maior. No fundo, queria fazer algo novo, queria de alguma forma ajudar a diminuir as carências estruturais daquela localidade e contribuir para a melhora da saúde da população.

Foi então que, em 1987, a Prefeitura de Concórdia criou a Secretaria Municipal de Saúde e Bem-Estar Social. Acabei sendo indicado ao cargo pelo Prefeito e pelos Vereadores, uma vez que o distrito não contava com nenhum representante no alto escalão municipal. Por ser somente um projeto, a Secretaria ainda não possuía nenhuma estrutura prévia, teria de ser criada do zero. Então ponderei a eles que atender o hospital e a Secretaria ao mesmo tempo seria para mim um desafio.

Pelos princípios que eu acreditava e pela vontade de fazer a diferença, acabei aceitando o convite e, em 1988, tomei posse como o primeiro Secretário Municipal de Saúde e Bem-Estar Social de Concórdia. Agora sim, eu poderia atender às necessidades de saúde e assistência social de toda a região.

Como não poderia ser diferente, a vida ficou mais corrida do que já era, pois de manhã atendia no hospital e, à tarde, na

secretaria em Concórdia. Dois lugares distintos em um trajeto que levava aproximadamente 25 a 30 minutos de carro. Ao me dividir entre essas duas importantes funções, me cobrei ainda mais para atender bem aos dois distintos trabalhos.

Na Secretaria, tive a sorte de ter uma excelente equipe me acompanhando e, juntos, tenho a certeza de que fizemos um bom trabalho. Vários postos de saúde foram criados, assim como creches e clubes da terceira idade tanto no interior do município como na cidade, além de termos propiciado uma melhora da saúde da população em geral.

Por todo empenho e dedicação, o trabalho desempenhado na Secretaria começou a ser reconhecido e foi muito apreciado e elogiado, o que, para mim, era uma honra, uma vez que tive o privilégio de ser o primeiro Secretário. Tudo era novidade naquele momento. Eu, com poucos anos de formado e uma vontade de mudar e melhorar o mundo, começava a ver resultado em cada ação.

Por todo destaque que a Secretaria de Saúde estava tendo e, como eu estava à frente de tudo, a mídia local começou a noticiar repetidamente os trabalhos realizados e me entrevistavam para falar sobre cada feito. Meu nome agora estava em plena evidência.

Foi quando, em decorrência dessas notícias positivas que se espalhavam tanto de boca a boca quanto pela imprensa, que meu nome foi lançado como pré-candidato a prefeito.

Como para mim estava tudo perfeito, no começo relutei um pouco com a ideia, mas em seguida ponderei que seria possível ganhar uma eleição a prefeito, afinal, todas as conquistas até ali me davam respaldo para tanto, sem contar que ideia inicial de melhorar a vida da população em geral, com mais qualidade de vida, em especial voltada à saúde poderia ser concretizada de forma mais incisiva.

Me entusiasmei com a ideia, sem nunca imaginar que esse meio da política, na verdade, não seria o adequado para mim.

Eu não era filiado a nenhum partido e nunca havia pensado em me filiar, afinal, havia sido indicado como técnico e não como político. Porém, imaginei que, se eu realmente quisesse seguir em frente com a ideia de ser Prefeito, deveria, obviamente, fazer parte de algum partido.

Fui até o gabinete do secretário de Administração da Prefeitura, um ex-juiz, pessoa muito sensata e inteligente, que acumulava o cargo de presidente do partido político da situação e de quem eu gostava e respeitava muito.

Naquela altura, eu já estava determinado a ser político e fui ao seu encontro no desejo de me filiar e sair pré-candidato na convenção que haveria em breve para a escolha do nome que concorreria às eleições municipais. Como a ideia já estava fixa, insisti muito para me filiar ao partido e ele ponderava: "Luiz, não entre nessa. Conheço o seu perfil. Isso não lhe serve. Como presidente do partido, acho excelente tê-lo conosco, mas desista de ser político, pois não lhe será bom e poderá até perder o que tem, como nome e dinheiro". Depois de tanta insistência, ele finalmente entregou-me a ficha de filiação partidária. Saí de lá feliz e ele, ao contrário, manteve-se cabisbaixo em sua sala.

No dia tão esperado da Convenção, eu acompanhava concentrado e esperançoso. Apareceram os nomes concorrentes e o meu não, o que significava que eu estava fora da disputa. Saí à procura do Secretário de Administração da Prefeitura. Ao encontrá-lo, questionei porquê meu nome não ter aparecido na lista. Ele, um tanto atrapalhado, disse-me que não sabia, mas que provavelmente sua secretária, entre tantos outros papéis, tivesse jogado fora ou guardado a ficha em algum lugar desconhecido por ele. Fiquei chateado. Voltei para casa frustrado, pois sabia que aquele seria o momento certo para entrar na política, o que não aconteceu.

Após certo tempo pude perceber o quanto foi bom eu não ter entrado no meio político. O prefeito não conseguiu fazer seu su-

cessor, perdendo a eleição para o partido oponente e sobrou para todos a responsabilidade da derrota, com acusações mútuas e tudo de ruim que ocorre quando algo dá muito errado.

Segui a vida na minha verdadeira vocação com a medicina trabalhando apenas no hospital, mas com o que havia vivenciado na Secretaria, pensava em sair deste lugar e me especializar em Geriatria , o que acabou se concretizando.

Anos depois, já morando em Curitiba, voltei à Arabutã por conta de alguns negócios que mantinha por lá. Acabei encontrando em Concórdia, este meu caro amigo, ex-Secretário de Administração da Prefeitura, oportunidade em que fomos jantar juntos. Durante o encontro, que transcorreu em clima de muita amizade e consideração, ele confessou: "Lembra-se daquele dia em que você foi ao meu gabinete com a ideia idiota de ser um político?". Ele emendou: "Pois naquele dia, quando você foi embora, eu simplesmente rasguei sua ficha de inscrição, pois pensava no bem que isso poderia lhe fazer". Olhei bem para ele e dei-lhe um forte e terno abraço, que expressava todo o meu agradecimento pelo ato que impediu que minha vida pudesse tomar outro rumo e saísse da rota que ainda tinha a cumprir na medicina.

Nunca mais o vi. Pela idade, já deve ter falecido. Que Deus o abençoe e que ele, onde estiver, tenha meu eterno agradecimento.

O retorno

Após pequenas férias partimos bem de madrugada da casa dos meus pais, situada ao norte do Paraná e retornei a Arabutã, cidade de origem alemã, situada no meio oeste de Santa Catarina, na qual fui o único médico por mais de 17 anos, tendo

de ser polivalente e atender sozinho a todos os casos em todas as especialidades médicas.

Viagem longa. Mais de 11 horas na estrada dirigindo. Parecia interminável.

Cheguei muito cansado depois de tantas horas na estrada. Quando passei pela rua da parte frontal do hospital, a enfermeira me viu e, em desespero, quase pulou na frente do carro implorando para que eu parasse. Pensei: "Ih, é coisa grave". O médico que me substituiu por estes poucos dias já havia partido e ela insistiu para que eu entrasse imediatamente. Deixei o carro e adentrei a porta principal. Quando me dei conta, vi no chão um rastro de sangue que levava até um dos quartos.

A enfermeira, tomada pela emoção e inquietude, estava quase afônica e com dificuldade de falar qualquer coisa. Em sobressaltos, tentava me explicar a gravidade do caso enquanto já me conduzia até o quarto da paciente.

Fui recebido pelo marido e por outros familiares da paciente. Tratava-se de uma família grande e importante da localidade, que atemorizada cobrava-me uma posição urgente para salvar a vida daquela mulher. Alguns choravam, outros proferiam palavras em alemão, e outros se mantinham quietos, acredito eu que estivessem em oração.

A paciente, no final de sua primeira gestação, esvaia-se em sangue há cerca de duas horas e já apresentava palidez acentuada, com pressão arterial muito baixa, além de fraqueza generalizada e dor abdominal de forte intensidade. Uma coisa era certa: ou houve o descolamento prematuro de placenta ou era um caso de placenta prévia. Mas o momento não era para elucubrações diagnósticas, e sim para tomada de medidas emergenciais que pudessem salvar essas duas vidas.

Ainda tomado pelo cansaço da longa viagem, e com o pensamento meio confuso pelas horas que passei dirigindo, tentei organizar toda a situação. Não havia no hospital um laboratório para exames de rotina, sangue

para repor, equipe de enfermagem e médica prontas, UTI geral e neonatal. Era tudo muito simples e precário e eu sozinho tinha de agir sozinho (mas sempre contando com a ajuda de Deus ao meu lado) em todos campos da medicina.

Portanto, como não havia sangue disponível, ordenei à enfermeira que injetasse solução fisiológica em abundância, fizesse a tipagem sanguínea da paciente e já em seguida fossem providenciados doadores de sangue.

Pedi que organizassem rapidamente o centro cirúrgico e que se compusesse a equipe de três pessoas, entre atendentes e aprendizes de enfermagem. Solicitei também a presença de minha esposa, que era minha auxiliar em cirurgias. Mesmo cansada da longa viagem, ela veio rapidamente.

Composta a equipe, lá estava eu como anestesista, obstetra, pediatra e clínico geral. Primeiramente me lavei, fiz a antissepsia e então me preparei para fazer uma anestesia peridural, que achei mais conveniente no momento do que a raqueanestesia ou a geral com éter, que nessa época por vezes ainda era usada.

Com alguma dificuldade e devido ao estado crítico da gestante, consegui fazer a anestesia e a paciente deitou-se na mesa cirúrgica.

Chegou então o primeiro doador, que foi retirado do trabalho na lavoura, por sorte próximo dali, e encaminhado direto para o hospital. Só pelo fato de sua tipo sanguineo ser O negativo já era importante para nós. O sangue começou a ser retirado por meio de punção venosa para um vidro próprio e logo estaria pronto para ir direto para a paciente. Bolsa de sangue? Análise do sangue do doador? Nem pensar...Nem tinha como fazer isto.

Desloquei uma das pessoas da equipe para obter o sangue enquanto lavava novamente meus antebraços e mãos e fazia a antissepsia para iniciar a cirurgia.

A paciente estava cada vez pior. Eu me apressei para entrar em campo cirúrgico rapidamen-

te e iniciar a cesariana. Arrumei a mesa de instrumentos com a intenção de fazer a incisão mediana infraumbilical e facilitar o meu acesso, pois não sabia o que ia encontrar pela frente.

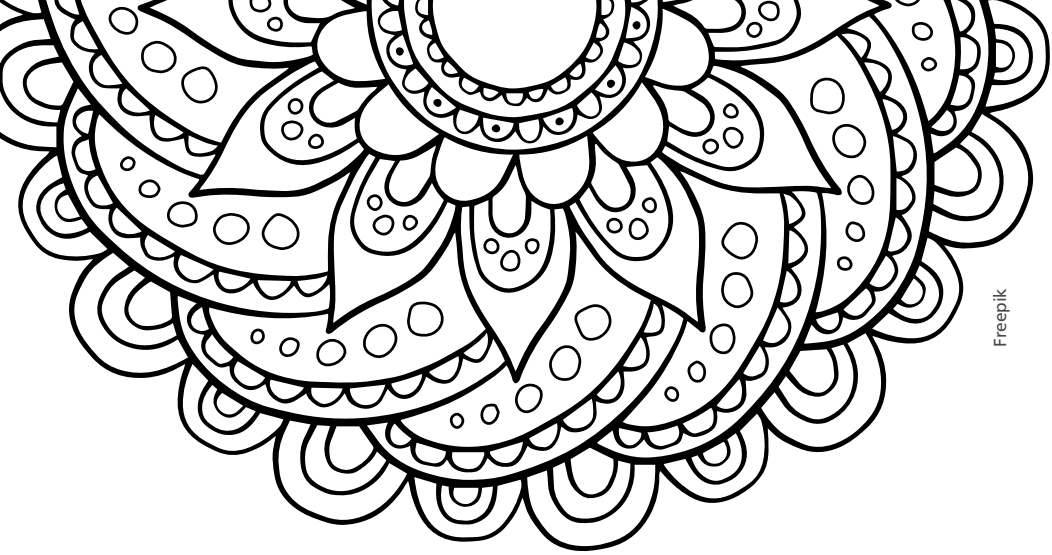
Nisso, o abençoado sangue do doador chegou e pedi que fosse instalado imediatamente.

Incisei a pele com o bisturi e com o uso da tesoura e das mãos fui abrindo os outros planos até chegar ao útero da paciente. Quando o abri, o sangue jorrou feito cachoeira. De fato, era um descolamento prematuro de placenta, e eu mal conseguia ver o feto. Afastei o que pude na ânsia de pegar a criança e tirá-la daquele local inundado de sangue. Pincei e cortei o cordão umbilical e dei o menininho desfalecido e cianótico para uma atendente da equipe. Em segundos, removi o que pude da placenta e me atirei em direção ao recém-nato, posicionado em uma mesinha para atendimento pediátrico. Lá fiz todo o tipo de reanimação, desde aspiração, oxigênio e respiração boca a boca, até ouvir curtos e pequenos gemidos e perceber uma melhora em sua coloração.

Nesse momento, a atendente que controlava os dados vitais da paciente gritou: "Corra, doutor! Não estou ouvindo a pressão nem sentindo seu pulso". Deixei a criança, que a essa altura estava um pouco melhor, e fui conferir a dramaticidade da situação. Era terrível. Achei que a paciente fosse falecer. Mesmo com os panos cirúrgicos a cobrindo, fiz a massagem cardíaca e pedi aumento na velocidade do soro fisiológico e do sangue. Assim que ela teve uma pequena melhora, novamente corri para me lavar, fazer a antissepsia e colocar um novo avental esterilizado para voltar a campo. Como havia ainda restos placentários, precisei removê-los e pedi que preparassem algumas ampolas de Methergin. Só então a paciente teve um sinal de melhora significativa.

Nesse momento chegou um segundo frasco de sangue, que foi instalado imediatamente.

Escutei, então, o choro da criança e tive a certeza de que estava bem.



Freepik

No campo cirúrgico, com a retirada da placenta e a diminuição do tamanho do útero, a situação começou a melhorar. Consegui até fechar todos os planos com relativa tranquilidade.

Finda a transfusão e a cirurgia, a paciente começou a adquirir uma cor um pouco melhor, deixando aquela palidez que tanto nos preocupava.

Usamos mais três frascos de sangue e ela foi melhorando, recuperando a cor e a lucidez.

Com a graça de Deus e a ajuda de toda a minha equipe, cuja dedicação e boa vontade eram desmedidas, conseguimos salvar a mãe e o filho. No mesmo dia, ambos estavam juntos e ela o abrigava em seu colo. Tanto a mãe quanto o filho saíram bem do hospital, sem nenhuma sequela.

Só então é que me dei conta do cansaço, pois essa situação de extremo nervosismo nem me deixou pensar nisso. Estávamos extenuados, eu e minha companheira.

Após tudo estar resolvido, muitas horas depois da nossa chegada fomos, enfim, desfazer as malas e procurar o nosso merecido descanso.

Mortos que jantam

Erick Leonardo Naiverth Antonechen
Pseudônimo: **Alex Lecter**
e-mail: erick.leonardo@live.com

O despertador tocou às seis e meia. O homem estendeu o braço pesadamente e, após tatear alguns centímetros, finalmente o encontrou e desligou. A mulher espreguiçou-se lentamente e sentiu o ar gélido da manhã entrar por entre o cobertor e alcançar os seus pés. Deu um pequeno gemido e logo se levantou. Ele lavou o rosto com a água que ainda não era quente. Não precisaria fazer a barba naquele dia: não era dia ímpar. Enquanto a mulher jogava a água já quente sobre o rosto, ele foi para a cozinha e ligou a cafeteira. As xícaras meticulosamente dispostas já sinalizavam: ele se sentaria à direita, tomaria apenas o café puro. Ela comeria o mamão e uma mistura de leite com café em proporções exatas.

Uma bola de sabão: mal se toca e logo em seguida já não existe mais. Assim os lábios apenas tocavam o ar ao darem o beijo de bom dia. Não tinham tempo a perder, o trânsito já estaria caótico. O homem com rapidez conseguiu entrar na rodovia que ligava seu bairro ao distrito da agência bancária. Já conhecia cada buraco da rodovia: dez anos no mesmo trajeto. Ao ajustar o retrovisor de seu carro, a mulher conseguia passar o batom perolado enquanto o semáforo permanecia vermelho. Só assim poderia chegar ao hospital e passar sua digital na identificação biométrica antes das oito horas. Caso contrário, perderia seus benefícios do mês.

A água de uma breve chuva desenhava formas irregulares na janela do escritório bancário. O homem não notou. Habituara-se. Tornava-se parte de tudo aquilo. Ele era aquilo. O homem

era a fila, era o choro da criança, era a porta giratória, era o segurança fornecendo informações, era a estagiária de saia curta, era os cinco telefones tocando, era o painel numérico apitando e era o lanche rápido da esquina no horário do almoço.

Naquele mesmo dia, solicitaram à mulher que fizesse uma ligação para a agência bancária onde o homem trabalhava. Ela não notou. As falanges eram tão habituadas a digitar rapidamente que, não raro, conseguia passar a ligação ao solicitante sem ter se dado conta do que havia digitado. As lasanhas e pizzas congeladas haviam acabado, pensou ela enquanto pedia para alguém aguardar na linha. Quando saísse do hospital o mercado já estaria fechando. E as compras devem ser feitas no sábado.

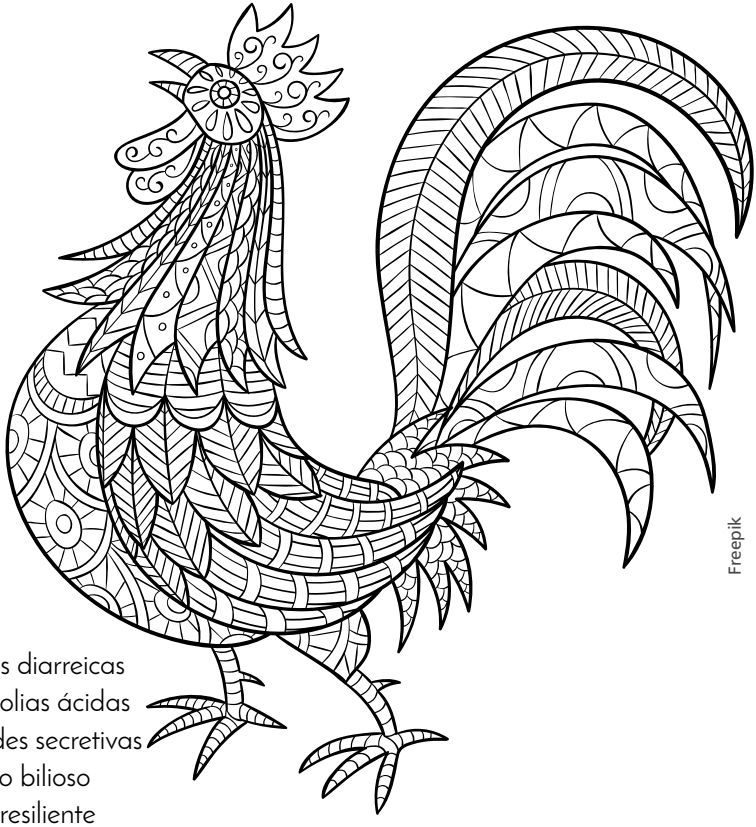
Quarenta e sete minutos, comemorou a mulher ao chegar em casa. A média era de uma hora no trânsito. Emitiu o mesmo gemido da manhã ao sentir o frio que vinha de dentro do congelador ao pegar as carnes. Teria que se apressar: eram dois com fome. O homem estranhou vê-la de pé na cozinha. Por um segundo tentou se lembrar de alguma data comemorativa que havia se esquecido, porém em novembro não comemoravam nada. Beijaram a bola de sabão invisível e ele logo em seguida jogou-se no sofá. A mulher se justificou dizendo que o dia no hospital havia sido muito cansativo e só teria tempo de ir ao mercado no sábado. O homem permaneceu quieto.

Para o jantar teriam que se contentar com dois bifes fritos. A mulher, incomodada com o fato de ter que preparar um jantar e servi-lo, logo retirou os bifes da frigideira. O homem, incomodado com o fato de ter um jantar feito pela mulher, sentou-se no seu lado da bancada. Os dois bifes estavam dispostos no centro de cada prato. Eram dois bifes perfeitos. Estavam cortados meticulosamente, sem resquícios de gordura, sem nervuras, tostados por fora e aparentemente irrecusáveis. Sem dúvida alguma eram dois bifes vindos de uma

vaca sadia, criada para prover dois bifes padronizados. O homem e a mulher os cortaram ao mesmo tempo. Na faca, a marca do sangue formava desenhos irregulares. No prato, o sangue escorria. Estavam crus. Eram dois bifes crus. Dois bifes inteiramente crus por dentro. O sangue do bife pulsava arterialmente e isto os assustava, pois não sabiam que ainda poderia haver vida ali. Mas o sangue pulsava no prato, esguichava em suas caras e jorrava na cozinha. Era impossível não senti-lo. Para estancar aquela hemorragia não bastariam panos, suturas ou cauterizações. A cirurgia seria longa e cansativa. O homem e a mulher se olharam fixamente por alguns segundos. Era necessário ir mais a fundo. Comeram os bifes completamente. No dia seguinte, o despertador tocou às seis e meia.

Para Freud com amor

Adeus.
No divã eu não deito mais
Dei-me alta
Liberto
Grilhões da transferência
Repressões plúmbicas
Torporoso
Coração empático
Lágrimas imotivadas (ou não)
Desejo latente sob a carne
Sangue do autoextermínio
Pensamento desconexo
Humor hipotímico
Afeto incongruente



Freepik

Mágoas diarreicas
Melancolias ácidas
Saudades secretivas
Remorso bilioso
Chaga resiliente
Sem beijo na ferida
Tédio injetado na veia
com agulha patogênica
Vírus da imunodeficiência amorosa
Infecção disseminada de ódio
Dose diária de crueldade
Catexia álgica
Memórias remotas que guiam
Sei o que não fui
Sei o que restou
Não sei o que serei
Sei tão pouco de muito
Mas hoje eu sei

Saudades antecipadas

Lorivaldo Minelli
Pseudônimo: **Luigi**
e-mail: minelli.dermato@sercomtel.com.br

Tenho saudades do meu futuro!
Do futuro que eu não tive.

Como foi boa aquela época,
Aquele futuro!

Eu era um idoso sadio,
Que me cercava de minha família.
Como marido, pai e avô,
(talvez, bisavô).

Sem exercer comando rigoroso,
Orientava meus descendentes.
Eu tinha por hábito ver a família sempre reunida;
Para isso programava os encontros.
Repetidos e alegres encontros.

Desse modo, eu não deixava de comemorar
Todas as datas sociais,
Os familiares e os feriados;
E mesmo certos fins de semana.

Reunir a família era uma festa
E na verdade, para isto,
Não era necessário
Uma data especial

Qualquer dia poderia ser uma ocasião.

Especial era a família reunida!

Inicialmente, cercava-me de meus numerosos netos,
Cuja idade variava de crianças que se divertiam comigo,
Apenas sentando em meu colo e contando suas fantasias,
Próprias da idade, e jovens que se agrupavam,
Contando as vantagens de suas vivências infantojuvenis,
Exageradas às vezes, pensando enganar-me por minha idade.

Após, eu cercava-me de meus filhos.
Quando julgava necessário, eu os orientava.
Nem sempre seguiam minha orientação
O que para mim era uma situação esperada.

Todos os filhos conseguiram ter,
Uma vida relativamente confortável e
Famílias exemplares e, com relação a isso,
Eu vivia despreocupado nesse meu futuro.

Durante o almoço ou jantar ou em ambos no mesmo dia,
Saudava-nos com um bom vinho,
E sobravam abraços e beijos.

E quando o vinho subia um pouco,
Vinham as cantorias desafinadas
E as piadas inacabáveis.

Eles tinham prazer de estarem comigo.
E nos tínhamos como grande satisfação estes constantes e
Felizes encontros.

Como foi bom esse futuro que eu não tive...
Como foi boa essa época!
Nela tive tudo o que eu esperava ter!

Mas eu não tive esse feliz futuro,
E, nunca o terei!
E, se pudesse tê-lo,
Não teria a família necessária para isso:
Falta-me essa querida família.
Não tenho estas sonhadas pessoas:
Filhos e netos, e muito menos bisnetos.

Vivo então, triste no meu presente,
Por imaginar um futuro que não terei!

Ele é apenas um sonho desejado!
– Somente um sonho! Nada mais...

Somente um dia

Ah! Se eu a tivesse!
Mesmo que fosse por um só dia!
Nesse dia eu viveria
Os anos felizes que
Não tive em
Toda a minha vida.

Nesse dia seriam meus
Esse sublime sorriso,
Sempre presente em seu rosto;

Sua voz leve, pura, meiga,
Verdadeira melodia!

Seus olhos me fixando e mostrando-me
Deliciosamente seres minha;
Seus cabelos penteados a seu modo,
Esvoaçantes ao vento e dando-lhe
A impressão de uma deusa.

Seus lábios vermelhos sem a necessidade
De cosméticos para assim torná-los;
Seu corpo e seu andar esbeltos a salientarem
Seu divino corpo.

O seu comportamento carinhoso,
Quase religioso tal sua verdade;
A simplicidade de suas atitudes,
Sempre lhe acompanhando.

Tudo isso e tanto mais,
Tornou você, para mim,
A mais doce, a mais linda, a mais pura, e,
A mais bela representante do exemplo
Natural que deveriam ser atributos
De todas as mulheres.

Nesse dia, então,
Poderia eu partir
Pois nada mais
Meu viver necessitaria,
Ao findar este abençoado
E sonhado dia...

Freepik

Maria, Maria

Gabriella Ueharo Pereira
Pseudônimo: **Flora Andrade**
e-mail: gabiueharo@gmail.com

Dos presentes que a Medicina me deu, conhecer a Dona Maria foi uma bela surpresa. Ela apareceu para salvar um trabalho da faculdade, mas acabou fazendo muito mais do que isso. Acabou mostrando para algumas jovens em processo de formação - não só profissional, mas pessoal também - que de milhões de "Silvas" e "Pereiras", "Marias" e "Josés" se faz o Brasil. E que esses incontáveis descendentes de severinos, mesmo muitas vezes esquecidos pela sorte, tocam o país para a frente, seja pela sede de justiça ou pela "estranha mania de ter fé na vida". Já eternizou Elis, "Maria, Maria".

Maria, Maria. Nascida na Bahia, conheceu a dor logo aos cinco anos de idade, quando perdeu a mãe. Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, então trocou a mamadeira, não por

um lápis, como gostaria, mas pela roça e, já aos treze, casou-se, passando de "Mariazinha" para Maria mãe. Anos depois, com poucas oportunidades, a então mãe de muitos buscou no Sul um futuro melhor para os seus, que se criavam sem uma figura paterna.

Maria, Maria. Dona de uma força que nos alerta, ela trabalhou incansavelmente. Inúmeros empregos, maltratada na casa do irmão, filhos espancados pelo próprio tio. Por muito tempo aguentou a dura realidade, mas pouco viveu. Com raça, gana e sonho sempre, persistiu até que a sorte lhe sorriu, finalmente. Realizou o sonho da casa própria. Pôde começar a substituir os tempos de deixar de comer para dar aos seus e abrir espaço para a esperança. Com o sorriso de sempre no rosto, a luta continuava, mas agora não mais só aguentava. Vivia.

Maria, Maria. Mesmo com todas as dificuldades e todas as lágrimas derramadas, não perde a gratidão pela vida. Agradece todos os dias por terem aparecido em seu caminho pessoas que reconheceram seu valor e a ajudaram a superar obstáculos. Por causa de pessoas que alimentaram sua família quando ela não tinha como fazê-lo, dona Maria não perde a fé na humanidade, não perde o dom ou a certa magia. De fato, quem traz no corpo a marca, mistura dor e alegria.

Hoje, 71 anos, muito vividos, "completos agora em abril", como ouvi dela. A visita foi uma daquelas situações em que o abstrato se mostrou concreto e a generalização da triste realidade dos milhões de eternos severinos se chocou com a minha. Surgiu com o sorriso cheio de ternura uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer no planeta, mas não o faz. Uma Maria que deveria ser como qualquer Mary ou Marie, mas não é. Por muito tempo não lhe foi permitido ser. Apenas existia como mais uma dentre milhões. Mas como se o Brasil é feito por elas? O Brasil deveria ser por elas. Eu sou.

Freepik

A beleza está nos olhos de quem vê

Como é bela a fragilidade humana. É talvez o que não nos deixa esquecer que tudo passa, que nossos atos têm consequências, que somos, de fato, humanos. Mas, apesar dessa beleza, tal fragilidade nunca foi motivo de orgulho para a grande maioria. Ser forte significa, hoje, estar pronto para aceitar sozinho todos os percalços da vida, não sucumbindo à "fraqueza" de ter de pedir ajuda. Dia desses entra uma paciente no consultório que era o exemplo perfeito de como esse conceito imposto à sociedade (pela própria sociedade) nos endurece.

Muito simpática, ao começo da consulta, a paciente relatou ter hipertensão e diabetes. Conforme questionamento, suas queixas foram se expandindo, e ela nos contou sobre os acidentes

que sofreu, mostrando-nos suas cicatrizes. Sem problema algum, ela discorreu sobre seus males puramente físicos, sobre como o acidente automobilístico sofrido a afastou do trabalho.

Contudo, a real dor dela não era, de forma alguma, somente física. Alguns poucos minutos de conversa foram suficientes para a paciente deixar transparecer a tristeza com a qual vivia. Ela, com todas as indicações de realizar cirurgia bariátrica, não o fazia e nem sequer gostava de comentar sobre o assunto. Com um certo receio, ela admitiu ter medo, pois sabia de alguns casos de indivíduos submetidos ao procedimento que foram a óbito em decorrência desse.

Além disso, a condição imposta por seu peso trouxe limitações que mudaram completamente sua vida. Ela, que já gostara de dançar, sair e se divertir, tornou-se reclusa, introspectiva e muito solitária. Já não possuía amizades ou pessoas nas quais pudesse se apoiar. "Elas gostam de se meter em tudo", ela disse. Em pouco tempo, o sorriso que entrou na sala se transformou em tristeza sem tamanho.

Nunca tinha visto um paciente chorar na minha frente. Por certo, imaginei que isso ainda viria a acontecer, mas por uma notícia ruim que eu – infelizmente – daria. Mas não por isso, não por ter causado uma epifania na paciente. Minha única reação foi cruzar a sala e entregar a ela um lenço de papel. "Empatia", eles ensinam. Mas aqueles poucos passos pareciam milhares diante do triste dilema que ela encarava.

Esboçando um sorriso, ela aceitou o lenço. Porém, a minha vontade era de abraçá-la e dizer que, com calma, ela poderia resolver tais questões. Não o fiz, por medo de estar ultrapassando os limites. Estaria? De fato, havíamos acabado de nos conhecer, mas não é papel do médico auxiliar seus pacientes e fazer o benefício como jurou Hipócrates? Não é um dos princípios da Medicina a beneficência? De repente, encontro-me na minha própria dualidade. Pois então, como é bela a fragilidade humana!

Visnezh/Freepik.com

Seu Affonso – uma estória de amor e solidariedade

Roberto Pirajá Moritz de Araújo
Pseudônimo: **João De Barro**
e-mail: rpiraja@uol.com.br

Quem via Seu Affonso, atrás de seus óculos de grossas lentes, a andar lentamente sobre as areias finas e macias da praia, não imaginava quantos amigos ele angariou durante seu profícuo viver.

A estória de sua vida documenta muito bem a que viera. Permitam-me que eu lhes conte.

Recém-chegado de Palmas, Affonso estabeleceu-se em Curitiba pronto para desempenhar a única habilidade que desenvolvera em sua vida: dedicar-se à comunidade como farmacêutico prático. Trazia junto a si sua esposa e dois filhos, e o coração cheio de esperanças.

Nesta época, o bairro do Portão era mal servido de ruas e facilidades. Não havia ruas transitáveis em dias de chuva, e nem mesmo o bonde chegava à sua porta. A primeira residência, de madeira, era precária. Porém, concentrando seus esforços e parcos recursos, plantou ali a sede da nova Farmácia. Sentia-se à vontade contribuindo com a população local. Logo passou a ser conhecido como *Seu Affonso, o farmacêutico*.

Em nova fase de buscas, completou seus estudos pré-universitários e foi aprovado para o Curso de Farmácia da Universidade Federal do Paraná. Com a ajuda da esposa, parceira de todas as horas, conseguia dedicar-se ao estudo. Foram três longos anos de luta, intercalando o trabalho árduo na farmácia de bairro e longas horas de estudo. Em 1942 tornou-se farmacêutico diplomado pela UFPR.

Neste mesmo ano nascia seu terceiro filho.

Sua atividade diária em prol de seus protegidos não mudou. Manteve-se no bairro longínquo a tratar de quem o procurasse.

Em 1953 construiu nova sede para a farmácia, agora elegante, nos moldes dos edifícios da época. Vários médicos instalaram seus consultórios no bairro, alguns ao redor da farmácia. Ao final da tarde, após um dia de trabalho, estes médicos reuniam-se na farmácia, onde rolava conversa sobre política e amenidades e ainda trocavam experiências sobre casos mais difíceis ou intrigantes. E Seu Affonso, quando os fregueses davam-lhe trégua, participava deste bate-papo de fim de jornada. E era de estórias alegres e anedotas que Seu Affonso mais gostava. Ele as contava com alegria, rindo enquanto as representava, antevendo o final das mesmas, que naturalmente ele já conhecia. E todos acabavam divertindo-se muito.

Seus préstimos continuavam sendo procurados pelos moradores do bairro, principalmente pelos velhos amigos e clientes mais simples. Estes o consideravam "um doutor que conhece das doenças", como afirmava

Seu Virgulino, um de seus mais antigos e fieis clientes.

O progresso chegou ao bairro com o asfalto, trazendo comércio forte e grandes redes de farmácias. Todavia, Seu Affonso permanecia como farmacêutico preferido dos moradores do bairro. A partir dos anos 1950, muitos medicamentos industrializados começaram a frequentar as prateleiras das farmácias, substituindo os formulados. Porém, nada o impedia de produzir alguns formulados, "milagrosos" para os pacientes da região, melhores de que aqueles remédios que vinham ricamente embalados. Assim, continuavam a ser produzidos os formidáveis "papéis para febre" (pequenos envelopes contendo paracetamol em pó), indicados para baixar a febre das crianças. Também, as fórmulas com base em tinturas e extratos fluidos, indicadas para males do fígado ou cólicas femininas. Sem esquecermos a Pomada Mercurial, para o tratamento de sarna e de piolhos da soldadesca do quartel próximo à Farmácia. Honrava a Farmacopeia Brasileira e o Formulário Chernoviz. Eram seus livros de cabeceira.

E assim viveu Seu Affonso, dia após dia, uma vida dedicada ao bem estar comum, e ao final retirou-se para um merecido descanso, em sua casa de praia.

Com ele, praticamente acaba a era dos farmacêuticos /boticários, que eram guardados no coração de seus clientes.

Após um viver tão intenso, tão cheio de diferentes experiências, escolheu a maciez da areia e a música das ondas do mar para embalar seus novos planos, que, certamente, já habitavam seus sonhos.

Com amigos do bairro deixou saudades.

Para finalizar, deixem-me contar-lhes mais um pequeno detalhe: Seu Affonso era meu pai. Daí a emoção de que fui tomado ao relatar-lhes estes fatos que tanto enlevam minh'alma.

Acordou

Matheus Lourenço Mendes
Pseudônimo: **Manoel Pitanga**
e-mail: matheusloumendes@yahoo.com.br

Acordou com vontade de sovar pão.

Costumava, com gema de ovo batida, pincelar a massa, que levava ao forno nos fundos de casa em companhia daquela amoreira sob a qual enterrou seu primeiro cão. O cheiro (e a farinha) do assado infestava-lhe os longos cabelos grisalhos, quando ainda os tinha. Costumava servir pão com nata e café forte. Veio-lhe o estranhamento quando deixou queimar a massa em esquecimento repentino. Acordou com vontade de sovar pão, mas já não tinha força nos braços.

Acordou com vontade de passar café.

Não costumava usar açúcar. Sua mãe lhe havia ensinado (ainda em alemão) que açúcar mascara a pureza da bebida. Fazia vista grossa aos netos, que tacavam na xícara suas 3 ou 4 colheres. Recusou o filtro de papel trazido pela filha: se quisesse descartar, usaria uma meia velha. A moça chamou-lhe de antiquada. Aceitou o elogio. Estranhou quando queimou a mão por tremer demais ao colocar água fervente no coador. Acordou com vontade de passar café, mas já não conseguia erguer a chaleira.

Acordou com vontade de tocar piano.

Costumava não usar partitura. Tinha na memória as músicas que seu irmão lhe ensinara a tocar para abafar as discussões dos pais. Nunca participou de recital: reservava o eco dos bemóis e sustenidos a ela mesma e aos vizinhos. Em uma ocasião, ofereceu café ao afinador. Acabou derrubando a xícara sobre as teclas. Considerava as manchas amareladas como as rugas de seu rosto: armadilhas do tempo. Entregou-se ao estranhamento

quando não conseguiu lembrar-se do acorde-a-seguir da marchinha "Manhã em Frankfurt". Acordou com vontade de tocar piano, mas não podia mais mexer os dedos.

Acordou com vontade de caminhar até o lago.

Aos 75 anos, não costumava usar bengala. Ia sozinha e não utilizava protetor solar. No máximo, um guarda-sol, que lhe protegia o rosto. Levava consigo uma bolsa com as amoras colhidas no quintal. Talvez fosse esse o motivo de nunca ir de branco. Sentada no banquinho de cimento, devorava as frutinhas. Foi nele que viu, pela primeira vez, uma libélula e também um helicóptero. Foi lá que desmaiou pela primeira vez. Acordou com vontade de caminhar até o lago, mas já não tinha controle sobre suas pernas.

Acordou com vontade de sair daquele leito de UTI.

Não costumava acreditar no poder dos remédios ou reclamar das picadas de agulha quatro vezes ao dia. Nos cinco anos desde o diagnóstico, só chorou ao lhe cortarem os cabelos. Quando ainda podia ver, olhava com afeto aos enfermeiros – sobretudo àqueles do plantão da madrugada. Quando ainda podia sentir cheiros, reclamava do perfume da comida do hospital. "Se fosse eu no fogão, não seria essa catinga, não!". De fato, o lanche da tarde seria pão com café e amoras com um piano ao fundo para acompanhar. Quando não sentiu as pernas, não estranhou.

Acordou com vontade de não acordar mais. Não se tratava de fraqueza. Era forte o suficiente para seguir sozinha.

No dia seguinte, não acordou.

O médico escreveu no atestado de óbito "morte encefálica", mas bem sabia que ela havia seguido da vida por saudades da vida.

Pátria amada, salve, salve!...

Gilmar Mereb Chueire Calixto
Pseudônimo: **Khalil**
e-mail: drgilmarcalixto@hotmail.com

Parta Amada, Salve-se, Salve-se!
Parta Amada, liberta serás
Salve, Salve!...

Quando se estende a mão e sente
Ela já não é mais da gente
Da alegria das festas do antigamente
A nova "Banda" calou a harpa do crente.

Recolhe a paixão às tantas de sempre
É o toque que dita e permite a corrente
Envolve, acolhe, mata, rouba e mente
Lembre o ser dito, maldito descrente
Sabe o que dizer e não diz, consente.

Saberá o amante traído, outrora contente
Que se foram as cinzas com os ventos
E usa o mesmo lenço molhado e quente
Das lágrimas perdidas. Sai, serpente!...

Da foice não desejo ver o talhe e o corte
Afastem-se as cortes que trazem a morte
Não volte à Amada o olhar distante
Desnuda perfídia do afeto inconstante.

Melhor tê-la em mortalha

Verde, amarela, azul e branca
E poder libertá-la em nosso canto.
A ter um jazigo vazio em pranto.

Parta, Amada, Parta, Amada!
Parta, Amada, amada Pátria
Salve-se, Salve-se!...

Peteleco, o palhaço sem máscara

Ao adentrar o quarto 708 escudado pela médica residente dedicada, relatou-me que Gennaro, o paciente, sofrera um AVC, pneumonia e ficara com sequela motora, dificuldade para fala e equilíbrio. Profissão: palhaço de circo e trapezista, agora morador de instituição de longa permanência com mais 99 companheiros idosos. Eu o vi deitado, rosto magro, nariz ao céu, corpo palha qual Antony Quinn, fragilizado, um palhaço velho, de olhos fechados, em um mumurinho infindo "*delirium* de solidão", um não mais de multidão. Sem lágrimas, sem risos, sem picadeiro, sonhando talvez com uma ribalta longínqua a encantar os céus. Um poeta da alegria, mago da fantasia, ser etéreo na multidão, eternamente só.

Quando, alguns dias, em um momento de lucidez, perguntei -lhe qual a maior alegria que tivera na vida, disse-me: " ser palhaço". E a maior tristeza? "Ter tido um derrame, não conseguir me equilibrar. Um trapezista que não consegue mais ficar em pé e um palhaço que perdeu a graça". "Que mais você deseja, Peteleco?" "Voltar para casa, para o asilo". "E você teve um grande

amor um dia?". Ele me disse que conhecera Tereza, na Itália, em uma *tournée*. Em meio ao espetáculo ele notou na plateia uma moça que não ria de suas artes, olhava-o fixamente, e o enxergava através da máscara (máscara significa personagem = *persona* = pessoa). Após a apresentação, ela o encontrou sem maquiagem, viu o seu real ser e com seus olhos negros prendeu-o em um amor à primeira vista. Deixou ele o picadeiro por semanas e um sentimento extasiante e divino arrebatou-o em uma terra exótica, um amor de solidão, de partida. Uma paixão naquele outono, que o inverno enterrou, quando o circo deixou a cidade. Jamais imaginei que um dia seria médico de um palhaço de verdade. No meu imaginário, achava que palhaços não adoeciam e não morriam, pois morrer é triste e não condiz com o riso deles. O último ato agora, sem crianças, sem feras, sem família, sem multidão, sem aplausos, sem apupos, sem assovios, uma "descena". Silêncio no circo!... Quando ele partiu, agora Orfeu Negro, prometi a mim mesmo que o vestiria novamente com suas roupagens reais, multicores, e chamaria todos os que o atenderam, o paliaram, e chamei pela equipe multidisciplinar, toda travestida, com narizes postiços, línguas de sogra, chapéus cônicos ao cerrar as cortinas em seu último espetáculo e aí gritaríamos: "O palhaço o que é? O que é? É ladrão de mulher! Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor!" Alegria do palhaço, é o circo pegar fogo (assim eram os chamados pela cidade quando os circos chegavam, bem lá em nossa infância). E após homenagem póstuma, rimos e choramos. Como palhaços, choramos de mansinho, discreto, de alegria. Lembrei-me quando ele partiu, aquele corpo gélido, alvo no quarto branco agonizou sem estardalhaço, sem palhaçada, sem maquiagem, sem cores, sem risos, ao vivo com dores agora sem fantasias. Deixei ao lado dele um palhacinho de pelúcia, um petelequinho órfão e senti por todos nós que somos e não reconhecemos, falsos palhaços incolores, insípidos. En-

sinou-nos nossa última inaudita, maldita "divina comédia", agora terrena "a sordidez humana". Recordei-me que quando o visitei uma vez em uma tarde fria, ele ditou-me uma carta à sua eterna amada Teresa (Dulcineia Quixotesca) com semblante altivo, atitude nobre que só um cavalheiro de verdade poderia ter, ao divertir uma Arena de Aço. Coloquei-a em um envelope branco, destino Itália, em possível endereço fechando-o à sua frente com selo de palhacinho e assegurando-lhe que a postaria. A carta não a enviei, pois minha companheira havia me dito que soube pela internet que ela morrera no mesmo dia em que ele partira com o circo, em uma tarde fria na Toscana. Ele, por sua vez, morreu em uma tarde quente em Curitiba, só, enlutada, sem graça. A nossa equipe gerontológica vestiu luto. Temi naquela hora que, ao lhe ter mentido, tirara as minhas máscaras, não restando nada, nem eu mesmo. A terra falira e ascenderam-se as últimas almas. Aprendi a enxergar além do vazio e o que é o pertencer e o sentir de um verdadeiro amor.

Recordei-me também que quando saí do hospital em frente à praça, gritei: "Rasguem minhas fantasias, arranquem o palhaço de mim!... Fiquei inerte, parado, imóvel olhando para o vazio. Uma ambulância chamada por populares aproximou-se e foi dito aos atendentes que o doutor havia "pirado". Levaram-me para dentro e aplicaram Haloperidol em minha veia azul dilatada. Permaneci na clínica de *stress* agudo, por dias. Voltei para encarar a vida novamente de frente e, ao retomar minhas atividades, compreendi que me tornei um médico e pessoa mais alegre, mais humano e melhor. Agora sabia que era também palhaço de verdade, o que aprendi com Peteleco, assim como o Zanetti em seu livro *O médico que não sabia fazer bilu/bilu* a fazer mais bilu/bilu com meus pacientes, com meus amigos e com a Vida.

Paralaxes, conflitos e prazeres

Cláudio Luciano Franck
Pseudônimo: **Lara**
e-mail: claudiolfranck@hotmail.com

Em uma lúgubre noite, uma iguaria insípida harmonizada pelo saboroso vinho sacia o homem que faz de sua vida devaneios. Sozinho, na penumbra trêmula das luzes de velas dos candelabros retorcidos, LucMee confabula com seus eus à procura de explicações imprescindíveis à sua convicção ao realismo inexistente.

– Penso... Só por isso existo?

Irritado:

– Improcedente!

Justifica:

– Que argumento improvável para essas desprezíveis, porém replicantes reflexões que consolam a pequenez do irrelevante intelecto em contexto universal...

– Desvaloriza o pensamento em absoluta insignificância, assim como a inconsistência subitânea de qualquer momento.

Pupilas dilatadas na meia-luz, continua compenetrado compondo considerações recorrentes em busca do próprio convencimento.

– Reflexões recidivadas, mal resolvidas e reincididas nas incertezas das evidências comprovadas, porém passíveis de discrepâncias em suas obviedades...

Respira fundo e continua em plena fase analítica, contrapondo-se ao que acabara de concluir:

– Viver como um apêndice do mundo, configurado pelo empréstimo dos mesmos antigos átomos que pairam na Infinitude... ora vegetal, ora mineral, ora animal, ora pessoa, ora eu... Lastima-se pelas incessantes averiguações que lhe asseguram a inviabilidade da certeza e a veracidade da vulnerabilidade

Visnezh/Freepik.com

do que pode ser considerado viver. De repente, um sorriso cínico. Após a abstração cochicha para si mesmo:

– Reencarnações atômicas!

Gargalhada extravagante seguida de um longo e silencioso lapso, cessado subitamente por uma atormentada frase em voz alta:

– Agonia inútil, pois até tu inexistes! - Aflito no ápice caótico da sua insignificância, atrai a atenção das pessoas que olham em sua direção. Indiferente ao ambiente, regressa aos silenciosos raciocínios:

– O tempo não faz diferença...

Angustiadíssimo, pois o insolúvel lhe parece compreensível, vislumbra em suas considerações complexas um acordo singelo, entre a contemplação estagnada das suas sensatas emoções e o revés das razões ininteligíveis.

Nem mesmo escolher um caminho...

– Contempla o belo saber e o prestígio da subjugação dos percursos ilusórios ou indubitáveis, mas se desespera à impenetrável lógica incognoscível da inconstância temporal que torna seus consistentes trajetos insustentáveis.

– Absolutamente tudo, assim como todos pairam na realidade surreal entre a mentira e a verdade... improvável afirmar que sim ou que não, pois apenas a dúvida perpetua e faz a vida parecer uma fantasia alucinatória...

Breve pausa seguida de um desfecho lúdico:

– Efêmeros ou eternos, parece que somos pincelados das mais variadas formas nas retinas de quem nos vê...

Instiga a similitude inexpressível entre a abstração do imaginário e a aflição da percepção, mas se entusiasma à indissociável dissimulação do que pensas ser e de onde os olhos nos veem.

– Ainda bem que somos assim...

Aliviado, ensaia um sorriso sincero, quase convencido de que possa ser importante na retina de alguém, ou talvez por ter alguém em sua retina, que o faz feliz.

– Assim como vemos a mesma Lua nos mais variados momentos, em formas diferentes e de múltiplos pontos observacionais...

Empolga-se e mescla a paralaxe astronômica com a cognitiva:

– As reflexões existenciais niilistas promovem a valoração do nosso viver e mesmo sem encontrar satisfatoriamente o sentido da vida, que a vivamos bem e sem esperar o porvir mantendo a distância necessária, entre os conflitos e as experiências sensoriais. Deleita-se com uma sobremesa simples.

– Para os conflitantes, o prazer da compreensão é indizível... – tirocina.

Com a pretensão de eternizar o momento, capta uma imagem de si mesmo. Faz melhorias apolíneas e, em apologia à irrealidade, promove a translação do ser em sua desejada aparência, promovendo-se na gênese da paralaxe imagética.

Agradece o garçom com uma medíocre gorjeta. Retira-se e, sem preocupações, avança pela via sinistra, enquanto o luar, encoberto pelas nuvens, pouco clareia seu passeio. Nem percebe e vagueia a noite inteira.

– A Lua não precisa estar cheia para ser bonita...

Eu morri ontem

Gabriel Guandalini
Pseudônimo: **Saulo Guerra**
e-mail: g.guandalini@gmail.com

Eu sonhei que morri ontem.

A luz da manhã escorria entre as cortinas de cetim da porta da varanda e desenhava sombras no tapete da sala. A brisa que conseguia entrar por debaixo da porta empurrava uma única pétala de rosa caída no chão por entre os objetos do aposento.

Mas como foi isso?

Os móveis brilhavam com uma camada recente de polimento e a televisão refletia o vaso de flores ao seu lado. Um paletó jazia esquecido no sofá e um livro repousava sob a pequena mesa de centro.

Parecia que eu estava sumindo.

Em cima dela, duas taças de vinho se encaravam. Uma vazia e a outra com marcas de batom. A garrafa, por sua vez, havia ficado em cima da mesa de jantar, logo ali atrás do sofá, dominando o restante do ambiente.

Sumindo? E doía?

De frente para a mesa, uma parede repleta de retratos. Havia fotos de paisagens, de festas, de abraços e de lugares famosos. Só uma pessoa se repetia em todas elas, enquanto as outras trocavam de elenco uma após a outra.

Não. A sensação era outra.

No balcão próximo que separava cozinha e sala, permanecia o abridor de rolhas e o que havia restado da sobremesa de doce de leite. Os pratos sujos estavam empilhados na pia em meio a uma confusão de talheres e molho rosé. A panela com a sobra

do macarrão ficara esperando esfriar bem ao lado da geladeira.

Qual?

A porta do refrigerador barulhento tinha ímãs de diversos destinos e uma lista de compras. *Sabão em pó* estava circulado em destaque. Um prendedor com formato de Papai Noel segurava a foto de um cachorro recortada de um jornal.

Era aceitação.

O relógio da cozinha, que não funcionava, ficava pendurado em cima do portal para o corredor. Neste, o pé direito de um salto alto estava caído. O seu par estava mais à frente, depois de passar pelas fotos de viagem decorando a parede, largado na frente da porta que levava a suíte.

Como assim?

O banheiro, pequeno, tinha acesso por uma porta sem tranca. Lá dentro, o chuveiro tinha uma divisória de vidro e uma toalha molhada deixada no chão. Na pia, havia maquiagem espalhada em volta do copo que segurava duas escovas de dente, uma verde e a outra lilás.

Eu sabia que devia ir embora.

A pouca luz no quarto escuro vinha da porta entreaberta do banheiro. As persianas da janela estavam fechadas e deixavam passar quase nada da luz do dia. Brilhavam nas sombras os números do rádio-relógio na cabeceira, em um horário incompatível com a realidade.

Embora pra onde?

A meio caminho do criado mudo, amontoavam-se roupas. Uma meia preta, uma calça de alfaiataria cinza, uma camisa azul-clara e a gravata escura. Os sapatos haviam sido empurrados para debaixo da cama.

Para longe de você.

Os lençóis brancos escorriam para o chão, dando uma aparência ainda maior para a cama de casal. Os travesseiros estavam desordenados e um deles desaparecera da cama. Longos cabelos loiros cobriam os remanescentes.

Mas por quê?

A dona das madeixas douradas tinha o rosto fino, o nariz delicado e os lábios corados. A beleza do rosto combinava com a voluptuosidade de seu corpo

ligeiramente exposto na penumbra, sem o vestido preto que fora amassado e jogado longe.

Porquê...

Um dos braços estava encolhido junto a si, o outro enlaçava o travesseiro mais próximo. As pernas longas e bem torneadas, surgiam entre as dobras do lençol. Os pelos do corpo estavam arrepiados pela falta de cobertas. Seus olhos estavam fechados com força.

O quê? Me diz!

Ela dormia sozinha.

Eu morri ontem.

Sutura

De trapos, farrapos e remendos
Construí aquilo que seria
Meu coração tremendo.
Cada cicatriz tem sua própria melodia

Cada marca tem seu próprio algoz.
Mesmo que na minha cega procura
O sofrimento venha veloz,
Ainda busco quem traga a cura

Às minhas chagas sanguinolentas.
Nunca se sabe quem tem agulha e linha
Que não seja apenas quem me tenta
Mas alguém que atenue a dor minha

Alguém que me seja verdadeira e pura
Que não me deixe mais sofrer
E que nas suas emocionadas suturas
Faça uma rosa florescer

Do lado de lá

Renata Tortato Menegheti
Pseudônimo: **Re. T.m.**
e-mail: renata.rtm@hotmail.com

Do lado de cá, utilizamos todo nosso conhecimento científico para entender suas queixas. Do lado de lá, tentamos não esquecer nenhuma informação que possa ser útil. Do lado de cá, estudamos anos para oferecer a melhor conduta àquela pessoa. Do lado de lá, vivemos um momento único a quem nossa vida é entregue. Do lado de cá, uma consulta não dura poucos minutos, pois estudamos, analisamos e discutimos com a equipe qual a melhor proposta. Do lado de lá, aguardamos o que nos será definido, como se o mundo parasse de girar.

Caso a notícia não seja boa, do lado de cá, escolhemos as palavras cautelosamente para que paciente e família entendam a situação e caminho que poderemos percorrer. Do lado de lá, não ouvimos apenas as palavras, mas enxergamos através de seus olhos a preocupação, o cuidado e a insegurança de não saber ao certo tudo o que irá acontecer. Se do lado de lá, não sabem que nós os examinamos desde o momento que entram no consultório, do lado de cá não imaginamos o tanto que os nossos olhos dizem...

Mas quem disse que existem lados? Ninguém escolhe estar doente, mas nós, médicos, juramos salvar quando possível e aliviar sempre. Como é bom quando conseguimos de fato exercer a medicina e cuidar do nosso paciente. Inexplicavelmente melhor é encontrar sábios médicos que olham em nossos olhos, nos examinam e através de todo seu conhecimento nos guiam ao melhor caminho e o percorrem ao nosso lado. Que há interferências externas a toda hora, disso sabemos muito bem! Mas da relação médico-paciente não podemos perder o foco. Quem está doente nos está entregue. Devemos respeitar e honrar a importância que adquirimos na vida dessas pessoas e de toda sua família.

Afinal, quem nunca ficou doente?

Domingo de sempre

Álvaro Baptista Neto
Pseudônimo: **Bento Minalma**
e-mail: alvarobaptista_neto@hotmail.com

É dia doze do oitavo mês. O relógio grita – eu obedeço. Seis horas. Pela fresta da cortina, nada de novo, Curitiba. Neblina e frio brigando com o sol que logo vem. Vou ao banheiro. Escovo os dentes, lavo o rosto – que água fria!

É domingo outra vez. Preparo o café, coloco as duas xícaras na mesa. Puxo a cadeira para ela sentar. Ela não vem. Como o pão com margarina de todo dia. Tomo meu café com leite. É hora de me arrumar.

Missa de sétimo dia da minha amada Inês. Vou de terno e sapato. Os mesmos do casamento, sessenta e dois anos atrás. Nó na gravata, outro na garganta: preciso enfrentar esse frio. Desço as escadas do prédio antigo. Abro os portões, saio à rua: caminho de sempre.

Sozinho. Primeira missa sozinho. Vou a pé até a Catedral. Sigo pela Voluntários da Pátria, na direção da Boca Maldita. Ando lentamente... até chegar na Praça Osório. Um calor invade meu coração.

Foi ali, há sessenta e três anos, que pedi a sua delicada mão. Uma lágrima corre em meu rosto. Retiro do bolso minha carteira, abro-a e contemplo sua foto. Que sua alma me acompanhe, minha Inês. Sigo em frente.

Viro na Boca Maldita, na

pequena Av. Luiz Xavier. Lugar dos cafés de tantas vezes. Consigo até sentir o cheiro do pastel. Daquele pastel de queijo que lhe trazia até em casa. E pelo qual ganhava o seu sorriso, a bela recompensa de te amar. Ah...

Mantenho firme o passo nas velhas pernas. Já estou na Rua das Flores. À minha direita, o Palácio Avenida. Olho para o relógio. Ainda tenho vinte minutos... Vou ali naquele banco de madeira sentar.

Em volta do banco, canteiros lindos de amor-perfeito. Quantas vezes, escondido, não arranquei uma dessas flores para lhe presentear? Fecho os olhos, me perco em pensamentos. Sua presença invade meu coração.

O tempo passa... cinco minutos! Preciso me apressar. Ponho-me de pé, dou três passos, olho o canteiro: essas flores... me perdoe meu Pai, é a última vez que arranco uma para ela. Com a bela flor em minha mão, continuo meu caminho.

A cidade venta, a neblina persiste. Seis graus. Estou só. Um sopro de solidão atinge meu peito. Não sei se vou suportar... Olhando a flor que tenho em mãos, volto a andar.

Atravesso a Al. Dr. Muricy. Sigo em meus passos, pensamentos, soluços. Passo pelo cruzamento com a Marechal. Viro à esquerda e sigo pela ladeira em direção ao meu destino. Já vejo a Praça Tiradentes...

Dos prédios antigos, das grandes araucárias, do movimento incessante... Hoje tudo vazio, tudo sem nada. Silencioso, preguiçoso. Domingo de agosto em Curitiba. Domingo sem você em minha vida. Olho para o relógio. Apresso meus passos: a missa vai começar.

Do outro lado da rua, na Praça Tiradentes, avisto a Catedral bem à minha frente. Atravesso a rua. Algo estranho... caiu a flor! Caiu a flor de minha mão! Lanço os olhos sobre o asfalto, e ali está a minha linda. A dois metros da calçada. Vou buscá-la.

Me agacho para pegá-la. Intacta, fico a admirar... Da neblina, quebrando o silêncio, um som! Algo muito forte bate em mim, mas o que é isso, meu Deus? Algo houve de repente. Não fui à missa da minha Inês.

A idade

Chang Yen-Li Chain
Pseudônimo: **Yan Correia**
e-mail: changchain@ig.com.br

A idade
De repente, se ver na melhor idade,
Começa a relembrar a juventude,
Ter saudade da mocidade,
E nostalgia da maturidade.
Afinal, encontrou a felicidade?
Enfim, penso que sim!
Pois a felicidade é encontrar a própria identidade
E ter liberdade na terceira idade.

O complô de Obama

Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt
Pseudônimo: **Efigênia Dantas**
e-mail: prmdeb@unineuro.com.br

Oi, doutor, o senhor aqui? Meu pai mandou o senhor? Eu sei que o senhor é do bem, sente. Que tal esta porta cheia de florezinhas? Lindo, não? Sabe, não é minha culpa. O senhor vem me dar uma injeção, mas eu não tenho culpa se os israelenses atacarem os iranianos. Quem vai saber se o Obama mandou? Aliás, vou chamar você de você, quase temos a mesma idade. Linda mala, alemã? Mas veja. Os americanos estão dando tiros no peito do Papa, com a ajuda dos europeus do norte. Os protestantes científicos, sabe como? Nem os latinos, bizantinos, católicos do meio, que nem sabem se sua língua veio do latim....que este Ratzinger tinha as mãos sujas todos sabiam, mas vai explodir só agora? Ele já se envolveu com bancos e Máfia há anos, lembra quando apareceu um italiano enforcado embaixo de uma ponte do Tâmisa? Como era o nome, Banco Ambrosiano? E como ele ficou solto por aí e virou Papa? Sabe que é a terceira vez que ele tenta? Já mataram aquele italiano antes do João Paulo II, o I. Daí tentaram apagar o II também, e depois cooptaram ele. Você sabia que o João Paulo II se martirizava com uma daquelas cintas na coxa cheias de preguinhos? Fizeram alguma armadilha para ele santificar o fundador da Opus Dei, e em seguida Blair e Bush se convertem ao catolicismo. Pode? Vão alegar que o Iraque foi uma guerra santa?

Sabe como o Ratzinger escapou? Reagan, Thatcher, Bush e Blair seguraram. Agora a intelligentsia se recuperou do Clinton. Pobre Clinton, como alguém ia resistir a uma menina?

Visnezh/Freepik.com

O Dan Brown faz parte, o *Código da Vinci* em Paris, *Anjos e demônios em Roma*, e agora, *O símbolo perdido*, em Washington. Os monumentos de Washington tem catacumbas embaixo como os de Roma, tinham fogo eterno e musas, foram eliminados quando ficou bandeiroso demais no século XIX. O livro novo vende um turismo histórico, sabe como, a ideia do Obama e de seus amigos agnósticos científicos. Os pais da nação tentaram estabelecer lá uma cópia da Roma antiga sem as religiões. Tudo termina em Washington, até a cruz, imagine, ele diz que era egípcia. Não é tudo um plano? Por que o Dan Brown não faria já seu primeiro livro em Washington ou Nova Iorque? Ou em Philly? Porque começar em Paris, daí Roma? Será medo de mexer em Madrid? Porque os inimigos deles estão na Espanha. Primeiro os reis católicos, depois a Inquisição, depois o Franco e a Opus Dei, a ligação com a direita americana, e a explosão da Opus Dei na América Latina. Aqui se estabeleceram, com o dinheiro que o Eisenhower deu para o Franco na sua primeira visita à Espanha em 1958. Você sabia que os colégios católicos de Curitiba deram aula normal no dia seguinte à revolução de 1964? As pessoas não saíam de casa pois ninguém sabia o que ia acontecer, mas os católicos sabiam. E os Cisneros, você sabia que um dos principais aba-

des beneditinos é desta família ligada às ditaduras e à Opus Dei? Por isso o Lula toma estas atitudes que não dá para entender, se agrupa com o Chavez e o Moralez, mais aqueles antigos comunistas lá da América Central, por isso eles ficam aí apoiando o Fidel. É que a direita joga pesado, com a Igreja Católica, as comunicações. Quarenta anos depois do Eisenhower, os espanhóis recebem mais um dinheiro para entrar no Mercado Comum Europeu, e pumba, compram tudo: Santander, Telefônica, rodovias. O que você acha que eles vão fazer com árabes e judeus? Eu não consigo ainda imaginar, pois é difícil saber o que é pior, o Ahmaddinejad ou aqueles ortodoxos!

E os americanos conseguiram se achar um presidente negro de nome islâmico. Grande golpe, não? Com a mulher linda e as menininhas. Aliás, lá eles entenderam que o jogo ficou sério. As 3 sumiram, não aparecem mais em lugar nenhum, e o Obama vai de golpe em golpe. Está acertando com os russos, já imaginou? Vão eliminar algumas bombas nucleares, vai acabar com os argumentos dos Lulas e Ahmaddinejad da vida. E acertou o problema da saúde. A briga deles ficou muito feia. Já morreram com todos os Kennedy, e sujaram os que ficaram vivos, não deixaram um para contar a história política, já pensou nisso?

Mas eles estão aprendendo que o buraco é mais embaixo, vão ter que se entender com os chineses, e deixaram a África por nossa conta e dos chineses. Nem querem saber. Sabe por que? Este pessoal acredita no intelecto, como eu, o senhor, e o Dan Brown, e os pais da nação americana, eles acreditam que se dominarem o conhecimento, o resto vem atrás. Aliás, a Opus Dei, os comunistas, os fascistas, os nazistas, vão ficar para trás por esta razão. Não é a propaganda a alma do negócio, é o conhecimento!!

Mas enquanto isso, o senhor preparou duas injeções, não vai dar problema? Das outras vezes sempre era só uma, por que desta vez são duas?

Visnezh/Freepik.com

Último encontro

Jorge Rufino Ribas Timi
Pseudônimo: **RST**
e-mail: jorgetimi@terra.com.br

Hoje tive um encontro fatal
Com esta dama de preto
Que não me avisou da hora
Apenas chegou devagar
Dando tempo para escrever
Estes derradeiros versos:
Adeus, minha amada
Com quem passei
Os melhores dias da minha vida
Você riu muito comigo
Mas chorou também
Soube perdoar meus erros
Me amou profunda e intensamente
Adeus, minha filha,
Que encheu minha vida de alegria
Com a sua música

Tenho certeza
Que o sucesso e a fama
Irão acolhê-lo
Pois cada vez canta melhor
Adeus, meu filho,
Que desde que nasceu
Mostrou amor incondicional
Sentiremos muita e mútua falta
De todos os nossos momentos
Que a vida lhe conduza
Pelo caminho da felicidade
Pois a felicidade é o caminho
Para uma vida tranquila
Adeus, meus amigos,
Que me separo de todos
Com quem vivi bons momentos
Que deixaram boas lembranças
Adeus aos meus alunos
Que passaram como cometas
Iluminando os momentos comuns
Lembro com ternura das pessoas queridas
Que foram antes de mim
Que aqui como eu passaram
Acredito que seja o término de tudo
Mas se neste abraço final
A dama de preto
Me desse um desejo
Desejaria viver mais um pouco
Mesmo que fosse uma hora apenas
Pois aqui chorei, sorri e amei
Enfim vivi
E gostei

Triste

Mauro Mendes Macedo
Pseudônimo: **Barãozinho**
e-mail: mauromacedo72@hotmail.com

Estou triste...
e minh'alma em riste, como de luto estivesse...
Se o sentimento padece e assim jamais viste,
a tristeza existe e a solidão não se esquece...
Se a dor enobrece...
e almejando uma prece assim conseguiste...
No sofrimento se cresce...
e o amor se merece,
desde que se conquiste...

Sofrer por amor

Que inveja da luz, que inveja do ar...
Me impressiona o escuro, que não teme o luar...
Que saudade do vento, que saudade do frio...
Sinto falta da espera...
e do abraço de um rio...
Contemplando a escuta, contemplando o mar...
Respirando angústia...
e não sabendo pecar...
Fogo incerto e perene, de um passado sem fim...
Por não ter vivido...
ou morrido em mim...
Ao ouvir eu senti, levantando eu sorri...
Em discórdia ao apego, acordando eu fugi...
Indefeso e curvado, lamentando um olhar...
Desejando um acerto e chorando o errar...
Admiro sozinho, com imenso pesar...
Ah, que inveja dos que não sabem amar...

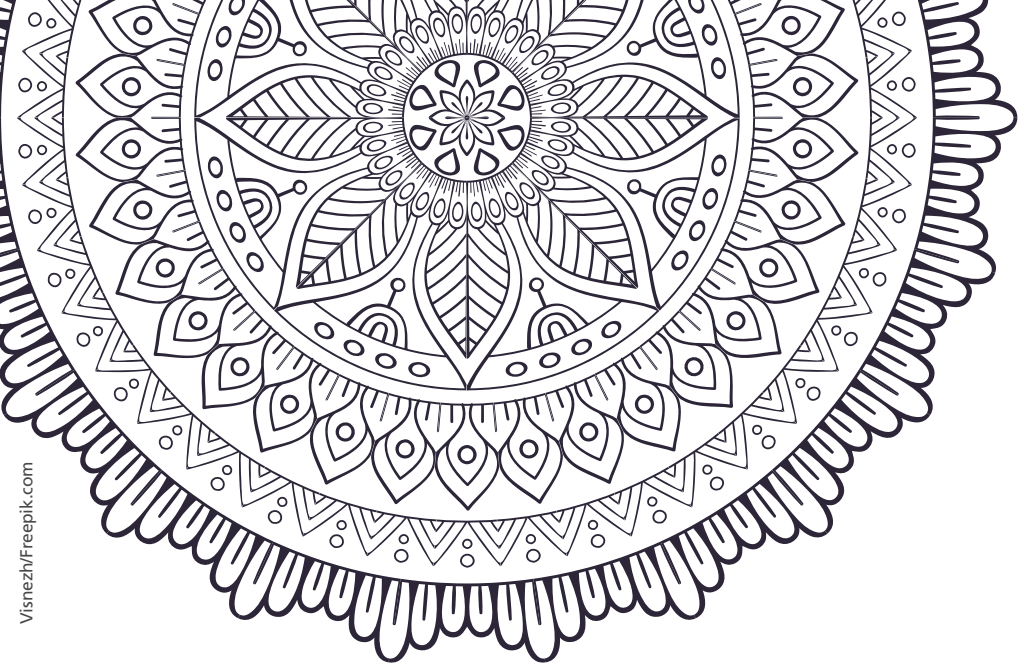
Gentilmente como a vela que apagava

Thiago Henrique Rosa
Pseudônimo: **Doutor Jivago**
e-mail: roza.h.thiago@gmail.com

Era uma outra Maria, apenas. Mulher envelhecida, sofrida. De todas as famílias, esquecida. Era sozinha, ou abandonada. De Curitiba, não era. Vinha de locais distantes, pouco acessíveis. Agora, aqui, vivia. No centro da cidade, hospedada, gratuitamente. Em um quarto, público, compartilhado. Quatro camas. Décimo andar. No hospital de Clínicas. Morria, em verdade. Estava frio, ela dizia. Eu também achava. Mesmo sendo dezembro. Calafrios, eu, muito jovem, quase sentia.

Que partia, sabiam. Todos. Eu também. Era quase médico. Quase formado. Dois semestres, era o que me faltava. Ganhava responsabilidades. Cuidava dela. Apenas uma semana. Naquela semana. A última. A vida corria. Escapava. Conversávamos. Ela falava pouco. Eu expressava assim, quase em silêncio. Acho que praticamente conversávamos, quietos, naturais. Ela, em chances, raras, reclamava baixinho. Parecia, tinha vergonha. Do que era? Para onde ia? Eu não sabia. A barriga lhe doía, às vezes referia. Aqui? Sim. Ali? Também. Estava por tudo: a dor, a doença, a melancolia. Os ossos pesavam, mais do que ela, eu afirmava; com isso, ela, quase que ria, em educação, em respeito ao meu próprio riso. Até logo, eu despedia, toda tarde, ao final do dia, antes de ir para casa.

Último desejo? Perguntei. Era meu último dia, lá, naquele estágio. Logo, longe, estaria em outra unidade, outros pacientes. Momento de despedidas, expliquei. Depois, arrependido, me calei. Ela entendeu, era minha



Visnezh/Freepik.com

sutileza, brusca, repentina. Ainda assim, demorou a responder. A dor, resistente, permanecia, voltava forte, daquela noite anterior, caída. Minutos, quase. Foi o que durou, o silêncio. Um refrigerante. Qual tipo? Do amarelo. Ou do laranja? Foi o que disse. Eu, humilde, atendi. Desci as escadas. Passei pelas catracas. Atravessei algumas ruas. Andei três quadras. No caminho, refletia, estranho pedido. Refrigerantes causam doenças, fatores de risco, elevados, principalmente aos ossos. Tentei calar os pensamentos, tolos que eram. Cheguei aonde queria. Era uma farmácia. Comprei a lata. Voltando ao quarto, me preocupei. Vi que morria. Mais ainda. Abri a lata, apressado. Aproximei dela. Segurando. Tremiam, muito, minhas mãos. Pensei rápido. Outra pergunta. Quer que eu segure? Não. Ela disse. Estava firme. Também quero ter esse último prazer.

Antes e depois de um diagnóstico

José Luiz Pinto Pereira
Pseudônimo: **Temístocles**
e-mail: praxisclinica@hotmail.com

Tudo aconteceu muito rápido, em menos de um mês, mas marcou e mudou a minha maneira de sentir e pensar, perceber o efêmero e a fragilidade da existência humana, e avaliar o sentido de se viver.

Com uma tosse persistente de três semanas lá vou eu fazer uma radiografia de tórax apenas por precaução, um enorme susto. Lá estava no lobo superior do pulmão direito uma lesão nodular de tamanho suspeito, que é isto? Em poucas horas estava fazendo tomografia do tórax, e logo a tomografia de emissão de pósitrons, que confirmava, lá estava uma massa radiante brilhando, como farol, seria um câncer de pulmão ou um granuloma não maligno, quem sabe? Uma consulta com pneumologista. Você fuma ou fumou? Logo eu que com imenso sacrifício havia abandonado o cigarro há mais de 20 anos. Encaminhou-me ao especialista em biopsias pulmonares, que me encaminhou logo ao cirurgião de tórax, preferindo que a biopsia fosse feita durante o ato cirúrgico.

A cirurgia foi difícil, a biopsia de congelação levantou suspeita como neoplásica a dita lesão, e a conduta foi uma lobectomia, por segurança, retiraram o lobo superior do pulmão direito, era o que tinha que ser feito. Fiquei três dias na UTI, com drenos torácicos, meio que delirando por efeitos de morfina para aliviar dores, depois dez dias no apartamento, dias que, comparados aos de uma UTI, mesmo que humanizada, me pareciam o

paraíso de Dante após ter passado pelo purgatório. Agora era ser paciente nos dois sentidos da palavra e aguardar. A dor já não sentia ou a ignorava, fosse o que fosse necessário o faria consciente: quimioterapias e seguimentos com oncologistas, pois com certeza era um câncer.

Logo vieram as reflexões, de repente mudava toda valoração da vida. Era bom ver o sol nas manhãs em meu quarto, ouvir música, redescobrir o amor de minha companheira de 35 anos, de minhas filhas, duas delas que seguiram a profissão médica, mas ali eram apenas as minhas filhas indo me visitar, passar noites insones comigo em um quarto de hospital.

Depois a alta, em casa por mais de uma semana aguardando meu laudo definitivo da biopsia como alguém que espera por uma sentença. E pensar, meditar, orar que nestas horas a gente volta à religião por que a fé move montanhas. As decisões de vida doravante, trabalhar menos, viver melhor, não mais estressar por pouca coisa, pelo que não me compete ou não vale a pena, por fim tentar me recuperar e juntar coragem de ir até o laboratório de patologia e ter o laudo definitivo final e levar ao oncologista.

A vida parou, mudou, em muitos aspectos para melhor, me aproximou da minha fé e de minha família. Chego então, com minha esposa, abro o envelope, leio duas vezes, releio: quadro histológico compatível com bronquiolite e com pneumonia em organização, curiosamente em forma de nódulo, mas nada sobre lesão maligna. Chamo o patologista, pergunto: "então não é o que constava na congelação?" Compreendo e não questiono. Seja o que for, tinha que retirar um granuloma ou algo mais que captava contrastes e mimetiza neoplasias. Depois colegas me disseram que isso não é impossível com nódulos pulmonares suspeitos. Acontece e pronto.

Minha mãe dizendo que foi milagre, devido às suas e minhas orações. Passei a valorizar mais nossa ciência e arte, sou imensamente agradecido ao cirurgião

que fez o que tinha que ser feito. Mas diagnósticos médicos não são exatos, há cálculos de probabilidades nas melhores avaliações. Revejo meu caso: noventa e cinco por cento de chances da ser a lesão maligna, com bases nas imagens, equivocadamente corroboradas na biopsia inicial. Não havia outra opção. Tinha que tirar, mas fiquei nos cinco por cento, da exceção. Senti-me como ter ganhado a loteria da vida.

Sobrou certo mistério que me fez aceitar o que está além de nossa compreensão imediata, agradecer pela precocidade e sucesso da intervenção e crer que nada acontece por acaso, e por fim renovar minha fé, na medicina e no Homem de Nazaré. Agora é *Carpe Diem* como diziam os antigos romanos. Aproveite seu dia por que o de amanhã pode ser incerto, então viva um ser humano melhor a cada novo dia.

Empédocles

Agrigento, na costa sul da Sicília, por volta do ano de 450 a.C, era uma próspera colônia grega, de além mar. Lá viveu Empédocles, misto de médico, filósofo e demagogo, com sua teoria dos quatro elementos que sustentava que todas as coisas eram formadas por terra, ar, água e fogo, em diferentes misturas, da qual se derivou a teoria dos quatro humores. Uma ideia depois retomada por Hipócrates e a escola médica da ilha de Cós, onipresente na história da medicina até início da época moderna, ou seja, até o advento da medicina científica no século XIX.

Vamos recontar um pouco de sua história ou seria *estória*? Aqui a lenda e o conto se confundem.

Havia um discípulo de nome Górgias, que vinha sempre ao seu lado e atrás vinha uma pequena multidão, diziam que Empédocles realizava curas milagrosas como médico. Como cidadão, defendia a democracia, fórmula de governo recém-criado, na época. Ouçamos este monólogo que tinha por ouvinte seu discípulo e os anônimos da multidão. Ele às vezes se expressava em versos, naqueles dias faria uma travessia marítima saindo do porto de Siracusa para Atenas.

Que os deuses nos sejam gentis, na travessia enfim, Posseidon, permita-nos singrar, o azul sem fim.

Seguiremos, amanhã nesta vela, até a metrópole.

Em Atenas, na aurora de róseos dedos, ouviremos.

Sócrates, falando ao pé da Acrópole, aos iniciantes na praça.

Atena, Oh deusa dos olhos brilhantes, que visitou o filho de Aquiles, na terra da Ática.

Permita-me um dia volver à pátria e ser ela assim singela como d'antes, nossa Agrigento democrática.

Mas ele não mais voltará, e nada mais será como antes. Embarcados, vamos ouvi-los enquanto navegam até a Grécia continental.

– E tu, mestre, que pensas sobre saúde e doenças, indagava o discípulo.

– Sabes, Górgias, conforme aprendi na minha formação de médico, existem quatro elementos dos quais derivam os humores, a saber: o sangue, a bile amarela e a bile negra e o fleuma. Associado a estes líquidos corporais estão o calor do fogo, a umidade da água, a secura da terra e o frio do ar. Suas misturas são temperos, daí os quatro temperamentos das almas dos homens. Há o tipo colérico, um tanto irascível ou irado, há o tipo sanguíneo rápido e vivaz, mas

explosivo, eu próprio. Temos o tipo fleumático, que nada abala e aquele em quem predomina a bile negra ou melano cólis, que é o tipo melancólico, triste e sorumbático ou soturno como a negra noite.

Dito isso, iremos vê-lo agora já em seus dias finais em Olímpia, onde faz sensação, por ocasião da octogésima quarta olimpíada, da Era Antiga. Como já falamos, era sempre seguido por seu discípulo e uma multidão para ouvir seus ensinamentos ou pedir curas, quando invocava deuses como Esculápio ou Apolo.

Certa vez teria assim filosofado nas ao final daqueles jogos. Homens, meu caro Górgias são parecidos com o povo que assiste a estes jogos. Há basicamente três tipos de pessoas: aqueles que só vêm para a vida para competir, tal os atletas e pensam a vida apenas como uma corrida de obstáculos não se importa de derrubar e pisar seus oponentes desejam apenas a glória da coroa de cedros ao final, estes são os vaidosos.

Há um segundo tipo que vem aqui para comprar ou vender tal os comerciantes. Na vida, só pensam em dracmas, riquezas, ou seja, acumulação de bens materiais, são avaros e não têm olhos para as artes e não estão aqui para apreciar as disputas dos atletas.

Por fim, existe um terceiro tipo os de espectadores, são teóricos contempladores, que vêm aqui observar e são amigos da sabedoria ou filósofos, como eu e tu, Górgias. Desejam apenas ver o mundo e os homens, como realmente são. Como digo, esta vida é uma viagem. Pena estarmos aqui só de passagem!...

Os últimos dias de Empédocles são trágicos. Seu fim é incerto. Historiadores romanos espalharam a lenda de que, após ter estado em Olímpia, em um acesso de insanidade e desejando provar a todos que de fato havia se transmudado em um deus, jogou-se na cratera fumegante do vulcão Etna, que enfeita a linda paisagem do anfiteatro grego de Taormina na Sicília, onde naqueles dias estava sendo encenada uma tragédia de Ésquilo.

Lovelymandalaworld/Freepik.com

Filhas

Salete Márcia Brega
Pseudônimo: **Cacilda Pacheco**
e-mail: saletemarcia2@hotmail.com

Passei de consertar as bonecas
Para tingir camisetas favoritas

Passei do Aladim para os Backstreet Boys

Dos sons de pezinhos correndo pela casa
Aos saltos altos no assoalho

Das noites sem dormir pelas febres
Para as noites sem dormir pelos namorados

Da preocupação pela variedade nos lanchinhos da escola
Aos excessos no McDonald's

Passei dos gibis da turma
Para as revistas de moda

Passei das lojas de brinquedos
Para as liquidações maravilhosas

Do fator de proteção 50
Para o óleo de bronzear

Das brigas no recreio
Para as discussões no diretório acadêmico

Das férias nos hotéis campestres com *playground*
Às praias mais baladas

Passei dos lacinhos na cabeça
Para as tinturas chocantes

Passei de olhar os carrocéis girando
A olhar as tremendas montanhas russas

Passei das pequenas calcinhas no varal
Para as calcinhas pequenas, (bem, acho que isso pouco mudou, só as bolinhas que se foram com o vento...)

Passei da feira de ciências
Para a apresentação do primeiro emprego

Passei por tudo e não senti?
Sentir eu senti! Mas queria sentir mais

Tocar mais, beijar mais
Arrebentar a coluna de tanto carregar no colo
Comprar mais batons para estragarem
Tesouras para perderem

CDs para riscarem
Taças para quebrarem. ..Mas
Queria mesmo passar novamente

A sensação do ninho vazio
Vem se aproximando como um tsunami
No alto mar se forma sem que ninguém perceba
Mas de repente se forma
Enorme a poucos metros da praia da vida
E ninguém neste mundo pode parar

Os dias irão passar com mais dor e solidão
E eu vou passar do sentimento de perda
Para a sensação da minha mais bem-sucedida realização

A teoria da formação da dor

A teoria da formação da dor: que teria de prático para a ciência?

Mas na grande sombra da ciência aparece um membro...

Que não existe em parte alguma da realidade projetada.

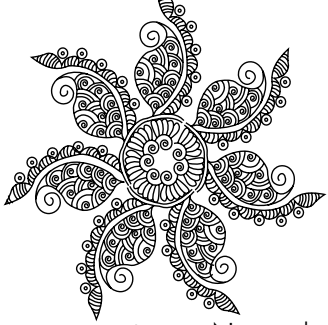
Como pode uma projeção em sombra ser diferente da realidade, do objeto real?

Mas existia, era nítida e grande, movia-se com braços assustadores para prender alguma coisa.

Um membro a mais na sombra da teoria da dor da ciência.

Ameaçador, nítido e enorme

Movendo-se como braços assustadores para prender alguma coisa.



Sem se aperceberem, os médicos passam por ela ...um ri, outro foge, outro se embrutece.

Assustado, um reclama:

Quem pode parar essa coisa?

Quem desvirtuou a dor? Ela é nossa possessão!

Reuniram-se os filósofos e pesquisadores:

"É apenas mais uma aplicação da teoria evolucionista ao conhecimento da dor, ela apenas está evoluindo, estamos diante de um hiato evolucionístico".

Sigam às cegas as instruções.

Todos passam e ninguém mais quer nota-lá porque já foi explicada.

O membro da sombra vai pouco a pouco aumentando.

Ninguém comenta, mas todos a veem!

Aumentou demais acima da projeção da teoria da formação da dor.

Na verdade, cobriu-a, cobriu todas as sombras que passavam .

Olhares se cruzam mediocremente .

A sombra se alarga mais e cobre todo o sistema.

Não há mais como ver sua forma.

Agora é tarde para realmente estudá-la

Sabe-se só que nasceu da Teoria da Formação da Dor

Novas reuniões, novas pesquisas

Viagens aos confins da sombra.

Onde estão as suas bordas?

Ninguém acha.

Vamos ao espaço ver como funciona o buraco negro e agiremos de forma oposta, abrindo um buraco branco na formação da dor da ciência.

Basta!

Metamorfose

Fernando Geraldo Demário
Pseudônimo: **Guilhermino Santos**
e-mail: fgdemario@uol.com

– Vamos levá-lo para Campinas para você estudar.

A frase/intimação dirigida à criança, um menino recatado do interior, e aos seus pais, pobres, de um lugarejo em que não havia energia elétrica, nem telefone, nem transporte público, nem escolas próximas – a mais perto era cerca de km de distância, a ser percorrida a pé ou a cavalo, mas havia água de ótima qualidade, quase milagrosa; o que levava os habitues religiosos a atribuir suas curas a Santa Clara, nome do lugarejo.

Mediante a cara feia do menino e o ensaio de choro, mais uma promessa dos tios:

– Nas primeiras férias escolares você volta para a sua casa.

Consolo que amenizou o medo da separação da casa - o melhor lugar do mundo. Católicos, em que o único repouso, quando a mãe deixava as panelas no calor do fogão a lenha, ajoelhando-se em frente à imagem de Nosso Senhor, ritual que as crianças, de joelhos, tinham de acompanhar.

Choros da mãe do menino, que concordou na separação visando o seu futuro.

Chegando à enorme fazenda de alqueires, nos arredores de Campinas, pertencente ao Exército Brasileiro, administrado pelo tio, general reformado, onde tudo era novidade, deparou com uma enorme casa de dois pavimentos, cujas paredes inferiores mediam quase dois metros de largura e possuía mais de dez quartos, pois pertencera a um dos barões do café na época áurea da rubiácea.

Aparente mordomia que incluía colégio particular, roupas boas e comida ótima, além de

um ordenança para conduzir as crianças à escola, em um veículo do Exército – eram quatro primos, filhos do casal anfitrião, mais cinco primos de outros tios, que também foram acolhidos na enorme casa daquela família altruísta.

Porém, havia obrigações: teria de limpar e trocar a agia de 13 gaiolas com canarinhos cantores e varrer um enorme pátio que fora usado ara secar café e eventualmente arrancar "tiririca" do jardim.

O menino tinha raiva das flores e folhas que caíam das enormes árvores que cercavam aquele pátio, pois dificultavam seu trabalho de varredura e também da sujeira dos pássaros.

Tinha muito preguiça de estudar. Na hora das provas, era aquele sufoco: pouco sabia, porque pouco estudara. A salvação era uma prima da mesma idade, no mesmo ano escolar, na mesma sala de aula. Só que ela era estudiosa e muito "Caxias". Na hora dos testes, o menino podia colar, mesmo apavorando a prima, que temia ser flagrada dando "cola".

Ao chegarem as primeiras férias, a promessa de volta para casa dos pais não foi cumprida. Isto bastou para que aquela mente infantil, imatura, abrisse "guerra" contra os tios.

As atividades de criança/adolescente eram acintosas: Não tomava banho, andava a cavalo – o que era proibido. Quebrou o eixo da carroça de passeio da fazenda ao cavalo disparar, abriu as gaiolas, uma a uma, deixando livres todos os treze canarinhos belgas – toda e qualquer travessura era premiada com uma surra. Todavia a atitude criava mais oposição da criança aos tios. Eventualmente, livrava-se da sova subindo em mangueiras altas e de outras frutíferas, que eram abundantes na região, incluindo jaca, jabuticaba, mimosa, figo, tamarindo, abacate, etc. até o sol declinar, quando descia da árvore, na esperança de não apanhar.

A riqueza da terra era aliada de outros recursos da fazenda:

Visnezh/Freepik.com

frangos de corte, galinhas poedeiras, gado leiteiro. Os meeiros plantavam algodão, que dava lucro, dividido, religiosa e honestamente, entre a fazenda e os agricultores.

Em certos momentos, o menino pensava em se suicidar, porque havia soda cáustica estocada para matar formigas; em outros momentos, tentava participar dos jogos, como de vôlei e de tênis de mesa, que os primos praticavam com os amigos. Mas não havia lugar para ele, visto ser pequeno e sem habilidades para os jogos.

Espontaneamente, tentava aprender a jogar tênis de mesa sozinho: jogava a bolinha bem alta e corria para o outro lado da mesa para rebatê-la com novo balão e nova correria para o outro lado, até aprender a ter pequeno domínio dessa modalidade. Ninguém acredita, nem os mais crédulos dos amigos.

O gradual amadurecimento fez o jovem voltar-se para Deus, pedindo-Lhe vontade de estudar, memória e perseverança. No pré-vestibular chegou a estudar doze horas diárias, confiando no ditado: "Deus ajuda quem cedo madruga".

Hoje, cidadão, declara:

– Deus não só me ajudou como me fez – tendo um sentimento de gratidão aos tios que o acolheram, sustentaram e o iniciaram nos estudos como aos primos que o receberam, sem convite, mas com solidariedade, tocando sua clínica médica frequentada por centenas de pacientes que o respeitam; e acrescenta:

– Hoje eu beijaria as mãos daqueles que me beneficiaram.

Raftel/Freepik.com

Seus

André Pitaki Dufour
Pseudônimo: **Valentinus Valerius**
e-mail: andrepd42@hotmail.com

Em seu rosto me vidrei,
Apaixonei,
Viciei.

Suas feições jamais esquecerei

Em seus lábios aturdi,
aprendi e
me perdi.

Creio que jamais me encontrarei

Em seu colo eu deitei,
beijei
e desejei.

Quisera eu dizer:
"Jamais levantei"

De que é feita a vida? É feita de carbono

Alice Celente dos Santos
Pseudônimo: Etenelec
e-mail: alice.celente@gmail.com

De que é feita a vida? É feita de carbono.

E de resenhas de artigos que não nos interessam. E de relatórios de atividades que não gostaríamos de ter feito. E de aulas em que nunca nos inscreveríamos para cursar. E de palestras que, por desatenção, nem conseguimos ouvir.

A vida é feita de carbono. É feita de carbono que sai do lápis para desenhar rascunhos e fluxogramas dos capítulos para a prova. E só dos capítulos para a prova. Nossos carbonos já não desenham nossos sonhos, vontades e desejos, como desenhavam na nossa infância. Nós carbonos só servimos para reproduzir e não mais para criar. A vida é feita de carbono. E só.

E é formada por raras ligações covalentes, mas nada valentes, que se dissipam nos momentos de maior fragilidade e de grande conturbação. E permanecemos carbonos desajustados, machucados. Somos nós, carbonos tão distanciados, que ligações já não são mais possíveis.

Somos nós, os carbonos sós.

E somos simplesmente cenário. Permanecemos paisagem até que as cortinas se fechem. E que ninguém aplauda.

O espetáculo da vida nem ao menos havia começado. Ou será que começou e nós não vimos? Não vimos. Luzes se apagaram e ninguém viu.

E com o apagar das luzes, nem mais carbonos somos.

E pregou um cartaz na parede: "Procura-se o amor pra toda a vida"

Procura-se o amor
Amor infinito
Amor de verdade.

Procura-se
o sujeito ideal
(Vide lista de pré-requisitos
pendurada na parede
do quarto)

Mas não é como se ele não fosse
capaz de amar alguém

Procura-se o amor
Amor finito
Amor fictício
Procura-se o sentir
mas não sente

Procura-se o amor
Amor de amigo
De irmão
Dê
irmão.

Procura-se
sem encontrar
Sem querer encontrar

Mas não é como se ele não fosse
capaz de amar alguém

Devido à escassez
e medo
O que se procura não é mais
o amor.
Procura-se um amor
Qualquer
Metade de um amor
um terço sequer
Ou um quarto de um amor
um quarto pro amor.

Mas não é como se ele não fosse
capaz de amar alguém

Exceto
por
não
amar

E o anúncio muda:

Procura-se
Sujeito indeterminado
para determinar
um sujeito.

E pregou um cartaz na parede:
"Procura-se o amor pra toda
a vida"

Tônica esquecida

Jaqueline Doring Rodrigues
Pseudônimo: **A Filha do Vento**
e-mail: jaquedoring@gmail.com

Numa tarde de inverno qualquer, ao ouvir a ressonância perfeita dos ventos, o "fá" da nota tônica da natureza, resolveu averiguar além do seu jardim. O que era música e fortaleza foi trocado por buzinas, conversas e tristeza. Quase ninguém parava para olhar, poucos olhavam ao falar. Caminhavam sozinhos rapidamente e, longe de seus lares, sequer dirigiam-se os olhares. Sorrisos tremidos, ouvidos esquecidos, a natureza viva estava isolada e distante. Os passos eram sincronizados com o som do relógio maçante, numa marcha rítmica e estonteante.

Os caminhos pareciam ser decorados, nem o chão era visibilizado, quem diria o céu admirado. Quando havia sol, passavam os dias na penumbra, e no anoitecer esqueciam a lua de ver. Então saíam dos prédios e reclamavam também por já ser noite, tudo era motivo de açoite.

Sentados para almoçar, engoliam os alimentos como se algo quisessem preencher, e bebiam tão rápido como se o líquido fosse perecer. Feito escultura em pedra-sabão, os alimentos quase não tinham mais emoção. Havia lojas de comidas embaladas, de bebidas pasteurizadas, de farinhas no formato de feijões-, a fim de tratar emoções. Vitrines de roupas disseminadas, desejos por coisas colecionadas, ideias frívolas de erudição. Uma sequência de decadentes necessidades externas, de autopromoções modernas, de falta de genuínas proposições.

Eventualmente um abraço apertado a alguém de um lado, do outro o esforço do rosto curvado, num pedido de ajuda negado, cheio de razão de quem não deve um tostão. Mas deve-se bondade

e caridade, falta-se virtude e bom coração.

O bebê já nascia de si moribundo, crescia sem saber a que veio no mundo e agonizava sem ter tido seu propósito profundo. E era tudo visto com naturalidade, sem espanto e sem dignidade, mortos vivos da humanidade.

E quando alguém questionava o sentido, o valor do desejo deferido, tratavam de ele deixar excluído. Afinal, trabalhar gerava dinheiro, viver custava quase o corpo inteiro e, se não houvesse sacrifício no "agora", pouco mérito teria outrora. Porém, a verdadeira sabedoria adquire-se na virtude, na perseverança com a juventude, nos ensinamentos velados dos anciões, antes guardados nas montanhas, resistentes às gerações. Mas hoje são preceitos desconhecidos, reclusos nas prateleiras, nos livros.

Ao cume há que se chegar para, de longe, poder visibilizar a voz do silêncio na multidão. Numa comunhão dos sentidos, ouvem-se vendo os gemidos, fazendo do degrau subido um estímulo para os que a seguir virão.

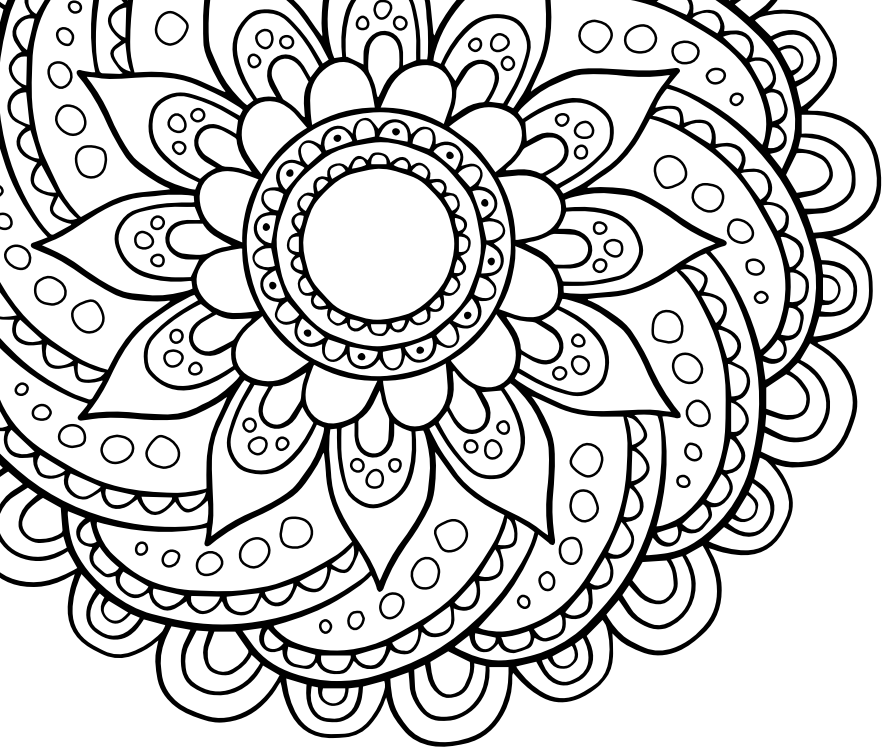
Naquela mesma tarde, resolveu não mais voltar ao seu jardim, trabalhar e semear flores entre o concreto e o capim, resgatar a essência na existência sofrida de quem vitrinou a vida contando os dias até o seu fim.

Véu da vida

Terza rima dantesca, tercetos em decassílabos.

Desde os primórdios da civilização,
O homem busca o sentido para a sua vida
Que possa conduzi-lo à evolução.

Nesta trajetória diária sofrida,
Sem possuir a si mesmo, é dominado
Pelo apego e pela vaidade desmedida.



Há séculos caminha lento e de olho vendado,
Sem encontrar o seu 'eu' interior.
Herdeiro do terreno, da terra, confiscado.

Cego da sua real potência, vive a dor.
Acumula seus objetos e efêmera riqueza
Esquecido filho do verdadeiro amor.

Dorme nos braços da sua humana natureza.
Ó pura alma fortifica sua armaria
Acende a chama interna na fortaleza.

Planta valores, virtudes e sabedoria.

Lovelymandalaworld/Freepik.com

Expulsos do Paraíso

Vicente Basso Ribas
Pseudônimo: **Doutreval**
e-mail: vicbassoribas@uol.com.br

Logo após o quinto dia, o Criador com o barro esculpiu o Homem, e com uma de suas costelas esculpiu a mulher (Gênesis). Deu-lhes o sopro da vida, deixou-os naquele Paraíso e disse:

– Crescei e multiplicai-vos! Aqui de tudo tendes: oxigênio, água, minuanos, sombras, jardins, abrigos, riachos, rios e praias, árvores frutíferas, alimentação variada e farta, é só usufruir! Contudo vos digo: –

estão vendo aquela árvore mais ali?

Apontando com o dedo: É uma macieira, com lindos e atraentes frutos... somente aparentes, pois trata-se da árvore do fruto proibido, não provem daqueles frutos, tudo bem?

Se caírem na tentação daqueles frutos, serão expulsos do Paraíso, e daí, terão de ganhar o pão de cada dia com o suor do próprio rosto!.

O tempo passou, estava indo tudo bem, dia após dia, ano

após ano, até que a monotonia tomou conta dos dois. E a tentação em forma de serpente, assoprava no ouvido daqueles inocentes, o motivo daquela desnecessária proibição:

– Sabem por que vocês não devem apreciar daquela fruto proibido? Porque ali está a fonte da sabedoria, vocês ficarão tão sábios, tanto quanto ou mais que o Criador! Não sejam tolos, não há nada a perder! – dizia aquela serpente...

Instigados pela tal dúvida, ingênuos, esqueceram do castigo, caíram no desejo e se fartaram.

Imediatamente o Criador apareceu e os expulsou.

– Vade ao mundo, ingratos, tudo vos será tirado, agora ganhem o pão com o suor do próprio rosto, vocês dois, Adão e Eva, extensivo a todos os seus descendentes!"

E eles saíram dali, castigados,.... Por aí....

Divagando pelos devaneios, buscando nas inscrições das pedras e pergaminhos, em aramaico, do que afinal tratava o fruto proibido, e lá estava escrito que o fruto proibido é a função cognitiva expressa pela curiosidade, esta incessante cobiça pelo conhecimento, insaciável, pelo porquê das coisas... Esclarecido o primeiro porquê, viriam outros desdobramentos de porquês e assim por diante, inúmeros,até os dias de hoje.

Tantos e tantos segredos da natureza já desvendados, outros permanecendo no profundo mistério. Inventamos o fogo, inventamos a roda, e agora estamos temperados no silício, nos nanomicrocircuitos integrados. Passamos por Galileu, Leonardo da Vinci, Einstein e Manoel de Abreu.....

Como exercício do pensamento, para digerir o inimaginável, será que existe lá dentro do átomo, esta verdadeira caixa-preta, uma galáxia infinitamente menor, desconhecida, incomensurável?

Agora é tarde demais, já fomos expulsos do Paraíso!

Trilhas de um iniciante

Denner Sampaio Neri da Silva
Pseudônimo: Denner Sampaio
e-mail: denner.s@hotmail.com

Já era de outrora meu anseio de publicar um livro de crônicas onde registraria as epopeias diárias de um estudante de medicina, entretanto o tempo sempre se faz um tanto escasso e, como sempre, meus maus hábitos conseguem assiduamente dissipar qualquer boa vontade que possa me vir para escrever sobre qualquer coisa. Enquanto isso, permito-me apenas tecer algumas palavras e guardá-las com grande desvelo junto a mim... Além do mais, já há tanto tempo que não escrevo que certamente os amigos recentes, ao saber, indubitavelmente estranharão tal costume que tanto já se fez presente. Contudo, o fato que ontem se precedeu, de algum modo, me fora o gatilho para enfim resolver tentar afincar algumas palavras no papel e dar curso a mais uma daquelas minhas crônicas tortuosas.

Pois, então, irei direto ao ponto. Em um desses plantões em unidades de pronto atendimento no bairro Cajuru, onde os acadêmicos primeiranistas são incumbidos de realizar estágio obrigatório, fui designado para acompanhar as emergências. A noite seguia fria, como costumeiro no inverno curitibano, e o céu numa imensidão escura onde não se podia ver estrelas. Não demorou muito para que surgisse o primeiro paciente.

Por volta das 21h, pelas portas da emergência, entrava um senhor acamado, aparentemente uns 50 anos, cabelos claros, um pouco calvo, ligeiramente obeso, semiconsciente. Era um paciente que possuía acompanhamento pelo serviço de psiquiatria e que fora trazido pelo serviço de atendimento móvel de urgência em decorrência de intoxicação

exógena. Dirigi-me à enfermeira para questionar se haveria a necessidade de algum auxílio. Ela fitou-me delicadamente e me disse que precisaria de um cateterismo nasogástrico (introdução de cateter do nariz até o estômago). Certamente nem precisarei exprimir que, neste momento, já me houvera surgido aquela tal adrenalina que tanto permeia as trilhas íngremes e contorcidas de qualquer iniciante. Fora muito tempo dispensado com prática em protótipos, mas estes jamais substituirão a vivência sublime e desconcertante de estar frente a frente de um paciente.

Com o apoio e supervisão cordial do professor, pus-me a organizar os instrumentos, medir o comprimento do cateter (lóbulo orelha – narina – processo xifoide). Mesmo pouco orientado, o paciente conseguia prestar alguma atenção quando o chamávamos pelo nome, orientei-o que precisaria que ele me ajudasse com o movimento de deglutição e, então, com a orientação do docente, me deparava ali, com a ponta do cateter umedecido com xilocaína para que aliviasse o desconforto da descida e prestes a inseri-lo na narina esquerda. Respirei e pensei comigo, "é chegada a hora"... tomei coragem e iniciei a inserção... o cateter deslizava com mais facilidade e muito mais naturalidade do que nos protótipos que usávamos para treinamento, até que, devido ao desconforto próprio do procedimento, o paciente ficou muito agitado. Intimidei-me.

Talvez até não fora muito perceptível porque, às vezes, eu consigo ter uma curiosa habilidade de me aparentar centrado enquanto que por dentro tudo está um caos. Todavia, o movimento de inserção que até então estava contínuo ficou por um relapso de tempo estático e, nesse ínterim, lembro-me dos rostos de meus colegas me fitando intensamente, do professor dizendo que não era para eu parar, mas, principalmente, de uma paciente que estava em um leito ao lado e que pouco sutilmente ria de toda aquela situação (Pois é, caro leitor, risos) até que então continuei.

No final, avaliamos que o cateter estava no lugar certo ao sugar certa quantidade de suco gástrico e auscultar a região mesogástrica durante a injeção. Realizamos a lavagem gástrica, e as coisas então ocorreram bem. Talvez daqui a alguns anos o cateterismo nasogástrico possa ser para mim alguma coisa tão corriqueira e simples, assim como inúmeras outras que ainda estão por vir, mas meu caro, até lá, cada primeiro passo será glorioso. Desde então, às vezes me pego pensando em tantas coisas que ainda estão por vir e de tantas histórias que, assim como essa, algum dia poderei contar... E, por certo, é como se, de algum modo, isso fizesse bem a esse jovem escritor amador.

Decantar

Às vezes me vem saudade
Daqueles tempos que não eram meus
Do brilho dos olhos, da bruma e dos chapéus
que vagavam noturnos.
Do partir solitário da locomotiva
no crepúsculo da manhã.

Às vezes me vem saudade
Da prosa polida,
Dos passos úmidos
das carruagens comedidas
Mas tempos meus não eram
Minh 'alma não entende
Então nas páginas de Goethe
Adentro e sorvo
Dos encantos estreitos
Desse mundo vasto

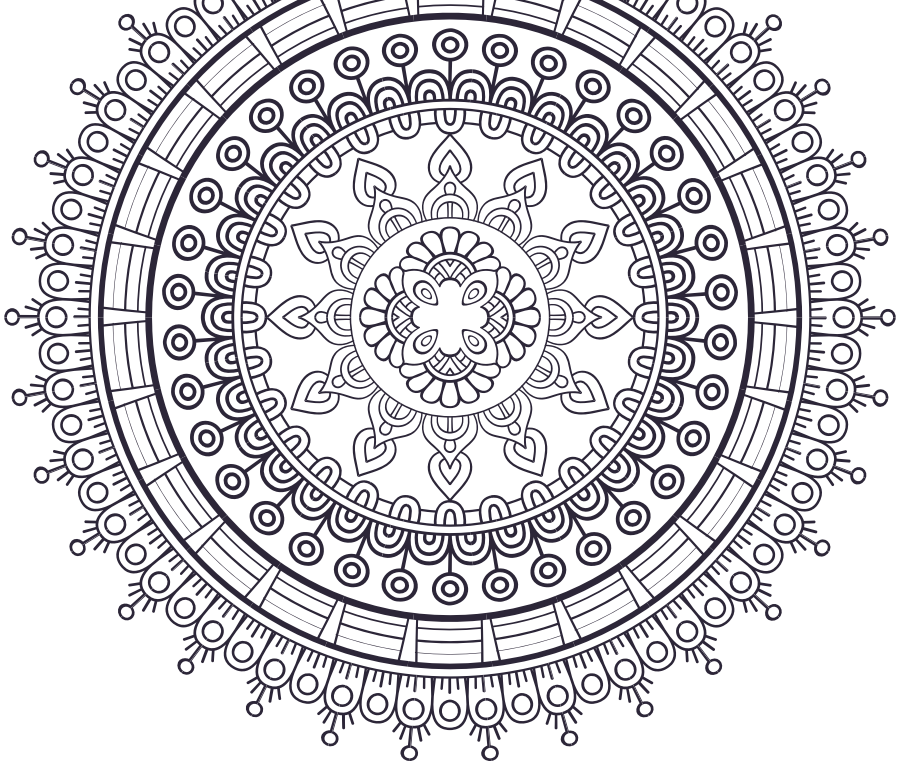
O médico e(h) o doente

Beatriz Vieira Roca
Pseudônimo: **Misty Newells**
e-mail: biaroca@yahoo.com.br

Um dia estava eu pilotando a famosa sala de emergência, substituindo um colega doente: "Como a gente fica doente, né?" falei para outro colega, sentado comigo na calma após o furacão, ambos olhando estupefatos para frente. "Acho que a gente convive tanto com os doentes que pega os bichos deles". Concordei silenciosamente com a cabeça. Esqueci da troca de palavras até o fim do caótico dia. Cheguei em casa com muita cervicalgia, tudo pelas posições esdrúxulas que tinha adotado durante os procedimentos. Peguei meu fiel tubo de Diclofenaco gel em toda sua divindade e um estalo me ocorreu: "Mas pera... Não é só infeccioso. Hoje foi o caso, mas e todos os outros?"

Sejamos sinceros: você conhece um médico 100% saudável? Sem comorbidades, sem qualquer queixa. Nos diagnosticamos demais? Somos neuróticos e nos tornamos hipocondríacos funcionais, com poder diagnóstico e terapêutico? Somos REALMENTE mais doentes ou é impressão de um meio viciado?

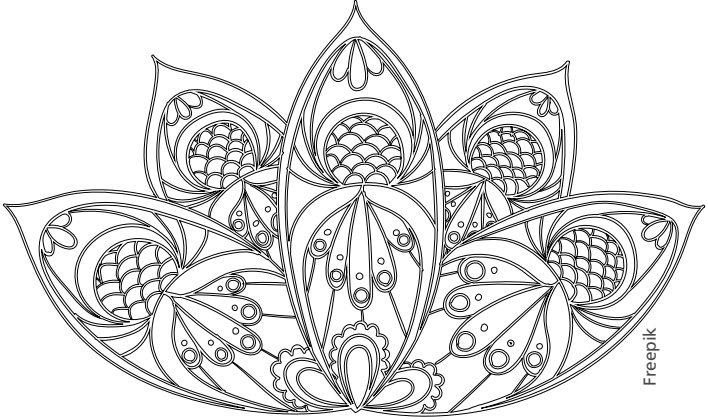
Pensei que poderia achar uma resposta estatisticamente relevante e fui buscar estudos e... é muito difícil achar artigos sobre a saúde médica. As buscas trazem resultados abundantes e nada específicos para médicos. Vi que essa linha de raciocínio ia me deixar louca e não ia descobrir nada. Então porque não pensar por outro lado? Um dado concreto e conhecido são as altas taxas de suicídio. Os médicos são a 11ª profissão que mais se suicida. Após acidentes, é a causa que mais mata estudantes de medicina. Nem vou comentar os números da ideação suicida, depressão e *Burn-out* em residentes. Temos ferramentas e conhecimento necessário, por isso a chance sucesso no evento da



Visnezh/Freepik.com

tentativa é muito maior que a de outras pessoas. Falar sobre o assunto é cutucar a ferida dentro de nós. Apesar de termos pleno conhecimento, o estigma de ser "louco", inclusive na profissão, acaba nos impedindo de encarar o problema, buscar ajuda e se tratar.

Além disso, tem a comum frustração de atender doente. Você está aquele caco, morrendo de dor, já tentou 435.867 remédios diferentes sem sucesso e vai trabalhar daquele jeito mesmo. Você para, respira, invoca seu melhor sorriso, diz "Bom dia!". Quantos pacientes não receberam bons-dia de médicos zumbi de pós-plantão, tristes de perder um parente, quebrar uma família, e até planejando suicídio? Sempre com uma fachada de aço. Seríamos os melhores men-



tirosos do mundo? Ou melhores atores?

Eu vivi de longa data assim. Tendo dor crônica, que muitas vezes antes do tratamento queria me prender na cama. Eu escondia as lágrimas de dor e preparava o meu mais angelical sorriso. E como era difícil mantê-lo quando eu sabia que do outro lado havia uma pessoa de má-fé que fingia dor (não entrarei nesse assunto, mas todos sabemos que existe). Por outro lado, sempre empatizei muito melhor com os que o realmente sabia que eram como eu. Quebrava a fachada: "Olha, eu também tenho dor e estou aqui, estou melhorando! Vamos fazer você melhorar também!".

E quando a gente nem olha para si mesmo? Como diria minha Avó "Macaco senta em cima do seu rabo e olha o dos outros". Estamos tão acostumados a olhar para a saúde dos outros e sempre tão atarefados que vamos tampando buracos aos poucos e, no final, a viagem não é confortável e estável, mas balançada e irregular. Há a máxima de que "o pior paciente é outro médico", pois ele já se viu, se examinou, se medicou, solicitou exames, NÃO melhorou E no fim vai no colega. Os médicos se acham autossuficientes, mas uma visão imparcial de fora pode mudar completamente o quadro. "Santo de casa não faz milagre" Inclusive, um saudoso veterinário dizia que tinha medo de atender bicho de médico, porque se

chega na mão deles é bomba (e todos os cães têm sopro pros doutores humanos).

No fim, não cheguei à conclusão alguma, nem SE a gente fica realmente mais doente que os outros. Do científico ao filosófico, as perguntas são muitas, os dados inconclusivos, as pesquisas insuficientes. Só temos a nossa experiência e sabemos - e um certo cirurgião professor meu não me deixa esquecer - que esse é o mais baixo nível de evidência.

Um conselho:

A primeira pessoa que um médico deve cuidar é de si mesmo, por mais que isso seja mais difícil do que cuidar de 1000 pacientes.

Se cuide.

Corticoide

Várias vias podem ser usadas
(Intramuscular, sublingual
Oftálmica, intra-articular, nasal,
Inalatória, endovenosa, oral),
Mas a mais usada é a via
Das dúvidas.

Freepik

Crônica de uma visita não anunciada

Eduardo Nunes Marques
Pseudônimo: **Jades Miguel**
e-mail: edunmarques@hotmail.com

OI, VÓ!

Hoje fui à sua casa, no entanto tudo estava diferente. A senhora acredita que eu gritei, mas ninguém veio me receber? Que estranho, pensei. Aí eu resolvi pular o muro. Dei de cara com o seu jardim. Poxa, vó, as rosas murcharam, as begônias foram embora, nem hortelã tem mais.

Estranho, não é? A senhora cuidava com tanto zelo daquele jardim. Resolvi descer para ver se não te achava lá embaixo, ou então, se havia esquecido alguma roupa no varal...

Estranho, mas nem a senhora, nem o varal estavam lá. Nem o cachorro. Aí eu vi a gaiola dos passarinhos vazia, acho que a senhora se esqueceu de cozinhar os ovos, dar alpiste e eles foram embora. A senhora me disse que a memória anda fraca, mas não fique triste, dá para arrumar outros, são baratinhos.

Desci mais um pouco e vi os pés de almeirão. Ah! Esses a senhora ficará orgulhosa de ver, estão enormes... na verdade tomaram metade do quintal, bem como aqueles matos que grudam na calça da gente.

Bom, já que eu não te achei lá, resolvi bater à porta, a senhora devia estar dormindo, afinal, cansa cuidar da casa – pensei eu. Bati, bati... Ninguém atendeu, acho que o sono estava pesado. Então eu resolvi entrar – a porta estava só no trinco. Que surpresa! A sala estava vazia.

Vó, como a senhora deixou que levassem as almofadas e o sofá da sala? Eu gostava de assistir filmes lá! Fui caminhando até a sala de jantar e os quadros, as fotos... Tudo sumiu! Então fui à cozinha pegar um pouco de café ralo que a senhora fazia cedinho, mas a garrafa térmica também tinha sumido, a senhora tinha sumido.

A ficha caiu.

Nada mais era estranho, a realidade é que a senhora não está mais aqui. Não temos mais os almoços de domingo, nem a farofa, nem o pudim, nem os hinos, nem a oração, e, principalmente, não temos a senhora, que era a razão de tudo aquilo.

O que me acalenta a alma é que a senhora me ensinou por meio da música que: "Tais águas

Alliesinteractive/Freepik.com

não podem a nau tragar", então, meu filho, "Sossegai". Além disso, acho que Guimarães Rosa estava sabiamente certo quando disse que: "As pessoas não morrem, ficam encantadas". E eu completo: "As pessoas, principalmente aquelas que amamos, não morrem, ficam encantadas."

Vó, eu não sei se a senhora vai ler essa carta, mas, eu te juro, que sempre que chego à sua casa, tenho a certeza de que te verei de novo: costurando, lendo o jornal ou dando de "cumê" aos passarinhos.

Freepik

Elemento

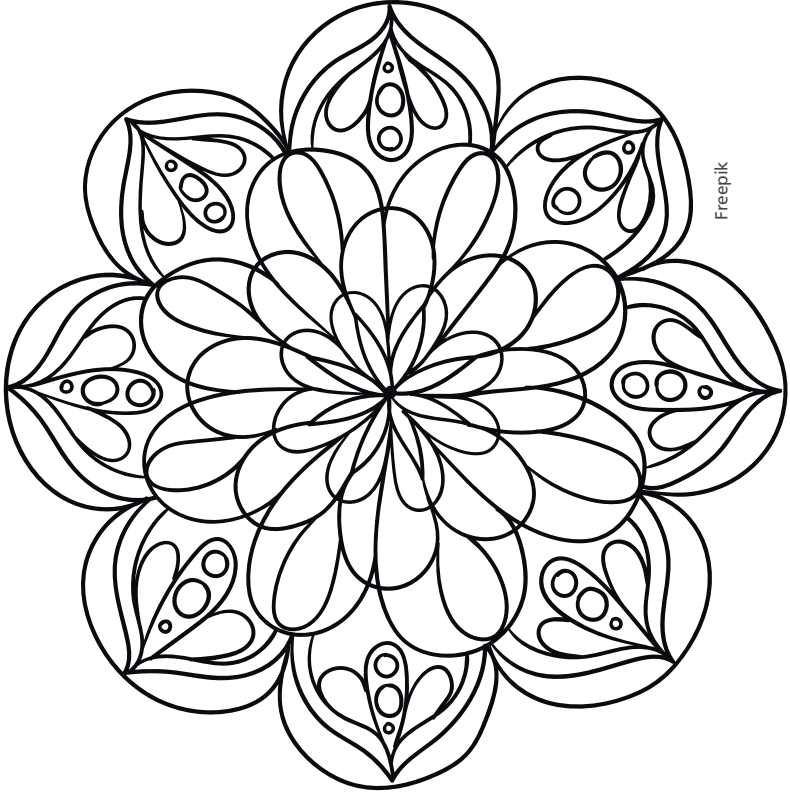
Eduardo Mischiatti
Pseudônimo: **Agostinho Tomás**
e-mail: eduardo.mischiatti@gmail.com

A mão do artista tinge e molda
A grosseira substância,
E o frágil vidro surge, refinado
do primitivo pó em dissonância.
Tudo e todos, vidro escuro,
Improvável elemento.
Retira a luz, somem as cores,
E restamos, fragmentos.
Ora pedra, ora vidro,
Instável modo, eterna areia
Em inquieta relutância.
Nas janelas das catedrais,
Até a vida é feita de areia,
Transformada em vitrais.

Rimas do meu último outono

Gilberto Carlos Macedo
Pseudônimo: **Gil Macedo**
e-mail: gc-macedo@uol.com.br

Na relva úmida se avistavam
as três últimas
jacas da safra.
Ao largo a última lavra
de dois dos últimos
tatus - duas enormes tocas na areia fértil, fácil
e dócil.
No horizonte o Sol, que estava nascendo,
único e último... se escondia numa nuvem do outono da minha única vida.
Caídas no piso, numa imagem bisonte; as jacas... jaziam, vencidas.
Nele, elas, banhadas
pela areia que esquentava –
se consumiam, e assim devolviam
ao solo tudo quanto haviam
absorvidos em vida...
numa eterna simbiose,
comum neste último paraíso. Enquanto isso, eu lavrava
meus últimos versos... escondido na intimidade
da minha cama.
Em uma das minhas últimas safras, acariciando minha única e última namorada
a quem eu, ainda, muito - amo. Durante, não muito distante,
em cada instante...



Freepik

eu ouvia no céu da nossa madrugada
o som dum casal
de papagaios,
que de tão canoro
me pareciam estar arrulhando;
num diálogo sonoro,
quão enamorado que a natureza ficou arrolhando
e eu - lamentando por ser, eles, um dos últimos
sobreviventes.
Revolvendo tudo... os últimos aios,
davam uma de verdadeiros gaiatos - enquanto plantavam
as últimas mudas de cana.

Pintavam
uma imagem que nos decorava,
abraçando-nos numa cor única,
insossa de um canavial
regional sem nenhuma biose...
parecendo mais como túnica
mortuária
durante as exéquias do fogaréu;
qual será, brevemente, o último réu.
Eram os últimos atos do turno da noite que se extinguia numa ária.
Era um novo dia que nascia bordando
o verde único da monocultura de suas vidas; numa relação imparcial,
sem ser... racial;
econômico;
muito menos ecológico.
Estes eram meus pensamentos sob os ruídos de todas essas corriolas,
enquanto eu comia as últimas
acerolas
do ano. Nele, meu tempo, vem insistentemente escapulindo de mim numa velocidade
que me provoca ânsia, descrença
e dor sem fiança.
Por último, infelizmente, tudo tem acontecido
diariamente;
repetidamente,
e assim - bem rapidamente, eu, ainda vivente...
tenho muito envelhecido.

Freepik

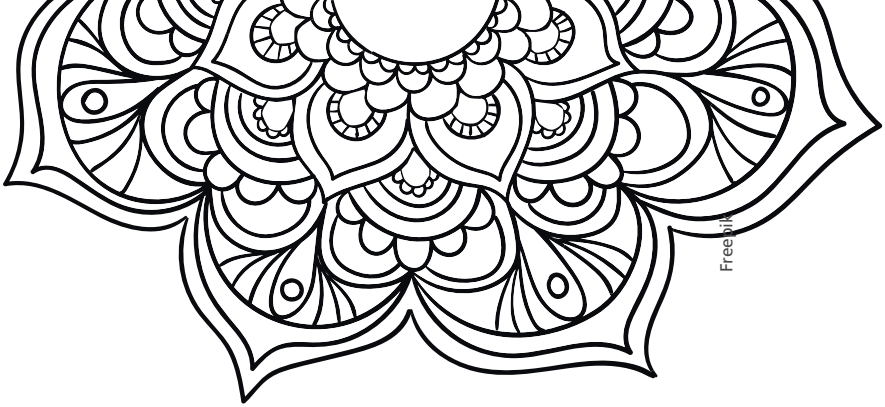
Beira-mar

Antônio Caetano de Paula
Pseudônimo: **Paracelso**
e-mail: clinimulher@sercomtel.com.br

Quero acordar
à beira mar
Quero viver
o alvorecer
Quero sentir
a manhã surgir
Com a alegria
de um novo dia

Quero brincar
à beira-mar
Quero esquecer
o meu sofrer
Quero partir
sem repetir
o meu encanto
em cada canto
Quero sonhar
à beira-mar
Quero ver
o anoitecer
Quero dormir
sem repartir
a minha amada
com a madrugada

Quero amar
à beira-mar
Quero acontecer
no teu ser
quero surgir
no teu porvir
Como um beija flor
surge para a flor
quero ser teu amor



Laços

Vem, estreita-me em teus braços
Ama-me com sofreguidão
Prende-me nos lindos laços
Que brotam de teu coração

Olhe-me no fundo d'alma
Sinta-me em todo o meu ser
Tire-me a tranquilidade, a calma
Faça-me de amor viver

Aperta-me contra teu peito
Proteja-me com teu calor
Como uma criança rouba um confeito
Rouba-me um beijo de amor

Cale-me com teu dedo na boca
Fale que sempre vais me amar
Ouça minha voz, já rouca
Abriga-me em teu colo ao deitar

Ser médico

Renata Koslowski Bekin
Pseudônimo: **Pitchula**
e-mail:renata.bekin@gmail.com

Médico se ocupa da saúde humana,
prevenindo, diagnosticando,
tratando e curando as doenças,
ou melhorando a qualidade de vida.

Ser médico é se doar por completo,
é abdicar, muitas vezes, de sua vida,
para trazer benefícios em prol de outra pessoa,
mesmo que esta você mal a conheça.

É amar a sua profissão acima de tudo,
Muitas vezes não há reconhecimento
e nem agradecimento, mas uma melhora,
um sorriso, nos dá uma grande satisfação.

São anos de estudo, horas de trabalho,
muito tempo sem ver a família ou amigos,
para fazer o bem a outra pessoa,
que nos procura pra auxílio.

Independente da área que escolhemos,
sempre há problemas, indefinições,
perguntas sem respostas, mas o melhor de tudo
são as realizações, e evoluções de nosso paciente.

Cada progresso, uma vitória,
cada passo, uma conquista
Como é bom ver um paciente bem,
após ter feito o tratamento correto!

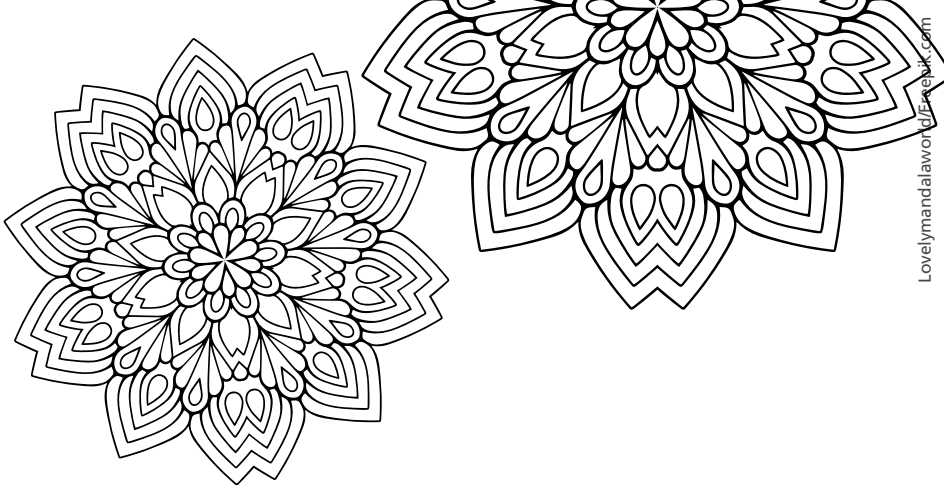
Somos humanos, imperfeitos,
com muitas limitações,
mas com um desejo em comum:
fazer sempre o melhor ao outro.

A todos os médicos,
parabéns pelo seu dia,
parabéns pelo esforço diário,
e principalmente pelo amor à profissão.

Ser oftalmologista

É uma especialidade da medicina
que estuda e trata as doenças
relacionadas à visão, à refração
e aos olhos e seus anexos.

Um órgão que era um mistério
perante seu funcionamento,
era considerado mágico,
capaz até de lançar mau-olhado.



Lovelymandalaworld.etsy.com

Médico observador, que, através
da sua paciência e perseverança,
consegue permitir que seus pacientes
consigam enxergar um mundo melhor.

Um mundo mais colorido, mais nítido
e sem borrões ou distorções,
para ser contemplado por toda a vida,
cada idade com sua particularidade.

Feliz é aquele que pode fazer o outro
enxergar melhor, ou mesmo transformar
os dias nublados em dias de sol,
esta é a função do oftalmologista.

Parabéns a todos oftalmologistas
pelo seu dia tão especial.
Que possamos sempre tornar paisagens
tristes em coloridas.

Um teto por uma vida

Adriana Godoy
Pseudônimo: **Clara dos Anjos**
e-mail: dermatoadrianagodoy@gmail.com

Final de tarde de um domingo de Páscoa. Maria enterrava sua cachorrinha de estimação Pedrita num bosque de Araucárias.

Vandinho, seu filho mais novo, abria uma cova e Maria pensava pesarosa, "*era meu último bichinho de estimação*"! Não havia mais condições em manter um pequeno cãozinho sequer naquele apartamento de 30 metros quadrados, conquistado após uma vida inteira de economias e muito trabalho.

Enquanto Vandinho cavava, Maria tentava se lembrar do nome de cada um de seus animaizinhos. "Duke, Komanche, Baby, Poly, Negrinha,(...)".Foram mais de 20 cães, além dos gatos, da criação de galinhas, o viveiro de pássaros e o pomar. "Ah, aquele pomar! Tanta laranja, mexerica e ameixa amarela. *Agora compro fruta sem cheiro-nem-gosto no supermercado!*" Devaneava.

Ao mesmo tempo que enterravam a pequena Pedrita, os pensamentos de Maria fluíam na trajetória de sua vida.

Maria ficou viúva cedo. Criou seus cinco filhos sem ajuda de ninguém. Durante quinze anos morou de favor numa casa emprestada de sua irmã mais rica. Certo dia, a casa foi vendida e Maria foi surpreendida com os novos moradores chegando e ela mais seus filhos sendo despejados. Todos a aconselharam que procurasse seus direitos. Mas ela era orgulhosa demais em querer para si aquilo que não lhe pertencia!

Numa mudança meio desajeitada, juntou os filhos menores e a bicharada e foi morar de aluguel numa casa menor. Os vizinhos herdaram a criação de ga-

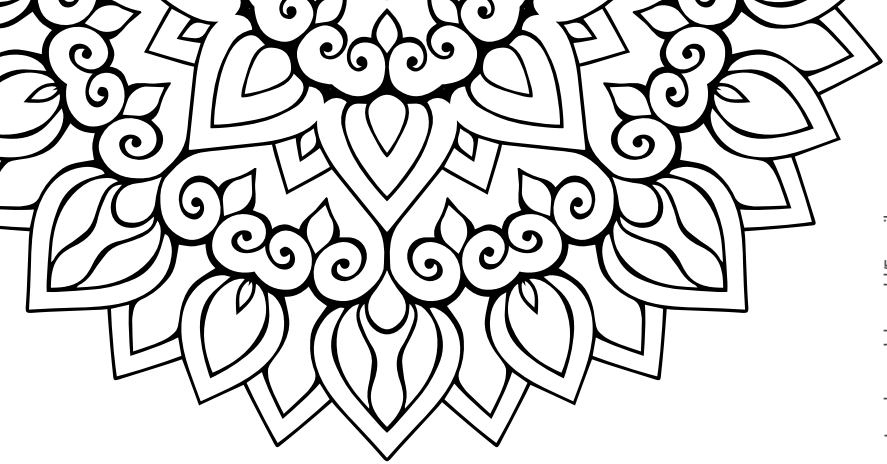
Lovelymandalaworld/Freepik.com

linhas e muitas plantas. E sempre que o dono pedia a casa alugada, sempre se mudava para casas cada vez menores e mais bichos ficavam pelo caminho.

Em sua última casa, eram apenas dois cães e um galo. Pouquíssimas plantas. Não era mais possível carregar consigo a "arca de Noé". O corpo já pedia para seguir mais devagar. Depois de se aposentar e com a ajuda dos filhos, Maria conseguiu dar entrada em um minúsculo apartamento. Foram muitas adaptações e renúncias, porém decidiu não abrir mão de ficar com a cadela Pedrita.

Sentia-se feliz por ter uma "casa própria", mas foi difícil de se acostumar. Morava na periferia, num apartamento aonde não chegava o sol, havia muito barulho da vizinhança, a construção era malfeita – *Esse "minha casa, minha vida*!"

Alguns meses após a mudança, Pedrita rapidamente sucumbiu a um câncer de mama. Foram duas semanas de agonia antes de sua morte. Ainda atordoada com tantas mudanças, Maria nem imaginava que cachorro também poderia ter "aquela doença". Seus pensamentos divagavam. Mesmo com tanto pesar e um vazio no peito, respirou aliviada: "*ainda tenho um teto e quatro paredes*".



Lovelymandalaworld/Freepik.com

O espelho dos olhos

Úrsula Mary Zarpellon
Pseudônimo: **Borboleta**
e-mail: ursulazarpellon@hotmail.com

Encare-me profundamente
Com seu espelho dos olhos
Procurando me encontrar
No mundo do meu eu distante

Na eternização do momento
Dos olhares que se encontram
Em um tempo, um instante
Uma inquietação gritante

Passado e presente diferentes
Pelo espelho dos olhos
Almas que se encontram
Um Olhar ...

Fora de moda

Deraldo Mancini
Pseudônimo: **Conde Marcello**
e-mail: d.deraldo@gmail.com

Estava no saguão do Aeroporto de Guarulhos à espera de um voo que me levaria a Milão. Enquanto a hora não chegava, atrasos como sempre, eu me distraía olhando os passantes que por ali transitavam. A primeira coisa que me chamou a atenção foi o grande número de pessoas, de todas as idades, calçando tênis. Fiquei pensando na triste sorte dos engraxates que, com esse modismo de mau gosto, no meu modo de ver, perderam seu trabalho. Lembrei-me dos tempos em que engraxates e barbeiros dividiam o mesmo espaço e era gostoso ver aqueles senhores, alguns já com certa idade, fazendo estripulias com a escova e o pano de lustrar, oferecendo verdadeiros shows de ritmo (samba ou bolero, doutor?) aos seus fregueses.

Os barbeiros num determinado período também foram ameaçados em sua profissão pela moda dos longos cabelos. Recuperaram-se, mas os engraxates talvez tenham de esperar algum tempo até que os sapatos voltem à moda. Façam seu jogo!

E as calças? Nada de tergal, casimira, linho e outras matérias-primas: *jeans*, *jeans* e mais *jeans* de cores variadas, desbotadas ou não, com rasgos ou sem rasgos. Escolha!

Gravatas. Vi apenas duas: um senhor idoso, com jeito de pastor, e um sujeito que estava com camisa de cores berrantes, gravata mais colorida ainda e... sem paletó. Devia ser desses turistas americanos, mestres na arte de mal vestir-se.

Na TV da sala de embarque, Jack Nicholson brilhava em Chinatown, usando charmoso chapéu, definitivamente fora de circulação, para tristeza das

indústrias Ramenzoni, Prada e Cury que disputavam o mercado dessa elegante peça. Foi substituído pelos bonés, usados em todas as ocasiões e que alguns têm o mau gosto de colocá-los com a aba para trás. Estava envolvido nessas divagações quando foi anunciado o embarque da Alitalia para Milão. Levantei-me e, com cabeça erguida, passos firmes, trajando sapatos bem engraxados, calça esporte-fino, camisas de mangas longas, gravata e um vistoso Blazer dirigi-me ao portão de embarque, com a certeza de que era o mais elegante de todos os que ali permaneciam e, por isso mesmo, paradoxalmente, destoando... fora de moda.

Boa viagem!

O sobrado e o piano

Gosto de caminhar. É um velho hábito que pratico enquanto as já cansadas pernas aguentarem. Caminhei pelos bosques da cidade, mas a insegurança levou-me a optar pelas ruas e avenidas de minha querida Água Verde.

Gostava de observar as pessoas, de ver que, no antigo terreno baldio, erguia-se imponente edifício. Gostava, sobretudo, dos jardins floridos, bem cuidados, onde se percebe a mão feminina. Assustavam-me apenas os cachorros que ladravam sem motivo e os motoristas que não respeitavam os pedestres.

Numa dessas andanças, já vai longe o tempo, quando o sol já começava a se pôr, ouvi o som de um piano. Acelerei o passo e identifiquei um sobrado de onde vinham os acordes de um choro de Ernes-

to Nazareth – "Brejeiro", se não me trai a memória. Parei e ali permaneci até o final da música e prossegui meu caminho com a energia redobrada.

Nos dias que se seguiram voltei ao sobrado e era um encantamento ouvir o som daquele piano. Tornou-se um hábito e às vezes quando retomava a caminhada ficava a imaginar quem seria a intérprete: uma jovem e talentosa estudante de piano, uma senhora idosa que buscava nas notas de seu instrumento lembranças de sua mocidade? Ou um músico da noite ensaiando seu repertório?

Nunca obtive a resposta...

Alguns dias depois dessa "descoberta", viajei. Fiquei alguns dias fora e no retorno fui, como sempre, fazer a minha caminhada e não deixei de passar pelo sobrado - trajeto obrigatório - para ouvir o som do piano. À medida que me aproximava, percebi, para minha tristeza, apenas silêncio.

Acelerei o passo e, decepção! O sobrado fechado e, no muro, uma tristonha placa - VENDE-SE ESTA CASA. Doeu!

O tempo passou, mas até hoje, quando ouço o som de um piano, lembro-me daquele episódio e me pergunto: por onde andará aquele misterioso intérprete que, ao cair da tarde, por algum tempo, fez, involuntariamente, a alegria de minhas solitárias caminhadas?

Mudei-me há muitos anos para um apartamento e hoje, impossibilitado pela idade, pelo tédio e pelo medo, limito-me a ficar enclausurado em minha própria casa, recordando-me dos bons tempos em que se podia caminhar sem sustos ou sobressaltos pelas ruas de nossa querida cidade.

Docência

Anderson Simonato
Pseudônimo: **Anderson Simonato**
e-mail: andersonsimonato@hotmail.com

Calma, menino! Não se assuste.
Volte às carteiras da rotina e transforme.
Entregue-se à brisa doce do aprendizado,
Abrace seus colegas e aprendam a ensinar.

Calma, menino! Sossegue seu peito.
O cotidiano sufocante de hoje, será libertário amanhã.
E as angústias? Compartilhe! E a realidade concreta sustentará os seus dias.

Calma, menino! Não desanime!
Retire das dores de seus pacientes o motivo para recomeçar.
Sinta em cada palavra deles, a força do seu sentimento.

Calma, menino! Não se cobre!
Tudo é diferente todos os dias.
O caminho é inédito todas as manhãs
E as flores dos sorrisos não se esgotam.

Calma, menino! Confie.
Pegue na minha mão e aperte quando sentir medo
Segure suave quando amadurecer
E não solte, vamos juntos
Pois o aprendizado é infinito.

Calma, menino! Acredite.
Ressignificar modifica as mãos duras do mundo,
Acalenta os corações aflitos
E mantém as borboletas livres no ar.

Eu nasci triste

Eu nasci triste! E aquela frase reverberou nas minhas vísceras. Já havia atendido aquela senhora diversas vezes, mas somente agora pude notar a profundidade e a escuridão daquele oceano. Conforme a consulta evoluía, uma mistura de suor e lágrimas escorria pelo seu rosto como se seus poros estivessem inundados de rancor e angústia. Aquela tristeza era contagiosa. Como não posso ser doente? Minha diabetes não vai abaixar, doutor. Minha mãe me recusou no seu ventre. Não tive infância. Casei cedo, meu marido me agrediu a vida toda, e quando estou velha, pronta para descansar, descubro que ele, meu companheiro de mais de cinquenta anos, abusava da nossa neta de seis.

Senti uma ânsia. E o silêncio congelante daquelas palavras gritava dentro de mim.

Pois é, doutor, há quatro anos não vejo meu filho e minha neta. Na verdade, doutor, há quatro anos eu morri.

Senti novamente aquela náusea remexida, olhei bem nos olhos daquela senhora e chorei.

Discretamente enxuguei a gota sorrateira de lágrima; e tentei, quase sem voz, consolá-la. Encolhi na minha insignificância de anos de medicina, congressos, jornadas e pós-graduações para nenhuma palavra vir-me à boca.

Fausto inusitado

Leotil José Jardo
Pseudônimo: **Lezard J.**
e-mail: zado@arnet.com.br

Era sombrio o homem que caminhava pela calçada da cidade naquele dia pálido, chuvoso e também sombrio. Não era seu hábito fazer compras nem se interessar por objetos ou coisas triviais, mas, quando passou defronte à floricultura, algo lhe chamou a atenção, fato que dificilmente acontecia com nosso lúgubre personagem. Entrou no recinto e comprou, sem hesitar, uma pequena muda de planta que lhe parecia ter um suave encanto ao emitir na cor verde uma ternura envolvente.

Ao chegar em casa, que ficava nos fundos de um terreno e tinha um grande um pátio gramado na parte da frente, foi-se a plantar seu precioso vegetal num ponto estratégico onde pudesse enxergá-la e acompanhar seu crescimento. Achou o lugar ideal, defronte à grande janela de vidro refletivo que era a vitrine da sala de estar.

O homem vivia só, poucos amigos, raras visitas. Tinha hábitos solitários, vivia de lembranças longínquas, tristes e pouco saía de seu reduto. Agora tinha mais uma tarefa diária: a de regar e acompanhar o crescimento daquele místico ser em crescimento. E o seu crescimento foi rápido, desenvolveu-se, expandiu seus galhos e, súbita e inesperadamente, apareceram frutos.

Ao entardecer de um dia, nosso soturno personagem, postou-se diante do seu arbusto, que agora tornara-se uma frondosa árvore. Encantado, examinava sua frutificação. Eram singulares, leves, de cor radiantemente branca, com relevos irregulares, com cheiro agradável, lembravam pipocas!

Durante a noite, a produção tornou-se frenética e, na manhã seguinte, havia desmedida quantidade de frutos espalhados pelo chão. O sol apareceu e o

pátio iluminou-se radiantemente com o reflexo daquele branco intenso. Vendo aquilo e espantado, nosso herói não se conteve e experimentou uma daquelas espécimes. "Isso é pipoca mesmo. E já está salgada!" – pensou, radiante .

A notícia espalhou-se rapidamente pelas cercanias e os jovens, é claro, logo chegaram para deliciar-se daquela mágica surpresa. Ali se encantavam com aquele agrado que vinha de uma só árvore e que cada vez produzia mais.

Da vidraça, o ser solitário observava a alegria da meninada, a sua espontaneidade, a sua singeleza, a sua amorosidade. Encantava-se quando via meninos e meninas trocando gentilezas, brincadeiras, meiguices. Viu, certa vez, um menino trocar um beijo suave com a amiga, e viu nos seus olhares, cândidos olhares, muito amor, ternura e sinceridade. Escutou promessas de amor eterno, confissões, carícias. Durante meses presenciou a vida ingênua e deliciosa através de seu escudo, tudo isso graças à sua encantada árvore de pipocas salgadas. Foi, assim, testemunha de inúmeros episódios de agrado e animação, inebriando-se com a visão da felicidade promovida pela simples obra de um plantio fortuito.

Passou-se uma longa temporada fértil e o outono chegou forte, implacável. A safra terminou e a árvore sucumbiu.

As crianças cresceram, seguiram com seus projetos e sonhos e o homem solitário assim continuou, agora tendo consigo, para sempre, mais esperança e as lembranças sedutoras do bom e fausto inusitado.

Meu silêncio

Milton Bocato
Pseudônimo: **Michola Otocab**
e-mail: bocato2005@hotmail.com

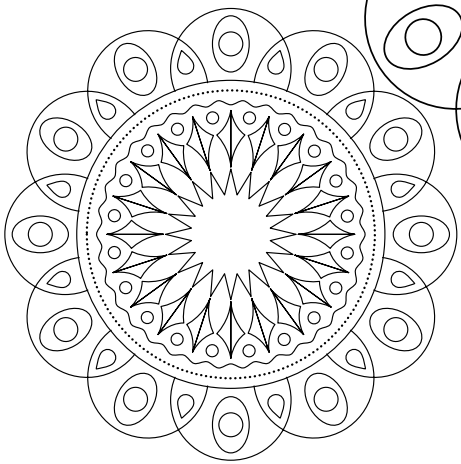
Meu silêncio
É meu lenço
Minha revolta
Minha estupefação.

Meu silêncio
É denso
Às vezes incomoda
Às vezes não.

O silêncio da minh'alma reclama
O silêncio de Deus cativa
Diante da miséria humana
Resta-me a alienação auditiva.

Onde está a voz de Deus?
A voz do bem-aventurado?
Só ouço o bradar louco dos "eus"
E os corações machucados.

Meu silêncio é imune
Metafórico e livre de deveres
Perdeu o encanto e nada mais assume.
Nem o dionisíaco e os fugazes prazeres.



Freepik

A vida

Amauri Nascimento Fernandes
Pseudônimo: **Amauri**
e-mail: amaurifernandes@uol.com.br

A minha poesia
É nela
Que um coração ávido
E uma cabeça tensa
Resolvem minha inadequação
Tantos sinais
Tantos caminhos
Tantos desejos
Escondidos na rotina
Queremos tanto mais
Mas o maior medo
É perdermos o que temos
E assim é o amor
Aprendemos a guardar
Desde pequenos
O que não queremos perder
E como se guarda
Dinheiro em bancos
Joias em cofres
Por sermos frágeis
E tão fugazes
Guardamos nossa vida
Dentro do coração de alguém
Para que depois que partirmos
Nos mantenhamos vivos
Nas lembranças
Na saudade
Depositada
Dia a dia
Nos cuidados
Do convívio
O amor é este cofre forte
Onde se guarda a vida
Fora do alcance da morte

Nós dois em 4 atos

Taísa Gotardo
Pseudônimo: **Taísa Gotardo**
e-mail: taisagotardo@gmail.com

PREFÁCIO

É pouco a pouco, é bem lentamente, mas, quando a gente repara, foi tudo de repente. E o sentimento no peito, que, antes, era pouco, tem crescimento lento, mas ao seu dado tempo, pega o peito todo, antes oco. E foi bem assim: eu ignorei todas as vezes em que insistiram em me dizer que eu estava a fim. Eu convictamente neguei sempre que alguém me perguntava sobre estar apaixonada, mesmo que só eu acreditasse em mim. E segui assim até que nem eu mais acreditava. E eu perdi a linha: se você sorria, eu perdia a fala; se você falava, eu quase morria; se eu te via, quase enfartava. O sorriso bobo e a arritmia já eram fixos da minha rotina, no meu rosto, no meu peito, na minha vida. E esbarrar contigo virou o não declarado maior objetivo do meu dia a dia. A sua risada era a música que tomava meus ouvidos como nova morada.

ATO I - O INÍCIO

A gente mesmo nem acredita, chega ao ponto de irritar a todos pela exagerada alegria, nem se incomoda mais com quando não lhe respondem o bom dia, canta feliz, mesmo quando numa segunda à noite se encontra em casa fazendo faxina e, se o mundo acabasse amanhã, a gente riria. E a gente se vê a semana inteira numa ansiedade meio besta, disfarçadamente contando os dias pra se ver de novo depois de sexta. Só pra passar as seguintes 48 horas inteiras, sem rodeios, sem sair da cama. E a gente fala tanto de um mesmo nome, que a roda de amigos, coitada, se cansa. E a gente se apaixona e só percebe quando está na dança.

ATO II - O MEIO

A rotina pega. Cada detalhe, depois de um tempo, pesa, mas a gente se acostuma. E, de vez em quando, cansa, briga, grita, se irrita, faz uma bagunça. As verdades todas ficam jogadas, espalhadas pela casa – mas depois a gente arruma. E a vida, no final das contas, segue mesmo mais ou menos como uma montanha russa, só não nos encontramos mais na fase do parque de diversões. Estão sim os dois corações mais acostumados a se amarem e a viverem em meio a todas essas emoções. Exatamente como todo mundo falou que seria, a vó, o pai, a mãe, a tia. O comodismo, que sempre dizemos que aqui não teria espaço, chega e vai conquistando seu lugar, passo a passo. E seguimos, os dois, na diária mentira de fazer tudo isso que a gente jurou que não faria. E é quando a gente, assustado, repara que a música já acabou e já se encerram a dança e a farra.

ATO III - O INÍCIO DO FIM

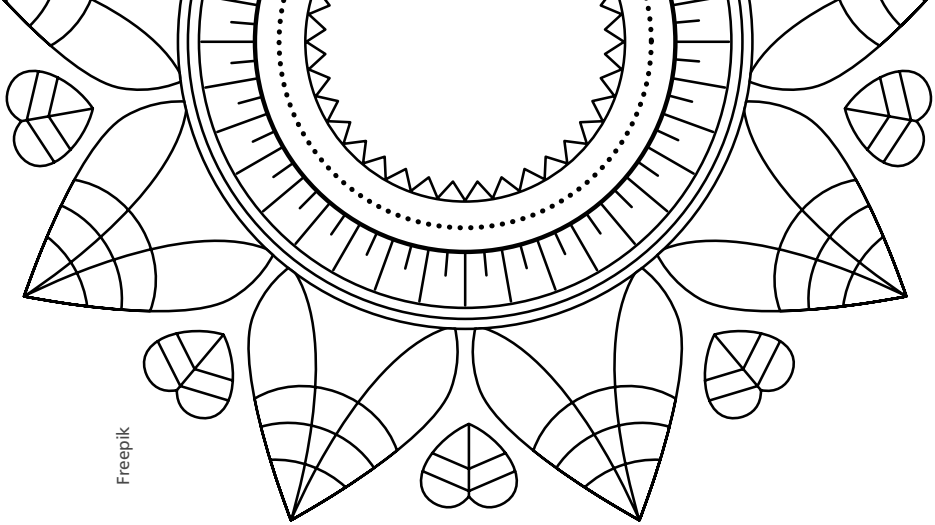
Quando foi que entramos em guerra? Viramos duas pessoas que não se escutam, que por qualquer coisa já discutem sem a menor espera? E andamos, agora, os dois armados até os dentes com uma série de defeitos pré-selecionados pra jogar na cara. Lembra-se de quando costumávamos nos (re)declarar no meio da rotina por meio de pequenas cartas? Me desculpe você, mas eu não farei de mim soldado, me recuso. Não vou mais levar isso como pedra no sapato, presa ao solado, como infeliz infortúnio. Muito menos andar por aí me escondendo em desculpas como um escudo. Já passou do tempo de desatar isso que já foi laço, mas se fez nó. O nó da corda da forca que nos sufoca sem dó. A pista de dança já se encontra vazia, só resta nós. É reconhecidamente o fim, já podemos os dois abandonar as trincheiras, desarmar os exércitos e pôr abaixo as barreiras. Passe bem, espero que seja, enfim, feliz. Espero que encontre alguém.

ATO IV - O QUE RESTOU DE MIM

Eu bebi todos os dias por uma semana. Eu comprei 3 livros pra ler, mas os deixei empilhados ao lado da cama. E troquei de padaria porque na de sempre me lembra de você o padeiro. E tentei mil vezes parar de me perguntar o seu paradeiro. Eu cheguei a procurar em outras bocas o seu gosto. Por conta do seu aniversário, eu odiei o mês inteiro de agosto. Eu preenchi com enfeites banais a sua parte da estante. E eu pensei em você pelo menos uma vez por dia numa rotina irritante. Eu fiz de tudo e um pouco mais, mas aparentemente você me marcou de um modo que eu nem acreditava ser capaz. Nada disso tudo foi o bastante. De modo geral, meu corpo parece ter como verdade que qualquer coisa que não seja estar como você a todo instante simplesmente não basta, não sendo importante o quanto eu tente, o quanto eu procure me entreter, o que eu faça. Algo em você torna impossível de esquecer, mas você segue na sua escolha, impassível. Não deve ter pensado nem por um instante em me (re)ver. Será que você ainda tem saudades, se não da dança, pelo menos da banda? Será que se lembra de vez em quando da música e, distraidamente, canta?

Um salto no escuro

Naquela época você ainda não sabia que era possível querer tão extremamente ver alguém no fim do dia. E não tinha nem ideia de que falar com uma pessoa só podia te fazer bem mais nervosa do que falar pra uma plateia. E nem imaginava que dava pra escrever tanto poemas a respeito de um mesmo tema. Nunca havia te ocorrido que uma voz poderia soar tanto como músi-



Freepik

ca aos seus ouvidos. E já havia se informado que, ao se apaixonar, tudo mudava, mas acho que imaginou que era da água pro vinho e foi mais do vinho pra água. Porque parece que tudo acontece tão ao contrário, é tipo como quando a gente abre a porta e cai uma avalanche de roupas do armário. Só que não são roupas, é mais um desejo. E não é do armário, vem tudo do seu peito. E vem e invade o chão do seu quarto e da sua casa e do seu trabalho e da sua vida toda. E aí realmente acontece o lance do armário, porque você chamou a pessoa pra sair e não consegue escolher a roupa. E você pensa em desmarcar mil vezes e chega a questionar se não está, enfim, ficando louca, mas você vai, e escuta aquela voz rouca, e vê aquele sorriso, e vocês se beijam, e rola aquele arrepio e, antes disso, você não sabia que nada disso ia acontecer. Você até ouviu por aí, mas nunca achou que esse lance de amar era pra você. Mas é, amar é pra todo mundo. E até acontecer contigo, você pode até achar que sabe, mas está tateando um quarto no escuro. Até que alguém te ilumina.

O livro que ninguém lia... ....Memórias do livro rejeitado!

José Fausto Toloi
Pseudônimo: **J. Fausto Toloy**
e-mail: faustotoloy@gmail.com

Era um livro um pouco estranho: capa azul e borda amarela com letras garrafais em vermelho: *O CAMUNDONGO DE SARONGO*, um título no mínimo esquisito que rimava. Seria prosa ou poesia? Passou despercebido como tantos naquela livraria. Ignorei-o simplesmente. Mas, para minha surpresa, ouço uma voz:

– Moço, moço... Você mesmo com carinha imberbe, estudante talvez, um mancebo! – Caramba! De onde vinha aquele som?

– Não se assuste. Ali na frente tem homem que vira barata, mais adiante um rato atrapalhado, uma baratinha cantora, um grilo falante, e até animais que expulsam o dono da granja! *Anything goes, baby*! Em ficção, é claro! Aqui, bem aqui no cantinho, o livrinho de borda amarela, isso, isso agora mais pra direita... sou eu! Parecia mesmo que a voz vinha do livro... Seria possível? Não fumei nada, nem uso droga ou coisa semelhante, às vezes um antidepressivo... vou falar com ele!

– Está procurando um *best-seller* tipo *O livreiro de...* ou *O caçador de...* ou ainda *A ira dos ..., 1984 Não verás...O*; que tal *O menino malu...* – Tô aqui esquecido e não sou nada disso, mas... Acho que vou colocar o dedo na borda. – Hiche! Mexeu, parece querer pular para as minhas mãos, será que gostou? Acaricio delicadamente o livro na ponta dos dedos: Livraria Cultura – São Paulo *supercap* fevereiro de 2004"; ah!

– Vamos, cara, me pegue, me curta, deleite-se comigo só um pouquinho, enfim, use e abuse, mas cuidado: não me confunda com "Mate Leão" (tempos de criança). Hiii, cara, se soubesse da minha história... quer saber? Vou contar: nasci numa graficazinha

de fundo de quintal no Engenho Vila Verde (que nome bonito, ecológico...). Quem me escreveu? Criou os originais? Ah! Quer saber então? Está interessado, vejo nos seus olhos... O nome do meu autor é Ângelo Maiakóvski; tá pensando que é em verdade parente do grande poeta russo. Mas pode me tocar, abrir: aventura, emoção, surpresas, risos, enfim, ingredientes de uma boa estória. Livro: "Vamo lá, cara, ô meu (assim é melhor) me folheie, cheire, ainda tô novo só um pouco cheio de pó, traça num tenho. A cor azul-amarelo da capa ainda não desbotou apesar do sol que tomo na fuça toda manhã quando a Zica num fecha a cortina (deixa esse livreco, filho, vamos levar um livro do Ziraldo) Pronto, não desencalhei de novo. Tá bom, então que prestigia mesmo autor desconhecido. – "Intelectual, ô você mesmo com óculos John Lennon, olhos negros... pode folhear à vontade; então me leva, topo qualquer parada pra sair dessa pasmaceira: livro na estante (de livraria, ainda, é livro morto) seria bom ganhar vida aos olhos de algum leitor, ensinar pelo encanto das palavras, despertar a alma da paixão, emoção, quem sabe descobrir palavras novas, ou apenas uma ideia, modo de ver o mundo ou uma mensagem? Agora na mochila junto com canivete suíço, cigarro (menos aquilo), uma troca de roupa, caneta, chaveiro. Vamos nessa. Tira-me no ônibus e começa a leitura:

– Mas que droga, aquela vendedorazinha pivete acha que me engana, falou que tinha uma inspiração *kafkiana* – é livro infantil! Arremessado pela janela (defenestrado eu?) ufa: Vou pro meio da rua todo desfolhado, aberto no meio da avenida, logo sou atropelado por outro carro e escarafunchado perto do bueiro, nããão! Uma mão salvadora me agarra antes do desastre: um colegial. – Oba, um livro, achei um livro, oba! Livro – que molequinho mais sem CPF, gostou do presente, e é isso que importa. Todo mundo quer ser apreciado e amado, não é mesmo? Talvez seja esse o segredo? Incontinenti o menino inicia a leitura e vou me deliciando com o desenrolar de tudo! O que mais poderia ser, sou só um li-

vro que não queria ficar na estante tomando sol, pó, um dia quem sabe ser roído pelas traças. Que aventura viver, viver livre, enfim... UOFFF! Ledo engano, não é que o pivete não gostou da história e resolveu dar-me de presente ao pai presidiário. – Ah! Já sei, vou presentear meu sobrinho. Dali o menino me leva ao Hospital Lua Nova, onde está internado Meldes, vítima de esquizofrenia. Na chegada vive uma briga estranha, porquanto o Meldes disputa o livro com o Tito:

– O livro é meu, Mel, ele trouxe pra mim; a Dra. falou que sim... – Não, Tito, é outro presente, e é de Natal. – Na refrega sou partido em dois e uma metade vai pra cada um dos doidinhos.

– *Parem com isso!* – entra o missionário e une as duas partes ficando eu, livro pela metade – De onde estava sou (defenestrado II) e caio no jardim – Acho melhor mesmo levar o livro para doação. Colocado num envelope e postado vou pra um presídio.

– Que legal lembrar-se da gente esquecido – pensa o presidiário. –Puxa um livro, que bacana: chega de TV, futebol (bola murcha). Depois de algum tempo: uau! Que rato esperto, vou fazer assim e logo saio daqui, mas... pensando bem: por qual buraco? Um camundongo é pelo menos cem vezes menor que eu, mas, enfim, não custa sonhar; ora, mas que bobagem sair... – Dar para o índio Emanuel, logo ele sai dessa vida. Ele vai amar o presente. Além do mais tá aprendendo português... Ler também é uma aula da língua.

– Guarde com carinho, cacique, uma lição de português, mas, olha é de coração, hem?

– Cacique Jonas insere o livrinho no bolso da jaqueta de couro, presente do Morel por amansar o cavalo Terenzo, caminha alguns passos da prisão e sai para a avenida. O pobre cacique atravessa o farol e, diante do ponto de ônibus da Avenida República dos Inválidos, é atacado por *skinheads*... Defende-se como pode, revidando a agressão com uma estranha luta, até que atiram álcool e fogo em sua jaqueta. Uma poetisa que mora nas vizinhanças e malabares do farol de trânsi-

to socorrem o silvícola civilizado que se safa com pequenas escoriações. O livro cai da jaqueta e arde em chamas na calçada... dos borbotões brotam pequenos vagalumes que se afastam e iluminam a misteriosa noite de abril.

– Que lindo! Que lindo! – Raquel, a poeta, balbucia deslumbrada.

No final da história deste personagem rejeitado, de alguma forma o sacrifício do livro-herói não foi em vão.

A vida é fumaça

A vida passa
e eu até acho graça;
É preciso viver com raça;
Brincar com a ilusão da farsa;
Enfrentar altivo a desgraça;
Imaginar e criar sem chalaça;
Não mergulhar na cachaça;
Quem sabe esquivar-se da ameaça:
Tergiversar a reação negaça:
Diante da dúvida olvidar a trapaça
para não virar caça;
Na loucura devassa,
deixar os amores sem jaça;
Aquiescer à ironia palhaça;
Do governo negar a mordaça;
Passear às vezes na praça;
Como um ladrão ladino elidir a couraça ...
Dominar o tempo... disfarça!
Nunca entrar na vida nefasta:
porque tudo passa, embaça
e vira nesga de fumaça.

Mãos ao alto

Sérgio Luiz Schloegel de Azambuja
Pseudônimo: **Ana Quint**
e-mail: sergioaza@gmail.com

Aprisionado

Debatia-se

Não por traficar ouro

Mas por ser

Besouro

Choque condimentar

Caepulla x *alliu*

Carro carregado

De alho

Atravessou preferencial

Bateu

Se foi

Deu

De frente

Num carro carregado

De cebolas

Ces't la vie

Ces't bolá

Carr'alhô...

Freepik

Doença da alma

Peter A. Cruz
Pseudônimo: **Rodrigo Filho**
e-mail: petercruz@terra.com.br

Estou só.
Não há mais sentido,
Não há mais razão.
E o pior: não há mais emoção.

Está abafado. Não consigo respirar;
Será desânimo? Tristeza? Depressão?
Serotonina, noradrenalina ou emoção,
Qual é a razão?

Misturo-me à multidão, aos amigos;
Mas continuo só.

Como pode, solidão?
Por que não se afasta de mim?

Amor não correspondido?
Falta de afeição?
Não sei não...
É grave, doutor.
Doença da alma.
Difícil solução.

Seu Joaquim, Papai-Noel e eu

1

Deitado e de olhos fechados, penso na vida.

Vida de desgosto, tristeza e dor.

A época que eu mais detestava era o Natal. As pessoas rindo, falando alto, com seus pacotes de presentes; as árvores de Natal belíssimas, com suas fitas e bolas coloridas; os enfeites nas portas das casas; a alegria da mesa farta e da família reunida.

Eu olhava para tudo isso e depois para mim. Garoto de

favela, pés descalços – seja no calor ou no frio –, nariz escorrendo, calçãozinho sem cueca, camiseta de algodão rasgada. Perambulando para lá e para cá, pedindo esmola, comendo resto, dormindo embaixo da marquise, em banco de praça, ou, quando frio, em cima da grade do holofote fixada no chão.

Pai e mãe sempre bêbados, apanhava sem saber por quê. Voltar para o barraco, só com o dinheiro pra cachaça.

A raiva do Natal era maior ainda quando pensava no Papai-Noel. Nunca trouxe nada do que eu pedi.

Mas, então, lembro do seu Joaquim.

Português barrigudo e bigodudo, abriu uma padaria bem perto da favela quando eu andava lá pelos seis, sete anos.

2

Chamou o chefe da favela e acertou que todas as sobras, os doces e os pães não vendidos seriam dados ao fim do dia aos seus moradores.

Bonachão, brincalhão, tratando todos com um sorriso escancarado, encantava e divertia as crianças. Gente boa o seu Joaquim!

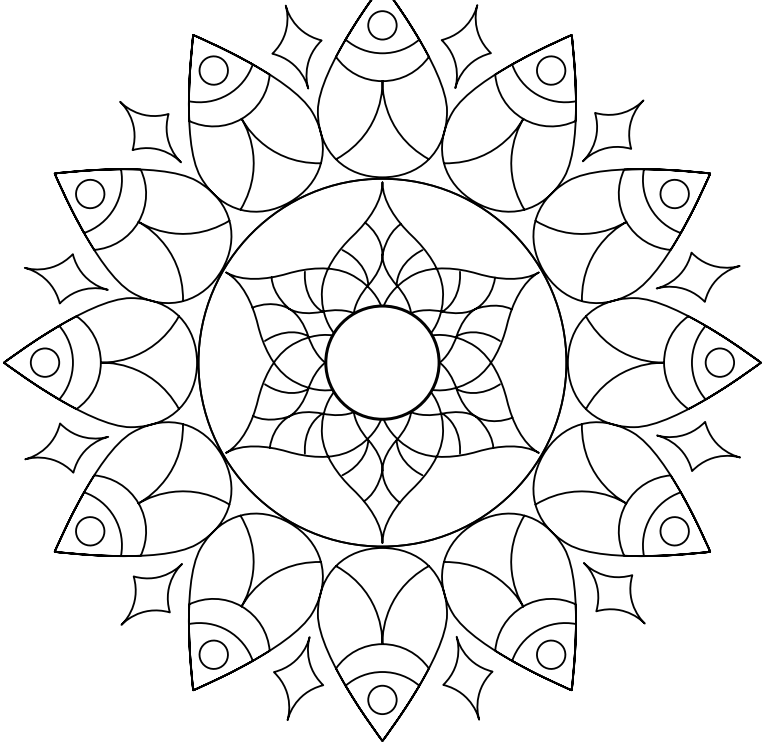
Às vezes, eu ficava sentado em frente à padaria, olhar fixo, imaginando-me seu filho e como seria bom ter um lugar para morar.

Estávamos perto de um novo Natal e a mulher do seu Joaquim perguntou o que eu gostaria de ganhar do Papai-Noel: – Um caminhão-caçamba, igual ao que o seu José dirige na prefeitura!

Como eu sabia que não iria ganhar nada mesmo, nem dei importância.

Mas, para minha felicidade, não é que o Papai-Noel foi até a favela, com sacos enormes de presentes e, de um deles, saiu o meu caminhão-caçamba! Grande, rodas largas, carroceria verde e a caçamba amarela. Não acreditava no que via!

Puxava o caminhão com um barbante velho, desses de aarrar jornal, por todas as ruelas e becos da favela.



Pela primeira vez acreditei que nem tudo era mentira e que, como na música, eu também fosse filho de Papai-Noel.

3

Um dia, ao chegar perto da padaria, vi um aglomerado de pessoas. Alguém me falou: "O seu Joaquim morreu!"

Corri desesperado para dentro da sua casa e vi o caixão no centro da sala.

Mas não era o seu Joaquim, era o Papai-Noel que estava lá!

Cheguei mais perto e então descobri, perplexo, que o Papai-Noel era o seu Joaquim!

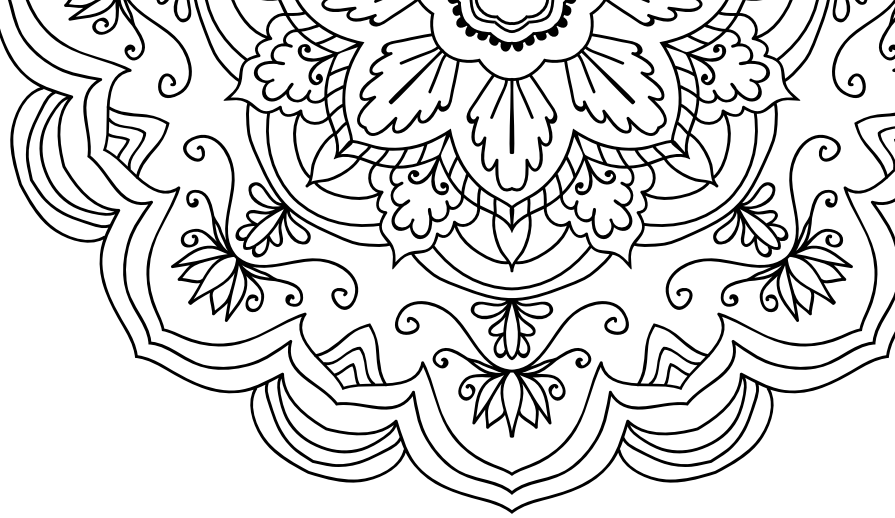
Perdi duas coisas ao mesmo tempo. A única pessoa que eu amava e a última ilusão da minha infância.

Interrompo meus pensamentos. Escuto o barulho das grades. Hora do banho de sol.

Poema da especialidade

Juliana de Andrade Fronchetti
Pseudônimo: Juliana
e-mail: juliana.fronchetti@gmail.com

Pelos grandes versos
Examino teus olhos
Ou quem sabe,
Os candeios da alma
Meu amor, eis me aqui
Às tuas dores serei atento
Darei de mim todo carinho
De paz, cura e calento
Bem vindo à oftALMAlogista
Das dores da vida, vamos tratar
E entre midríase e miose
Teus bons olhos
Voltarão a brilhar



Olga_spb/Freepik.com

In sky

No azul do céu
Um mergulho profundo
Entre as nimbus flutuantes
Eu sou Raimundo
Do alto
Estou completo
Tendo a visão do todo
Faço o caminho correto
Raimundo canta
Chora versos a declamar
Mas aos olhos do caçador
Caixa de música
Teve que se tornar
Agora gaiola
Talvez o pior
Não seja o peso das correntes
Mas a privação do decolar

Dois

Amanda Hernandez Marques
Pseudônimo: **Rafaela Correa**
e-mail: mandahms@hotmail.com

Ela se definia como eternamente apaixonada. Não por pessoas, mas por sensações. O sol esquentando a pele em um dia frio, as gotas de água do chuveiro molhando o cabelo, o cheiro de bolo assando no forno. Às vezes, raramente, pela voz de alguém, fosse de mulher ou de homem. Para ela não havia grandes distinções.

Ele sentara-se ao seu lado no Inter 2. Tiveram somente a distância de três paradas juntos.

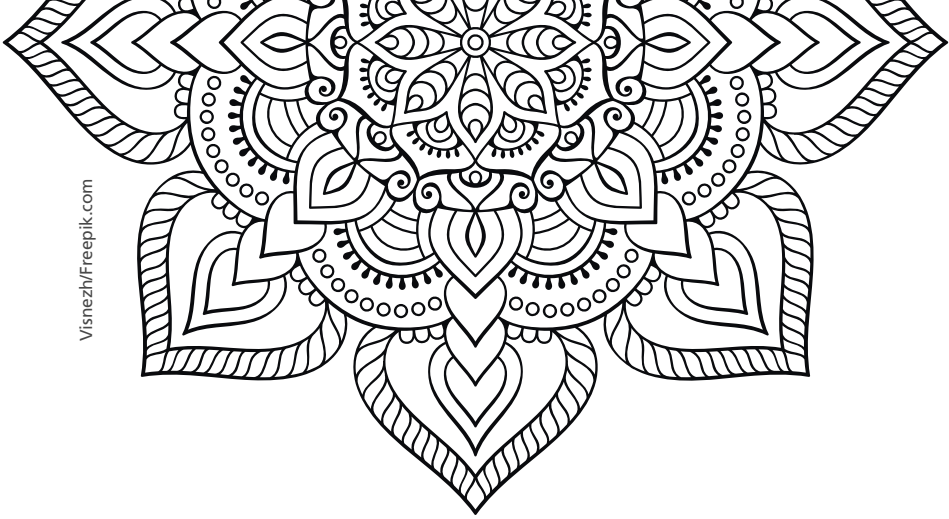
Primeiro foi o cheiro de seu corpo. A mistura de sabonete comum, desodorante amadeirado e pasta de dente mentolada. Depois o som de sua voz, grave, porém um pouco desafinada. E por último o contato de seus cotovelos nos dela pelo espaço restrito do ônibus.

Conversaram pouco, porém o suficiente para ela saber que ele era estudante universitário como ela. Não trocaram nomes nem nenhuma outra referência. Ela teria que inventar um nome. Algo que combinasse com sua voz. Nada vinha à sua mente.

Ela não sabia bem o motivo, porém ansiava pelo roçar de um dedo dele em um dedo dela. Queria sentir um contato pele a pele, sentir se seu corpo realmente era quente. Saber que ele existia como corpo material, sangue correndo nos vasos.

Aos poucos, sentia sua pele esquentando embaixo dos seus olhos. Ansiava por mais que um roçar de dedos. Tinha curiosidade para saber como seriam seus lábios, como sentiriam pressionando os dela. Sentiria o gosto de sua pasta de dente? Ele conseguiria sentir o gosto do bolo de fubá de sua mãe?

Suas mãos tremiam de ansiedade pelo desejo de tocar-lhe o rosto, nem que fosse por uma única vez. Seria sua pele áspe-



Visnezh/Freepik.com

ra pela barba crescendo? Seria lisa, imberbe?

Quanto mais pensava, mais ruborizada ficava. Logo a vergonha deixou-a muda. Tinha certeza de que ele lia em suas bochechas um desejo que ela tentava ocultar, até de si mesma. Queria mais do que só sentir seus dedos nos dela, ou descobrir sua feição através de seus dedos, ou sentir seus lábios pressionados aos dela. Queria sentir seu corpo como um todo. Descobrir se era musculoso, se possuía algum relevo em sua geografia, algum "defeito" que explicasse sua estadia ao seu lado.

Seu ponto se aproximava, ela teria que descer. Seu coração acelerava com as sensações que sua mente conjurava. Ela tentava pensar em outra coisa, focar sua mente em coisas mais importantes.

Aliviada por sair da nuvem inebriante que ele era, locomoveu-se para a saída mais próxima. Ouviu seus passos distintos dos demais. Entendia agora. Conseguiu ainda, por uma fração de segundos, ou até mesmo de milésimos, sentir sua mão encostando na dela.

Foi sua primeira paixão.

Não o viu, nem nunca o veria.

Pallium

Paulo Fabrício Nogueira Paim
Pseudônimo: **Pixo**
e-mail: drpaulopaim@hotmail.com

Cada vez
que morre um paciente,
morro junto lá no fundo,
só que vivo, consciente.

Choro as lágrimas do mundo,
pouco a pouco, é inerente.

Morro a morte do defunto
sem tristeza, gentilmente.

Certo de que aquela alma
tão sofrida, tão carente
há de ter o prêmio exato
do que amou quanto vivente.

Entropia

Meu amor que dói como quando o osso cresce,
que amedronta enquanto se escraviza e endurece,
me avisa quando suaviza e embrutece.

Esse tigre sábio que se esquiva,
há de fugir das garras ímpias e furtivas
e repousar no colo porto que aquece.

Agora, o Frio, este trágico e crônico holocausto,
espreita a tudo sem mostrar sua cara.
Há de nos paralisar os átomos e dissipar a tara,

e, desconcertado, num último ato, regurgitar o amor,
esta semente dura que se eterniza nos umbrais da dor.

Saber ouvir

Lórgio Cuellar Cuéllar
Pseudônimo: **Angel**
e-mail: lcuellar@uol.com

Na década de oitenta, Dr. Jair Diniz trabalhava na cidade de Colorado, oeste do Paraná. A maior parte da população local era carente.

Dr. Jair, médico bem conceituado na região, era conhecido por tratar de seus pacientes sem medicamentos ou, em certos casos, utilizando-os racionalmente. Este comportamento agradava a seus clientes, porém causava mal-estar nos proprietários da farmácias, os quais davam preferência para outros médicos da cidade, inclusive encaminhando-lhes pacientes. Isso até certo ponto era compreensível, porque eles queriam ser retribuídos com receitas recheadas de medicamentos.

Dr. Jair não se importava com a atitude dos farmacêuticos, já que tinha grande clientela que se encarregava de indicá-lo.

Sr. Samuel Bertoldi, redator do jornal local, estava intrigado, querendo saber qual era a magia do médico para ter um clientela fiel e curar seus pacientes praticamente sem fazer uso de medicamentos. Para satisfazer sua curiosidade, ele foi entrevistar Dr. Jair e foi direto ao assunto, perguntando-lhe:

– Doutor, qual é a magia que usa para curar seus pacientes?

O médico respondeu que ele descobriria seu "segredo" no final da entrevista e pediu para o redator do jornal falar e perguntar o que desejasse. O Sr. Samuel repetiu a pergunta, sem obter resposta. Continuou conversando, falou sobre política, sobre a situação econômica do país, questionou sobre a falta de segurança e de serviços para a população, temas sobre a cidade de Colorado, chegando a relatar também assuntos pessoais. Discursou por aproximadamente quarenta minutos, sem ser interrompido pelo médico.

Finalizando, o Sr. Samuel disse para o médico:

Doutor, o senhor é bom ouvinte.

Soltando de imediato uma gargalhada, pois tinha acabado de descobrir o segredo do sucesso de Dr. Jair.

O médico e o fazendeiro

Dr. Severino, médico recém-formado, cheio de sonhos, deixou a capital rumo ao interior do Paraná, em busca de um lugar para trabalhar.

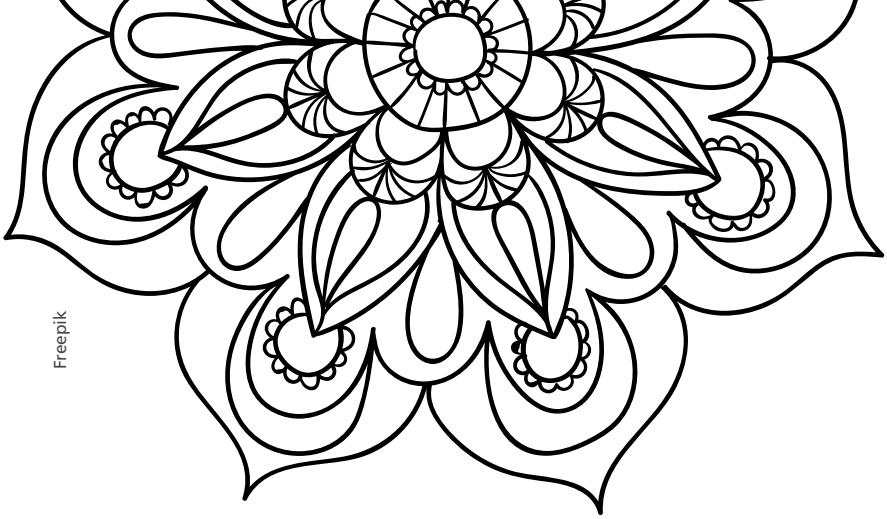
Aurora foi o povoado escolhido para iniciar sua profissão. Carente de recursos, o vilarejo não possuía luz elétrica nem água encanada. Os caminhos que o ligavam a cidades maiores eram rústicos e quando chovia o lugar ficava isolado. A população era composta por aproximadamente duzentas pessoas e quem realmente movimentava o comércio eram os empregados e proprietários das fazendas e sítios próximos. A maior parte da população concentrava-se na zona rural, dedicando-se, quase toda, ao cultivo de cereais e os grandes fazendeiros, à criação de gado.

O comércio local se resumia a um pequeno armazém, uma farmácia, cujo balconista prestava consultas e medicava os moradores, tendo prestígio perante a população como "médico" local. E não poderia faltar também o botequim da esquina, onde os moradores se reuniam no final da tarde para tomar um aperitivo e jogar conversa fora.

O médico instalou-se em uma casa de madeira, improvisando um consultório e um quarto para eventuais internações.

Certo dia, Sr. João Silva, rico fazendeiro, mandou o capataz chamar o médico, para que este atendesse a uma emergência na fazenda. Ali chegando, Dr. Severino encontrou o fazendeiro aflito:

– Doutor, pelo amor de Deus, salve a Salomé. Ela é o que te-



Freepik

nho de mais importante na vida.

Dr. Severino perguntou:

– Onde está a paciente?

– Está no curral, disse o capataz.

O médico estranhou a resposta, mas foi até o local indicado. Surpreso, constatou que a paciente era uma vaca malhada que estava em complicado trabalho de parto. Não adiantou argumentar que não poderia fazer nada, já que o problema deveria ser resolvido por um médico veterinário. O Sr. João implorou, repetindo:

– Salve, minha Salomé, pois o senhor não irá se arrepender.

Dr. Severino não estava preocupado com eventual recompensa, mas com a angústia do fazendeiro e o sofrimento do animal. Ele tomou uma atitude rápida. Mandou imobilizar Salomé e, servindo-se de uma faca afiada, abriu o abdômen e o útero da vaca, retirando a cria ainda com vida – era uma fêmea. Costurou o útero da paciente com agulha e fio de costureira e a seguir coseu o couro do abdômen e mandou amarrar a vaca, para que ela não se movimentasse.

Após duas semanas, retornou à fazenda. Para sua alegria, Salomé e a cria estavam bem.

A partir de então o fazendeiro tratava o médico com grande carinho, chamando-o de "filho". Talvez realmente desejasse que Dr. Severino fosse seu filho, pois o casal não possuía herdeiros.

Passaram-se cinco anos do fato e o Sr. João convidou o médico para almoçar na fazenda. Ele foi recebido com euforia. Após o almoço, Sr. João disse:

– Tenho uma surpresa, Severino.

Levou-o até o curral e lhe mostrou uma vaca malhada.

– Esta é a cria que você salvou e aquelas lindas novilhas são crias dela. São meus presentes para você iniciar o seu rebanho.

Comovido, Severino agradeceu o presente.

Ao se despedir, acrescentou o fazendeiro:

– Tenho certeza de que terá outra boa surpresa no futuro.

Os anos se passaram e o médico retornou para a Capital. Nunca se esqueceu do amigo, a quem chamava de "pai".

Certo dia, recebeu um telegrama, comunicando que a esposa de seu "pai", Dona Rita, havia falecido. Muito doente, Sr. João pedia seu comparecimento urgente.

O médico foi para a fazenda e encontrou o fazendeiro muito triste. Todavia, a presença de Severino o encheu de vida e alegria e os dois passaram vários dias juntos. Antes de partir, João lhe entregou um envelope e pediu-lhe que o abrisse somente quando chegasse em casa.

Em casa, Severino abriu o envelope e teve a segunda surpresa anunciada.

O envelope continha um testamento, através do qual João lhe deixava a enorme fazenda, com cerca de oito mil cabeças de gado, bem como uma procuração para que administrasse seus bens. Também havia o seguinte bilhete:

"Meu querido filho, este é seu prêmio por ter salvado a Salomé, que era minha vaca de estimação, e também por ter preenchido com tanto carinho e alegria um espaço em minha vida – o que somente um filho poderia fazer.

João"

M x M

Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv
Pseudônimo: **Zupy**
e-mail: zuraidaneves@hotmail.com

Por que você quer ser médica?

Quero ser mãe...

Ser mãe?

Sim, ser mãe.

Mãe espera 7,8,9 meses para receber a recompensa. Noites maldormidas, náuseas, vômitos, cefaleia, vertigem, estresse...

Medicina também não passamos pelo mesmo?

São 7, 8, 9 anos, não são meses para obtermos a recompensa.

Mãe sonha em conhecer o rostinho de seu primeiro filho.

Médica sonha em conhecer seu primeiro paciente.

Mãe é aquela que sempre dá o que pode e não pode para seu filho.

Médica se desdobra em mil para fazer o melhor para o seu paciente.

Quando uma mãe escuta seu filho dizendo "mãe..." ela se enche de orgulho.

O soar da palavra *Doutora*, vindo de um paciente, é um orgulho, enche o peito de alegria e você diz para si mesma: "Eu venci.".

Mas venci o quê? O medo das críticas dos que não acreditavam no meu potencial...

Médica e Mãe são duas lindas profissões. Temos a capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo. Sabemos sorrir e chorar sem demonstrar o que realmente está no íntimo do nosso ser.

Somos psicólogas, temos bola de cristal, somos intérpretes, conseguimos enxergar aquilo que só mãe e médico pode ver, além do horizonte...

Conseguimos ver a alma e podemos com este dom que Deus nos dá curar vidas.

M x M uma letra, uma consoante, uma das mais belas consoantes existentes no alfabeto. Com a forma desta consoante (m) se cria o desenho mais lindo que existe um ♥.

M x M, dois corações em um só coração!

O melhor presente

Aline Dranka
Pseudônimo: **Feliscitologista**
e-mail: drankaline@yahoo.com.br

Foi num desses pequenos desafios pessoais que percebi a grande diferença que é ser médico. Durante toda a minha trajetória senti que tudo que pudesse fazer para aliviar a dor de qualquer pessoa faria uma verdadeira transformação em minha própria vida. No último ano do curso de medicina me deparei com um caso difícil. Segundo meu próprio professor, eu ficaria muito pouco tempo com aquele paciente que me foi destinado, tamanha era a gravidade de seu estado de saúde. Era um desafio e tanto. Eu ainda não era médica, mas era como se fosse. Os melhores médicos são aqueles que não desistem, são aqueles cuja teimosia persiste até mesmo nos consultórios, são aqueles que lutam até o fim.

Na primeira vez que vi esse paciente, ele me pareceu muito, muito longe desse mundo. Não havia em seus olhos nenhuma esperança e faltava-lhes forças para continuar a viver. Ao contrário de mim, que sempre fui otimista ao extremo e sempre disposta a mudar as situações ruins. Acompanhei esse senhor por um longo período. Ia visitá-lo todos os dias, examiná-lo, ele quase nem respondia o que eu perguntava. Eu precisava desesperadamente fazer algo. Imaginei que alguém que estivesse em um leito de hospital deveria ter ao menos um desejo realizado. Em uma dessas visitas perguntei a ele qual seria esse desejo. Ele olhou-me bem fundo em meus olhos e pausadamente me contou que tinha 3 filhos. Um tinha 20, outra 18 e uma menina de 4 anos. Os filhos mais velhos vinham vê-lo, a menor não. Não era permitido que crianças adentrassem aquela ala. Ele gostaria de poder conversar olhando para a filha.

– É possível?

Eu não sabia, mas iria fazer de tudo para ser. Telefonei para a assistente social e expliquei a situação. Meu paciente não iria partir sem ver a filha que tanto amava. Não era justo. Num domingo ela apareceu e passou 2 horas com o meu paciente. Ele me pareceu feliz ao dizer: "Obrigado". Na outra semana, troquei de estágio e perguntava aos meus colegas como ele estava. "Recuperando-se" me diziam. Meu professor me perguntou qual milagre eu havia feito. Eu fiz o que talvez remédios e exames não fariam. Passaram-se algumas semanas, era meu aniversário. Uma de minhas colegas chegou com um pacote e colocou no balcão da enfermagem onde eu estava.

– É para você, ela me disse.

– Eu achei que ela havia se lembrado do meu aniversário.

– É seu aniversário? Não sabia. Não, é daquele paciente seu.

– Como ele está? Está bem?- eu perguntei.

– Eu acabo de dar alta a ele - ela respondeu.

– Corre que ainda consegue se despedir dele!

Hoje, ao me recordar de uma das melhores memórias do curso de medicina, penso nesse meu pequeno gesto. Um gesto que não foi apenas capaz de mudar um prognóstico; foi capaz de mudar a minha vida. Ao longo dos anos, recebi muito presentes valiosos, flores e todo o tipo de afeto, mas nenhum presente foi tão emocionante como esse. Eu devolvi parte da vida do meu paciente e agora o havia devolvido para sua família. Ser médico não é ser Deus, mas estar muito próximo dele. E eu estou. Aprendamos a abraçar mais nossos pacientes, porque são deles a razão que norteia nossa existência: possa então celebrar o presente.

Solidão

Ademir Parmezan
Pseudônimo: **Tímido**
e-mail: drparmezan@yahoo.com.br

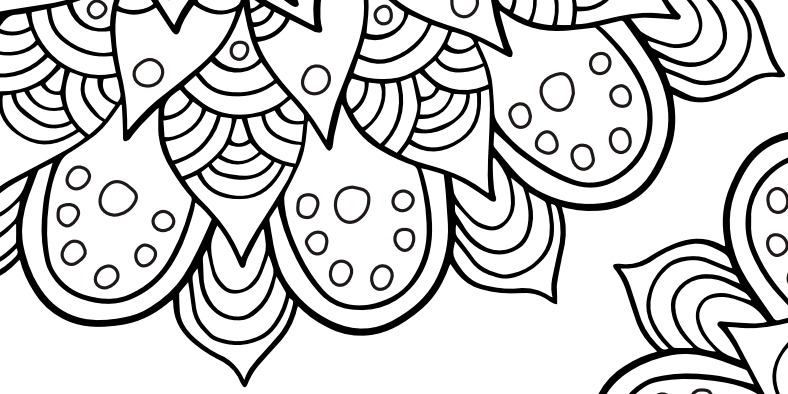
Que saudade
Que presença. que esperança
Que ausência mais cheia de vida
Que distância que é tão perto

Que o pensamento voe
Que transpasse os céus
Que transforme em desejos
Que virem gotas de mel

Que o paladar seja doce
Que a lágrima vire cristal
Que se eternize em brilhante
Todo amor que a gente sente
Para que seja imortal!!!

Natural

Não há rumos intransponíveis,
Não há linhas sempre retas,
Nem o dia certo,
O melhor é deixar tudo para depois,
E nada dizer-lhes



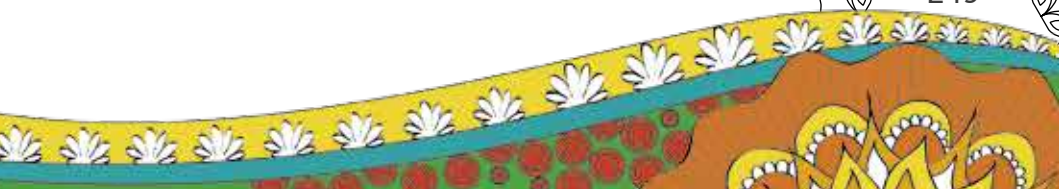
Peixes não adoram a deuses
Por isso, talvez, sejam tão serenos
E tudo passa por eles
Como se nada fosse

Muros altos, linhas tortas
Como saber o que fazer
Durante tanto tempo
Sem nada entender

Acordado somente com a noite
Sem coragem para crescer
Somente olhar a lua
Sentado a mesa de um bar
E caminhar pela escuridão

Mas agora tudo mudou
Procuro meus óculos quebrados
Para enxergar melhor o passado
Que também se quebrou
Cortado como a minha liberdade
Podados com ingenuidade....

Freepik



Graduações e treliças - a construção da vida

Pedro Carneiro Brandão
Pseudônimo: **Riobaldo Pessoa Da Rosa**
e-mail: carneirobrandao.pedro@gmail.com

Pois chegarás ao mais alto grau e nunca estarás formado.

1. Quebre todas as paredes, o piso, o teto e veja o espaço;
2. Procure treliças e desate seus nós;
3. Só então comece a construir. (Não para finalizar a obra, mas para ter o que reformar.)

Afinal, uma vez pronto, só te restará ser consumido.
Ou apodrecer...

Há mar

– Amor não existe. Não é chama nem cinza, não é silêncio nem barulho. Amor só é substantivo, que só existe na imaginação comum.

– Mas amar é um verbo, uma ação! E amar não tem sinônimos. Por exemplo: amar não é gostar de estar junto..

– Embora envolva isso!

– Sim. Mas gostar de estar junto é desfrutar da companhia. Também, amar não é sentir prazer com o outro, isso é deleitar-se!

– Então amor existe, ele é fruta e também é leite! Brota, nasce, jorra, esparrama, acontece.

– É o ópio do coração..

– É o óbvio da emoção.

– O amor não tem cabimento!

– E amar não cabe...

– E nem amor acaba.

Freepik

O que você está fazendo?

Cristiane Crema da Rocha Schneckenberg
Pseudônimo: **Cristiane Schneckenberg**
e-mail: cristiane.s@onda.com.br

Foi em uma manhã durante meu plantão na maternidade que conheci Melanie.

– Dra. Sara, essa é Melanie, minha neta – disse Glória, a enfermeira – Ela tem seis anos.

– Que lindinha! E o que essa princesa faz aqui?

– Veio para uma consulta com a Dra. Bia no ambulatório de sexualidade, e agora está esperando minha filha, que logo chega para buscá-la.

– Mas o que estava acontecendo? – perguntei com cuidado.

– Nem conto, um problemão. Faz um tempo ela começou a agir de forma estranha. Minha filha imaginou que podia se tratar de algum problema envolvendo seu genital ou pior, um comportamento sexual precoce. Tudo começou quando certa noite, enquanto preparávamos o jantar, a Melanie deitou de bruços sobre a mesa de centro da sala. Eu estava sentada vendo TV e fiquei assustada ao ver o que ela estava fazendo. Com o corpo relaxado sobre a mesinha, esfregava o quadril contra a borda da mesa, sem parar e sem pressa, até que interrompi aquilo com uma bronca. Fizemos de tudo para ela parar, mas nada. Nos dias que se seguiram, quanto mais a gente falava, pior era. Retiramos a mesinha da sala,

mas ela achou outras opções para se esfregar.

– A Bia deve ter orientado que o fato em si é normal. Precisa apenas reverter a compulsão, despertando o interesse para outras coisas. Nem se deve brigar ou dizer que é errado ou feio.

– Sim, explicou tudo isso certinho, disse que fazia parte da curiosidade e das descobertas de criança. Só que, como estava demais, tínhamos que ocupá-la com atividades interessantes, para que descobrisse outras coisas gostosas para fazer. Foi então que começou a maratona: levar Melanie ao parque, montar e desmontar piscina de plástico, brincar de casinha. Vi na internet umas atividades de artesanato e culinária para criança. Só sei que nessa história já emagreci cinco quilos e acabei até empinando pipa na rua com a molecada.

Enquanto ouvia o relato, Melanie se ocupava com algum tipo de joguinho no celular que Glória deixara com ela. Mas em vários momentos ela me olhava de relance e trocamos alguns sorrisos. Era muito bonitinha, lembrava-me alguma garota que eu já conhecia. Talvez tenha sido o fato em si que me fez lembrar algo. A filha de Glória chegou apressada, conversaram um pouco e logo ela seguiu de mãos dadas com a menina. Antes que saíssem pela porta principal do corredor, Melanie se voltou para trás e jogou um beijo de despedida que Glória e eu respondemos.

Imaginei que a garotinha de que me recordara poderia ser eu mesma, numa lembrança duvidosa de um momento em que se misturavam curiosidade e descoberta. Onde? E me vi sob um lençol, as mãos pequenas, o corpo, o sentir. Uma voz que naquele momento só existia em minha memória interrompeu aquela exploração ("O que você está fazendo?"). Acho que não respondi, não lembro, acho que não sabia o que responder.

A porta de vaivém do corredor se fechou, Melanie e a mãe seguiram para casa e eu voltei de minhas lembranças para resolver alguns casos pendentes das pacientes internadas.

Na calçada

Tarcísio Fanha Dornelles
Pseudônimo: **Benjamin Zorriguieta**
e-mail: tarcisiodornelles@gmail.com

Numa rua princesina caminha a mendiga. Todos passam, todos a veem, todos a querem evitar porque a alguns ela causa nojo. Alguns fingem dó porque para eles isso garante o céu, mas o pombo que caminha com a velha sabe que é tudo mentira e que todos a evitam, e como o pombo vive no ombro da velha, ele se sente evitado também.

"Piti piti, meu filho", vive a velha, pouco lúcida, pouco orientada, a repetir ao pombo, enquanto caminha pelas ruas da cidade.

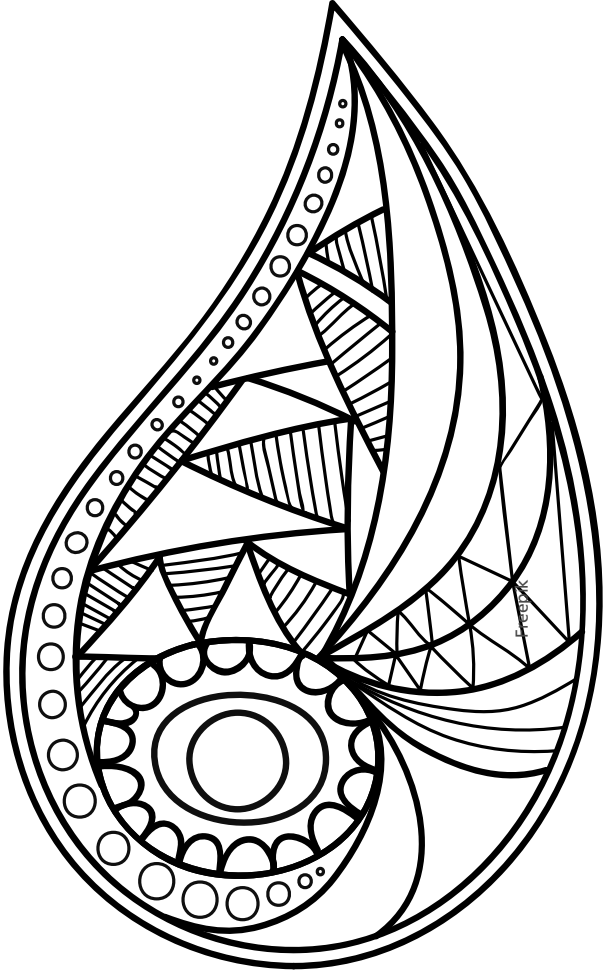
Além de pedir esmola e conseguir umas moedas daqueles que dela têm medo, a velha tem de comprar uma comidinha, afinal, apesar de ser mendiga, ela também tem fome. Apesar de todos a evitarem, a velha tem fome porque tem um sistema digestivo que secreta hormônios de fome.

Para a mulher que atravessa a rua, a velha é um enfeite feio e o pombo causa pneumonia. A comidinha da velha é ruim e causa câncer, mas como a velha é pobre, ela não reclama. Ao contrário, dá graça.

O pombo sabe que se a velha fosse um cachorro na casa da mulher que tranca a respiração, comeria melhor. Apesar de não ser um ser evoluído como a mulher que corre na rua, o pombo tem raiva e pensa em matar.

"Piti piti, meu filho" diz a velha quando um mocinho joga o troco do cigarro para ela.

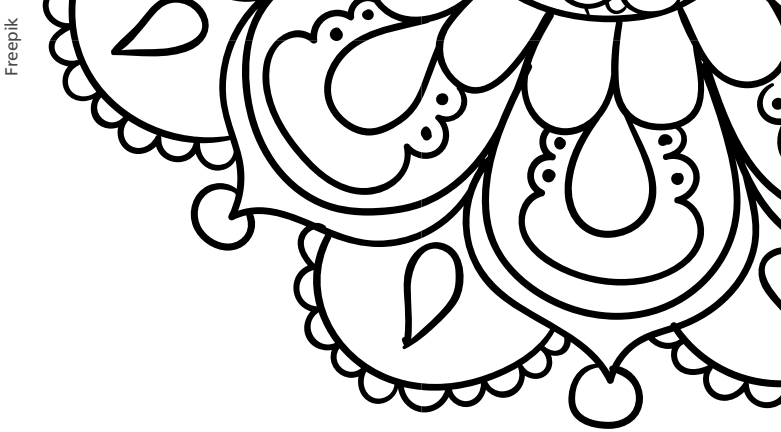
O pombo sabe que se fosse um homem não poderia matar, nenhum homem pode matar, mas todos podem morrer. O pombo sabe que a fome mata, mas como ela não é humana e não paga propina, nenhum humano de fala que confunde a cabeça do pombo fez uma lei que prenda a fome e não deixe que ela mate a velha. Quando



um pombo morre, ele é jogado no lixo.

O pombo sabe que quando a velha morrer vão catar o corpo dela e lhe dar um enterro cristão, dando-lhe um nome que ela nunca teve, mas que o pombo acha bonito: Indigente. O pombo tem medo que a velha morra, por isso chora no ombro dela, mas ela o olha e diz: "Piti piti, meu filho".

A mulher foge da velha, porque a velha é feia e mendiga, e aí não faz diferença que a velha



Freepik

tenha fome e isso seja comum a todos os humanos.

A humanidade da velha é meio engraçada, e faz o pombo agradecer por não ser humano. A humanidade dela faz com que ela tenha fome quando não consegue esmola e faz com que ela tenha medo de morrer; mas não faz com que qualquer outro ser humano a veja como gente. O pombo é meio irônico, por isso dá um pio para a velha, debochando da tristeza, e ela responde: "Piti piti, meu filho".

A velha ama o pombo, que reconhece que a velha é uma pessoa, e dá a asa a ela quando fica escuro, porque a velha tem medo do escuro. O pombo é um amor com a velha, porque ele veio ao encontro dela, enquanto todos os pombos atravessaram a rua. A velha tem sentimentos embora a mulher tranque a respiração quando passa ao lado dela na rua. Os sentimentos da velha para com o pombo são da melhor intenção, por isso, ela carrega uns grãos de milho no bolso e dá a ele para que ele não morra de fome.

A velha sabe que é pecado fazer os outros passar fome e se cuida para não pecar. Ela entrega um grãozinho e diz: "Piti piti, meu filho". Quando a fome aperta, ela fica com um pouco

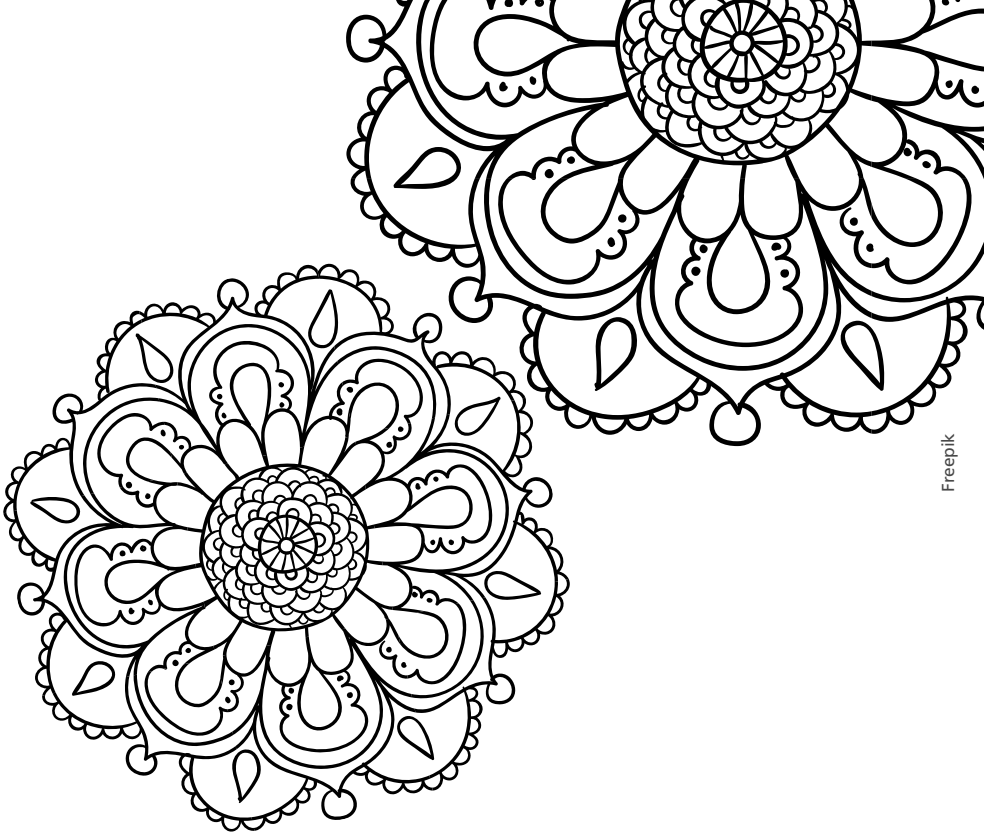
de inveja do pombo, porque ela não tem bico e não pode parar a fome comendo um daqueles milhos; mas sabe que inveja é pecado, por isso pede perdão.

Um dia a velha morreu e o pombo dormiu no seu ombro. Quando acordou, não recebeu o milho nem ouviu o "Piti piti, meu filho". Tentou fazer a velha levantar, mas ela estava mesmo morta. O pombo ficou ali, chorando baixinho, sem que nenhum humano tivesse a mínima compaixão. Para todos, era apenas uma mendiga dormindo. Como a mulher que atravessa a rua não considera os mendigos como gente, não sabe que eles também morrem. E que antes de morrer tinham medo da morte. E também não sabe que, apesar de uma vida de merda, a velha tinha uma esperança de um dia ser feliz, e também tinha saudade de um momento feliz da infância. A velha ficou ali quietinha, morta, e o pombo ao seu lado, considerando se aquela era a hora de voltar a viver na praça de Catedral. Quando as autoridades dos humanos vieram dar um enterro digno àquela que só consideraram gente depois de morta, o pombo ficou ali, chorando no canto.

Quando viu a velha pela última vez, entoou seu cântico: "Piti piti, minha mãe".

Dezirrê

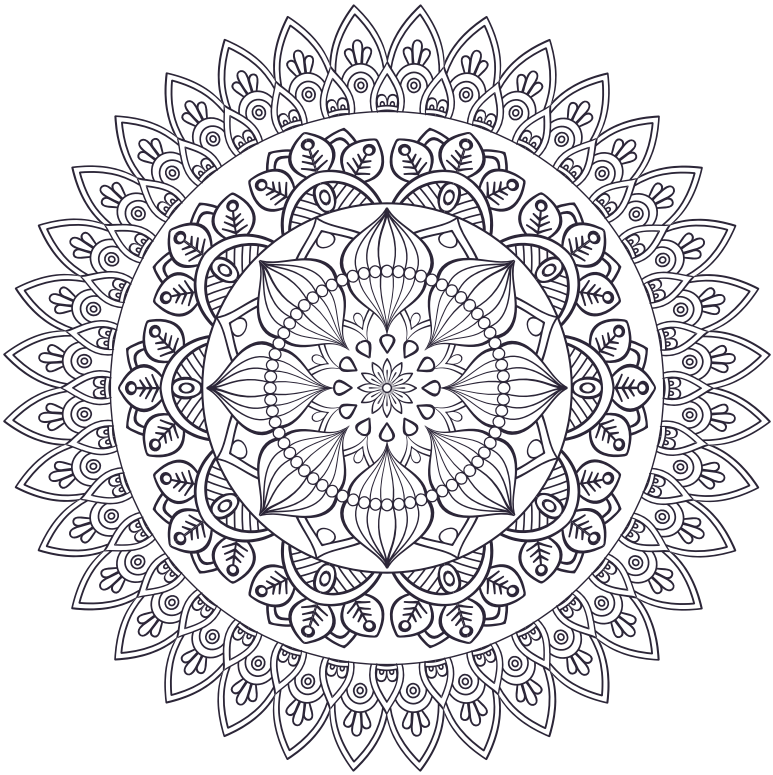
Não é um bicho de sete cabeças, Dezirrê. Nada é um bicho de sete cabeças para a dona de Dezirrê. Não pode ficar nervosa. Não chore. Uma cesária não é um bicho de sete cabeças, Dezirrê. Um dia, Dezirrê pensou o que seria o tal bicho de sete cabeças e ficou com tanto medo que rezou três dias e três noites para nunca encontrar. Dezirrê é moça de fé pequena, porque mesmo com tanta reza ainda é necessário que sua dona lhe



Freepik

diga que não é o bicho. Dezirrê chora e prende os lábios entre os dentes. Que dó que me dá de Dezirrê, mas não há o que eu possa fazer por ela. Tentasse alguma aproximação com Dezirrê, sua dona me impediria. Vai procurar os seus, esta aqui já tem dona. Dezirrê não quer ter uma dona, mas tê-la não é um bicho de sete cabeças. Quando Dezirrê chegou à casa de sua dona, conheceu os demais pertences. Sete moças. A novata dorme na pior cama, a de baixo do beliche com cupim. Não reclame, dormir lá não é um bicho de sete cabeças. Você acostuma. Dezirrê não conhecia maquiagem e pegou um lápis emprestado de uma de

suas colegas de pertencimento. Todo mundo quer ficar bonitinho, mesmo aqueles mais jacus e também os que têm dono. Dezirrê logrou seu objetivo. Ficou com cara de mulher e desceu. A dona do lápis não gostou nada. Agarrou Dezirrê pela raiz dos cabelos e arrastou-a até o banheiro, onde esfregou a cara dela com a parte grossa da esponja até que não tivesse mais resto de lápis. Levou um tapa na cara. Depois a outra enfiou as unhas no rosto de Dezirrê e disse para ela nunca mais se meter com as coisas dela. Se quiser, que compre os seus. Dezirrê não tem um centavo, mas não é um bicho de sete cabeças. Pede à dona. Dinheiro você que tem que conseguir e feia desse jeito só vai poder ganhar de pouco. Vamos que os clientes estão chegando. Uma das outras oferece a Dezirrê um lápis de olho. Quando ela tenta pegar, ela puxa e diz que aluga. Dezirrê faz a primeira dívida. A segunda foi com a própria dona pelas roupas. A terceira Dezirrê não quis pagar. Vai no seco mesmo. A dona quis saber se ela tinha já tinha feito aquilo. Dezirrê não tinha certeza. A dona teve olhar maternal, não vai ser um bicho de sete cabeças. Dezirrê ganhou pouco do caminhoneiro. Descobriu que nunca tinha feito aquilo mesmo. Doeu muito e ela chorou. Quando o caminhoneiro saiu, a dona foi ao quarto perguntar por que ela demorava tanto. Dezirrê disse que estava machucada. Ah, por favor, não é um bicho de sete cabeças. Ela que nunca havia feito aquilo fez mais quatro vezes. A dor só dói no começo. De tudo que ganhou, só recebeu da dona a metade do suficiente para pagar as dívidas. Reclamou de dor e a dona lhe vendeu mais uma pomada. Dezirrê conheceu o dono. No começo ele fazia aquilo com ela também. Depois de um tempo, ela viu que tinha um gosto diferente. Apaixonou-se. Chorou quando descobriu que ele fazia aquilo de gosto diferente com todas as outras pertencentes. Uma terceira outra lhe consolou e disse que ser corna não é um bicho de sete cabeças. Dezirrê reclamou ao dono. Ele lhe deu um pozinho



Visnezh/Freepik.com

branco que deixou Dezirrê doidona. No dia seguinte deu muita vontade dela usar de novo. Ele lhe deu. Depois do terceiro dia começou a cobrar. Dezirrê pegou prática de caminhoneiro. Parou de menstruar e engravidou. Foi chorar com a dona. Ah, Dezirrê, pare com isso, engula esse choro. Não é um bicho de sete cabeças ter um filho aos quinze anos. Quando chegou a hora de nascer, a dona levou Dezirrê ao hospital. Disse que era mãe dela. Quando deitou na cama, Dezirrê agradeceu a dona por ser tão boa com ela. Dezirrê chorou e a dona lhe disse que não era pra ela chorar. Quando a criança nasceu, a dona a tomou dos braços de Dezirrê. Ela cresceu e Dezirrê nunca mais a viu. De vez em quando Dezirrê chora pensando na filha. Se a dona a vê chorando, ela só dá uma olhada para Dezirrê. Ela já sabe.

Oh, Curitiba!

Sofia Simioni de Bittencourt
Pseudônimo: **Sofia**
e-mail: sofiasdb@hotmail.com

És Tu, a cidade dos céus mais azuis
Das flores rosas do brilho mais belo
Desperta em nós um sorriso singelo
O inverno teu traz das trevas a luz

Teus nobres ares suspiram cultura
Teus sonhos de ontem nos movem adiante
Nas nuvens tão belas, plenas de alvura,
Os olhos se acalmam e voltam-se adiante

Teus dias passados descansam na Glória
Tuas ruas, faróis do saber iluminam
Teus filhos, hoje, te escrevem na História

Sob terras belas, heróis teus caminham
Marchando, avante, cantando a Vitória,
Do Belo e Justo que em teu seio se aninham

O tempo

Eduardo Santoro Luiz
Pseudônimo: Eduardo Osler
e-mail: eduu_sl@hotmail.com

O tempo é
Soberano
Incontrolável
Incontestável

As vezes cruel
Quando não passa
Quando não apaga o passado
Roubando o sono
E o sonho
Que não volta
Jamais

O tempo nos tira tanto...
Amores
Certezas
Daquilo que se foi
Daquilo que jamais seria

Não permite
Retroceder
Avançar
Parar

O tempo é caprichoso
Em nos iludir
Mais ainda em nos persuadir
A recomeçar

Às vezes misericordioso
Quando passa
Quando nos consente
Sonhar novamente
Com o novo
Que renova
Tudo

Mas nos dá tanto...
Experiências
Dúvidas
Daquilo que ainda não é
Daquilo que um dia será

E admite
Deixar o passado
Moldar o presente
Construir um futuro...
Que depende de uma só pessoa.
E é somente...
Seu.

Vidas importantes, vidas insignificantes

Leandro Donato Vicelli
Pseudônimo: **Leandro**
e-mail: ldvicelli@yahoo.com.br

Vidas importantes,
Vidas insignificantes
Sempre me chamou a atenção
os incandescentes artifícios
usados
por transitórias almas,
tentando aparentar vidas importantes...
Como têm contatos secretos e egrégios,
conversam as mais seguras palavras,
se divertem
nas mais carnais festas,
riem o riso abençoado pela inveja.
Afasto-me do longo e deturpado desânimo das ruas.
Volto para as celas de um anoitecer e abro uma cerveja.
Ao longo de minha vida,
nada foi tão buscado
quanto me sentir vivo.

Duas rainhas

Luiz Alberto Fischer Abramides (Iso Ficher)
Pseudônimo: **IF**
e-mail: dr.isofischer@gmail.com

Duas eram as irmãs em convivência,
a que nasceu primeiro foi Paixão.
Nasceu durante o dia, ao sol do meio-dia,
e veio ardentemente, vestida em violeta,
etérea borboleta que, por nascer primeiro,
tomou o ambiente, e arfante, e ardente,
daqui se fez rainha.

Duas eram as irmãs em convivência,
o nome da segunda era Razão.
Brotou durante a noite, no frio da meia-noite,
chegou-se, simplesmente, trajada em cor vermelha,
trabalhadora abelha, por nascer em segundo,
chegou-se neste mundo vivaz, silente,
e fez-se obediente.

As duas conviviam neste reino,
Paixão, a caprichosa e prepotente...
Razão vivia só de aconselhá-la,
mas suas mil razões não convenciam.
Um dia ela cresceu, pois força ela se deu,
e derrubou a outra num duelo, daí tudo mudou:

-não foi como no fim de outras histórias,
pois ambas hoje reinam neste reino,

porém regendo equilibradamente,
arquitetando as duas juntamente
o necessário para cada instante,
coexistindo harmoniosamente.

Duas são nossas irmãs em convivência,
Rainhas da razão e da paixão, que então,
dosaram noite e dia, tristeza e alegria,
e, com todas as cores, juntaram risos, dores,
trouxeram sol e lua, e o povo anda nas ruas,
contente com as duas, trabalha e canta:

-Deus salve essas rainhas!

-Deus salve essas rainhas!

A cor do meu amor

Meu amor me perguntou do que é feito o meu amor
Que motivos terei eu para aqui permanecer
Num compasso de esperar por carinho e por prazer
Pela noite que virá quando Deus enfim quiser
E, se às vezes causa dor, para que continuar?
(Meu amor só quer saber do meu amor...)

Se ele é feito de algodão de madeira, ou de papel.
Se está sólido no chão ou flutua lá no céu
Se ele é canto de sereia ou castelo de areia
Se ele é feito de esperança ou é sonho de criança
Será bolha de sabão que arrebenta pelo ar?

(Meu amor só quer saber se eu sei de amar...)

Se ele pode me esperar se ele deve se entregar
Se eu só quero namorar ou se aceito me casar
Se ele só me faz sofrer ou me invade de prazer
Meu amor me disse assim que me ama mesmo assim
Mas que devo revelar quanto amor lhe posso dar
(Meu amor só quer saber se eu quero amar!)

– Quero aqui, nesta canção sobre os versos que eu lhe fiz,
Lhe dizer que eu sou feliz nesta minha condição
Por saber que existe alguém que me deu seu coração,
Me deseja, me quer bem e me traz em oração

É tão bom se ter um bem pra lhe ter dedicação
Pois é dando que se tem e que se aquece o coração
Quero ter cumplicidade, amizade e devoção
O que sinto, na verdade, é amor, não é paixão.

Meu amor me perguntou de que cor é o meu amor
E eu, então, lhe disse assim: – Ele às vezes não tem cor,
Pode ser meio carmim, amarelo, ou furta-cor,
mas é branco como a Paz e dourado feito luz,
sulferino como a dor, arco-íris multicor...

(Meu amor só quis saber do meu amor.)

Vem cá, João.

Julio Grott
Pseudônimo: **ZÉ**
e-mail: grott@hotmail.com

– Boa tarde. Desculpe interrompê-lo João, mas você vem comigo.

– Lentamente o Doutor João Das Quantas retirou os olhos do "Financial", colocando os óculos de leitura com armação em ouro, ao lado no sofá para, só então, examinar a figura: sandálias de dedo com os pés meio sujos de terra, calças de brim medianamente vagabundo e camisa com bolso de lapela. Grossas lentes de miopia tornavam seus olhos grandes a fixá-lo.

– Em primeiro lugar, não te avisaram que os jardineiros do clube não podem entrar aqui, meu jovem?

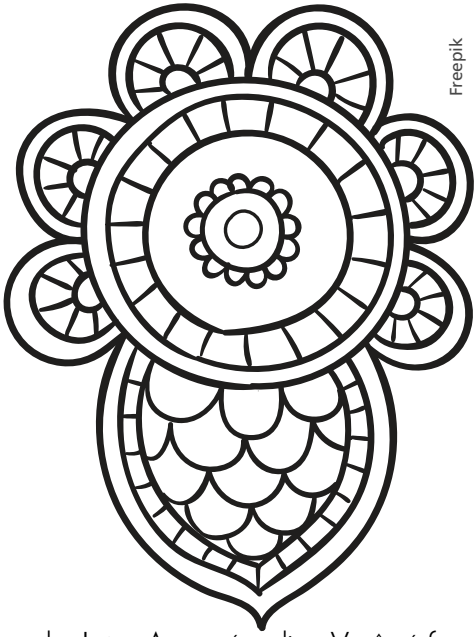
– Em segundo, meu nome é Doutor João das Quantas e, em terceiro, cai fora logo antes que eu te meta na rua!

– Não dá, João. Você tem que vir comigo.

– Escute, rapaz. Você sabe com quem está falando? - Das Quantas já estava em pé, encarando o interlocutor bem de perto e de cima para baixo por ser mais alto.

– Ah! Meu Deus. Bem que me avisaram que você é um cara difícil. Deixa ver. – Puxou do bolso uma agenda com um lápis enfiado pelo lado e leu: João Das Quantas. Um metro e setenta, caucasiano, olhos verdes, setenta e um anos, meio careca e barrigudo. É você. Olha só! Muitos imóveis, carrões... Tem até um jatinho. Rapaz! Conta fora do Brasil?!

– Agora entendo. Você é só um tira federal querendo me morder. Vou falar com o chefe do seu chefe e te mandar prá lá de Cucuí de Las Palomas, seu palhaço! Não é qualquer nanico que chega e vai desconstruir minha imagem!



Freepik

– Tá na moda, João. Agora é bonito dizer: Desconstruir, programático, pragmático e paradigma... Mas não vai dar, João. Você vem comigo.

– Qual é seu nome, rapaz?

– Meu apelido é Alf.

– Nome alemão! Se bem que você é meio escurinho para o nome, não?

– Escuta, João. Hoje estou meio sem tempo. Tenho mais oito mandados de busca. As pessoas, parece que não entendem. Você nunca foi dono de jatinho nem de conta escondida nem de prédios. Você só ficou um pouco de tempo com essas coisas. Agora, você é só o João. Olha lá no sofá o seu cadáver. Estão tirando o "seu" relógio de ouro. Olha bem pra você, aí peladão! Tá vendo? Você está morto. A única coisa que você tem é sua consciência e o patrimônio é o que fez de bom e de ruim. Agora, chega de papo e vamos embora.

– Para onde vamos?

– Você vai. Você deve saber.

– Qual é mesmo seu nome?

– Alfange

Um tributo a ela: a poesia

Richard Duarte
Pseudônimo: **Drahcir**
e-mail: richardduarte362@gmail.com

Lembranças ainda que tardia,
outrora um exílio,
um vocábulo somente,
primavera, graciosa estação,
habitat do meu pira grego.

Roma às avessas me enlouquece
anarquizando o racional, raciocínio?
por qual estaria então eu,
velejando na calmaria, a marejar?

Almíscar da minha essência,
nas minhas veias corre o teu ser,
o sumo de todos os sentimentos,
transcende qualquer medida.

A distância muitas vezes corrompe,
a razão, o ser cérebro,
no entanto essa não afeta,
a sensação, o ser poeta.

Peito bandido

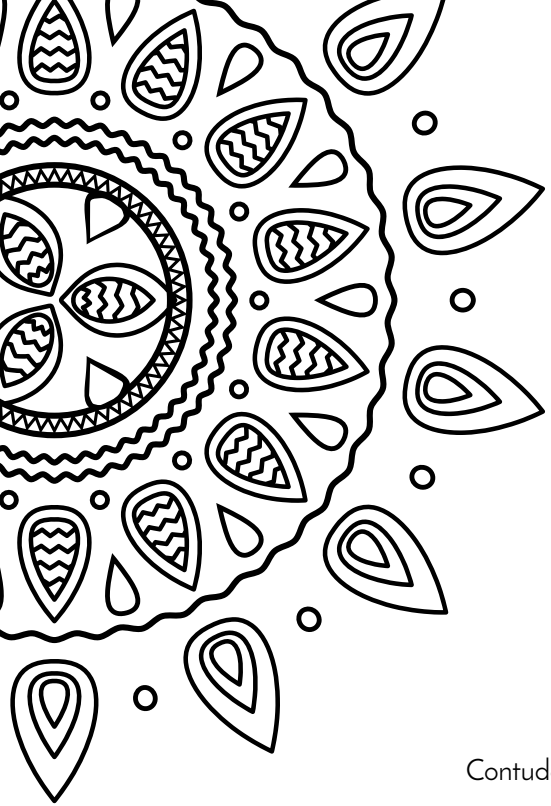
Rogério Anthony Rogenski
Pseudônimo: **Gigante 1**
e-mail: rogerio_rogenski@hotmail.com

Num peito bandido, ordinário, qualquer,
Mora a mulher.
Antítese em tese,
Amor que se preze,
Independe da sorte,
Mais forte que a morte,
Só entrega o que quer.
Se posso mudar, não sei...
Posso mudar a lei?
Posso mudar a flor?
Seja lá o que for?
Para viver meu amor?"

Médico de almas

A doença,
Voraz,
Ataca o corpo,
Frágil, absorto.

Homem em busca da cura,
Esta eficaz,
Com esperança procura,
Médico capaz



De dar mais que alento,
Remédio para a alma,
Criar o mágico momento,
contra a dor usar sua arma.

O curador, coitado,
Pode pouco, quase nada
Por ser físico.

Com muito cuidado,
Usa a arte,
Busca a perfeição,
Contudo é impossível dar redenção.

Se esta existe,
Até,
Ao menos em parte,
Só se encontra na fé.

Feliz o que não precisa de cura ou redenção,
Este pode usar seu ofício,
Não para si, individual,
Mas para o outro,
Como fora um vício,
Celestial.

Infância

Diogo von Gaevernitz Lima
Pseudônimo: **Tiago Venezia Oliveira**
e-mail: diogo_vgl@hotmail.com

Das longas aulas de cursinho
E exaltada competitividade
Após escola e alguns anos
Começa, enfim,
A faculdade

Nova cidade, novos colegas
Novas matérias, novos professores
Tantas mudanças nesse período
Novas alegrias e novos temores
No lugar da apostila didática
Há um tratado de anatomia
Nesse momento, almejamos pela prática
Tão viva e enfática
Que a consciência alivia

Estudar a noite toda, pouco dormir
Com olheiras profundas e modo irritado
Após dedicação incessante
Vê-se o inconfundível semblante
Do aluno esgotado
Não aguento mais
De minha dedicação, sem resultado
Afinal não é a vida
Que havia imaginado

Médicos, professores
Colegas e veteranos
Sempre motivadores
Não se importam em reforçar
Daqui para frente
Tudo vai piorar

Findo da graduação primeiro ano
Promete-se melhora
Enfim novo plano
A partir desta hora

Voa o tempo, evidente
Logo termina o ciclo básico
Cada dia vive-se intensamente
Já no seguinte está o internato

Novo momento decisório surge

Súbito e com veemência
Antes mesmo de tornar-se médico
Opta-se pela residência

Por fim, chega o grande dia
Dia de cerimônias, discursos
Festas e verdes faixas

Durante 6 anos, da turma original
Inevitavelmente, algumas baixas

Não sem alguma desconfiança
Cada qual observa
O que o futuro invisível e incerto
Misteriosamente lhe reserva.

Juventude

Durante 6 longos anos
De esforços sem precedente
Nasce a questão
O que fazer daqui em frente

Na graduação
Relacionamentos despertados
Em mais 6 anos
Onde todos estarão?
Ainda estudando?
Ou já empregados?

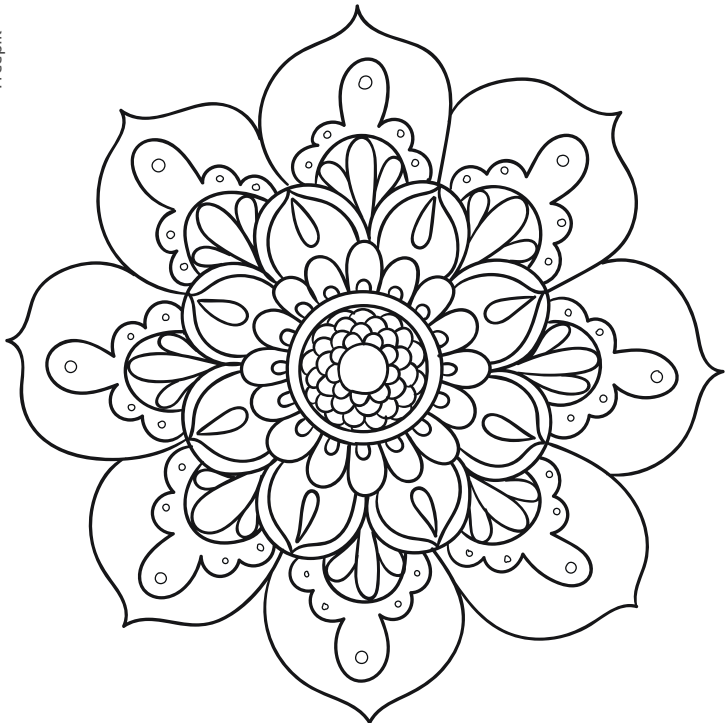
Porém como decidir?
O que priorizar?
Como saber
Antes de se formar?

Plantão recorrente
Forte tentação
Abrir mão de residência
No hoje e presente?
Em anos que virão?

À profissão, dedicação
Indubitável quanto a isso
Mas como saber de antemão
Ater-se a tal compromisso?

Qualidade de vida
Um importante fator
Também grande desafio
Para ofício exigente
E recompensador

Freepik



Família
Comparada ao jaleco
Parelha responsabilidade
Talvez abrir mão
De trabalho, dinheiro
Paixões e idade

Permanecer no país?
Ao exterior partir?
Em anos por outras terras
Ampliar oportunidades
Ou as restringir?

Após residência
Ao Brasil retornar
A nova sociedade
Com adquirida excelência
Irei me adequar?

Novos estudos
Especializações, *fellowships*
Nova graduação talvez
Tantos deveres
Agora e sempre
E mais uma vez.

Tum tá, tum tá, tum tá

Leonardo Peixoto Lopes Vilar
Pseudônimo: **Coracão Valente**
e-mail: leovilar@uol.com.br

Numa noite em que a lua reflete o brilho solar em outro horizonte

Consigo ouvir a batida rítmica e calma, não sei se pelo ouvido ou pela alma

De cada sístole acompanhada da diástole, com o sangue circulando e o cérebro pensando

Aonde vou, quem quero ser, o que vou encontrar quando lá chegar, sei lá, talvez encontre

Mas que assim seja vou em frente, deixo as ideias me levarem ao caminho já descrito

Mas ainda não percorrido, encontro algo o que será, uma visão ou apenas a imaginação

Sonho, realidade, ilusão ou desilusão, ainda não sei, mas o caminho seguirei, até o fim.

Medo tenho, mas o ignoro, apago a luz, do quarto, não do pensamento

Mas a luz do pensamento se apaga, não de novo, será que ela dorme?

Então que escuridão e esta seria o fim, mas tão próximo do começo

Ou seria apenas mais um ciclo de vida, ou do batimento que vem de dentro?

Para fora, de novo, penso no relento e no vento que vem de fora, minha alma chora

Meu peito sente cada negação e em vão, vou ao centro do pensamento

Encontrar a força de um batimento, de novo, para que tudo continue de novo.

Suplico teu perdão, teu amor não, pois este já tenho dentro do meu peito

Em cada batida do meu coração, como o vento que sopra a vida, a qual, VIVA

Sempre quis, caminhos distantes percorri, noites difíceis vivi, dias venci

Mas nada se concretizou, então por que tudo isto, se ao mesmo tempo

Tudo é nada, não sei então pra onde vou, me esconder, do que, de quem

Aonde vou te encontro de novo, sem saída, continuo na vida

A qual me trata tão bem, tento retribuir, mas sem você aqui.

Que pena, que cena, sinto muito, por tudo isso, mesmo que não me ouça

Te grito, te chamo, te amo, como nunca outrora amei

Engano meu peito, cada batida dentro dele, me faz seguir

Sem medo com zelo, de te manter no alto do meu colo

No fundo do meu sentimento, dentro do meu pensamento

Grito mas não desisto, penso logo nisso, como se tão longe

Estivesse tão perto, mas o tempo parece como o vento.

Talvez cumprindo alguma pena, que fiz em algum tempo

Tão distante ou tão curto, que não consigo me lembrar

Me culpo diante de tudo, uma forma de conseguir com que tudo

Seja nada, mesmo sem medo, vou em frente, do meu ego, do meu elo

Buscai outrora outra vez, a paz e a união, de cada um ou de todos em vão

Vão e vêm, como as ondas em um mar ou o sangue em um coração

Um pode parar, mas o outro não pode, então os dois vão em uma mesma direção.

A vida pode parar, mas o mundo continua, você pode até chorar

Mas as lágrimas se escorreram, ao pranto em vão, do canto da sala

Não do coração, mas da emoção ou da razão, mas é isso o que importa

Ou é apenas mais uma batida na porta, seria alguém, quem sabe

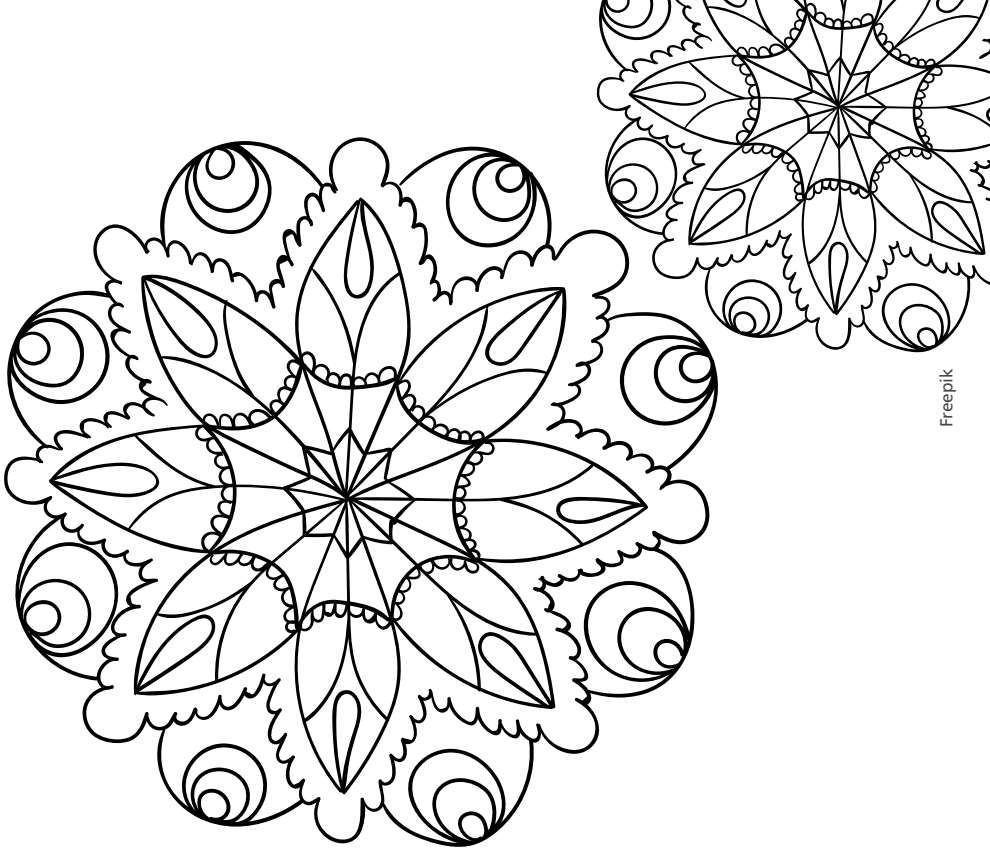
Bem que poderia ser aquele bem, para que a razão superasse a emoção

No meu peito, somente mais um coração, que bate, bate, bate

Sem razão, mas com emoção, tão forte como o grito de um leão.

Nova cara da medicina

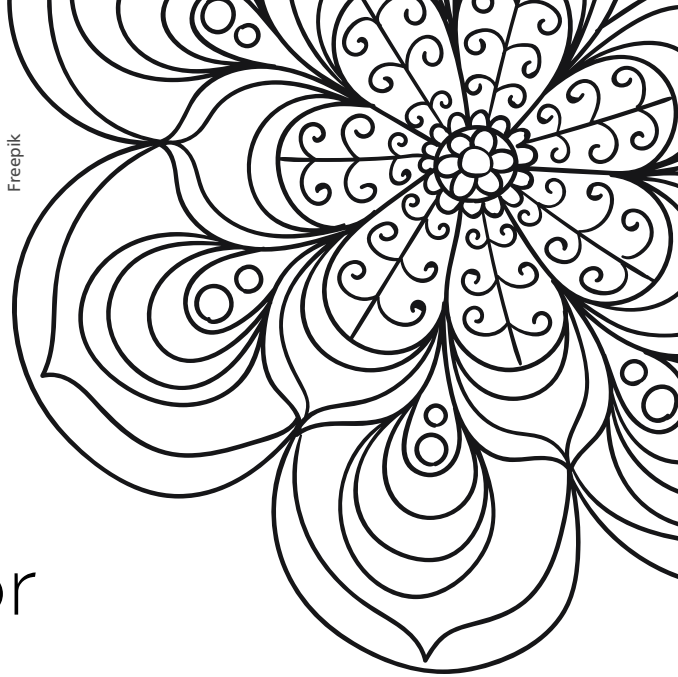
O Brasil vive uma nova realidade, uma economia desgastada pela corrupção, uma população desmoralizada perante outras nações, o país do futebol se enganou com uma Copa que serviu para roubalheira e propaganda eleitoral, mas uma vez a enganação do povo, sendo este feliz, guerreiro, crente a tudo que lhe faz bem, sob a mentira de um governo opressor e sensacionalista, por falsos salvadores, mas quem paga o prejuízo, sempre a classe trabalhadora, oprimida por uma democracia cansada de tanto apanhar, mas o povo nunca desiste, sempre em frente, rumo a vitória, rumo ao progresso, de uma gente guerreira, que luta pelos direitos de ir e vir, de cabeça erguida, com dever cumprido, mas vem a hora da dor, do sofrimento, da perda e do ganho, como tão importante como a vida, vem a saúde, que tanto apanha mas não se cala, este mesmo governo que tentou desmoralizar seu povo, fazer ele desacreditar da sua capacidade, fez da profissão tão valorizada e respeitada por tantos anos, como profissionais em um campo de batalha, cada vez mais a população dependente da rede pública, ao invés de valorizar os profissionais da área de saúde, principalmente médicos, e não apenas como tampa buracos, valorizar profissionais mais especializados, com empregos justos, tanto em qualidade, quanto de melhor distribuição de renda pública, sendo esta classe um grande contribuinte com os lucros de uma nação, a preocupação e no futuro dos serviços de salvar vidas, realmente como um juramento de servir em prol do bem-estar do próximo e com a certeza de que terá benefício o paciente, ter uma renda acho necessário e útil, trabalho digno e de respeito, quando se exerce com amor e prazer, com retribuição pessoal, mais que financeira, tenha em mente que a medicina é como um sacerdócio, uma



Freepik

plena dedicação, uma briga constante plena vida, descobrir o novo, manter-se atualizado, pesquisando o desconhecido, a busca continua do conhecimento, utilizar de novas tecnologias e novos métodos terapêuticos, utilizar com conhecimento em prol da saúde, da vida, pois qualidade e quantidade de vida, são importantes, ao bem estar físico e mental, saber que não e só Deus que mata, a vida desregrada, o sofrimento físico e mental , a ponderação, viver com qualidade de vida, com

prática de atividades físicas, a alimentação saudável, evitar abusos em excesso, procurar, ter um meio termo, ter um *yin* e *yang*, buscar a paz espiritual, amor ao próximo e a si mesmo, são formas de entender que saúde não é só bem-estar físico e sim mental, sendo esta tão importante quanto valorizar o bons momentos, com pessoas do teu agrado, procurar no trabalho ter melhor relacionamento possível, com teus colegas, e profissionais que o rodeiam e ajudam, com cada vez mais o tratamento conjunto, com multiprofissionais, de áreas e especialidade diferentes, para que tratamento mais complexos sejam atingidos sua excelência a cada dia, tendo bons resultados, uso da essência da medicina, com todos seus recursos e percalços, seguindo em frente sempre, buscando o novo, o melhor ou mesmo o velho e mais funcional, depende da área, do local e da razão, verdadeiro sentido pra vida, novos rumos, novas descobertas, um futuro infinito em curas e tratamento, se vivera mais e melhor, são os votos de todos aqueles que lutam pelo bem. Como no título e durante o texto todo, se mostraram os novos rumos da medicina tanto em tratamento quanto em qualidade dos novos profissionais e o rumo que a saúde e a medicina estão tornando no Brasil, e independentemente da faculdade ou curso que se venha a fazer, novas formas de aprendizados devem ser aproveitadas, e usufruídas, em prol de uma prática médica mais eficiente e honrosa e que estes novos ou velhos médicos busquem o bem-estar do seu paciente ou de uma melhoria conjunta no tratamento de cada doença em si ou generalizado, novos frutos sejam colhidos e aproveitados, e que os futuros profissionais tenham sucesso nas suas escolhas em tratamentos especializados e funcionais. Que os danos sejam os mínimos possíveis e o sucesso obtido seja o melhor, e aquele que se beneficia disto ou daquilo tenha mais razão de viver, crescer e acreditar, que num futuro próximo alcançamos a excelência na cura.



Freepik

A dor

Antônio Hirt
Pseudônimo: **ALAH**
e-mail: alahirt@gmail.com

A dor que pulsa
A dor que rasga
A dor que queima
A dor cortante
A dor difusa
A dor da quebra
A dor que aperta
A dor que espalha

A dor que cura
A dor do alívio
A dor que mata
A dor que salva

A dor da fome
A dor do amor
A dor da raiva
A dor do medo
A dor do ódio
A dor do ciúme
A dor que alegra

A dor nociceptiva
A dor psicossomática
A dor neuropática

Imperativo do destino

César Machado
Pseudônimo: **Étienne Dumont**
e-mail: cesarmach76@yahoo.com.br

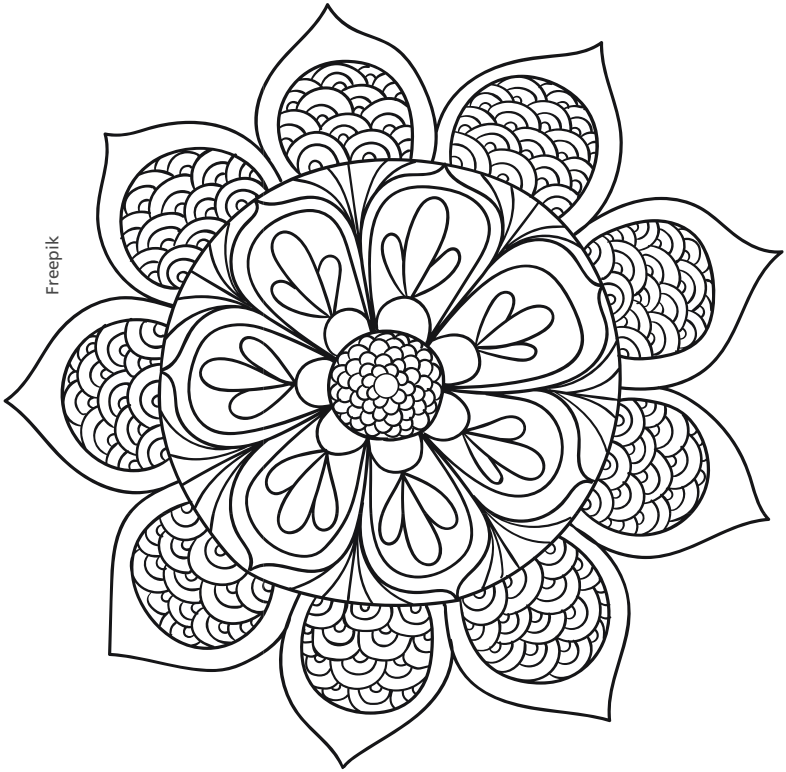
Em tempos de tanta superficialidade como os dias de hoje, seria possível se pensar em destino? Tempos estes em que as pessoas quase não se falam, mal se escutam, e as relações tornaram-se, até certo ponto, esquizofrênicas? Mas ele, com toda sua tendência pessimista que buscava, a todo custo, libertar-se, ainda queria acreditar em predestinação...

A humanidade vangloria-se de seu livre-arbítrio. Entretanto, a maioria confunde liberdade com o próprio ego, ou melhor, egocentrismo. E as pessoas vão se digladiando, se engalfinhando, competindo em busca da felicidade individual e egocentrada.

– Mas até que ponto realmente estamos livres? – pensava ele. – Certos encontros mudam nossas vidas de um modo inacreditável... Parece até que determinadas pessoas são colocadas ali, de propósito, tudo calculado, gerando uma felicidade conjunta e crescente, contrária àquela individualizada e egocêntrica, como se houvesse um "imperativo do destino"... – ponderava consigo mesmo. – Essa nem Kant havia pensado! – e ria-se por dentro, apresentando apenas pequena elevação lateral dos lábios para a direita indicando o orgulho com sua conclusão.

E realmente ele tinha do que se orgulhar. Há pouco mais de cinco anos havia conhecido o grande amor de sua vida, com quem podia afirmar já ter vivido, sem dúvida alguma, os melhores momentos de sua existência.

De personalidade marcante, desde o início, à primeira vista, agarrou seu coração para não mais largar.... Com seus cabelos longos e seus olhos castanhos, seu sorriso cativante e aberto,



Freepik

sua energia radiante, mostrou ser uma mulher mais do que especial. Cuidadosa, atenciosa e fraterna com todos, da família, aos pacientes; dos amigos, aos colegas de trabalho; não tinha dúvida que a beleza de seu caráter era ainda superior àquela apresentada em sua deslumbrante aparência física. Impossível não se apaixonar...

Durante um tempo tiveram muitas conversas animadas que, por diversas vezes, adentraram a madrugada. As afinidades foram se apresentando aos dois e aquela troca, ao que tudo indicava, trazia mais fôlego e renovação para o dia a dia atribulado e as decisões difíceis que tivessem que tomar...

Quanto mais conversavam, quanto mais trabalhavam juntos, mais o amor crescia entre os dois... ao menos de sua parte, ele podia afirmar isso com certeza!

Ambos trabalhavam em um ambiente conturbado. Encontravam-se apenas uma vez na semana, durante o trabalho em uma UTI, quando trocavam ideias após concluída a rotina do dia. Aquele setor do hospital era uma espécie de sala retangular e comprida, com pequenas janelas bem altas, das quais era impossível saber o que acontecia do lado de fora. Sempre lotado, os leitos dos pacientes distribuídos ao longo desta sala, o som dos alarmes, o burburinho das conversas dos funcionários, e a visão de tubos, cabos, eletrodos e ventiladores mecânicos...

Até então, ele não sabia a onde tudo isso iria chegar. – Mas, como diria Elvis Presley, em sua canção "Can`t help falling in love", realmente "some things are meant to be" ... e parece que algumas coisas estão mesmo destinadas a acontecer! – pensava ele. Parecia até ironia do destino, mas essa música, com esse trecho tão peculiar, havia marcado o primeiro encontro verdadeiro dos dois, fora daquele ambiente agitado. – É... realmente existe um imperativo do destino... – e enchia-se ele de felicidade.

Lógico, as decisões são feitas sempre a partir da vontade de cada um. No final das contas, ninguém é obrigado a nada, excetuando-se, é claro, os deveres legais e de respeito e civilidade entre as pessoas.

– Mas o que faz, então, com que as pessoas certas sejam colocadas na vida de cada um? Seria sorte? Seria probabilidade? Seria mérito? Ou seria um pouco de cada um? – refletia ele. – Bom, em todos os casos, não faria mal algum em se pensar na presença do destino... – e o sorriso voltava ao seu rosto.

A verdade é que ele tinha a forte sensação de não ser a primeira vez que a encontrava. Seria o tal do *déjà vu*? De qualquer modo, este "reencontro" mudou totalmente os rumos de sua vida. As maiores conquistas que teve, podia afirmar, sem dúvida, ocorreram nestes últimos anos. E isso incluía estar junto de sua amada, que muito já o havia inspirado e a quem tanto tinha a agradecer.

Pistas, estradas e perspectivas

Eugênio Mussak
Pseudônimo: **Ragnar Lothbrok**
e-mail: eugenio@mussak.com.br

Sou um esquiador tardio, mas, como sempre gostei de esportes, aprendi relativamente rápido, segundo meu instrutor suíço, o Tanguy, um desses jovens que esquiaram antes de começar a andar. Para eles, aquelas pranchas de madeira lisa são como extensões do corpo. Mas para um brasileiro neófito são corpos estranhos.

– Mantenha os esquis paralelos para deslizar, e aproxime as pontas para frear – me disse ele, na primeira instrução.

– Ok, respondi – achando fácil. Mas o que se seguiu mostrou que não era bem assim. Eu ficava o tempo todo olhando para os esquis para conferir sua posição.

- Você não pode olhar para os esquis, tem que olhar para frente. Senão como vai saber para onde está indo? – repreendeu meu jovem mestre.

– E como vou saber se os esquis estão na posição correta? – argumentei, cheio de razão.

– Você tem que senti-los. O esqui é como a vida, você tem que sentir o presente, mas manter o olho posto no futuro.

Uau! O professor de esqui era um filósofo. E dos bons, pois a vida é mesmo assim, um eterno movimento, como o descer de uma ladeira gelada. Não dá para parar nem perder a perspectiva do que estamos fazendo. Se você ficar olhando para seus pés, ou para seu umbigo, não vai saber para onde está indo. E é inacreditável como algumas pessoas não se dão conta do impacto de suas atitudes sobre o

futuro, sobre o ambiente e sobre outras pessoas – as três dimensões da perspectiva humana.

Mas o pior ainda viria. No último dia daquela temporada eu estava me sentindo cheio de confiança. Tinha vencido todas as pistas propostas pelo Tanguy, mas ainda não tinha subido o pico maior, e estava doido para fazer isso.

– Você acha que eu consigo? – Perguntei.

– Acho que sim. Aquela descida não é pior do que as que você já desceu, só é mais alta e mais rápida. Você já sabe o suficiente, pode arriscar.

E lá fui eu para o teleférico, cheio de alegria. Quando cheguei ao pico, fui invadido por uma paisagem estonteante. Estava na Suíça francesa, e para onde você olha parece estar vendo uma propaganda de chocolate ao leite. Depois percebi que toda essa beleza pode ser perigosa.

Esquiando, não conseguia tirar os olhos das montanhas distantes, entre as quais, lá longe, o Mont Blanc. Hipnotizado com tanta beleza, mais uma vez perdi a perspectiva. Eu não estava mais olhando para meus pés. Mas também não estava olhando para a pista. Mirei o além. A consequência foi que não vi a curva e voltei para o Brasil de gesso e muletas.

Ampliando o conceito do instrutor-filósofo, temos que sentir o presente, imaginar o futuro e manter o olho posto no percurso. Definitivamente, não podemos perder a perspectiva na vida. A consequência pode ser a queda...

Por falar em queda, uma vez desci para o litoral de São Paulo de moto, pelo caminho que acompanha os dutos da Petrobrás, entre a pequena cidade de Salesópolis, onde nasce o rio Tietê, e Caraguatatuba, já no litoral, e ali tive outra experiência marcante. Só que dessa vez não caí nem quebrei nada, felizmente.

A estrada tem 67 km de subidas, descidas, curvas e pedras, muitas pedras. Definitivamente, não é um percurso para iniciantes. Eu estava com o Júlio, meu amigo especialista em mapear perigos, e quando lhe perguntei

qual seria o maior, ele me respondeu:

– O grande perigo é que às vezes a estrada melhora.

O que ele quis dizer com isso? Como pode o perigo surgir justamente quando a estrada melhora? Pedi esclarecimentos.

– É que quando a estrada melhora um pouco você se empolga e não se dá conta de que ela vai piorar de novo, e isso vai acontecer de repente, na saída de uma curva, no fim de uma decida ou logo depois da lombada. – esclareceu didático.

Mais uma vez aprendi com o esporte a manter a vida em perspectiva. Se está tudo bem, não significa que assim ficará para sempre.

E me pus a pensar em tantos equívocos que cometi pela vida afora, pelo simples fato de não prestar atenção no percurso, nos efeitos do tempo, nas mudanças súbitas. Por várias vezes achei que estava no controle da situação até perceber que não havia previsto tudo, e o excesso de autoconfiança acabou sendo meu algoz.

Manter a vida na perspectiva certa aumenta o controle. E evita as muletas, inclusive as emocionais.

Um ensaio sobre a não dor

Um plantão num final de semana em um pronto-socorro municipal é garantia de fortes emoções. Como acadêmicos, fazíamos triagem e encaminhamento, e também realizávamos tratamentos padronizados, como pessoas que precisavam pequenas suturas, mulheres com enxaquecas, homens com dores no peito, crianças com asma, além de bêbados que mal se aguentavam em pé, entre outros trabalhos.

Das experiências que colecionei, houve muitas que me marcaram, mas uma em particular me ensinou muito mais do que

medicina. Foi uma lição de vida. Era o cair da tarde de um sábado frio em Curitiba, daqueles que combinam com pinhão na brasa e vinho quente com gemada, quando um casal entrou apressado um casal com um garoto embrulhado em um cobertor. O garoto parecia bem, mas o casal estava bastante alterado. Eu e um colega os atendemos enquanto um terceiro ia buscar uma maca de rodas.

– Ele se queimou... ele se queimou... - dizia o pai.

Quando lhe perguntei onde era a queimadura ele apontou as nádegas, contando que o menino havia se sentado sobre a chapa quente de um fogão a lenha.

Empurrando a maca, eu e meus colegas nos olhávamos com algum espanto, não pelo desespero dos pais, mas pela calma estranha do garoto. Quando falei com ele, reagiu como se estivesse até se divertindo com todo aquele agito. Ficamos tranquilos, achando que havia um exagero por parte dos pais. Mas a impressão se desfez quando colocamos o menino na maca de exame e tiramos os panos que o envolviam. A queimadura era séria, muito séria. A tal ponto de não ousarmos tratá-la sem chamar um dos professores que, como nós, estava de plantão naquele dia.

O garoto acabou sendo levado para o centro cirúrgico, pois havia tecido morto a remover, infecção a evitar, e era evidente que depois ele precisaria de um transplante de pele. Ele tinha uma queimadura de 3° grau nos glúteos e em uma boa parte das coxas posteriores. Qualquer um estaria gritando ou desfalecido. Como podia ele estar tranquilo, como se nada sentisse?

Depois de mandá-lo para o centro cirúrgico, o professor nos chamou para conversar:

– O que vocês acabaram de ver é um caso raro de síndrome de Riley-Day.

Como nenhum de nós já tinha ouvido falar de tal síndrome, o professor nos explicou tratar-se de uma anomalia genética em que o portador tem uma desordem neurológica que afeta os neurônios sensoriais.

– Ele não sente dor, e essa é sua desgraça - filosofou.

Eu nunca tinha pensado dessa forma. Jamais me ocorrera que não sentir dor poderia ser uma desgraça. Sempre achei que não sentir dor seria uma coisa boa, afinal, sentir dor dói... . O professor colocou o fato na perspectiva correta. Aquele menino sentou sobre uma chapa quente e não tinha como sentir a dor salvadora que faria com que ele imediatamente saísse daquela fonte de calor intenso. A consequência foi uma lesão que marcaria seu corpo para sempre. Definitivamente, a dor é uma bênção. Não sentir dor é que é uma maldição.

Nunca mais soube daquele pacientezinho. Torço que ele tenha encontrado uma maneira de conviver com sua síndrome e que tenha levado uma vida razoavelmente normal. Mas nunca esqueci dele, e costumo lembrar daquele sábado em situações em que a dor me acomete, principalmente quando essa dor não é física. Quando o que dói é a alma.

Assim como a dor física funciona como um alerta e provoca uma reação imediata, as dores emocionais, como a angústia, a tristeza, a raiva, também servem para nos dizer que algo não vai bem, e que temos que sair de cima da chapa quente. Mas... por que demoramos mais para reagir às dores psicológicas? Quais são nossas chapas quentes emocionais?

A tal síndrome da falta de dor me ensinou que não podemos fingir que a dor não existe. Ela é um alarme, e que se, por um lado, ela é natural, não precisa ser normal, um padrão a ser obedecido. Devemos combatê-la, sim, e para isso existem os analgésicos. Mas, cuidado, eles são remédios sintomáticos, não eliminam as causas.

Às vezes é preciso ir mais fundo, pesquisar com coragem, não negar as evidências, cortar, purgar, extrair. E tudo isso que pode significar uma pequena, mas difícil viagem a ser feita, em direção ao mais desconhecido dos territórios. Nosso próprio interior...

Curry

Elton Luis Azuma
Pseudônimo: **Erto**
e-mail: ertoaz@yahoo.com.br

Adoro culinária oriental. Não tão somente no quesito paladar, mas igualmente quanto à diversidade e ao exotismo que encontramos: desde a delicadeza de um *sushi*, até as profundezas do aroma de um *curry* indiano. Num futuro planejo fazer alguns cursos de culinária para meu proveito, da família e amigos, um *hobbie* apenas. Enquanto o incerto não sobrevém, divirto-me com aulas na plataforma *Youtube*.

E foi numa aventura gastronômica que a conheci, R., cozinheira de um restaurante oriental próximo ao meu local de trabalho. Com seus 34 anos, casada, um casal de filhos, ela apresentou-se em meu consultório, com dores em ombro direito. Não é à toa: cuidar de caldeirões imensos não é tarefa para qualquer um, exige dedicação, cuidado e força. Trazia um olhar cansado, como se carregasse o peso do mundo e, a despeito da tenra idade, aparentava envelhecida, tanto quanto o tempo não lhe desse boas-vindas. Um ultrassom descrevia uma leve inflamação de tendões dos ombros, estruturas que funcionam como cordas nas mãos de um titeriteiro, sem as quais a marionete perde toda vida e encanto. Tal acometimento não condizia com o quadro álgico, mesmo assim tratei, sem questionar, sabendo que cada pessoa possui uma experiência de dor diferente. No retorno, mais dor, meu tratamento falhou. O empregador não queria pagar o salário do atestado, a perícia não acreditou na leve inflamação e negou benefício. Investigadas outras causas, todas negativas. Não permitia que a fisioterapeuta encostasse no ombro, muito menos traba-

Freepik

lhá-lo, tamanho desconforto. A cada consulta, mais dor, mais incapacidade, mais sofrimento. Colegas ortopedistas estimados não questionavam minha conduta. Pior, não acreditavam na agonia de R.: nenhuma queixa fazia sentido para eles.

Retorno. Dessa vez a dor disseminara, havia tomado o outro ombro, joelhos, costas... E finalmente uma inspiração: como estão as coisas em casa? Com essas poucas palavras seus olhos marejaram, o que antes era cansaço foi dominado por uma mistura de desespero, angústia, lágrimas estranguladas finalmente conheciam a liberdade. Procedia de um casamento de 15 primaveras, e nas quatro primeiras descobriu que nem todos os finais são felizes, mas que alguns são um grave infortúnio. Descobriu

também o gosto de ferrugem de sangue na boca após um soco, a dificuldade para respirar após uma costela quebrada, o desespero nos olhos dos filhos assistindo a tudo. Na época, seu filho de 5 anos, numa bravura apenas vista em filmes, afrontou o próprio progenitor, ordenando que cessasse as agressões; caso contrário nunca mais o chamaria de *pai*. Paz...

Transtorno, essa seria um jeito de descrever o amargor que invadia minhas entranhas e corrompia meu pensamento. Racionalizando, primeiro, violência doméstica é algo que vi apenas em novelas, filmes, noticiário, e a solução para mim, nessa ignorância que me paira, é singular: cadeia. Segundo, como eu, especializando em medicina de família, pude enxergar apenas a doença? Como pude deixar minha prepotência não olhar R. como um todo. E nessa vontade justiceira novamente esquecia de visualizar o todo.

A violência física acabara, deixara o trono livre para sua sucessora, a violência psicológica. Um crime perfeito, sem vestígios, sem sinais, sem provas, apenas lesões e cicatrizes na alma tão profundas que apagam a chama da vida, deixando-a no escuro e sem rumo. E o filho mais velho, que um dia fora seu guardião, hoje seguia os mesmos passos do pai. "Penso na morte todos os dias, só não me matei até agora por causa da minha filha. Mas se um dia eu me matar, vou levá-la junto, para que ela não sofra nas mãos deles".

Não queria polícia, não queria abrigo, não queria fugir. Queria viver, queria uma vida melhor, queria continuar na casa que pôde colocar um piso avermelhado com seu suado dinheiro. Piso que estranhamente era seu motivo para aguentar a vida.

Aceitou minha ajuda. Até conheci o piso da casa. Eu desejo sorte, minha amiga. Não consegui dar seguimento ao seu tratamento, nem ver seu sorriso de volta. Continuarei admirando seus maravilhosos e delicados *sushis*, mesmo repletos do mais pesado *curry* indiano, enquanto azulejo minha vida.

Alliesinteractive/Freepik.com

Cassis

Flávia Brito
Pseudônimo: **Sarah**
e-mail: flaviabritomed@gmail.com

porque preciso que a vida
se incorpore, crispada, no meu íntimo,
guardo, por dentro,
tudo o que me lembro:

as ruas claudicantes onde atentas caminham as buscas
por esperanças desconhecidas sujas de têmpera
o som que emite a epiderme quando
diante de um desejo agudo se intumesce

até a incógnita flor de cassis que nunca vi e sei
que não a reconheceria até que alguém
dissesse: eis tua flor preferida
amor nunca foi mesmo uma questão
de saber das coisas

Redargo

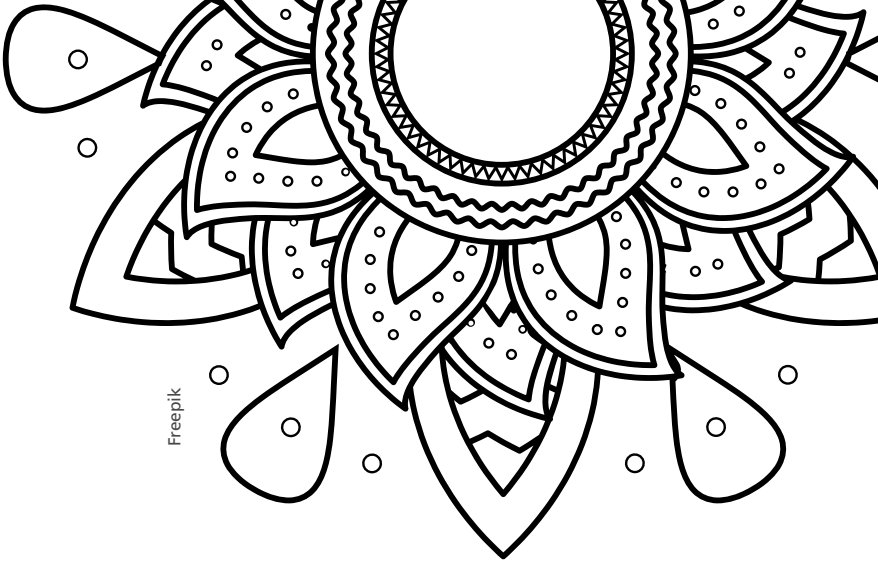
Jéssica Pilonetto
Pseudônimo: **JE**
e-mail: jepilonetto@hotmail.com

Sobre seu apelo, senhor, aqui no começo, também me pareceu tudo muito estranho e confuso, assim como as noites caladas em que eu não dormi. Não soube de imediato preenchê-las, logo me restava apenas a companhia do luar. O cuco aqui não me desperta e é tarde para voltar. Quisera eu tivesse tempo para mais um café. Apenas o badalar dos sinos virou minha companhia, a mais bela melodia que pude apreciar. Aqui, relógio também não me serve mais, pois o tempo é anunciado pelos primeiros raios de sol, tecendo um belo amanhecer. Hoje ao meu lado não há mais o seu agrado, daquele jeitinho que só você sabia fazer. Sinto saudades.

Espero poder consolá-lo ao dizer que aqui encontrei uma liberdade diferente, não melhor e nem pior. Ela sou eu, e faz parte de mim. Sobre o amor, ah, esse amor confidente e corajoso, ainda como se sentisse borboletas eufóricas, ao lembrar sua presença.

O adeus sempre me assustou, por isso o deixei de mansinho, sem que eu tivesse opção. Quem sabe que ainda que te espere em um lugar gostoso, diferente daí. Senhor, indagas o porquê de o canário calar? Alguns grãos e uma boa prosa já lhe servirão. As violetas precisam de companhia, converse com elas, conte suas angústias e elas o ouvirão, não se esqueça de lhes regar se houver seca. Não se preocupe com o saca rolhas, não o temos mais, há tempos que não nos era mais útil. Não me entenda mal, quero seu bem, mas meu destino me fez seguir. Siga o seu, e deixe-me continuar.

Adeus.



Freepik

En passant de minha vida

João Batista Neiva
Pseudônimo: Mão De Faca
e-mail: jbneiva@gmail.com

Já no ocaso da minha existência, ciente do prazo de validade do meu cérebro, decido fazer um "curta", um resumo desses setenta e oito mil quilômetros de estrada.

Estrada nem sempre ampla e bem pavimentada, tropeços, erros de rumo, solavancos.

Sou mero representante do pós-guerra, nascido dois meses antes da eclosão desse conflito que abalou o mundo, 1939.

Meus cinco primeiros anos habitei no paraíso, desfrutei a total e absoluta liberdade. Quisera que todo guri tivesse um cavalo manso, passeios em carro de bois, puxa-puxa de açúcar e modas de viola.

Nunca um ruído de freada, semáforos, sapatos apertados e mil tarefas a cumprir. E sim as

ruas sem calçamento, as casas sem muros, goiabeiras por toda parte, vizinhos amáveis e o desfrutar do magnífico espetáculo das nuvens brancas no azul do céu, formando figuras ditadas pela minha imaginação infantil.

Agora a guerra já terminou e deixei meu torrão natal. Tempos difíceis, carestia, o triste retorno dos pracinhas mutilados, minha avó rezando ao pé do rádio, preocupada com os parentes deixados na Itália, a custosa adaptação à vida de cidade grande.

Nossa mãe acolheu com bondade a irmã e dois sobrinhos e assim tivemos que morar em bairro operário distante. Pela manhã, classe A, no uniforme elitizado do colégio das freiras. À tarde, classe Z, descalço e sem camisa, jogando bola na rua.

Não podia imaginar que este contraste, este claro-escuro de minha juventude viesse a ser tão útil ao exercício da Medicina com o qual eu ainda nem sonhava.

Corrigido a todo momento nos esses e erres pela mãe professora, na rua com a patota, eu tinha que falar a linguagem do meio ambiente, ou passaria por pedante, diferente, esnobe.

Na prática médica, no dia a dia do consultório, minha cadeira sempre foi igual às do cliente e acompanhantes. E sempre procurei falar a língua dos interlocutores, evitando constrangê-los.

Abdome é barriga, panturrilha é a batata da perna, útero é a mãe do corpo, estômago é bucho e pulmão é bofe.

Mas quando algum acompanhante quer se mostrar entendido além da conta, passo a falar em *mesentério, plica vocal, forame oval, cauda equina, cisterna de Pecquet, linha alba, glabela*... termos de nosso jargão que os leigos detestam. Assim como nós outros nos atrapalhamos com o chamado juridiquês.

Quando acontece de ter que conversar com familiares reunidos, dando explicações sobre a gravidade de um caso, fico atento àqueles que querem se sobressair e dominar a sessão de perguntas. Leram o doutor Google e se acham catedráticos.

Dou-lhes a palavra e peço que deem as explicações aos de-

mais. Saem com o ego inflado, e eu aliviado.

Mas o peso dos anos vai mudando a maneira de ser do médico. Daí a imprescindível ligação simbiótica com os colegas em início de carreira. Hoje fico constrangido ao propor uma cirurgia mutiladora, uma amputação de membro, ainda mais se o paciente for jovem. Aí entra o arrojo, o destemor e o entusiasmo do médico mais moço.

No dizer bem popular, a gente vai ficando mole. Olha para o doente e mentaliza seu futuro de agruras. Sofre com ele.

Uma menina de quinze anos, corajosa, linda e inteligente, veio com a mãe humilde e analfabeta. Buscava segunda opinião sobre a conduta a ser tomada para o sarcoma ósseo que a acometera. De nada adiantaria conversar com sua mãe. Então, a duras penas, me obriguei a discorrer sobre vida, mutilação e morte. Dela própria.

– Mas, doutor, com a perna mecânica eu poderei usar salto alto?

Tive um colega de turma, que por razões que aqui não cabem, foi alfabetizado aos vinte anos.

Na faculdade, no hospital-escola, mais parecia um professor, grisalho e barrigudo.

Dedicou-se ao tratamento dos queimados. Por vezes era procurado por razões puramente estéticas, que não eram sua praia. Seu ar professoral atraía as clientes. Que se encantavam com sua amabilidade.

Tornou-se um exímio contraindicador de cirurgias.

– Filha, seu nariz é bonitinho, veja o meu, que diferença...

Nunca fui de adotar de pronto as novidades e essa enxurrada de dados da literatura médica.

Tivesse que viver uma nova vida, escolheria voltar médico quinhentista, itinerante como o Barber de Noah Gordon. Meu carroção decorado com estrelas e meias-luas, parando nos vilarejos, atraindo o povo com minha guitarra e meus malabares, vendendo poções milagrosas, fugindo de madrugada...

Efeito celular

Luiz Carlos Busnardo
Pseudônimo: **Visconde**
e-mail: lcbusnardo@bol.com.br

Cursava a década de 90, um belo dia de sol com céu azul em um sábado muito tranquilo.

O café na sala dos médicos corria solto; inflação, carros, mulheres modelos, claro; pouco de política.

Toca o PT 550. Primeiro telefone celular comercializado no Brasil. Milagre da tecnologia. Levantava-se a antena para melhorar a eficácia da conexão. Espetáculo de aparelho.

– Alô!!! Doutor, o Ronaldo enfiou uma panela de pressão na cabeça. Já tentamos de tudo e a bendita não sai.

Ao fundo o choro incontido, apavorado e claro abafado dentro da panela. "Aêêêê !!! Mââââêêêê!!!"

Penso: "caramba", como um piá de dois anos enfia uma panela na cabeça? Ou então a cabeça na panela.

– Olha, calma, não se apavore, relaxe a situação. Com calma e tranquilidade procure a posição mais adequada, que com certeza a panela sairá.

– Mas não sufoca??

– Não, não existe perigo de falta de oxigênio porque seria muito difícil a vedação total da entrada de ar. Assim espero. Procure ter calma.

– "Brigado doutor"

– Por nada.

O assunto agora é futebol, claro, a copa do mundo se aproxima. Não adianta jogar bonito e perder... Não funciona a tática Dunga, tem é que atacar. Jogar para frente, sair rápido para o ataque.

Tomo outro café!!!...

– Doutor, estamos indo para Apucarana, já procuramos até o Carlão e ele tentou cortar a panela mas não conseguiu doutor, é urgente!!.

– Quem é Carlão??.

– O torneiro aqui da cidade!! ...

Putz, o que farei?. Os anestesistas me dirão: Não vou sedar uma criança sem via aérea disponível. Comento o caso com doutor JPN, otorrino experiente, que gosta e vibra quando retira corpo estranho.

– Olha você que se dane! Hoje é sábado, são 11 horas, vou numa feijoada com a "patroa". Panela na cabeça de criança? Tenha paciência...

FDP.

Será que nas tentativas de retirada a região mentoniana edemaciou??. Será que a região auricular edemaciou??. Vou aguardar e avaliar o que fazer. Um diazepam intramuscular. Via retal teria que mandar manipular. Hidrato de cloral. Não conseguiria alcançar a via oral.

Galera do café toda foi embora. Fui para porta do hospital. Não deveria me apavorar. Estava novo ainda, mas não recém-formado, haveria uma saída. Se me desequilibrasse, seria paciente, família e médico todos insanos. Coitado do Ronaldo entalado numa panela de pressão.

Fusca amarelo Skol vem acelerando pisca de direção ligada para a esquerda entra no estacionamento defronte ao hospital, freios acionados com rigor que a situação requeria. As duas portas se abrem. Desce o pai motorista, a mãe com o Ronaldo no colo em sono profundo. O Avô sai pelo lado do motorista e a avó com a panela debaixo do braço.

– No caminho, doutor, ele dormiu nóis conseguimo tirar. Graças a Deus!!!.

Sono profundo, cansado, 89 bpm, 16 irpm, inúmeras escoriações nas orelhas, nariz, queixo, pescoço, coisa leve, nada muito sério.

– Fiquem tranquilos, foi só o susto!

– Quanto é, doutor? ?

– Nada, nada, voltem com Deus, cuidado com acidentes domésticos, é preciso prevenção!!!

Maldito telefone, se ele não existisse, tudo teria passado longe da Pediatria.

E agora, viva os smartphones!

Desejo de verdade

Laoane Martins
Pseudônimo: **L. Marie**
e-mail: laoane@hotmail.com

Que os corações se reencontrem
Vejam a beleza deste caminhar
Que nossos sonhos sejam um só
E que impere o verbo acreditar

Que sejamos renovação,
Daquele novo amanhecer
E que não caia em esquecimento
Aquilo que escolhemos exercer

Que o coração entre em compasso
Com nossos sonhos e nossa meta
Frente a essa diária devoção
Que a Medicina nos desperta

E integrados com o Servir
Buscando sempre Harmonia
Que a gente sempre a encontre
Na fusão entre Ciência e Poesia

Escolho servir

Pelo amor que sinto em cada descoberta,
Interação de sistemas tão humanos,
Fascinação pelas leis que regem,
E, em cada alma, o psíquico ao somático completa.

Buscando a harmonia em cada intervenção,
A proposição de cuidar daquele que se apresenta,
Somei técnica, teoria e compromisso.
Na intenção de ajudar; por esse caminho eu sirvo.

Se há uma lei que rege essa dinâmica humana,

Freepik

Comparo aos astros; desconfio que se complementem.
Na essência que está em cada um
Permita-me servir com o meu melhor

Há quatro direções, mas só uma é norte;
Qual é o norte que leva ao aspecto humano?
Seria o respeito? Ou seria a devoção?
Carrego os dois, pois não saberia servir se não assim.

Para transformar, Fogo! Esse modifica a matéria
Para multiplicar, Terra! É a fertilidade em si
Para movimentar, Água! Essencial à tal dinâmica
Para sutilizar, Ar! Carrega o sublime
Ao Servir, que se componham e me lapidem.

Que o Servir seja princípio,
Seja incorporado e expressado,
Na medida harmônica,
Tão proporcional à medicina.

Tudo e nada

Márcio Fabiano Bastos
Pseudônimo: **Bakunin**
e-mail: marciofabianobastos@yahoo.com.br

Um mínimo do nada
Para você
Pode ser tudo
Porém pode ser nada
Talvez só a energia
Permanecerá...
Tu és pó, e ao pó voltarás
Matéria transfigurada
Transformada
Pode ser tudo
Pode ser nada.

Pingo e chuva

Lá vem a chuva

Pingo

Chuva

Lá vem a chuva

Pingo

Lata

Lá vem a chuva

Pingo

Mata

Visnezh/Freepik.com

Coração vagabundo

Odenir Nadalin Junior
Pseudônimo: **CAÊ**
e-mail: onjctba@hotmail.com

É mineiro o moço mais bonito que já conheci. Alto, forte, pele negra, olhos verdes, dragão tatuado no braço. Antônia me faria sofrer com essas palavras. Mais uma dose, por favor. O bar não está tão cheio. Três ou quatro mesas ocupadas, e nesse balcão meio amarelado, meio esverdeado, eu, ela, e um senhor que agora despeja um saquinho de açúcar na xícara ao lado do pão que ele pediu sem queijo e presunto, por favor, mas capriche na manteiga.

Você acha que existem erros que a gente comete e são perpétuos? A atendente, que prepara

um drink a quatro passos de distância de onde estamos sentados, disfarça uma espreitada em minha direção. Que é isso, rapaz – Antônia bate em meu braço. Andastes matando alguém? Digo credo e rio porque me sinto vigiado pela atendente que agora soca um limão dentro do copo com uma tal delicadeza brusca que é própria dessas mulheres.

Tem erros que são mais errados que outros erros. Antônia disse isso com a boca cheia de batata frita. As pessoas costumam falar com a boca cheia de comida apenas em assuntos que não consideram assim tão relevantes. Comigo, ao menos, sempre foi assim. Iniciei as discussões às mesas de almoço na época em que comecei a tomar consciência de que as páginas de jornal eram muito mais que um amontoado de letras bem-dispostas em um papel, o qual tinha o gracejo de sujar as mãos de quem os lia, como se quisesse imprimir no seu leitor uma cumplicidade com a notícia lida. Meu pai, sua esposa e meu irmão mais novo nunca compreenderam o tom presencial com o qual eu enunciava frases de pseudo-impacto como existem erros que a gente comete e são perpétuos!

A atendente, cara-fechada, esfrega o pano meio úmido sobre uma mesa recém-esvaziada. Faço sinal. Mais duas doses, por favor. Ela tira a caneta colocada atrás da orelha e anota na minha comanda. É pra já, se limita a dizer em um tom de insatisfação. Tomo emprestada a caneta esquecida sobre o balcão e arrisco uns versos no guardanapo. Estava lembrando esses dias da festa que você deu na sua casa ano passado. Antônia continuou. Vi algumas fotos e, cruzes!, você mudou tanto. Nem parece aquele amante de novela das nove, nosso eterno imitador das senhoras do Bigorrilho passeando com seus cachorros. Ela continua dizendo tantas outras frases, nas quais não presto atenção. Você é linda, você me faz feliz, rabisco escondido.

A atendente coloca as duas doses sobre o balcão. Antônia, boca cheia, diz é mineiro o moço mais bonito que já conheci. Alto,

Freepik

forte, pele negra, olhos verdes, dragão tatuado no braço. Viro outra dose. Eu, que não sou mineiro, nem forte, nem alto, minha pela não é negra, não tenho olhos verdes e meu braço não é tatuado, esvazio a boca, engolindo o mundo que quero guardar em mim. Foi ela quem desenhou as artérias desse meu coração vagabundo, que agora se gasta em sístoles e diástoles mal ritmadas, num pulsar que perdeu seu sentido semanas ou meses atrás, em um determinado momento que não consigo exatamente reconhecer.

Eu, cardiopata infartado de amores mal resolvidos, sei que depois desse gole perderei a esperança de um dia ser tudo o que quero ser. Antônia? Pergunto procurando-a ao meu redor. O bar ainda mais vazio. E no balcão, além de mim, apenas o senhor que termina de comer o pão-com-manteiga-sem-queijo-nem-presunto. A atendente se aproxima. Um vulto feliz de mulher. Numa das mãos o copo cheio, noutra o pano meio úmido. Inclina-se em minha direção e, deixando o colo à mostra, beija minha boca. Esse é por conta da casa, ela diz, colocando o copo sobre o balcão.

4200

Ribamar Leonildo Maroneze
Pseudônimo: **Keyser Soze**
e-mail: imama@uel.br

O líquido rubro jorrava e tingia o leito cirúrgico. A pinça que se soltou, atirada de lado. Findava-se ali sua vida útil, desgastada pelo tempo e uso, não se podia correr risco de nova falha. Outra preensão e ligadura, hemostasia feita, a tensão diminuiu. Com o alívio veio o silêncio, o anestesista, certificando-se não haver descompensação hemodinâmica, preenchia a evolução anestésica.

Um dos cirurgiões voltou a falar:

– Vai participar com Prosa ou Poesia? – O auxiliar na cirurgia, parceiro antigo, aventureiro literário, respondeu:

– Não sou afeito às rimas, pobres ou ricas. Meu perfeccionismo obsessivo impede que escreva descompromissado com a métrica. Vou de prosa.

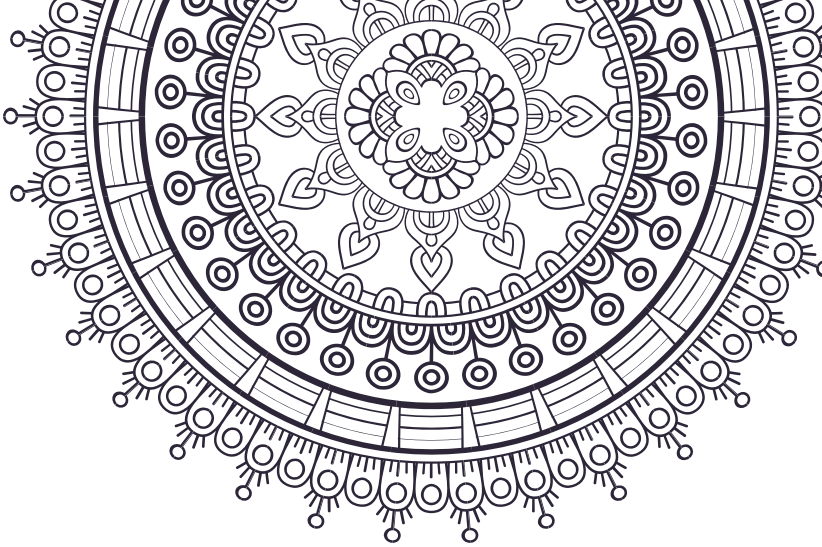
– Já definiu os personagens, o conflito?

- Ainda não... tenho dificuldades em ser direto. A regra exige o limite de quatro mil e duzentos caracteres, isso contando espaços. Minhas estórias já prontas têm mais delongas. Preciso providenciar alguns cortes, mas com cuidado, pelo jeito que se escreve, os críticos já definem se estão diante de algum estreante.

– Alguma sugestão, então?

– Inicialmente recorrer-ei-me à algumas dicas de outros autores. Stephen King diz, enfaticamente, para evitarmos os advérbios terminados em '-mente'. Sarcasticamente ele acredita que a estrada para o inferno esteja pavimentada por advérbios. Ultimamente tenho tentado seguir seus conselhos, ser direto, economizar palavras mas, decididamente, é difícil.

– Percebo. Algum outro artifício?



Visnezh/Freepik.com

– As características dos personagens devem ser abreviadas, sem muita descrição da sua personalidade, apenas uma faceta, evitando descrever personagens secundários. A narrativa deve se concentrar no conflito, no desenrolar da trama que leva ao clímax final. Bem que queria, por exemplo, a completa e primorosa descrição do desespero e aflição de Helena, no romance de mesmo nome de Machado de Assis. Ainda me recordo, no capítulo treze, quando a personagem vê-se descoberta em suas visitas matinais secretas pelo médico Camargo, pai de Eugênia.

Nisto o alarme sonoro do aparelho de anestesia denuncia algo de incorreto. O anestesista, calmamente, verifica a queda da oximetria, ajusta o oxímetro, fora do lugar correto, um pequeno susto, não para ele. Impávido, seguro, marcado pela idade e experiência profissional, conduzia todas as anestesias com esmero, sempre presente na sala de cirurgia. Discreto, às vezes era somente notado pelo rufar das pernas batendo uma na outra, por vezes aceleradamente, era portador da síndrome das pernas inquietas. Com os olhos pequenos por trás de grossas lentes

discretamente conferia o andar da cirurgia, com breve olhar e, não raro, quando de evidente hesitação do cirurgião, emitia, mesmo não solicitado, dica sobre a melhor técnica a ser empregada no momento. Era profundo conhecedor da medicina e anatomia.

– Sim, entendi, poucos personagens, descrever somente os que participam para o desfecho do conto.

– Por sorte conseguirei ser agressivo, econômico nas palavras, mas contundente e direto como Charles Bukowski. Lembra daquele conto "Pare de olhar para minhas tetas, senhor"? Lemo-lo e o debatemos durante aquele encontro de literatura *beat*. É um legítimo faroeste caboclo ou, neste caso, uma peleja gringa. Dá pra se fazer um roteiro de um bom filme roliudiano com suas três ou quatro páginas.

Sutura pronta. Curativo feito. Luvas descartadas. 'Merda, temos que preencher a porra da papelada!'. Foram-se quando a paciente bem acordada, a família avisada com boas notícias, estavam apreensivos igual bêbado em véspera de dia de eleição. Ainda era dia quando ganharam a rua, com o movimento de carros e pessoas ainda intenso, apressados, bando de estúpidos que corriam mesmo sabendo do mesmo fim, comido pelos mesmos vermes. Uma ambulância com a sirene ligada procurava abrir o caminho. Um cretino ou outro insistia em ficar na frente. Cruzaram a cidade, ainda chegaram a tempo para a próxima cirurgia no outro hospital, mesmo com um pneu furado no caminho.

– Tempo para um café? Estou curioso pelo título.

– Acho que vou dedicar o tema da nossa conversa: ao limite de caracteres...

– Então coloque em números, evite por extenso, economia de letras.

– Boa ideia!

– E o começo?

– Simples, vai começar assim: com sangue!

Visnezh/Freepik.com

A negociação

A fina névoa dissipava-se, o vento gélido da noite anunciava a proximidade do inverno. Seus passos lentos, mas decididos, mantinham-no no caminho, na estrada de terra, iluminada apenas pelo tímido luar. Nenhuma placa, nenhuma moradia, o silêncio era por vez interrompido pelos sons dos animais noturnos ou pelo ruído do vento agitando as folhas secas. Chegara na encruzilhada. Jovem escritor, cansara da subjetividade, decidira então pelo ato extremo. Enxugou o suor da longa caminhada, ou da tensão pelo que viria.

De repente tudo parou. O silêncio que se fez foi absoluto, os galhos mais finos e as folhas das árvores mais baixas ficaram imóveis, o vento cessou. Uma sensação de paz dominou o ambiente. Um perfume de sândalo, marcante, invadiu suas narinas, o cenário tomou-se de cores, mesmo na noite, assemelhando-se a uma tela de Rafael. Aproximou-se um homem, alto, cabelos longos e loiros, o terno branco destacava-se. Era quase meia-noite, era a hora acordada. Era Lúcifer, revelava um sorriso fácil, olhos claros cativantes e pele jovial, altivo, como sempre, caminhando em silêncio, sem alarde. Estavam na encruzilhada, o ponto de encontro. O escritor retirou da sacola sua caixa de Conjuração. Ali dentro estava uma mecha dos seus cabelos, aparas de unhas, um osso de cordeiro seco e o Contrato.

Nesse instante a noite fria mudou de novo seu cenário. As cores se perderam, retornando o breu sombrio, o cheiro de enxofre expulsou o perfume antes inalado, o fino vapor que saía pelas rachaduras do solo ardia os olhos, o som dos insetos tornou-se estridente, perturbador, o vento voltou, mais forte, em rajadas, agredindo mesmo as árvores mais altas. Uma sombra rastejava, e, serpenteando-se, se aproximou. Num instante tomou forma de homem, olhos negros vazios, os três pares de asas brancas aos poucos foram se revelando e crescendo em suas costas. Era um Serafim, o anjo mais amado de Deus. Estavam os três, de frente. Iniciou-se a negociação.

O anjo preferido do firmamento adiantou-se:

– O que você pediu é um tanto demasiado, todas as respostas estão nas escrituras, ou nas entrelinhas. A fé suplanta a razão.

O representante das profundezas não perdeu tempo:

– É um escritor, o poder lhe chegará em pouco tempo, vai escrever como nunca antes, venderá milhões, o dinheiro virá facilmente, com ele todos os prazeres terrenos. As informações que requereu não importam tanto quanto isto, não é mesmo?

– Mais uma vez, como sempre na história milenar, o belzebu apelava para a vaidade para conseguir mais uma alma.

O jovem criador de estórias sentiu-se decepcionado. Ninguém lhe ofereceu o que realmente desejava. Decidiu pelo blefe.

– Ficarei com o demônio!

O diabo abriu um largo sorriso, seu olhar irônico comemorava a vitória.

– Detenha-se! – bradou o anjo – Posso negociar! Daremos as respostas que precisa... não todas. Entenda que precisamos manter o equilíbrio entre o material e o imaterial, o palpável e o intangível, o empírico e o metafísico e manter a fé, até mesmo a sua, ou o que dela restar.

O diabo viu a perda do embate, não se abalou, manteve o sorriso largo e cativante, fez um breve aceno com a cabeça, foi-se. Reconheceu a derrota, ato próprio de educação esmerada.

A noite continuou gélida, os insetos voltaram à sua rotina de espreita e rituais sonoros. Um breve aperto de mãos selou o acordo com o firmamento.

– O conteúdo que pediu pode ser perigoso. As mesmas informações demos a Espinoza e a Giordano Bruno!

Há muito o divino preocupava-se com as perdas das almas para o tinhoso, causando um desequilíbrio entre as forças do Céu e do Inferno. No passado, o temor da vigilância e a perspectiva da punição dos pecados bastavam. Nos dias atuais, a ofensiva perspicaz do Inferno, oferecendo prazeres carnais e as benesses financeiras, sempre individuais, arrebatava uma legião cada vez maior de fiéis adoradores, mesmo inconscientes disso.

O escritor de modesto sucesso leu Santo Agostinho, a própria Bíblia, passou por Hawkin, Darwin e Dawkins. Procurava novas respostas para as mesmas perguntas. Agora seus contos fantásticos teriam sua mais nova versão. Será que alguém vai acreditar? Qual será sua fogueira?

Nada como apelar para a concorrência.

Fortaleza

Juliana Santos
Pseudônimo: **Maria Rosa**
e-mail: julianadecol@yahoo.com.br

Bom dia, senhor! Pode se sentar,
Ainda somos estudantes
Mas como podemos ajudar?

Assim começa nosso dia,
Sem o conhecimento perfeito
Distantes em uma sala vazia
Ou próximos, juntos ao leito;

Saberia dizer o que o aflige?
Se sim, saberia descrever?
Com cores variadas, sentimento que tinge
Como uma pintura, aprendemos a reconhecer!

O medo interfere o conhecimento,
Firmes, atrás da mesa nos sentamos
Respiramos fundo, processo lento,
Para aprendermos o que sempre almejamos;

Com um cansaço sobre os ombros,
Sabemos este ser apenas o começo,
Aprendizes, todos somos
E bons médicos tem o seu preço;

Às vezes com falta de sono ou fome
Muitas necessidades vamos abdicar
Pela honra em poder ouvir nosso nome
Quando cada enfermo nos chamar;

Endocrinologia, cardiologia e pneumologia:
Algumas das matérias que praticamos
São muitas informações em nosso dia
Mas cada uma delas relembramos;

Aprendemos sobre fisiopatologia
E epidemiologia de muitas doenças
Cada história nos contagia!
Conhecemos também muitas crenças;

Mas o tempo corre contra nosso favor,
Há necessidade de se esquematizar
Um plano de estratégia e amor
Com o qual cada caso iremos lidar;

Delicadeza para se despir um coração,
Olhos atentos em cada detalhe,
Lápis ou caneta em uma mão
Consertando cada diálogo que falhe;

É desafio de se ter confiança
Frente a qualquer bem ou mal,
Destreza para se formar uma aliança
Entre o abstrato e o racional;

Qualidade de vida e bem-estar,
Em situação social diversa,
Ao paciente buscamos proporcionar
Muitas das vezes, por uma simples conversa;

Listar problemas, diagnóstico e conduta,
Esclarecer, realizar a mudança
Dos maus hábitos daquele que escuta
Seja idoso, adulto ou criança;

Não esperamos agradecimentos,
Por realizarmos um trabalho de doação,
Paciência, força sem enaltecimentos
Fazem parte desta profissão;

Fortaleza no campo de batalha
Busca proteger e ensinar!
Sobre uma saúde que não falha
Se os cuidados necessários realizar;

Senhor, muito obrigada,
Cuide-se, escute-nos , queremos vê-lo crescer,
Saiba que sua vida é zelada
E aqui estamos para deixá-la florescer!

Uma vida de sonhos

Cláudia Carolina Ortiz Sanabria
Pseudônimo: **Cláudia**
e-mail: ortizclau131@gmail.com

O que é a vida se não um conjunto de sonhos,
Sonhos que são vividos e
Sonhos que são rejeitados e esquecidos
Os sonhos.. os sonhos alimentam a alma,
Ajudam na construção de desejos
A construir coisas novas.
Sonhos motivam,
Na medicina, o que seria da medicina sem o sonho da
cura para todas as doenças ?
Sonho perspicaz, sonho que se pudesse ser real,
Seria tão bom para a humanidade...
Sonho muito com um mundo melhor,
Mesmo que não achem a cura para todas as doenças
Sempre sonho com um mundo melhor onde não existam doenças...
Seria um sonho impossível ?
Talvez sim
Talvez não,
A medicina é imprevisível, quem sabe...
A medicina me faz sonhar,
Gosto de sonhar, e isso me faz amá-la,
É isso que me faz sonhar a vida inteira...

O verso

Junia Smal Staehler
Pseudônimo: **Marruá**
e-mail: jsstaehler@hotmail.com

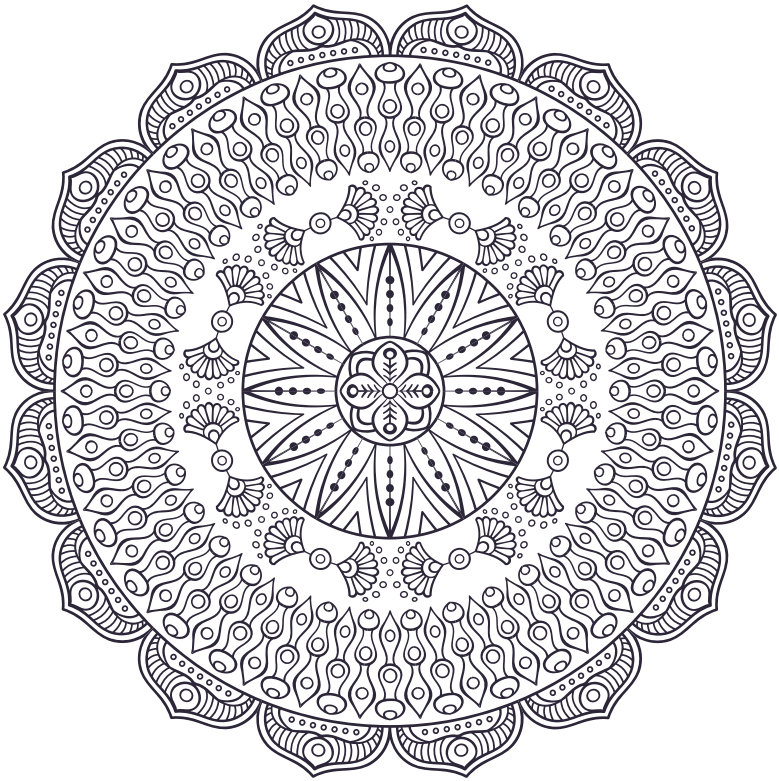
ACHEI UM VERSO ESCONDIDO
DEBAIXO DO MEU COLCHÃO
TREMIA TODO ESCONDIDO
COM MEDO DA ESCURIDÃO

O inseto

Tudo acontecia como num sonho, ou melhor, como num delírio. Enquanto estava ali deitada pensando nas aventuras que vivera na noite anterior tentando compreender e decifrar ao mesmo tempo a profusão de emoções que sentira, observava o pequeno inseto que não saberia dizer se era vespa ou marimbondo.

Parado ali ao lado de sua cama, ele esfregava as antenas como num gesto místico, talvez até tentando hipnotizá-la. Era como um ritual, esfregar as antenas e em seguida balançava apenas a antena direita em sua direção como se quisesse atrair sua atenção. Súbito impulso, alçou voo dirigindo-se ao seu rosto, ao que ela, como se despertasse do pesadelo (ou apenas de um sonho ruim), levantou-se rápido e pegou o chinelo, na tentativa de se defender. Afinal, não sabia se era alérgica a picada de marimbondo. Ou seria vespa? Pior ainda, será que o tal inseto era a reencarnação daquele mosquito que ela matara naquela remota noite, em que solitária e triste o tal era a sua única companhia,

Visnezh/Freepik.com



e, após o "mosquitocídio", a noite tornou-se mais solitária e triste ainda, com o remorso corroendo-lhe o coração...

Enfim, o que poderia um inocente e indefeso inseto contra ela? Estaria o presente ser em busca de vingança?

"Não", pensou ela, "nada disso! nem vingança, nem eterno retorno. Pobre inseto! Perdeu-se de seu caminho, do caminho de suas flores, de sua família, daquele de quem ama talvez..."

E então, finalmente mais tranquila, levantou-se calmamente, abriu a janela para o dia que pulsava vida e energia, oferecendo a chance do destemido inseto seguir seu rumo e viver suas próprias aventuras!

A semibreve nota de Alice

Naira Camila Fernandes
Pseudônimo: **Cattleya Nobilior**
e-mail: nairacamilafda@gmail.com

Era uma vez um amontoado de células – que iria ser chamado mais tarde de Alice, incrustado no ventre de Ana. Aquele se deu início após o encontro descuidado de um ovo teimoso, que insistiu em sair e alcançar o mundo, com um bando de nadadores tresloucados; dentre os quais um único foi condecorado vencedor da grande corrida. Dali, do incerto e inesperado surgiu a pequena Alice. O dono das células competidoras rechaçou aquela ideia e assim sumira do mesmo modo como havia aparecido, de repente.

Prontamente Quitéria, irmã de Ana, se prestou em tudo quanto podia ser feito. Amava Alice como se fosse sua menina, embalava e sussurrava cantigas, e ali naquele doce balanço Alice já havia sido enfeitiçada para o seu destino, mas estava longe de saber qual o era. Após completar seus tenros quatro anos, na noite de Natal, acontecera um evento inesquecível. Voltando da ceia feliz, Quitéria fora atingida por dois garotos embriagados pelo álcool e pela ilusão de invencibilidade da besta-fera de quatro rodas, tingindo ali de vermelho vivo os incontáveis natais futuros. Alice teve dessa maneira sua memória marcada por choro e piscas-piscas.

A vida seguia seu curso inconstante, Alice começara a frequentar escola, aprendera fórmula de Bhaskara, adquirira conhecimentos sobre moluscos e reações químicas. Seu corpo mudara, sua mente se transformara, estava em estado de confusão quase permanente. Não sabia o que queria da vida, muito menos o que a vida queria dela. Muitas vezes sentia-se só.

Pressentia que era prudente fazer certas escolhas na vida,

Visnezh/Freepik.com

mas não sabia ao certo dos porquês. Então escolhera iniciar seus estudos de latim, fazia de modo autodidata e a experimentação de bem-estar a inundava, fazendo-a buscar por mais conhecimento. Sua próxima decisão fora escolher a profissão, encantada com a ciência e todas as possibilidades que havia no novo e na descoberta, escolhera ser médica. Iniciara o curso e amava cada detalhe a ser revelado, se apaixonava tanto pelos mecanismos envolvidos da bela arte da medicina, quanto pelas tantas histórias de outras vidas, amores e desprazeres que surgiam com os pacientes. Era magnífico dedicar sua vida àquela arte, poder

a cada novo nascer do sol encher sua vida com um pouquinho a mais de sabedoria e através disso alcançar outros corações. Muitas vezes era ela a atingida, bastava um singelo sorriso.

É claro que havia dias que não eram tão alegres assim, o tempo tornava-se nebuloso e a esperança parecia ir à míngua, mas mesmo nessas ocasiões havia algo a ser contemplado. Foi ao fim de um turno desses que a alma de Alice tornou-se repentinamente plena; um som aveludado despejou-se sobre os ouvidos já exaustos. Subitamente um arrepio a tomou e de sobressalto o fascínio irresistível daquele tom melodioso a atraiu para ele. Alice estava frente a um violoncelo. Já havia frequentado a concertos, já ouvira o som outras tantas vezes, mas não compreendia como a magnitude do instrumento, tocado naquela véspera de Natal, para alegrar os pacientes do sétimo andar, a tomaria fazendo-a chorar feito criança. Sentia-se em harmonia com o universo, tornava-se cada vez mais claro o significado de estar ali, do viver ao invés de sobreviver.

Correu para a casa de sua mãe, para contar com fascinação a experiência daquele dia especial. Ana, como se fosse uma apresentadora no picadeiro prestes a exibir a maior atração do circo, contava para pequena que lembrara mais cedo que sua tia Quitéria havia deixado de presente, naquele Natal trágico, um livro sobre amar a aprender e a ensinar. Alice não cabia em si, explodia em felicidade, com o livro e com a vida, sentia-se viva.

Alice levava alento para inúmeras almas feridas com sua arte de minimizar o sofrimento, e sabia como faria para continuar na sua jornada: iria compartilhar o que a vida a ensinava. Entendeu por fim a razão de ser; dedicaria seu percurso a se tornar professora de seu nobre ofício. E tudo isso para que a magia apreendida durante o tempo em que vivia fosse replicada e espalhada para alcançar tantas outras histórias, como pisca-piscas a iluminar um céu por vezes, sem estrelas.

Ode ao meu amor

Lenina Maria Esmanhoto Facin
Pseudônimo: **Chiara Bonifácio**
e-mail: crlmfacin@gmail.com

Que miraculoso prêmio ganhei...
Que belíssimo presente lhe dei...
Doamo-nos livre e espontaneamente,
Juramos amor eternamente.

Ao seu lado fico tão faceira,
Orgulhosa, feliz, altaneira.
Você é meu cúmplice e fiel parceiro,
Amante, amigo e companheiro.

Maravilhosa nossa vida a dois,
Transformada em sete logo depois...
É bênção divina, com certeza!

Trago tanta vitória na alma!
Sinto-me bem, transborda-me a calma.
Você é meu segredo de beleza!

Lupo

Ele me fita com seus olhos amendoados. Meigos. Inteligentes. Tão calmo parece... Um bom companheiro, talvez.

Abro a porta, ele entra, e a tempestade começa... É tempestade com furacão e trovoadas. Carrega pedaços de mesa,

arrasta cadeiras e tenta transformar em voadores os tapetes persas assentados no chão do vestíbulo.

De repente, passam de meigos a vorazes aqueles olhos. Comem e mastigam com a gente. Engole e se lambe mentalmente nosso incansável e tormentoso companheiro.

Gente seria, se pudesse. Comeria com garfo e faca. Bebe-ria do copo. Conversaria mais e mais. Teria sempre a última palavra! No entanto, suas palavras são latidos. Seu magnífico corpo, forte e musculoso, tem um rabo atrás de toda aquela agilidade peluda.

Lindo, forte, inteligente e rápido. Qualidades de nosso querido, incansável, agitado, por vezes rejeitado e ameaçado, mas muito amado cão.

Membro superior

Ana F. Zonato Tocchio
Pseudônimo: **Franz Othane**
e-mail: annazonato@gmail.com

Hoje o que eu queria era calma.

Calma pra aceitar o que eu não posso mudar.

Calma pra fazer o que eu posso.

Calma pra aguentar cara feia, calma pra não fazer cara feia.

Calma pra aguentar essa última etapa, calma pra planejar as próximas.

Calma pra entender que o paciente tem dor e que, mesmo que não seja minha, devo ouvir e tentar entender o que ele me diz sobre ela.

Calma quando ele diz que "dói tudo" e pra examinar esse tudo.

Calma pra explicar que não há nada pra curar o que ele tem, que cirurgia e remédio não resolvem. Ou que a cirurgia que resolve não tem previsão de data pra sair.

Calma pra tentar esconder uma moça seminua sendo examinada com a porta constantemente aberta, simplesmente porque não tem sala pra todo mundo.

Calma pra pensar e escrever, pra manter a boa vontade mesmo quando tudo o que eu queria era ir embora.

Calma pra contar uma história que ninguém quer ouvir, pra ver uma chapa preta e branca e tentar descobrir se tá errada ou não.

Calma pra entender o que eu não sei e pra usar o pouco que eu sei.

Calma pra entender que eu nunca vou saber tudo, nem ninguém vai.

Calma pra procurar um tal CID ou prescrever uma medicação.

Calma pra esperar um carimbo ou um pedido de exame num sistema de computador jurássico.

Calma pra ver a pilha de envelopes pardacentos nunca chegar ao fim, calma pra não atirar alguns janela afora.

Calma pra aceitar que em pleno 2016 o maior hospital do estado não tem prontuários digitais nos quais as informações possam ser compartilhadas ao invés de perdidas/escondidas/riscadas/decifradas.

Calma pra aceitar que os outros não vão agir como eu gostaria que eles agissem, pra aceitar que cada um é como é.

Calma para aguentar descaso de gente superior a mim, pra tirar dúvidas sabendo que muitas vezes elas não são bem-vindas.

Calma pra passar calma enquanto um tantão de gente espera sua vez, pra não chamar ninguém com raiva.

Calma e empatia pra ouvir a justa reclamação de quem está sentado há horas esperando uma consulta, nem mesmo saindo pra comer ou ir ao banheiro com medo de ser chamado e perder essa consulta.

Calma ao perceber que essa mesma consulta não resolveu o problema do doente e que ele vai voltar as tantas horas que viajou com uma companheira a menos: a fé de que sua dor vai melhorar.

Calma pra entender que os mais prejudicados nessa história não são os mesmos que a escreveram.

Calma pra engolir o fato de que o dinheiro que tá no bolso de quem não deveria estar faria uma diferença enorme se fosse investido ali, naquelas pessoas, naquele serviço, em mais material, em infraestrutura.

Enfim, mais calma pra mim, porque hoje eu precisei.

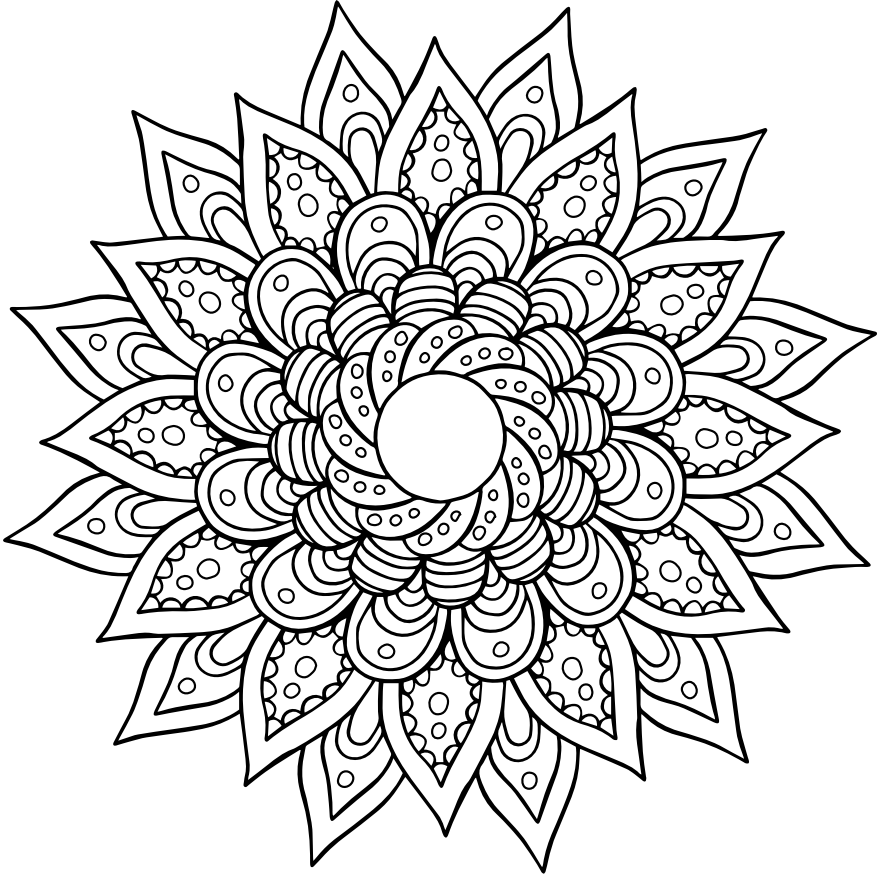
Só faltou o abobrinha

Rafael de Sousa Freitas
Pseudônimo: Pandor
e-mail: rafaelfreitascwb@gmail.com

A cena da minha mãe tentando matar meu irmão enforcado me persegue nos últimos dez anos como uma prisão que tenta ao máximo me deixar refém da triste infância que tive. Nasci numa família muito pobre em Curitiba. Meu pai, homem magro, de volumosos cabelos escuros, barba, olhos verdes e pele bronzeada, era um homem relativamente bom e misterioso. Era alcoólatra, ausente, e de vez quando brincava com a gente. Minha mãe, mulher gorda, alta, cabelos castanhos, pele muito branca, aparência envelhecida, tinha poucos gestos bons, estava sempre em silêncio, cara fechada, semblante de poucos amigos. Às vezes ficava uma semana sem falar uma palavra sequer.

Uma das piores imagens que me vêm à cabeça foi do dia em que ela deu uma martelada na cabeça do nosso cachorro Abobrinha porque ele comera um pedaço de carne que caíra de cima da mesa enquanto ela preparava o almoço. Ele se mexia no chão, tremendo, olhos arregalados, sofrendo, e ela nos colocou para assistir enquanto dizia: "se me encherem a paciência faço o mesmo com cada um de vocês." Abobrinha continuou morrendo devagar enquanto nós chorávamos em silêncio, sofrendo junto com ele.

A gente passava frio, fome, dormia em cima de um papelão, os três amontoados, e passávamos o dia tentando fugir dos olhos da mamãe. Era um olhar ameaçador, de ódio, eu achava que a gente tinha feito algo de muito ruim para ela ter tanta raiva de nós. Mas depois eu percebia que ela tinha implicância com todo mundo. Eu nunca soube do resto de nossa família. Meu pai dizia que estavam



no interior do Rio Grande do Sul e que não gostavam de nós. E se esquivava quando eu perguntava o motivo. Tempos depois eu descobri que meu pai tinha matado um homem durante um assalto e isso era mantido em segredo pela mamãe. Ele estava sempre nas mãos dela para escapar da cadeia.

As nossas roupas ficavam trancadas num guarda-roupa velho e a gente só usava aquilo que ela nos desse. E num sábado muito frio e chuvoso estávamos com roupas leves, descalços, e com frio. Ela não estava nem aí, ignorava-nos por completo. Já de tardezinha minha irmã foi no quarto e tentou pegar algumas roupas, e quando a mamãe perguntou o que ela es-

tava fazendo, ela respondeu que queria se proteger do frio. Minha mãe segurou-a pela orelha e veio praticamente arrastando-a do quarto para a sala, e nesse momento meu irmãozinho avançou nela tentando defender a minha irmã. Minha mãe o pegou pelo pescoço e começou a enforcá-lo. Ele segurava as mãos dela tentando se proteger, balançava os pés no ar, e eu escutei os gritos da minha irmã – eu estava no banheiro. Corri e, quando vi aquilo, comecei a empurrar minha mãe e gritar por socorro. Ela soltou meu irmão e me deu um soco no rosto. Eu cai a alguns metros e fiquei imóvel, pouco consciente, escutando bem de longe gritos e uma imagem embaçada dela se afastando.

Ela preparou veneno de rato e tomou. Eu sentia um sono incontrolável e continuava caído. De repente meus irmãos ficaram do meu lado tentando me ajudar, me puxando pra fora, e eu balbuciava algumas palavras querendo saber onde estava a mamãe. Nesse momento ela já estava morta. A polícia chegou, entrou, e me ajudou a levantar e me cobriu com uma coberta, e o que me chamou a atenção foram os olhos dos policiais cheios de lágrimas. Um deles me abraçou bem forte e disse que estava tudo certo. Meus irmãos me abraçaram e continuamos ali até sermos levados para uma casa. Horas depois uma mulher de óculos sentou com a gente numa mesa e disse que meu pai não conseguiu ser encontrado. Certamente ele fugira com medo de ir pra prisão.

Tomamos banho quente num lugar bem bonito, nos colocaram roupas bem confortáveis, jantamos uma comida deliciosa, e depois deitamos os três numa cama de casal bem macia. Meus dois irmãos deitaram sobre meus braços e começaram a cantar uma música que eu havia ensinado para eles. Fizemos uma promessa de que nunca iríamos nos separar, e caímos na risada quando meu irmão disse que só faltava o Abobrinha para estar conosco. Adormecemos num sono tão profundo e gostoso, abraçados, e felizes. Acordei de madrugada assustado, abri os olhos, e lembrei-me de que minha mãe estava morta. Voltei a dormir feliz e aliviado.

Amor perfeito

Joyce Grimberg
Pseudônimo: LEAH
e-mail: chavera@hotmail.com

Tão perfeito que é amor
E já superou a perfeição desta vida,
Já és centelha divina;
E superas a beleza da flor.
Com a grandeza de seu próprio jeito,
Com o espectro de tanta cor,
Guarda perene o meu amor
No coração de cada amor perfeito

Ao meu anjo

De tanta ausência,
Tanto mais tua presença se faz
Sobre tamanho legado.
E,sendo por ti,meu amado,
só saudade não bem descreve

É sentimento total, quanto mais leve
Pois é de minha alma que nasce o que plantaste.

E não há sereno ou vida fugaz a dizimar tudo o que és
Pois a colheita para Ele é certa.

Bendito seja Hashem que acolhe os mais amados filhos no Seu jardim
para a verdadeira PAZ

O Amor da Segunda Guerra

Juliano Emilio
Pseudônimo: **Juliano**
e-mail: julianoemilio@doctor.com

Pacientes são uma valiosa fonte de histórias interessantes. Como médico, devo colecioná-las em segredo e quando raramente contá-las como hoje aqui farei, mas, por questão ética, devo preservar o anonimato dos personagens. Aqui na Alemanha, muitos pacientes idosos trazem em seu histórico médico não só cicatrizes psicológicas mas também literais cicatrizes da época da Segunda Guerra Mundial; como por exemplo quando um deles pediu para que eu não me espantasse com a radiografia da perna dele onde ainda podia ser visto um projétil alojado lá desde 1945, quando havia sido disparado pela pistola de um inimigo.

Hoje, quero contar uma história de amor, e o personagem principal é uma simpática senhora de 88 anos, de cabelos brancos e um metro e meio de altura, cheia de sabedoria e vivências. Ela veio até minha sala muito bem vestida, usando brincos e um broche que combinavam, para uma consulta pré-operatória. Como anestesista preciso saber como foram os procedimentos anteriores, as cirurgias prévias, bem como as anestesias as quais o paciente foi submetido. Quando perguntei sobre cirurgias anteriores a senhorinha sorriu e respondeu:

– Minha última operação foi uma extração de amígdalas em 1945, no último ano da guerra. Depois dessa não precisei de mais nenhuma.

– E como foi a anestesia? - Perguntei.

– Ah, foi terrível, doutor. Não lembro detalhes mas vomitei muito depois. Sangrou bastante e fiquei muito fraca.

– E por que precisou tirar as amígdalas?

Para minha surpresa, a pa-

ciente enrubesceu como poucas vezes vi no consultório. Em seguida, ela esclareceu:

– Doutor, eu tinha dezessete anos e tínhamos fugido da Hungria para a Áustria, onde as coisas estavam mais calmas. Lá eu conheci um rapaz muito lindo e me apaixonei perdidamente. De tão apaixonada, passava o dia todo sem comer, e quando minha mãe perguntava sobre a causa da falta de apetite eu dizia estar com dor de garganta. Acabamos indo ao médico e ele indicou a operação.

– Quer dizer que não havia nada de errado com as amígdalas?

– Não, doutor, fui operada por estar apaixonada - disse a senhorinha timidamente.

Rimos juntos e eu continuei com as perguntas de praxe. No fim da consulta não resisti e voltei ao assunto:

– Mas, afinal, vocês conseguiram ficar juntos depois?

– Não, doutor. Nem chegamos a dar um beijo. Sabe como são os amores desta idade.... Perdi as amígdalas por nada!

Uma pena! Não era a resposta que eu queria ouvir, mas liberei a paciente para o procedimento. Tinha certeza de que aquele coração estava preparado para aguentar qualquer anestesia.

O futuro do mundo

Lislaine Cruz Batista Lis
Pseudônimo: **LIS**
e-mail: liscb.med@gmail.com

Tem criança na sala de espera
Vish, será que vai chorar?
É, tem criança que chora
e tem criança que faz chorar.
Na sala de atendimento
tem espirro, enjoo e catarro;
tem chiado e miado de gato,
tem também muito amor pra dar.

É de gente que você trata?
São minigentes
e de tudo dá pra esperar.
Mesmo nas mais sutis surpresas,
são elas que nos preenchem
com o todo aquele brilho no olhar.

Me desculpe quem acredita
na inocência daquela criança
que pequenininha vê agulha
e começa a espernear.

Calma, minha gente!
A agulha é só pra aspirar o soro,
porque seu nariz eu vou lavar.

E aquela criança feliz
que te chama de tio
é a mesma que segundos depois
tem a vida por um fio.
Eita gentinha, fácil de descompensar!

Quando a criança melhora,
faz todo médico suspirar.
Palmas pra inalação!!!
Muitas vezes é a salvação
quando achamos que não vai mais dar.

Tem tosse na cara,
grito no ouvido,
até "um te odeio" ouvi falar...

Por isso quero ser pediatra,
é muita dinamicidade no ar.
Como é bom atender criança!
Tem consulta que tem dança
outra que é uma lambança;

de vez em quando um tem que gritar.

Tem Duda, Gui, Ana Júlia
Lorenzo, Lara e Rafaella
Tem Louise e Bia também.
Toda criança é bela!
No meu coração, sempre cabe mais alguém.

Ai, essas crianças.
Mesmo com tantos nomes,
também com muitas viroses!
Com tantas mães, pais e outras vozes,
Não me deixam duvidar.
São elas que me balançam,
Meu coração é só alegria no ar.

Sempre agradeço a vida,
pela grande oportunidade oferecida de com criança poder me realizar.

Criança é a esperança do mundo
e que grande responsabilidade
é do futuro do mundo cuidar.

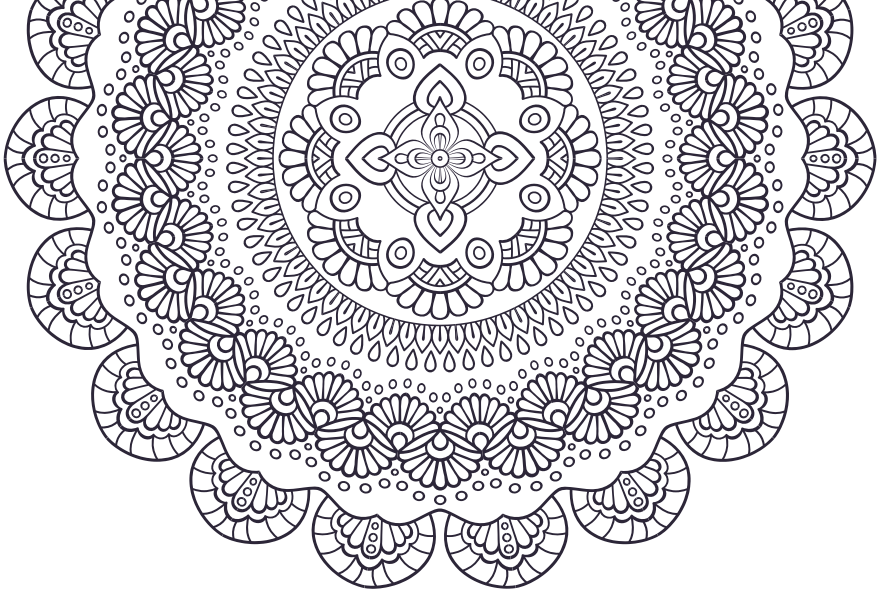
Ladainha de Nossa Senhora das Causas Perdidas

Rafael Gouveia
Pseudônimo: **Gouveia**
e-mail: rafa.gouveia64@gmail.com

Nossa Senhora das Causas Perdidas,
Senhora daquilo que não será
Mãe de toda prece não atendida
Afago dos corações sem lugar

Aquilo sem jeito
Que não vai mudar
Permita passar
O irrecuperável
O irremediável
Deixa-me esquecer
O sonho frustrado
O sócio traído
Seja perdoado
Aquele esquecido
O desencontrado
Se assim vai ficar
O amor perdido
Aquele arruinado
Deixa-me exceder
A minha culpa
Os meus erros
Deixa-me perdoar
O tempo passado
Que não vai voltar
Deixa-me entender
Quem o céu levou
Quem o mar buscou
Permita-me amar
Faça-me entender
Cobre meu coração
Ó, Nossa Senhora
O que não cabe a mim
Permita-me aceitar

E quando eu for menino novamente
E estiver brincando no jardim durante a pior das tempestades
A pular nas poças e quebrar os galhos e pisar nas flores
Chama meu nome mais cedo
Canta uma canção e me ponha para dormir
E se eu quiser chorar baixinho, minha Mãe
Beija minha testa
E diga que são só os trovões lá fora
E que já a chuva passa.



Se vejo as árvores altas

Se vejo as árvores altas
Sou firme contra as tempestades
e tenho raízes profundas na terra que é minha
Se vejo as estrelas
Sou parte das estrelas
E tenho a noite como companhia
Se vejo o vento
E vejo as folhas que caem
Sei do tempo o tempo que ele tinha

Mas se fecho os olhos e não a vejo
Não há árvores, estrelas ou vento
E a noite é escura como se fosse a última

Caem as folhas fora do jardim.

Índice remissivo

1) Carlos Eduardo Mers - Pseudônimo: Oakriver 018
2) Edson Luciano Rudey - Pseudônimo: Qorpo Santo 019
3) Diogo Traub Kormann - Pseudônimo: Carlos Alberto Carneiro 020
4) Juliana Corrêa Dallagnol - Pseudônimo: Luz 023
5) Reginaldo Werneck Lopes - Pseudônimo: Juca Esculápio 025
6) Laércio Lopes de Araújo - Pseudônimo: Filipe de Guimarães 029
7) Jorge Yasufide Uesu - Pseudônimo: Hide 035
8) Ana Luiza Gomes de Morais Wiemann - Pseudônimo: Amaya Bidane 044
9) Jordan Zanetti Silva - Pseudônimo: Lorde 045
10) Maria Luisa Domingues Jacinto - Pseudônimo: Mar de Madalena 046
11) Jorge Luis Ribeiro Machado - Pseudônimo: Chronos 047
12) Jacemar Cristina Rocha da Costa - Pseudônimo: Flor de Liz 048
13) João Bosco Strozzi - Pseudônimo: Trétis 050
14) Adriana Rodrigues da Silva Utida - Pseudônimo: Camomil 053
15) Ana Carolina Azevedo Salem - Pseudônimo: Coisas de Ana 055
16) Úrsula Bueno do Prado Guirro - Pseudônimo: Miss "U" 058
17) Valéria Cristina Scavasine - Pseudônimo: Vcs 062
18) Carlos Homero Giacomini - Pseudônimo: Antônio Prado 064
19) Afrânio Melo - Pseudônimo: Curumim 068
20) Marilene Madsen - Pseudônimo: Toty 069
21) João Carlos Simões - Pseudônimo: Leonardo Da Vinci 073
22) Carlos Frederico de Almeida Rodrigues - Pseudônimo: Frederico Rodrigues 075
23) Alexandra Pires Grossi - Pseudônimo: Ale 079
24) Ana Flávia Filus Tinós - Pseudônimo: Les 081
25) Ronaldo Paiva - Pseudônimo: Teófilo Silva 084
26) Mariana Monclaro Puppi Cardoso - Pseudônimo: Sarah Hakim 087
27) Valdir de Paula Furtado - Pseudônimo: Eufrásio 089
28) Ligia Calina Renuncio - Pseudônimo: Lilah 094
29) José Jacyr Leal Junior - Pseudônimo: Mário 095
30) Anna Maldonado - Pseudônimo: Anna Well 098

31) Antônio Verenhitach - Pseudônimo: Antonio Verenchitach 099
32) Rafael Rizzetto Duarte Gomes Araújo - Pseudônimo: Andrômeda 101
33) Neide Calixto - Pseudônimo: Nerfetari 104
34) Jeanine Berbel - Pseudônimo: Nina 105
35) Eduardo Giacomini - Pseudônimo: Benjamin Hoo 107
36) Tania Marisa Borba Hegler - Pseudônimo: Marisa 110
37) Bruna Castro - Pseudônimo: Fernanda Nerissa 112
38) Sarah Almeida Amaral Alves - Pseudônimo: Marilú dos Anjos 115
39) Fernanda Sgarbi - Pseudônimo: Verônica 117
40) Deisy Brigid de Zorzi Dalke - Pseudônimo: Joana Bishop 119
41) Caio César Silva de Castro - Pseudônimo: Lawrence da Arábia 121
42) Laura Lúcia Martins Teixeira - Pseudônimo: la Luna 122
43) Aliana Regina Grimberg Kohane - Pseudônimo: Mami 125
44) Luiz Antonio de Sá - Pseudônimo: Gigio 126
45) Erick Leonardo Naiverth Antonechen - Pseudônimo: Alex Lecter 134
46) Lorivaldo Minelli - Pseudônimo: Luigi 138
47) Gabriella Ueharo Pereira - Pseudônimo: Flora Andrade 142
48) Roberto Pirajá Moritz de Araújo - Pseudônimo: João de Barro 146
49) Matheus Lourenço Mendes - Pseudônimo: Manoel Pitanga 149
50) Gilmar Mereb Chueire Calixto - Pseudônimo: Khalil 151
51) Cláudio Luciano Franck - Pseudônimo: Lara 152
52) Gabriel Guandalini - Pseudônimo: Saulo Guerra 158
53) Renata Tortato Menegheti - Pseudônimo: Re. T.m. 161
54) Álvaro Baptista Neto - Pseudônimo: Bento Minalma 162
55) Chang Yen-Li Chain - Pseudônimo: Yan Correia 164
56) Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt - Pseudônimo: Efigênia Dantas 165
57) Jorge Rufino Ribas Timi - Pseudônimo: Rst 168
58) Mauro Mendes Macedo - Pseudônimo: Barãozinho 170
59) Thiago Henrique Rosa - Pseudônimo: Doutor Jivago 171
60) José Luiz Pinto Pereira - Pseudônimo: Temístocles 173
61) Salete Márcia Brega - Pseudônimo: Cacilda Pacheco 178
62) Fernando Geraldo Demário - Pseudônimo: Guilhermino Santos 182
63) André Pitaki Dufour - Pseudônimo: Valentinus Valerius 185

64) Alice Celente dos Santos - Pseudônimo: Etenelec.....186
65) Jaqueline Doring Rodrigues - Pseudônimo: A Filha do Vento.....188
66) Vicente Basso Ribas - Pseudônimo: Doutreval.....191
67) Denner Sampaio Neri da Silva - Pseudônimo: Denner Sampaio.....193
68) Beatriz Vieira Roca - Pseudônimo: Misty Newells.....196
79) Eduardo Nunes Marques - Pseudônimo: Jades Miguel.....200
70) Eduardo Mischiatti - Pseudônimo: Agostinho Tomás.....203
71) Gilberto Carlos Macedo - Pseudônimo: Gil Macedo.....204
72) Antônio Caetano de Paula - Pseudônimo: Paracelso.....207
73) Renata Koslowski Bekin - Pseudônimo: Pitchula.....209
74) Adriana Godoy - Pseudônimo: Clara dos Anjos.....212
75) Úrsula Mary Zarpellon - Pseudônimo: Borboleta.....214
76) Deraldo Mancini - Pseudônimo: Conde Marcello.....215
77) Anderson Simonato - Pseudônimo: Anderson Simonato.....218
78) Leotil José Jardo - Pseudônimo: Lezard J.....220
79) Milton Bocato - Pseudônimo: Michola Otocab.....222
80) Amauri Nascimento Fernandes - Pseudônimo: Amauri.....223
81) Taísa Gotardo - Pseudônimo: Taísa Gotardo.....224
82) José Fausto Toloi - Pseudônimo: J. Fausto Toloy.....228
83) Sérgio Luiz Schloegel de Azambuja - Pseudônimo: Ana Quint.....232
84) Peter A. Cruz - Pseudônimo: Rodrigo Filho.....233
85) Juliana de Andrade Fronchetti - Pseudônimo: Juliana.....236
86) Amanda Hernandez Marques - Pseudônimo: Rafaela Correa.....238
87) Paulo Fabrício Nogueira Paim - Pseudônimo: Pixo.....240
88) Lórgio Cuellar Cuéllar - Pseudônimo: Angel.....242
89) Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv - Pseudônimo: Zupy.....245
90) Aline Dranka - Pseudônimo: Feliscitologista.....246
91) Ademir Parmezan - Pseudônimo: Tímido.....248
92) Pedro Carneiro Brandão - Pseudônimo: Riobaldo Pessoa da Rosa.....250
93) Cristiane Crema da Rocha Schneckenberg - Pseudônimo: Cristiane Schneckenberg.....251
94) Tarcísio Fanha Dornelles - Pseudônimo: Benjamin Zorriguieta.....253
95) Sofia Simioni de Bittencourt - Pseudônimo: Sofia.....260

96) Eduardo Santoro Luiz - Pseudônimo: Eduardo Osler 261
97) Leandro Donato Vicelli - Pseudônimo: Leandro 262
98) Luiz Alberto Fischer Abramides (Iso Ficher) - Pseudônimo: If 263
99) Julio Grott - Pseudônimo: Zé 266
100) Richard Duarte - Pseudônimo: Drahcir 268
101) Rogério Anthony Rogenski - Pseudônimo: Gigante 1 269
102) Diogo Von Gaevernitz Lima - Pseudônimo: Tiago Venezia Oliveira 271
103) Leonardo Peixoto Lopes Vilar - Pseudônimo: Coracão Valente 274
104) Antônio Hirt - Pseudônimo: Alah 279
105) César Machado - Pseudônimo: Étienne Dumont 280
106) Eugênio Mussak - Pseudônimo: Ragnar Lothbrok 285
107) Elton Luis Azuma - Pseudônimo: Erto 288
108) Flávia Brito - Pseudônimo: Sarah 291
109) Jéssica Pilonetto - Pseudônimo: Je 292
110) João Batista Neiva - Pseudônimo: Mão de Faca 293
111) Luiz Carlos Busnardo - Pseudônimo: Visconde 296
112) Laoane Martins - Pseudônimo: L. Marie 298
113) Márcio Fabiano Bastos - Pseudônimo: Bakunin 300
114) Odenir Nadalin Junior - Pseudônimo: Caê 301
115) Ribamar Leonildo Maroneze - Pseudônimo: Keyser Soze 307
116) Juliana Santos - Pseudônimo: Maria Rosa 310
117) Cláudia Carolina Ortiz Sanabria - Pseudônimo: Cláudia 313
118) Junia Smal Staehler - Pseudônimo: Marruá 314
119) Naira Camila Fernandes - Pseudônimo: Cattleya Nobilior 316
120) Lenira Maria Esmanhoto Facin - Pseudônimo: Chiara Bonifácio 319
121) Anna F. Zonato Tocchio - Pseudônimo: Franz Othane 321
122) Rafael de Sousa Freitas - Pseudônimo: Pandor 323
123) Joyce Grimberg - Pseudônimo: Leah 326
124) Juliano Emilio - Pseudônimo: Juliano 327
125) Lislaine Cruz Batista Lis - Pseudônimo: Lis 329
126) Rafael Gouveia - Pseudônimo: Gouveia 331

Sempre apoiamos o desenvolvimento deste concurso literário. Afinal de contas, da mesma maneira que o médico não pode viver somente do seu cotidiano, uma universidade também não pode ser tão sisuda. Dar voz ao pensamento daqueles que ousam brincar com as palavras para trazer a público sentimentos que brotaram do seu íntimo é imensamente gratificante. Mas desta vez, a surpresa está no fato de que a obra não ficou finalizada com a impressão do livro. Vai continuar provocando interação de acordo com a visão e a interpretação de cada um, que poderá dar um especial colorido, completando assim a obra de acordo com o seu imaginário.

Dr. José Fernando Macedo
Presidente da UCAMP

Realização

Associação Médica do Paraná

Associação Médica do Paraná Universidade Corporativa

CRM-PR

Apoio

PanVel

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-92804-05-3
9 788592 804053